UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA
GERAL

RAFAEL DIAS MINUSSI

**Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de
argumentos e as nominalizações do hebraico**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Semiótica e Linguística Geral do
Departamento de Linguística da Universidade de
São Paulo, para obtenção do título de Doutor em
Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística
Geral

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Paula Scher

EXEMPLAR REVISADO

“De acordo” do orientador

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Paula Scher

Ass: _____

**São Paulo
2012**

NOME: MINUSSI, Rafael Dias

Título: Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profª. Dra. Ana Paula Scher - FFLCH – USP

Profª. Dra. Luciana Raccanello Storto - FFLCH - USP

Prof. Dr. Alessadro Boechat de Medeiros- UFRJ

Profª. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva - UFPR

Profª. Dra. Teresa Cristina Wachowicz - UFPR

A Deus, que continua não me abandonando nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, Paulo (in memoriam) e Teresinha, porque continuam sempre ao meu lado. Eles são o meu grande exemplo.

AGRADECIMENTOS

“O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão”. Guimarães Rosa

Durante esses quatro anos de doutorado, eu mudei muito. Todas as pessoas mudam com o tempo. Essa, na minha opinião, é a beleza da vida. Poder refazer, voltar, rever, ou como diz o autor, desafinar e afinar. Mudar o que não deu certo e renovar o compromisso com o que deu certo. Assim foi a minha trajetória de quatro anos que chega ao seu término. Contudo, posso dizer que muito mais do que mudar, voltar e refazer, eu mantive muitas das coisas que estavam dando certo. Desse modo, inicio os meus agradecimentos desta tese, agradecendo enormemente a minha orientadora Ana Paula Scher. São mais de oito anos de convivência e, por que não dizer, de amizade. Muito obrigado, Ana, pois você foi extremamente generosa comigo, não omitindo, ou guardando para si, qualquer um dos seus conhecimentos adquiridos, seja na academia, seja na sua vida pessoal. Espero, de coração, ter honrado sua amizade e confiança depositadas em mim. Prometo não guardar nenhum dos meus, ainda poucos, conhecimentos adquiridos e transmiti-los a todos. Espero, ainda, que possamos constituir novas parcerias e que venham novos projetos, novos desafios e novas vitórias.

Agradeço ao GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída) por todo o conhecimento que eu adquiri também no decorrer desses oito anos. Eu fico feliz por fazer parte deste grupo, coordenado pela professora Dr^a. Ana Paula Scher, desde o início de suas atividades. Aos amigos: Julio Barbosa, Indaiá Bassani, João Paulo Cyrino, Paula Armelin, Aline Rodero Takahira, Vitor Nóbrega, Kamunjin Tanguale, à recém chegada Janayna

Carvalho e também a todos que passaram por esse grupo desde sua criação, o meu muito obrigado por terem sido amigos, além de colegas simplesmente. Eu cresci e fui amadurecendo à medida que o grupo também crescia e se desenvolvia. Aprendi a ler, a fazer *handouts*, a discutir, a argumentar, a ouvir críticas, a criticar, mas, principalmente, a conviver e a ouvir. Muito obrigado a todos.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de doutorado concedida. Sem o auxílio dessa agência financiadora este trabalho não poderia ter sido realizado.

Às professoras Dr^a Esmeralda Vailatti Negrão e Dr^a Teresa Cristina Wachowicz que fizeram parte da minha banca de qualificação, os meus agradecimentos pelos comentários que ajudaram na versão final desta tese. Também agradeço a todos os professores que fazem parte da banca desta tese: Luciana Raccanello Storto, Alessandro Boechat de Medeiros e Maria Cristina Figueiredo Silva e Teresa Cristina Wachowicz. Muito obrigado pela disposição e carinho. Também agradeço ao professor Paulo Chagas pelos comentários realizados sobre a tese.

Aos professores do Departamento de Linguística e também à professora Dr^a Maria Aparecida Torres de Moraes e ao Dr^a Alessandro Boechat de Medeiros com os quais cursei as matérias para créditos na pós-graduação.

Agradeço de modo muito especial aos funcionários do Departamento de Linguística: Érica Flávia, Robson Dantas e Ben Hur Euzébio. Obrigado querida Érica por estar sempre disponível para esclarecimentos, seja no DL, seja em todos os meios virtuais possíveis. Seu carinho e sua atenção com as minhas dificuldades e com as dificuldades dos meus amigos demonstram o quanto você leva a sério o seu trabalho e o quanto é dedicada. Muito obrigado pela sua amizade. Agradeço também ao grande Robson por toda atenção e amizade dispensadas nos momentos em que precisei de ajuda e corri para o DL. Ao Ben Hur, obrigado pelo trabalho sério e pela competência.

O meu agradecimento especial à Inda, ao Vi, ao Julio e à Lúcia (Helena), à Aline (GAROTA) e, recentemente, à Janayna por também me acompanharem de perto na vida pessoal. Obrigado pelos cafés divertidos, saborosos, cheios de charme e glamour, pela companhia nos estudos na biblioteca, pelas idas ao cinema; pelas baladas, pelo papai Noel com camarão, pela conversa descontraída; pelas discussões fúteis e por estarem por perto nos momentos difíceis da vida. Muito obrigado por fazerem parte da minha vida e por toda a força e apoio, meus queridos.

Aos amigos: Marcus Lunguinho, Lídia Lima, Renato Lacerda, Leonor Simioni, Rerisson Cavalcante, Mariana Santos de Resenes, Livia Oushiro, Bruna Zerbinatti (que fez dupla comigo na representação discente dos alunos de pós), Fátima, Luciana Sanches, Lara Frutos, Fernanda Canever (eterna companheira de mesa no EPOG), Fernanda Rosa Silva e muitos outros que conviveram comigo no decorrer desses anos. Muito obrigado pelas conversas de corredor, pela companhia nas aulas de pós-graduação, pelos cafés, pela companhia nos estudos na biblioteca e nas monitorias e pela companhia nas viagens (Egito, Egito ê!). Obrigado Marquinho, em especial, pelas indicações de leitura.

Agradeço à Lidia Lima, que foi uma grande amiga no pior e nos melhores momentos. Obrigado por ter ido à Rio Pardo para me dar um abraço quando precisei, por torcer por mim, por me incentivar e por me acompanhar nos estudos.

Agradeço à Sonia Lindblom, que durante muito tempo fez parte da minha vida acadêmica e, agora, continua fazendo parte da minha vida pessoal, sendo minha amiga, irmã, afilhada (já que sou seu padrinho honorário). Estou certo de que nossa amizade é eterna. Obrigado por continuar torcendo por mim e gritando junto comigo. Espero me dedicar mais à nossa amizade a partir de agora.

Ao mestre Dr. Marcos Lopes e à sua fiel discípula Bruna Seixas, muito obrigado pelas aulas e ensinamentos que não se limitaram a ensinamentos sobre a nobre arte, mas foram

ensinamentos para serem levados para toda a vida. A amizade e companhia de vocês me ajudaram a manter a concentração e a saúde mental em muitos momentos. MUITÍSSIMO obrigado.

O meu agradecimento ao meu querido amigo Caio Travaglio pelas conversas, pela companhia ao cinema e pelas horas de lazer. Que a cerveja nunca seque e que nossa amizade permaneça.

A todos alunos da graduação em Linguística, em especial: Kamunjin Tanguale, Renata Carneiro, Aline Pires, Nathaschka Martiniuk, Maurício Massahiro para os quais fui monitor, e também ao Rafael Veloso, o meu muito obrigado, porque, além de poder aprender muito preparando exercícios para vocês, fiz alguns bons amigos.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha vida durante minha estada na UFRGS. O meu carinho e agradecimento especiais ao Luiz Carlos Schwindt pelo acolhimento, pelas discussões, pelas aulas, pela parceria na realização do I Colóquio Brasileiro de Morfologia, pela amizade e carinho. O Luiz se tornou uma das minhas maiores referências de pesquisador sério, competente e grande ser humano. A escolha de cursar algumas disciplinas em Porto Alegre não poderia ter sido melhor. Agradeço à professora Gisela Collischonn, ao Sergio Menuzzi e ao Gabriel Othero pelas aulas de Fonologia, Sintaxe e Teoria da Otimidade, respectivamente, e por toda a atenção e dedicação dispensadas a mim.

Agradeço aos alunos da UFRGS que me receberam muito bem. O meu carinho e agradecimento a todos e, de modo especial, àqueles que se tornaram bons amigos: Natália Brambatti Guzzo, Caroline Sampietro, Reiner Vinicius Perozzo, Manu Quadros, Guilherme Garcia Duarte, Camila Ulrich, Mariana Terra Teixeira, Luciana Viegas Moraes, Letícia Finkenauer, Pablo Ribeiro e Eduardo Soares, que me acompanharam nas cadeiras cursadas, nos trabalhos para as cadeiras, nos cafés da cantina do Seu Antônio, nas baladas e na

realização do I Colóquio Brasileiro de Morfologia. Sem vocês, essa viagem não teria a menor graça.

Agradeço também ao meu querido amigo Gabriel V Martins, pela companhia em todos os momentos, por não deixar que eu me sentisse sozinho no Campus do Vale, pelas conversas e pela amizade sincera.

Nessa fase de estudos na UFRGS, duas pessoas se tornaram a minha família no Rio Grande do Sul: Dona Regina e o Giovani Nunes. Dona Regina se tornou a minha mãe gaúcha e o Gio se tornou o meu grande amigo para a vida. Agradeço aos dois por me acolherem como membro da família, pelo cuidado, carinho, amizade e companheirismo. Dificilmente conseguirei retribuir tudo o que fizeram por mim, peço a Deus uma benção especial para esses queridos e que Ele permita que estejamos sempre próximos, apesar da distância física.

Agradeço aos meus queridos amigos de fora da academia. A todos que algum dia deram uma palavra de carinho, de paz e que me fizeram levantar, arregaçar as mangas e voltar ao trabalho. Em especial, quero agradecer às minhas queridas amigas: Karina Teixeira Orioli, Mariele Correa, Marisa Faria, Marcela Silva. Muito obrigado pelas conversas, pelas badalas, pelos lanches, pela companhia na missa, pelas fugas noturnas, por estarem por perto ainda que estivessemos distantes fisicamente. Embora algumas coisas tenham mudado, é impossível chegar em Rio Pardo, não me lembrar de vocês e sentir que vocês estão por perto.

À Ana Paula Viana e ao Bruno da Silva Santiago, que durante uma fase bem difícil foram meus *roommates*. Muito obrigado por toda a compreensão. Sinto saudades de vocês. Ao meu atual *roommate* Vitor, muito obrigado por me entender e me tolerar nos momentos de extremo nervosismo e de loucura. Obrigado pelas longas conversas acadêmicas e pelas conversas fúteis; pelos jantares com risotos maravilhosos, ou só com macarrão mesmo, e pelas músicas. Ainda vamos comprar cortinas e um bom sofá para a sala...

Agradeço à toda minha família. O que seria de mim sem vocês? Obrigado por estarem por perto quando eu, minha mãe e meu pai precisamos de ajuda. Obrigado Tia Maria (tenho certeza de que suas orações diárias ajudaram a me manter sempre forte e seguro), Tia Célia, Tia Adelaide, Tia Cecília, Tia Cidinha (tia honorária), Tio Zé (padre José João Minussi), Tio Antônio, Tio Anísio, Tio Lupércio e a todos os tios e primos que, de alguma forma, seja por meio de orações ou pela torcida, sempre acreditaram em mim, mesmo sem entender nada do que eu faço.

Também quero agradecer àqueles que não são minha família física, mas que se incluem na minha grande família. À Cidinha e ao seu Jorge pelo incentivo. À Denise e ao seu Luiz, que juntamente com minha Tia Cecília, rezam e intercedem espiritualmente por minha mãe e por mim. À Isabel, que, como eu já disse antes, é um anjo enviado por Deus na minha vida.

Por fim, agradeço ao meu pai, que, infelizmente, não viu a finalização deste trabalho, mas que sempre se empenhou para eu tivesse tudo o que era necessário para sua realização. Tenho certeza de que ele está muito feliz por saber que cheguei ao fim. À minha querida mãe Teresinha, por ser a mulher mais forte que eu conheço, por ter suportado todas as perdas e sofrimentos e, além disso, ter conseguido, na grande maioria das vezes, superar, sozinha, todos os obstáculos. Obrigado por ter me poupado muitas vezes dos sofrimentos, para eu que pudesse estudar, escrever, ler, ir para a faculdade, viajar e por me apoiar incondicionalmente, como fazem aqueles que amam de verdade.

A Deus, fonte de toda a vida e todo amor que existe no mundo. À Santa Teresinha, que me escuta todas as noites. Que Deus continue sorrindo para mim, como tem sorrido todos os dias, apesar das minhas falhas. Amém.

Modo para chegar ao Tudo
Para chegares ao que não sabes,
Hás de ir por onde não sabes.
Para chegares ao que não gozas,

Hás de ir por onde não gozas.
Para vires ao que não possuis,
Hás de ir por onde não possuis.
Para vires a ser o que não és,
Hás de ir por onde não és.

Modo de possuir tudo

Para vires a saber tudo,
Não queiras saber coisa alguma.
Para vires a gozar tudo,
Não queiras gozar coisa alguma.
Para vires a possuir tudo,
Não queiras possuir coisa alguma.
Para vires a ser tudo,
Não queiras ser coisa alguma.

São João da Cruz

*“A coisa mais bela que podemos
experimental é o mistério. Essa é a fonte
de toda a arte e ciências verdadeiras”.*

Albert Einstein

*“Quem não vê bem uma palavra, não
pode ver bem uma alma”*

Fernando Pessoa

RESUMO

MINUSSI, Rafael Dias. **Os sabores do nome: um estudo sobre a seleção de argumentos e as nominalizações do hebraico**. 2012. 274f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

O objetivo maior deste trabalho é argumentar em favor de que a informação sobre a estrutura argumental das nominalizações está codificada em núcleos funcionais, os quais podem possuir sabores diferentes, isto é, propriedades diversas como causatividade, eventividade, reflexividade etc., em vez de tal informação estar codificada nas raízes abstratas como assumem autores como: Marantz (1997), Embick (2004), Harley (2008), entre outros. O objetivo específico deste trabalho, por sua vez, é analisar como é formado um grupo de padrões do hebraico, o qual forma nomes de ações (cf. GLINERT, 1989), e mostrar que nem todas as nominalizações são formadas por uma camada verbal, contra Hazout (1995) e Shlonsky (2004).

Utilizamos como arcabouço teórico do presente trabalho a Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; SIDDIQI, 2009), uma teoria não-lexicalista, a qual propõe que tanto palavras, quanto sentenças são formadas pelas mesmas operações durante a derivação sintática. De modo especial, utilizamos a noção de fase dentro de palavras (cf. MARANTZ, 2001 e ARAD, 2003), para explicar que alguns nominais possuem padrões vocálicos que não são atômicos (contra ARAD, 2005), mas são formados em duas fases: uma fase verbal e outra nominal, enquanto outros nominais são formados em apenas uma fase: a nominal.

Em nossa análise, privilegiamos quatro padrões vocálicos formadores de nominais de ação: CCiCa, CiCuC, haCCaCa, hitCCaCut, de modo que encontramos restrições diferentes para cada um dos padrões. Tais restrições dizem respeito a: (i) modificação por adjetivos e

advérbios; (ii) possibilidade de alçamento dentro de DPs; (iii) obrigatoriedade de interpretação de um argumento agente e (iv) obrigatoriedade de interpretação reflexiva. Além disso, analisamos os possíveis contextos sintáticos em que são encontrados esse nominais, isto é, analisamos quais são as possibilidades de interação desses nominais com o *Construct State*, o *Free State*, a Marca Diferencial de Objeto 'et e com a presença de uma *by phrase*.

Como resultado da análise, defendemos que o padrão C*C*iCa seja um padrão formado por apenas uma fase nominal, o que explica a sua impossibilidade de modificação por advérbios genuínos, isto é, advérbios que possuem uma morfologia típica de advérbio. Por sua vez, o padrão C*i*CuC é formado por duas fases: uma fase verbal, que aceita a modificação por advérbios genuínos; e uma fase nominal, que permite a modificação por adjetivos. Já o padrão haCCaCa foi analisado como formado por apenas uma fase nominal, tanto por causa da sua morfologia, que não apresenta resquícios de uma morfologia verbal, quanto pela sua semântica obrigatoriamente agentiva, que o diferencia do padrão verbal ao qual ele está relacionado. Por fim, consideramos que o padrão hitCCaCut é formado por duas fases, o que está de acordo com a presença de uma morfologia verbal que compõe o padrão e com o tipo de argumento interno que é licenciado.

Palavras-chave: Estrutura Argumental, nominalização, núcleos funcionais, padrões nominais e Morfologia Distribuída.

ABSTRACT

MINUSSI, Rafael Dias. **The flavors of the noun: a study of Hebrew argument selection and nominalizations**. 2012. 274f. Doctoral Dissertation – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

The main goal of this work is to argue that information over argument structure of nominalizations is coded in functional heads, which can have distinct flavors, that is, distinct properties, such as causativity, eventivity, reflexivity, etc., instead of that information being coded in the abstract roots, as assumed by Marantz (1997), Embick (2004), Harley (2008), among others. The specific object of this work, on the other hand, is to analyze how a certain group of patterns that generates action nouns in Hebrew is formed, and to show that not all nominalizations are formed by a verbal layer, *contra* Hazout (1995) and Shlonsky (2004).

We use, in this work, the theoretical framework of Distributed Morphology (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; SIDDIQI, 2009), a non-lexicalist theory which claims that both words and sentences are formed by the same operations, within the syntactic derivation. In a special way, we use the notion of phases within words (cf. MARANTZ, 2001 e ARAD, 2003) in order to explain that some nouns possess vocal patterns that are not atomic (*contra* ARAD, 2005), but are formed in two separate phases: a verbal one, and a nominal one, while other nouns are formed only by the nominal phase.

In our analysis, we privilege four noun formation vocal patterns: CCiCa, CiCuC, haCCaCa, hitCCaCut, each one of them bearing a distinct set of restrictions. Such restrictions concern: (i) modification by adjectives and adverbs; (ii) possibility of raising within DPs; (iii) mandatory interpretation of an agentive argument and (iv) mandatory reflexive interpretation. Furthermore, we analyzed the possible syntactic contexts in which these nouns are found, that is, we analyzed which are the possibilities of interaction between these nouns and the

Construct State, the *Free State*, the Differential Object Marker ‘*et*’ a the presence of a *by phrase*. As a result of the analysis, we defend that the pattern C*i*Ca is formed by only a nominal phase, which explains its impossibility of being modified by genuine adverbs, that is, adverbs that possess adverbial morphology. On the other hand, the pattern C*i*CuC is formed by two phases: a verbal phase, which accounts for the modification by genuine adverbs; and a nominal phase, which allows for the modification by adjectives. The pattern haCCaCa, in its turn, was analyzed as formed by a nominal phase alone, both because its morphology, which does not present traces of verbal morphology, as for its obligatory agentive semantics, which differentiates it from the verbal pattern to which it is related to. Last, we considered that the pattern hitCCaCut is formed by two phases, which is compatible to the presence of verbal morphology, that composes the pattern, and to the type of argument that is licensed by it.

keywords: Argument Structure, nominalization, functional heads, Distributed Morphology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	31
2.1. UM MODELO DE GRAMÁTICA PARA AS NOMINALIZAÇÕES	31
2.2. A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	41
2.2.1. MARANTZ (1997): SELECIONANDO ARGUMENTO TEMA	46
2.2.2. ALEXIADOU (2001): UMA ESTRUTURA REFINADA PARA OS NOMINAIS DE PROCESSO	48
2.2.3. EMBICK (2004): O ARGUMENTO DAS RESULTATIVAS	55
2.2.4. HARLEY (2008): A SELEÇÃO EM COMPOSTOS	57
2.3. CONCLUINDO OS PRESSUPOSTOS.	59
3. AS RAÍZES DO HEBRAICO	62
3.1. O QUE AS RAÍZES SÃO E O QUE ELAS CONTÊM?	62
3.2. AS RAÍZES E A DECOMPOSIÇÃO DA ESTRUTURA DE EVENTOS	67
3.3. A REPRESENTAÇÃO MENTAL DAS PALAVRAS DO HEBRAICO	72
3.3.1. SOBRE A FALTA DE SELEÇÃO DOS PADRÕES NA FALA AFÁSICA	77
3.3.2. PROPRIEDADES FORMAIS DOS ERROS DE MATÁTESE EM AFÁSICOS.	80
3.3.3. ALÉM DA EVIDÊNCIA PARA AS CONSOANTES SEMÍTICAS FLUTUANTES	81
3.4. A RAIZ COMO VARIÁVEL: UM ESTUDO SOBRE AS RESTRIÇÕES FONOLÓGICAS	82
3.4.1. O PRINCÍPIO DO CONTORNO OBRIGATÓRIO	84
3.4.2. EVIDÊNCIAS EXPERIMENTAIS PARA O OCP	86
3.4.3. AS RAÍZES REPRESENTAM VARIÁVEIS MENTAIS?	89
3.5. O QUE AS RAÍZES NÃO CONTÊM?	91
4. OS PADRÕES VOCÁLICOS COMO NÚCLEOS FUNCIONAIS	96
4.1. OS PADRÕES VOCÁLICOS DO HEBRAICO: DEFINIDORES DE CATEGORIAS GRAMATICAIS E DO SIGNIFICADO DAS PALAVRAS.	96
4.1.1. OS PADRÕES VERBAIS DO HEBRAICO	99
4.1.1.1. O que são os padrões: classes flexionais ou núcleos sintáticos?	112
4.1.2. OS PADRÕES NOMINAIS DO HEBRAICO	125
4.2.1.1 Os padrões nominais secundários	133
5. AS NOMINALIZAÇÕES DO HEBRAICO	140
5.1. O CONSTRUCT STATE E O FREE STATE	140
5.2. OS NOMES COMPOSTOS E A ESTRUTURA ARGUMENTAL	150
5.3. A MARCAÇÃO DIFERENCIAL DE OBJETO	157
5.3.1. A MO COMO MARCA DE CASO ACUSATIVO	157
5.3.2. A MO COMO MARCA DE ASPECTO	166
5.3.3. A MO COMO REALIZAÇÃO DE TRAÇOS DA ESTRUTURA	168
5.4. A ESTRUTURA E A MODIFICAÇÃO DAS NOMINALIZAÇÕES	173
5.4.1. GRIMSHAW E O DIAGNÓSTICO DOS NOMINAIS EVENTIVOS E DE RESULTADO	173
5.4.2. A ESTRUTURA DAS NOMINALIZAÇÕES	182

5.4.3. A MODIFICAÇÃO DAS NOMINALIZAÇÕES	190
6. OS SABORES DO NOME: ESTRUTURANDO OS ARGUMENTOS	197
6.1. CONTRA UMA ASSIMETRIA NOME-VERBO NO HEBRAICO	197
6.1.1. OS PADRÕES E AS RESTRIÇÕES SOBRE A MODIFICAÇÃO DOS NOMINAIS	198
6.1.2. OS PADRÕES E OS NOMES DE ALÇAMENTO E DE CONTROLE	203
6.2. OS PADRÕES CCiCa E CiCuC	209
6.3. UM NOMINAL COM SABOR REFLEXIVO: O PADRÃO HITCACCUT	224
6.4. O INSTIGANTE PADRÃO HACCaCa	238
6.4.1. UM PADRÃO PARA NOMINAIS CAUSATIVOS	239
6.4.2. ANALISANDO O NOMINAL AGENTIVO	248
7. CONCLUSÃO: A AQUISIÇÃO DOS PADRÕES VOCÁLICOS E AS CATEGORIAS NOMINAIS COMO UM CONTÍNUO	257
7.1. A AQUISIÇÃO DOS NOMINAIS DERIVADOS	258
7.2. AS CATEGORIAS “LEXICAIS” COMO UM CONTÍNUO	265
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	276

1. INTRODUÇÃO

O objetivo amplo desta tese é investigar e explicar, em uma teoria não-lexicalista, o fenômeno da seleção de argumentos, que, em uma teoria lexicalista, é realizada por meio de núcleos lexicais. A esse objetivo maior, acrescentamos um objetivo específico, que, por consequência, nos ajudará na reflexão sobre a natureza da informação argumental. Tal objetivo é estudar a formação das nominalizações da língua hebraica. Como antecipado acima, nosso estudo será realizado partindo de um ponto de vista não-lexicalista; em particular, se fundamentará no modelo da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, o que por sua vez, fará com que tratemos também de questões internas a essa teoria.

O estudo da língua hebraica, e também o das línguas semíticas em geral, nos interessa porque tal língua apresenta um sistema de formação de palavras que envolve, por um lado, raízes tri-consonantais, que nos permitirão estudar o que uma teoria lexicalista chama de núcleos lexicais, e, por outro, padrões vocálicos, que nos permitirão estudar os núcleos funcionais, e que são responsáveis por categorizar as raízes tri-consonantais. O estudo desses padrões vocálicos categorizadores permitirá, ainda, que entendamos melhor qual a contribuição sintático-semântica desse tipo de núcleo para a formação de uma palavra ou sentença. Dessa forma, por meio da investigação sobre esses dois tipos de núcleos, ou sobre o que corresponde a eles em hebraico, levantamos a questão principal deste estudo que une o objetivo amplo ao específico: a estrutura argumental é projetada pelas raízes abstratas propostas pela Morfologia Distribuída (cf. MARANTZ, 1997; ARAD, 2005; MINUSSI,

2008)¹ e que, em hebraico, são representas por consoantes, ou é projetada por núcleos funcionais, realizados como um conjunto de vogais na língua hebraica?

Um meio de começarmos a discutir a questão levantada é verificarmos se uma determinada raiz mantém sua estrutura argumental quando colocada em contextos categoriais diferentes. Desse modo, observemos uma raiz tri-consonantal $\sqrt{\text{gdl}}$ que pode ser combinada com padrões vocálicos que realizam diversas categoriais:

(1)	$\sqrt{\text{gdl}}$ (Raiz)	
	Padrão Vocálico	Palavra formada
a)	CaCaC ² (v)	gadal ³ (crescer)
b)	CiCCeC (v)	gidel (elevar, criar, cultivar (padrão causativo))
c)	hiCCiC (v)	higdil (aumentar)
d)	CaCoC (a)	gadol (grande)
e)	CoCeC (n)	godel (tamanho)
f)	miCCaC (n)	migdal (torre)
g)	CCuCa (n)	gdula (grandiosidade)
h)	CCiCa (n)	gdila (crescimento)

Podemos verificar, por meio desse paradigma, que, de acordo com o padrão vocálico com que a raiz se combina, essa ganha um significado, além de uma categoria. Desse modo, alguns autores que estudaram o hebraico (cf. GLINERT, 1989; ARAD, 2005; MINUSSI, 2008 etc.) afirmam que as raízes dessa língua possuem um conceito e adquirem um significado próprio de acordo com o padrão vocálico que as categoriza. Essa ideia pode ser

¹ Alguns autores que trabalham com o modelo da Morfologia Distribuída não defendem a existência de raízes abstratas (cf. EMBICK; NOYER, 2004), ou seja, as raízes têm um conteúdo fonológico e não estão sujeitas à Inserção Tardia de conteúdo fonológico. Contudo, nesta tese, defendemos que as raízes são abstratas e, portanto, sem conteúdo fonológico (cf. PFAU, 2009; SIDDIQI, 2009 para uma argumentação mais detalhada sobre o assunto).

² A letra C que se encontra no padrão vocálico serve unicamente para mostrar onde serão inseridas as consoantes que formam a raiz tri-consonantal. Arad (2005) faz a opção de representar os padrões possuindo quatro espaços para as consoantes (com um espaço alternativo CC(C)C), uma vez que nem todas as raízes são tri-consonantais. Em nosso trabalho, optamos por representar os padrões por três consoantes, já que essas são a maioria.

³ Devemos ressaltar que sempre que apresentarmos um paradigma de uma raiz em que se tenha a formação de um ou mais verbos, traremos a forma do verbo na 3ª pessoa do singular masculino no passado como é costume na literatura do hebraico, por exemplo, *gadal* ‘cresceu’. Contudo, optamos por colocar o significado do verbo em português no infinitivo, como é costume nos referirmos a um determinado verbo em português.

relacionada à ideia de fase dentro de palavras, que é defendida por Arad (2005), Marantz (2001) e Medeiros (2009). Ao se fechar a primeira fase dentro de uma palavra, ou seja, quando um núcleo categorizador entrar em uma derivação c-comandando diretamente uma raiz, ou seja, sendo o primeiro núcleo categorizador de uma determinada raiz, cria-se um significado para aquela raiz, de modo que, se houver ainda mais fases dentro da mesma palavra formada, o significado não será mudado⁴.

Ainda de acordo com o paradigma em (1), percebemos que a raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ pode se combinar com padrões vocálicos verbais, nominais e adjetivais e que também pode se combinar com mais de um padrão de mesma categoria, por exemplo, se considerarmos apenas a formação de nomes. Preliminarmente, se nossas observações estão corretas, o fato de a mesma raiz poder ser combinada com mais de um padrão vocálico de mesma categoria, sugere que esses padrões possuem propriedades distintas. Tais propriedades se diferenciariam no que diz respeito à causatividade, incoatividade, reflexividade etc., para os verbos, e a ser abstrato, concreto, instrumento etc., no caso dos nomes. Assim, o padrão manteria uma relação direta com o licenciamento dos argumentos, indicando a adequação de se atribuir aos padrões vocálicos a responsabilidade pelo licenciamento argumental.

Vejamos um exemplo de alternância causativo-reflexiva no hebraico, para ilustrar a ideia de que os padrões interferem no licenciamento dos argumentos.

- (2)
a)	<i>Dan</i>	<i>'immen</i>	<i>'et</i>	<i>ha-zèwèt</i> ⁵	
	Dan	treinou	MO	DEF-time	
	'Dan treinou o time'				
b)	<i>Ha-zèwèt</i>	<i>'umman</i>	<i>alyedey</i>	<i>Dan</i>	
	DEF-time	foi treinado	por	Dan	
	'O time foi treinado pelo Dan'				
c)	<i>Ha-zèwèt</i>	<i>hit'ammen</i>			
	DEF-time	treinou			
	"O time treinou"				

⁴ Discutiremos essa proposta de fase mais adiante.

⁵ Dados retirados de Van Bekku; Hamburger (1993).

Em (2), temos três padrões verbais distintos, também chamados de *binyan*, combinados com apenas uma raiz ‘-m-n, de modo que podemos perceber diferenças na estrutura das sentenças, assim como na estrutura dos argumentos. Em a), o verbo está em um padrão causativo CiCeC. Observemos que o verbo ‘*imnen* ‘treinou’ seleciona os dois argumentos: *Dan* e *ha-zèwèt* ‘time’. *Dan* necessariamente é interpretado como agente. O argumento interno é introduzido por uma Marca Diferencial de Objeto (MO) ‘*et*. Já em b), temos a voz passiva relativa ao padrão causativo⁶ (o padrão CuCaC) e percebemos que o argumento externo é introduzido por uma preposição, nomeadamente, *alyedey*. Em c), temos a forma reflexiva do verbo, o padrão hitCaCeC, que licencia apenas um argumento, que não é introduzido por preposição. Por meio de dados como os apresentados acima, podemos perceber a relevância de se considerar que são os padrões vocálicos, e não as raízes, os detentores da informação que licencia os argumentos.

Vejamos agora os dados de alternância de estrutura argumental, fazendo um paralelo entre o verbo e sua nominalização correspondente. Observemos que, com a mudança do padrão de nominalização, há uma mudança na estrutura de argumentos.

- (3)
a)	<i>ha-‘ikarim</i>
DEF-fazendeiros	<i>gidlu</i>
cultivaram	<i>‘et ha-‘agvaniyot</i>
MO DEF-tomates
	‘Os fazendeiros cultivaram os tomates’		
b)	<i>gidul</i>
cultivo.CS.m.sg	<i>ha-‘agvaniyot</i>
DEF-tomates	<i>(‘alyedey ha-‘ikarim)</i>
(por DEF-fazendeiros)
	‘O cultivo dos tomates (pelos fazendeiros)’		
c)	<i>ha-‘agvaniyot gadlu</i>
DEF-tomates	<i>cresceram</i>	
	‘Os tomates cresceram’		
d)	<i>gdilat</i>
crescimento.CS.fem.sg	<i>ha-‘agvaniyot</i>
DEF-tomates	
	‘O crescimento dos tomates’		

⁶ Veremos adiante que o hebraico possui sete padrões verbais. Quatro padrões são de voz ativa e outros 3 padrões são de voz passiva. Cada padrão de voz passiva é correspondente a um padrão de voz ativa. Apenas o padrão reflexivo não possui um padrão correspondente na voz passiva.

Em (3)a), temos uma sentença transitiva, na qual a raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ se combina com um padrão vocálico verbal causativo que permite, portanto, a presença de um agente e um argumento interno. Já em (3)b), temos uma nominalização correspondente ao padrão verbal causativo e que também permite, como observamos no padrão vocálico verbal, a presença de um agente. Por sua vez, em (3)c), temos uma sentença com a mesma raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ combinada com um padrão vocálico verbal não-causativo, de modo que não se projeta a posição de agente. De modo paralelo, temos, em (3)d), uma nominalização correspondente ao padrão verbal não-causativo.

Assim, por meio desses dados, podemos começar a delinear a análise para a questão da estrutura argumental, de modo geral, e para a questão das nominalizações do hebraico, de modo particular, pois, se temos uma mudança na estrutura argumental de nomes e verbos quando combinamos uma mesma raiz com diferentes padrões vocálicos de nomes ou verbos, a informação sobre a estrutura argumental desses nomes e verbos deve estar contida na parte dessas palavras que parece desencadear a alteração, ou seja, na parte correspondente aos núcleos funcionais, aqui expressos pelo conjunto vocálico, e não nas raízes.

A sustentação dessa análise requer que se avaliem propostas anteriores sobre o mesmo tema. Considerando os dados acima, Borer (2003) também fala sobre uma distinção entre uma nominalização transitiva, que possui um agente e um tema (exemplo em (3)b) e uma nominalização intransitiva, que só possui o tema (exemplo em (3)d). Esses dados levam a autora a propor uma análise que vai contra a observação feita em Marantz (1997), segundo a qual os nominais de $\sqrt{\text{GROW}}$ sempre possuirão apenas um argumento, que é selecionado pela própria raiz. Os nominais em (3) são formados pela mesma raiz $\sqrt{\text{gdl}}$, mas a interpretação é diversa: ora é *cultivar* (fazer crescer), ora é *crescer*. Tal diferença na interpretação está ligada ao padrão nominal com o qual a raiz se combina.

Diante desses fatos, propomos que a informação sobre a transitividade ou intransitividade está localizada no padrão nominal, contra Marantz (1997), que sugere que existe algum tipo de informação temática na raiz.

Para dar conta de nosso objetivo específico que é identificar a estrutura sintática das construções com nominalizações no hebraico, fazemos uma discussão aprofundada das possibilidades de modificação que as nominalizações apresentam, assim como dos contextos sintáticos em que elas ocorrem.

Primeiramente, observemos, nos exemplos em (4), abaixo, os contextos sintáticos em que as nominalizações podem ocorrer:

- (4)
a)	<i>sgirat</i>	<i>ha-mankal</i>	<i>'et</i>	<i>ha-misrad</i>
	fechamento.CS.f.sg	DEF-diretor	MO	DEF-escritório
	'O fechamento do escritório pelo diretor'			
b)	<i>sgirat</i>	<i>ha-misrad</i>	<i>(alyedey</i>	<i>ha-mankal)</i>
	fechamento.CS.f.sg	DEF-escritório	por	DEF-diretor
	'O fechamento do escritório pelo diretor'			
c)	<i>Axilat</i>	<i>Dan</i>	<i>'et</i>	<i>ha-tapuax</i>
	Comida	Dan	MO	DET-maçã
	'a comida da maçã pelo Dan'			
d)	<i>Ha-axila</i>	<i>šel</i>	<i>Dan</i>	<i>'et</i>
	DEF-comida	prep	Dan	MO
	DEF-maçã			
	'A comida da maçã pelo Dan'			

O hebraico exhibe nominalizações em, pelo menos, três contextos sintáticos. Se levarmos em conta a nominalização⁷ que aparece com o *Construct State*⁸ (doravante CS), temos os exemplos em (4)a)-b)-c). Em, (4)a) temos uma nominalização em um CS, com seu argumento marcado pela MO *'et* (cf. MINUSSI, 2008), também considerada por alguns autores como Borer (1999), Arad (2005) e Danon (2007), por exemplo, uma marca de Caso acusativo. Já em (4)b), temos uma nominalização em um CS, com seu argumento na posição

⁷ Muitos autores, como Hazout (1995), chamam essas nominalizações de nominais de ação para distinguir dos nomes que não são “derivados” de verbos e, assim, não possuem uma camada verbal.

⁸ Um maior detalhamento das propriedades desse tipo de construção será realizado no cap. 5, na seção 5.1.

de segundo membro do construto (posição do membro associado) e com o que podemos chamar de sujeito da nominalização, introduzido por uma *by-phrase*. Como sugerem os parênteses, no entanto, o sintagma do tipo *by-phrase* é facultativo, podendo não ocorrer na sentença.

Em (4)c-d), por sua vez, temos um par com a mesma nominalização *axila* ‘comida’ em dois ambientes sintáticos diferentes. Em (4)c), temos uma nominalização no construto, com seu argumento interno introduzido pela MO *‘et* e seu sujeito colocado dentro do construto como membro associado, assim como (4)a). Já em (4)d), temos a nominalização em um *Free state* (doravante FS⁹), com seu argumento introduzido pela MO, mas com o sujeito colocado dentro do FS, introduzido pela preposição *šel* ‘de’.

Além dos diferentes ambientes sintáticos em que as nominalizações podem ocorrer, para definir a real estrutura sintática, destacamos uma questão ligada à modificação adverbial e adjetival nas nominalizações. Esse tipo de modificação já foi utilizado para separar as nominalizações gerundivas das nominalizações derivadas (cf. CHOMSKY, 1970). Chomsky destaca que as nominalizações gerundivas podem ser modificadas por advérbios e não por adjetivos, enquanto as derivadas podem ser modificadas por adjetivos, mas não por advérbios. Tais possibilidades de modificação, portanto, devem estar diretamente ligadas ao fato de uma nominalização possuir, ou não, um verbo na sua composição. Assim, nos serviremos da modificação das nominalizações como um teste, que nos permitirá investigar nossa hipótese de que algumas nominalizações recebem seus categorizadores nominais diretamente na raiz, não possuindo uma fase verbal, enquanto outras nominalizações parecem, de fato, possuir uma camada verbal na sua formação.

⁹ Assim como para o CS, uma maior descrição do FS será realizada no Cap. 5.

Vejamos, então, preliminarmente, como a modificação interage com as diversas estruturas das sentenças apresentadas em (4). Além disso, refletiremos, também, sobre algumas análises já oferecidas para tais construções.

Começemos, por exemplo, pela nominalização seguida por uma *by-phrase* (ver exemplo em (4)b)), que já foi analisada como uma passiva por autores como Rosén (1977 apud FALK, 2001)¹⁰ e Engelhardt (1998). Entretanto, para Siloni (1997) existem problemas para tais análises como, por exemplo, a falta de uma relação entre os verbos que podem sofrer passivização e os nominais de ação que podem aparecer nesse tipo de construção. Dessa forma, o impasse entre as análises que citamos sugere que se continue a pesquisa sobre o assunto: esse tipo de construção pode, de fato, ser analisada como uma passiva?

No que diz respeito à modificação, propriamente dita, a construção com *by-phrase* é possível tanto com adjetivos quanto com advérbios, como podemos observar nos exemplos em (5), indicando que tal construção exiba um caráter misto, entre possuir ou não características verbais e, portanto, deve ser analisada com mais detalhes.

- (5) a) *ibud* *ha-kolot* *yadanit* *alyedey*
 processamento.CS.masc.sg DEF-votos manualmente por
ha-mumxim
 DEF-peritos
 ‘O processamento manual dos votos pelos peritos’
- b) *ibud* *ha-kolot* *ha-yadani* *alyedey*
 processamento.CS.masc.sg DEF-votos DEF-manual por
ha-mumxim
 DEF-peritos
 ‘O processamento manual dos votos pelos peritos’

A construção em que aparece a MO *‘et* (exemplos (4)a), c) e d), repetidos aqui como (6)a), b) e c)), considerada uma construção menos natural pelos falantes, também já recebeu

¹⁰ Rosén, Haiim. **Hebrew: Studies in Syntax (Ivrit Tova: Iyunim Betaxbir)**, Third Edition, Corrected And Expanded. Jerusalem: Kiryat Sefer, 1977.

algumas explicações em, por exemplo, Hazout (1995), Borer (1999), Siloni (1997), Engelhardt (1998), Falk (2001), Shlonsky (2004) etc.

- (6) a) *sgirat* *ha-mankal* 'et *ha-misrad*
 fechamento.CS.f.sg DEF-diretor MO DEF-escritório
 'O fechamento do escritório pelo diretor'
- b) *Axilat* *Dan* 'et *ha-tapuax*
 Comida Dan MO DET-maçã
 'a comida da maçã pelo Dan'
- c) *Ha-axila* *šel* *Dan* 'et *ha-tapuax*
 DEF-comida prep Dan MO DEF-maçã
 'A comida da maçã pelo Dan'

Borer (1999) defende que haja uma incorporação de N para D para a formação do CS e a utilização de uma projeção funcional, para onde o verbo deve alçar, antes de chegar ao N. Siloni (1997), por sua vez, está preocupada em trazer uma análise que dê conta da atribuição de Caso genitivo e do papel temático atribuído dentro do CS. Para tanto, a autora propõe uma projeção funcional AGRgen, onde o nominal checará seu Caso genitivo. Não há um nível VP nas estruturas dos nominais tratados pela autora e, além disso, ela defende que a MO seja um atribuidor *dummy* de Caso, ou seja, essa marca ocorre por outras razões que não Caso.

Entretanto, há diversas propostas que defendem um nível verbal anterior ao nível nominal na estrutura sintática das nominalizações. Para os autores que defendem esse tipo de análise há um alçamento do núcleo V para o núcleo N. Entre tais autores estão: Hazout (1995), Falk (2001), Engelhardt (1998) e Shlonsky (2004). Esse último baseia sua argumentação na posição dos advérbios nessa construção.

- (7) *hafzat* *xel* *ha-avir* *?(bə-brutaliyut)*
 bombardeio.CS.fem.sg força DEF-aérea (em-brutalidade)
 'et *ha-kfar* (*bə-brutaliyut*)
 ACC DEF-vila (em- brutalidade)
 'O bombardeio da vila pela força aérea com brutalidade'

Em (7), o advérbio *bə-brutaliyut* ‘brutalmente/com brutalidade’ aparece com mais naturalidade depois do sintagma paciente *ha-kfar* ‘a vila’. Sua presença entre o agente e o paciente é marcada, mas aceitável. Desse modo, Shlonsky (2004) considera que *ha-kfar* é selecionado pelo verbo, antes que esse verbo se torne um nome. Por isso, a modificação adverbial é mais natural em uma posição, na qual o verbo toma seu complemento, ou seja, em uma posição mais interna na estrutura sintática, uma posição que se preenche antes de o verbo ser alçado e se tornar a nominalização *hafza* ‘bombardeio’. Veremos, em nossa análise, que também defendemos que algumas nominalizações sejam de fato formadas por uma camada verbal, mas essa característica não é uma obrigatoriedade para a formação de uma nominalização no hebraico.

Após analisarmos os diferentes tipos de contextos sintáticos e modificações das nominalizações, apresentaremos um modelo de Gramática que pode ser assumido não apenas para o hebraico, ou para as línguas semíticas, mas para as línguas naturais de modo geral. Nesse modelo para a codificação da estrutura argumental, defendemos que as línguas exibem núcleos funcionais, que possuem algum tipo de informação sobre o licenciamento dos argumentos e, conseqüentemente, podem influenciar nas propriedades semânticas de uma sentença, por exemplo, no aspecto. Desse modo, resumimos abaixo algumas características e previsões feitas por esse modelo:

1. Para a questão sobre onde se localiza a informação sobre a estrutura argumental, defendemos, baseando-nos, em parte, na teoria de Doron (2003), que tal informação seja codificada nos núcleos funcionais nas línguas naturais, realizados, na língua hebraica, como padrões vocálicos. Os padrões vocálicos nominais, como núcleos funcionais sintáticos, são feixes de traços, que não, necessariamente, precisam ser atômicos. Uma única vogal, por exemplo, pode ser a realização de um conjunto de

traços. Desse modo, ao mudar um núcleo funcional, mudaremos, além do significado da palavra, a estrutura de argumentos que poderá ser projetada. Como consequência desse fato, ao juntar uma raiz acategorial a um núcleo funcional, teremos a criação de um predicado na sintaxe, que conterà diferentes especificações de acordo com a combinação formada entre o padrão e uma determinada raiz, isto é, o predicado poderá ser transitivo, intransitivo, inacusativo, ou reflexivo etc.

2. A segunda previsão do modelo proposto, a qual tem ligação direta com o fato de a estrutura de argumentos estar codificada nos núcleos funcionais e não nas raízes, é um modelo de MD mais compatível com a hipótese não-lexicalista do que o que a própria teoria da MD defende. No modelo aqui defendido, as raízes não são confundidas com entradas lexicais, pois essas possuem apenas uma informação conceitual, com propriedades semânticas, mas sem nenhuma informação gramatical tal como um quadro de subcategorização, como pressupõem autores como Marantz (1997), Embick (2004) e Harley (2008).

Esse modelo, com as consequências que já mencionamos, será a base para as análises que faremos das nominalizações do hebarico. Podemos ressaltar que:

1. Segundo Arad (2005), os padrões vocálicos verbais carregam as informações sobre a transitividade ou não de um verbo e, segundo Doron (2003), esses núcleos verbais trazem a informação sobre voz e agentividade. Argumentamos, fundamentados em dados de nominalizações, que há núcleos nominais que também podem projetar um ou dois argumentos, cabendo somente a eles, e não às raízes, a informação sobre a estrutura de argumentos. Tais núcleos também se comportam como categorizadores,

seja de raízes diretamente, ou de elementos que já possuam uma categoria gramatical, por exemplo, um verbo.

2. Contrariando Arad (2005), defendemos a existência de padrões nominais eventivos, que impõem restrições sobre o nome que formam. Tais restrições dizem respeito à modificação por adjetivos e advérbios e à possibilidade de existência de uma classe de nomes de alçamento, em oposição a nomes de controle, que são formados por diferentes padrões nominais. Para o fato de as nominalizações aceitarem tanto adjetivos como advérbios, oferecemos uma explicação mais natural que a oferecida por Siloni (1997), sem precisar recorrer ao contexto de modificação (cf. GRIMSHAW, 1990 e SILONI, 1997), baseando-nos na teoria de fase de Marantz (2001, 2007) e Arad (2003): alguns nominais possuem uma fase verbal anterior a uma fase nominal. Já para os casos de nomes de alçamento, verificamos que tal fenômeno ocorre apenas em nomes que apresentam uma camada verbal, de modo que o próprio padrão codifica essa característica.
3. Como já dissemos, a utilização da teoria de fase de Marantz (2001, 2007), nos possibilitou separar a formação dos nominais do hebraico em dois tipos: (i) os padrões formados em duas fases: **hitCaCCut** e **CiCuC**, de modo que possuem uma fase verbal, que possibilita a modificação por advérbios e serem nomes de alçamento, e outra fase nominal, que permite a modificação por adjetivos; (ii) os padrões **CCiCa** e **haCCaC**, são formados por uma única fase, a fase nominal, conseqüentemente, não são modificados por advérbios genuínos.

A tese está organizada da seguinte maneira. No capítulo 2, indicaremos quais são nossos pressupostos teóricos e mostraremos que a maioria dos autores da MD pressupõem que as raízes possuem algum tipo de informação sobre a seleção de argumentos. No capítulo 3, começaremos a pormenorizar os elementos que compõem o sistema de formação de palavras da língua hebraica, demonstrando que as raízes hebraicas são, de fato, reconhecidas pelos falantes das línguas semíticas de modo geral, além de argumentar em favor de que elas sofrem determinadas restrições fonológicas e possuem apenas um conteúdo conceitual, sem qualquer informação sobre transitividade, reflexividade, licenciamento e interpretação de argumentos. No capítulo 4, apresentaremos as principais características dos padrões vocálicos verbais e nominais do hebraico, defendendo a ideia de que eles são a realização de núcleos funcionais categorizadores. No capítulo 5, discutiremos as principais propriedades das nominalizações do hebraico no que diz respeito à modificação e aos contextos sintáticos em que elas podem ser encontradas. Iniciaremos esse capítulo analisando cada tipo de estrutura que está relacionada às nominalizações: o CS, o FS, os compostos e a MO. No capítulo 6, argumentaremos para a não-existência de uma assimetria entre nomes e verbos no hebraico, contra Arad (2005), e analisaremos os quatro tipos de padrões de nominalização do hebraico: C*Ci*Ca, C*iCu*C, hitCCaCut e haCCaCa, caracterizando quais os sabores, ou seja, quais propriedades cada um desses padrões possui. No capítulo 7, concluiremos a tese, fazendo, primeiramente, uma reflexão sobre como os padrões nominais do hebraico são adquiridos, avaliando se as previsões feitas pelas estruturas de formação dos nominais estão de acordo com a aquisição por crianças desses nominais. Em segundo lugar, refletiremos sobre as consequências de propor categorias nominais de diversos sabores para uma teoria que prevê apenas três tipos de categorias lexicais: nome, verbo e adjetivo. Por fim, apresentaremos as referências bibliográficas presentes nesta tese.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo pretende traçar um curto panorama sobre como a teoria gerativa modificou sua maneira de tratar a questão da seleção de argumentos. Esse percurso é feito tendo em mente o formato da arquitetura da gramática, desde o Modelo Padrão (cf. CHOMSKY, 1965) até o modelo não-lexicalista da Morfologia Distribuída, que não prevê um componente lexical (cf. HALLE; MARANTZ, 1993). Desse modo, poderemos perceber, nessa trajetória, que o lugar das informações sobre a estrutura argumental mudou no decorrer das décadas e, por meio das análises de diversas línguas e fenômenos linguísticos, culminou em um modelo em que tais informações estão distribuídas na derivação sintática, porém ainda sem um consenso sobre a natureza dessas informações ou sobre quais são as categorias (lexicais ou funcionais) portadoras de uma parte desse conhecimento sobre a estrutura argumental de uma sentença.

2.1. *Um modelo de gramática para as nominalizações*

Um dos grandes temas para a Linguística atual quando se consideram as interfaces léxico-sintaxe, sintaxe-semântica, sintaxe-morfologia e, até mesmo, semântica-morfologia, é o tema da seleção ou codificação dos argumentos por verbos ou nomes deverbais. Mais precisamente, dentro do projeto da Gramática Gerativa (cf. CHOMSKY, 1965), algumas perguntas, com diversas respostas, têm sido feitas e oferecidas sobre o tema. Assim, por exemplo, temos: a) em que lugar se localizam as informações sobre a projeção dos

argumentos na sintaxe: no léxico, na sintaxe, na pragmática ou em outro?; b) quantos argumentos um verbo, como *to give*, por exemplo, seleciona, e quais são as características semânticas (agente, paciente, tema etc.) ou sintáticas (um sintagma nominal, um sintagma preposicional etc.) desses argumentos?; c) o sujeito de uma sentença como *Os meninos foram todos jogar futebol* é gerado dentro do sintagma verbal ou fora dele? e d) em nomes como *growth* há uma camada verbal anterior à camada nominal?

Comecemos, portanto, a refletir sobre algumas das questões levantadas acima, fazendo uma breve descrição da Arquitetura da Gramática, observando, de modo especial, como o léxico e as regras que determinam a formação de uma sentença eram explicados nas primeiras versões da Teoria da Gramática Gerativa e como tal explicação mudou no decorrer das décadas, com o desenvolvimento do modelo. Uma discussão como essa faz-se necessária porque algumas das primeiras explicações para a informação sobre o número de argumentos dos predicados e sobre seus papéis semânticos correspondentes foram dadas em modelos anteriores¹¹ ao que utilizaremos como arcabouço teórico nesta tese. Além disso, esse breve panorama tem o intuito de mostrar que a discussão sobre as informações de natureza argumental, sobre a seleção de argumentos e sobre a relação existente entre um determinado verbo e todos os elementos que derivam dele (nomes, adjetivos e participípios) já se estende através dos anos.

A partir de 1965, Chomsky reformula e amplia o enfoque transformacional proposto anteriormente em 1957. Nessa nova versão do modelo de gramática, a sintaxe possui dois componentes: um componente de base e um componente transformacional. O componente de base, também chamado de componente categorial, divide-se em dois sistemas: o componente

¹¹ Podemos citar como exemplo o trabalho de Fillmore 1968 e o próprio texto de Chomsky 1970, no qual o autor reorganiza a Arquitetura da Gramática.

categorial (contendo regras sintagmáticas¹²) e o léxico (contendo regras de inserção lexical. Nesse modelo, sentenças diferentes são formadas por regras sintagmáticas de base diferentes, isto é, não são formadas por um mesmo conjunto de regras. Tais regras também não inserem itens lexicais, como acontecia no modelo anterior, de 1957. A inserção de itens lexicais cabe agora às regras do léxico, o qual constitui a segunda divisão do componente de base. A arquitetura do modelo pode ser observada em (8)¹³.

(8)

Componente sintático

Como podemos ver, nesse modelo de arquitetura, não há mais regras de transformação que alteram o sentido, ou seja, a estrutura profunda contém todos os elementos necessários à interpretação semântica das sentenças, isto é, a estrutura profunda determina o sentido das sentenças que foram geradas, sendo o componente semântico apenas interpretativo.

Diferentemente do que ocorria no modelo de 1957, no modelo de 1965, as regras sintagmáticas do componente categorial não introduzem itens lexicais, como já dissemos.

¹² As regras sintagmáticas são responsáveis por atribuir a cada sentença da língua a sua estrutura em constituintes. De modo geral, são regras de reescrita, por exemplo, um Sintagma Nominal (SN) pode ser reescrito como determinante (DET) + nome.

¹³ Figura retirada de Lobato (1977, p.17).

Uma sentença como *Serenity may frighten the boy* pode ser traduzida em termos de regras da seguinte maneira, como mostra Chomsky (1965, p. 68):

- (9) a) $S \rightarrow NP \frown Aux \frown VP$
 $VP \rightarrow V \frown NP$
 $NP \rightarrow Det \frown N$
 $NP \rightarrow N$
 $Det \rightarrow the$
 $Aux \rightarrow M$
- b) $M \rightarrow may$
 $N \rightarrow sincerity$
 $N \rightarrow boy$
 $V \rightarrow frighten$

Ainda sobre as funções gramaticais presentes nessas regras, Chomsky chama atenção para o fato de que a mesma função gramatical pode ser definida por várias regras de reescrita (ou *Structure Phrase Rules*) da base. Assim, supôs-se que uma gramática deveria conter as regras de reescrita como as que vemos abaixo (cf. CHOMSKY, 1965, p. 72):

- (10) a) $S \rightarrow Adverbial \frown NP \frown Aux \frown VP$ (Naturally, John Will leave)
b) $S \rightarrow NP \frown Aux \frown VP$ (John will leave)
c) $VP \rightarrow V \frown NP$ (examine Bill)
d) $VP \rightarrow V$ (leave)
e) $VP \rightarrow V \frown NP \frown Sentence$ (persuade Bill that John left)
f) $VP \rightarrow Copula \frown Predicate$ (be President)
g) $Predicate \rightarrow N$ (President)

Ainda nesse modelo, são as regras categoriais, por meio de derivações sucessivas, que fornecem uma derivação, em que a última sequência não é uma sequência terminal, pois os itens lexicais ainda não foram inseridos. É por meio da inserção dos itens lexicais, que estão contidos no léxico, que se obterá a sequência terminal.

Também podemos observar, a partir do esquema em (8), que o componente transformacional recebe as estruturas profundas produzidas pela base e as transforma em marcadores derivados (que representam as estruturas superficiais das sentenças (cf. LOBATO (1977))). As transformações são, portanto, as regras que convertem as estruturas profundas em estruturas superficiais, mas não alteram o sentido da sequência gerada pela base, de modo que, como já dissemos, o sentido de uma sentença é determinado totalmente por sua estrutura profunda.

Para resumir, podemos dizer que, no modelo de Chomsky (1965), a estrutura, não só dos verbos e nomes, mas de toda a sentença, é dada por meio dessas regras sintagmáticas que são geradas pelo componente categorial.

Em Chomsky (1970), um novo modelo da Arquitetura da Gramática é sugerido, a fim de dar conta das diferenças entre as nominalizações derivadas e nominalizações gerundivas. Esse último texto parte da discussão sobre a seleção de sintagmas por um núcleo. Como dar conta de (11), uma vez que *felt* pode selecionar um AP (*sad*), um PP (*above such things*) e uma oração (*inclined to agree to their request*), por exemplo?

- (11) *John felt angry (sad, weak, courageous, above such things, inclined to agree to their request, sorry for what he did, etc).*

Duas possibilidades são colocadas em evidência:

- **Expansão do componente categorial e simplificação do léxico**, permitindo estruturas do tipo: NP V Pred, além da especificação de *feel*, no léxico, como um item que pode aparecer em posição de pré-predicado de DSs.
- **Expansão do componente transformacional** e simplificação da Base, excluindo tal estrutura da base e tomando as DSs como NP V S. Assim, a estrutura *John felt [_s John be sad]* se converte em *John felt sad* por uma série de transformações.

A categoria das entradas lexicais se define pela especificação dos traços N e V presentes nas mesmas. As entradas, por sua vez, também possuem um quadro de subcategorização. Segundo Raposo (1992), uma entrada como *arrum-* possui o seguinte quadro de subcategorização fixo:

Esse quadro de subcategorização diz que *arrum-* será colocado em um nó sintático de categoria N, se ele for especificado como [+N, -V], e será colocado em um nó sintático de categoria V, se ele for especificado como [-N, +V]. Ainda em (12), destaca-se a seleção obrigatória pela entrada lexical de um NP e de um PP e NP opcionais. Tem-se já neste ponto da teoria que o argumento externo (o sujeito da sentença) não é selecionado pela entrada.

¹⁴ Adaptado de Raposo (1992, p.96).

argumentos estava novamente codificada, por exemplo, quando mostrava que um VP se reescrevia em um V mais um NP. Por causa dessa redundância, as regras de reescrita foram abandonadas e no seu lugar surge a teoria X- barra (cf. CHOMSKY, 1970 e STOWELL, 1981).

Podemos resumir o caminho percorrido para eliminar as regras de reescrita da seguinte maneira. Ao tratar as nominalizações gerundivas e derivadas, Chomsky (1970) observa que existem várias diferenças entre elas, como por exemplo, as nominalizações gerundivas herdam as propriedades de subcategorização dos verbos, enquanto isso, comumente, não é verdade para as nominalizações derivadas. Por exemplo, *amusement* não pode ter objeto direto em **Tom's amusement of the children with his stories*, mas *amusing* tem em *Tom's amusing the children with his stories*.

Contudo, as nominalizações gerundivas e derivadas também possuem similaridades. Podemos citar duas semelhanças existentes. Uma morfológica, pois nominalizações derivadas e gerundivas são formadas, geralmente, a partir de uma base que é formalmente relacionada a um verbo correspondente. Em *amusement* e *amusing*, percebemos a parte comum *amus-*, e entre *amusement* e *amuse*, percebemos o verbo inteiramente na nominalização derivada. Como, entretanto, apreender essa relação sem apelar para regras de transformação, que poderiam transformar o verbo *amuse* em *amusement*? A resposta dada foi que ambas as formas possuem a mesma entrada lexical, mas sem especificações definidas para a categoria gramatical, como já mostramos anteriormente. Isso permitiu criar um nome no léxico, e um verbo na sintaxe. Ainda, podemos ressaltar que a partir do verbo pode se formar uma nominalização gerundiva (cf. CHOMSKY, 1970).

Uma similaridade sintática também pode ser notada, pois em algumas nominalizações, tais como as em (13)b) e c), a expressão do possuidor *Tom's* corresponde ao sujeito da sentença correspondente em (13)a).

- (13) a) *Tom gave a book to Harriet*
b) *Tom's giving a book (to Harriet)*
c) *Tom's gift of a book (to Harriet)*

A resposta de Chomsky (1970) para a similaridade morfológica foi dizer que o léxico, ao ser contruído, seria capaz de estabelecer as relações relevantes que antes eram estabelecidas por regras de redundância lexical. Por sua vez, para o problema do sujeito das nominalizações e da sentença, Chomsky propôs uma revisão da teoria de *phrase structure* substituindo-as por um esquema de regras mais geral (duas apenas) dado estruturalmente, isto é, por meio de relações estruturais em um esquema arbóreo. A essa nova teoria de estrutura frasal deu-se o nome de Teoria X-barra.

Como já mencionamos anteriormente, ao falarmos sobre a possibilidade de criar um nominalização derivada no léxico e uma nominalização gerundiva na sintaxe, a proposta de Chomsky (1970) produziu uma divisão de trabalho entre o léxico e a sintaxe. Nessa proposta, padrões idiossincráticos (assim como os não produtivos) são relegados ao léxico. Por sua vez, a interação entre a formação de palavras com outras regras sintáticas está localizada no componente sintático. Os exemplos abaixo fornecem uma motivação para essa divisão de trabalho de acordo com a visão de Chomsky (1970). O exemplo em (14)a) contém um gerúndio, enquanto o exemplo em (14)b) contém um nominal derivado.

- (14) a) *John's destroying the book annoyed us.*
b) *John's destruction of the book annoyed us.*

Tanto *destroying* quanto *destruction* estão, de alguma forma, relacionados ao verbo *destroy*. Para Chomsky (1970), se analisarmos esses dois nominais como formados por um processo sintático teremos vários problemas, que são listados pelo autor. Destacaremos algumas propriedades problemáticas para um enfoque que analisa todos esses tipos de

formações deverbais como sendo formadas na sintaxe, em particular, no modelo em vigor em Chomsky (1970), ou seja, um modelo pautado em transformações sintáticas.

Em primeiro lugar, a produtividade dos nominais derivados é restrita. Por exemplo, o verbo *militate* em (15)a) pode ser transformado em um gerúndio nominal em (15) b), mas não em nominal derivado em (15)c):

- (15) a) *militate*
b) *militating*
c) **militation*

Outro ponto destacado é sobre a relação entre a proposição, criada a partir do verbo, e o nominal derivado. Tal relação é bastante variada e idiossincrática. Por sua vez, como Chomsky nota, as propriedades dos gerúndios estão transparentemente relacionadas com o elemento verbal subjacente. Nominais deverbais como *laughter, marriage, construction, action*, entre outros têm uma gama individual de significados e variada relação semântica com a base que as forma.

Há também evidências de que os nominais derivados possuem a estrutura interna de um sintagma nominal, enquanto gerúndios não a possuem. Por exemplo, o genitivo prenominal *John's*, em (14)a), acima não pode ser substituído por nenhum determinante, como vemos em (16)a), enquanto a presença de um determinante é possível com nominais - *(at)ion*, como em (16)b):

- (16) a) **That/the destroying the book annoyed us.*
b) *The destruction of the manuscript annoyed the author.*

Além disso, a forma gerundiva não pode ser modificada por um adjetivo, enquanto a modificação adjetival é possível com os nominais derivados:

- (17) a) *his prompt answer of the question.*
b) **his prompt answering the question.*

Por outro lado, os nominais gerundivos podem ser modificados por modificadores adverbiais, fato que será utilizado por diversos autores como, por exemplo, Siloni (1997), Hazout (1995), Borer (2003) para discutir a questão da presença, ou não, de um verbo subjacente nesses nominais, enquanto nominais derivados não licenciam a modificação adverbial:

- (18) a) *Pat disapproved of my quietly leaving the room before anyone noticed.*
b) **The carefully restoration of the painting took six months.*

Chomsky também notou que transformações que tipicamente se aplicam a sentenças (tais como o alçamento para objeto, alçamento do sujeito) são barradas em nominais derivados, mas são possíveis em nominais gerundivos. Um exemplo de alçamento de sujeito é dado abaixo:

- (19) a) *John appears to be sick.*
b) **John's appearance to be sick.*
c) *John's appearing to be sick.*

Por meio dos fatos citados acima, Chomsky conclui que uma análise transformacionista está correta para os nominais gerundivos e a hipótese lexicalista está correta para os nominais derivados, ou seja, há dois lugares para a formação das nominalizações.

Na próxima subseção, discutiremos como uma proposta não lexicalista, a MD, teoria que é utilizada como arcabouço teórico nesta tese, dá conta: (i) da formação das

nominalizações, por meio da proposta de Marantz (1997) e Alexiadou (2001) e (ii) da codificação da estrutura dos argumentos, seja de uma palavra ou de uma sentença.

2.2. *A Morfologia Distribuída*

Até agora, falamos de propostas que afirmam a existência de um léxico que contém algum tipo de informação sobre a estrutura argumental dos predicados e sobre o tipo semântico dos argumentos. Contudo, ao considerarmos uma teoria não-lexicalista, como a Morfologia Distribuída (MD), para discutirmos estrutura argumental e seleção, muitos problemas podem surgir. Se, para modelos lexicalistas, a estrutura argumental é dada no léxico por meio de um quadro de subcategorização, em uma teoria na qual o léxico não existe com propriedades gerativas e as palavras não estão previamente formadas, onde estariam as informações que antes eram trazidas pelas entradas lexicais? Há pesquisas que tentam encontrar uma resposta para essa questão, porém, como veremos, não há respostas conclusivas.

A MD postula a existência de três Listas (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; HALLE, 1997): Lista A, que contém as raízes abstratas¹⁵ e os morfemas abstratos; a Lista B, que contém o material fonológico para as raízes e morfemas, de forma que a união entre o feixe de traços e o som se dá por meio de regras, também chamadas de Itens de Vocabulário; a Lista C, também chamada de Enciclopédia, que contém os

¹⁵ Consideramos, neste trabalho, que nem as raízes, nem os morfemas abstratos possuem conteúdo fonológico, de forma que ambos estarão condicionados ao princípio de Inserção Tardia (cf. PFAU, 2009; SIDDIQI, 2009, MINUSSI, 2009; ROCHA, 2008).

significados especiais dados contextualmente para as raízes e o conhecimento de mundo do falante. Dessa forma, temos a seguinte arquitetura para faculdade da linguagem na MD¹⁶:

(20)

A MD não prevê a existência de um léxico gerativo, como já dissemos, e um de seus pressupostos é o de que tanto palavras quanto sentenças são formadas durante a derivação sintática, ou seja, estão sujeitas aos mesmos princípios e às mesmas operações como: *merge*, *move*, *copy* etc. Sendo assim, não há entradas lexicais formadas ao início da derivação. A sintaxe busca na Lista A os elementos primitivos para serem manipulados.

¹⁶ Figura retirada de Harley; Noyer (1999, p.3).

São três as propriedades que definem a MD:

- (21) **a) Inserção tardia** (*Late Insertion*): refere-se à hipótese de que expressões fonológicas de terminais sintáticos são fornecidas no mapeamento para a Forma Fonológica (PF). Em outras palavras, categorias sintáticas são puramente abstratas, não possuindo conteúdo fonológico. Apenas depois da sintaxe, elas recebem traços fonológicos, por meio de regras que unem “som” a traços de um nó terminal, chamadas de itens de vocabulário, que caracterizam um processo chamado *spell-out*.
- b) Subespecificação dos itens de vocabulário** (*Underspecification of vocabulary items*): as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas para as posições sintáticas onde elas podem ser inseridas. Apenas os morfemas (nós da estrutura sintática) são totalmente especificados em relação ao seu conteúdo.
- c) Estrutura sintática hierárquica em toda a derivação** (*Syntactic hierarchic structure “all the way down”*): implica que elementos que juntam sintaxe e morfologia entram nos mesmos tipos de estruturas de constituintes. A MD está baseada na proposta de que os elementos da sintaxe e da morfologia são entendidos como discretos em vez de resultados de processos morfo-fonológicos. Não há necessidade de derivações ou processos pré-sintáticos.

As raízes contidas na Lista A, um dos focos desta pesquisa, não são categorizadas e alguns autores, como Embick (2004) e Marantz (1997), atribuem a elas a capacidade de selecionarem argumentos internos. A categorização de uma raiz acontecerá posteriormente na derivação, de modo que, intuitivamente, uma mesma raiz pode se transformar em nome, em verbo ou em adjetivo. Faz-se necessário ressaltar que, nesta tese, não defendemos a visão de que as raízes possuem a propriedade de selecionar argumentos, mas defendemos, contra Marantz (1997), Embick (2004), Harley (2008), entre outros, que as categorias funcionais são as detentoras da informação, exclusivamente gramatical ou sintática, sobre o licenciamento de argumentos. As raízes possuem apenas informação conceitual, que será tratada mais adiante. Vejamos como esse núcleo funcional se une a uma raiz:

(22)

No esquema em (22), estamos considerando que F representa um núcleo funcional que categoriza uma raiz neutra que é anexada a ele. Tal núcleo pode ser: um *a* (adjetivo), um *v* (verbo), um *n* (nome), ou mesmo um D (determinante, para aqueles que defendem que um nome é formado pela categorização de um D e não de um *n* (cf. MARANTZ, 1997)), e deve c-comandar a raiz. Vemos, portanto, que é uma questão para pesquisas em geral saber, exatamente, quais são esses núcleos funcionais, ou quais são os tipos de núcleos que podem ocupar a posição de F.

Estamos propondo, no modelo de MD que apresentamos nesta tese, que a noção de predicado não seja considerada um primitivo, seja tal noção entendida como em Williams (1980), que trata da questão por meio de papéis temáticos, de modo que um predicado prevê um quadro de subcategorização de papéis temáticos a serem atribuídos, ou como em Rothstein (1983), que propõe tratar a relação sujeito-predicado por meios sintáticos apenas¹⁷, dissociando o componente sintático do componente semântico. Isso significa que, em nossa proposta, não há predicados prontos, como elementos primários, pois também não há um verbo pronto, ou um adjetivo, ou nomes prontos.

Os predicados são construídos na sintaxe e a relação de predicação é uma consequência da união de uma raiz, que possui determinadas propriedades conceituais, com um núcleo funcional, que possui informações gramaticais de quantos argumentos podem ser licenciados. Para resumir, é a categorização de uma raiz neutra que cria um predicado.

¹⁷ Para Rothstein (1983), os sujeitos semânticos são codificados em sujeitos sintáticos, isto é, argumentos sintáticos a que o XP é ligado para ser saturado. Desse modo, nem todo X ligado a objetos sintáticos está correlacionado com sujeitos na representação semântica, como pode ser comprovado observando-se a sentença *Choveu muito ontem*. Nessa sentença, como explica Foltran (2003), não há uma estrutura de sujeito e predicado na representação semântica. Na visão de Rothstein, contrária a de Williams (1980), o predicado, portanto, é uma expressão aberta que precisa ser saturada, de modo que uma projeção máxima (XP) pode ser um predicado.

Observemos outra questão que se apresenta a partir de uma teoria que prevê que as raízes selecionam os argumentos, como defendem Marantz (1997) e outros trabalhos já citados: se a mesma raiz pode se combinar com mais de uma categoria, ela mantém as mesmas informações seletivas nos diversos ambientes categoriais? A resposta para essa pergunta é que, se as raízes possuem a informação sobre a estrutura argumental, ou elas deverão manter tal estrutura nos diversos ambientes categoriais em que se encontram, contrariamente ao que os dados do hebraico nos mostram, ou elas devem possuir um quadro de subcategorização, no qual estejam codificadas as possibilidades de seleção que elas permitem, o que seria uma volta aos quadros de subcategorização lexicais dos modelos anteriores a Chomsky (1970).

Seguindo a linha de pensamento de acordo com a qual as raízes são capazes de selecionar argumentos, há uma questão colocada por Marantz (1997) que diz respeito à seleção da raiz e à seleção do núcleo categorizador. Nesse trabalho, Marantz ressalta a dificuldade para se definir se são os núcleos categorizadores que refletem os traços das próprias raízes, ou se são os traços dos nós funcionais que servem de contextos para a inserção das raízes. Isto é, são as raízes que selecionam os núcleos categorizadores, ou é nos núcleos categorizadores que se encontra a informação sobre qual raiz poderá ser selecionada? A resposta a essa pergunta não parece tão trivial e deve ser dada olhando-se para as propriedades semânticas das raízes e para as propriedades argumentais do núcleo categorizador, de modo que deve haver um *matching* entre esses dois tipos de propriedades para que uma raiz possa então se combinar com um núcleo funcional.

Nas próximas seções, veremos, resumidamente, em primeiro lugar, como alguns autores que trabalham dentro do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída conseguiram dar conta dos dois tipos de nominalizações descritas em Chomsky (1970) e, em segundo lugar, como eles veem a seleção de argumentos e a denotação dos eventos.

2.2.1. Marantz (1997): selecionando argumento tema

Começemos por Marantz (1997), que tenta dar conta dos dados das nominalizações gerundivas e derivadas, na computação sintática, sem recorrer a dois domínios de formação, como faz Chomsky (1970). Nesse pequeno resumo de sua proposta, daremos enfoque à questão de como as diferenças entre os dois tipos de nominalizações são analisadas, além de chamar atenção para o fato de como o autor concebe a seleção de argumentos.

Esse autor faz uma releitura do clássico texto de Chomsky (1970), dizendo que alguns estudiosos (cf. SPENCER, 1991) leram “*Remarks*” de modo equivocado. Para Marantz, o crucial para entender o artigo de Chomsky é que, em vez de adicionar operações no léxico, como fizeram os lexicalistas, deve-se, antes, entender a questão sobre as regras de base, isto é, as regras que permitem que Ns tomem complementos. A falta de uma equivalência semântica entre as nominalizações e suas sentenças ‘correspondentes’ é crucial, também, para entender que nominalizações como *destruction* e *growth* (opostas a nominalizações com *-ing*) nunca são verbos em nenhum estágio da derivação e raízes como $\sqrt{\text{DESTROY}}$ e $\sqrt{\text{GROW}}$ possuem uma categoria neutra entre N e V, de modo que, quando tais raízes são colocadas em um ambiente nominal, o resultado é uma “nominalização”, mas quando essas mesmas raízes são colocadas em um ambiente verbal, elas tornam-se verbos.

Utilizando-se das propostas de Levin; Rappoport Hovav (1995), o autor classifica as raízes em três tipos de classes: (i) Mudança de estado externamente causada, implicando a existência de uma causa externa, ou um agente, para raízes como $\sqrt{\text{DESTROY}}$; (ii) Mudança de estado internamente causada, para raízes como $\sqrt{\text{GROW}}$; e (iii) Resultado (da mudança de estado), para raízes como $\sqrt{\text{BREAK}}$. Vemos, portanto, que, nessa classificação de Marantz, as raízes possuem certa informação até sobre “licenciar” ou “aceitar” algum tipo de agente.

Além disso, sua análise procura explicar as projeções dos argumentos agentes por meio de núcleos funcionais que categorizam verbos. Dessa forma, ele argumenta em favor da existência de dois núcleos funcionais do tipo *v*: *v*-1 que projeta um agente e *v*-2 que não projeta um agente, além de um núcleo nominalizador *D*. Assim, ele consegue dar conta da impossibilidade de *growth* ser causativo, por meio de uma explicação baseada na estrutura sintática, em vez de uma explicação baseada na derivação lexical. Vejamos a estrutura proposta para *growth of tomatoes*:

Por sua vez, na estrutura para *tomatoes are growing*, a raiz $\sqrt{\text{GROW}}$ é verbalizada por um *v*-2, que não projeta um agente, sendo, portanto, compatível com uma raiz de causa interna, diferentemente de $\sqrt{\text{DESTROY}}$, que é de causa externa e é, portanto, compatível com a presença de um agente.

Assim, nessa proposta, a informação argumental é colocada tanto em núcleos que possibilitam a projeção de argumentos externos, quanto em raízes que selecionam seu argumento interno por meio de uma informação semântica tal como um papel temático (tema, agente) a ser atribuído. Dessa forma, parece haver uma replicação do mesmo tipo de

informação nos núcleos funcionais e nas raízes, pois no núcleo funcional está a informação para projetar um lugar para o argumento agente e na raiz abstrata está a informação sobre a necessidade de haver um argumento, um agente, se ela é externamente causada, além de que a raiz também possui a informação sobre a atribuição de um papel temático para o argumento interno. Isso lembra um quadro de subcategorização, em um modelo lexicalista, no qual a entrada lexical já dizia quais eram os papéis temáticos a serem atribuídos.

2.2.2. *Alexiadou (2001): uma estrutura refinada para os nominais de processo*

Alexiadou (2001), estando em concordância com o espírito dos desenvolvimentos da MD, sugere que os tipos de evento/processo estejam associados com camadas funcionais e não com a categoria lexical especificamente. Assim, a explicação estrutural para as diferenças entre nominais de resultado e de processo são dadas de acordo com o encaixamento de raízes lexicais sob um grupo de diferentes projeções verbais e nominais em cada caso.

A tarefa citada pela autora em seu trabalho é: (a) determinar o número e o tipo das projeções verbais e nominais encontradas dentro dos nominais de processo e (b) determinar a função das projeções em explicar as diferenças entre os dois tipos de nominais. Como consequência da proposta, a variação no número e no tipo das projeções incluídas na estrutura do nominal é responsável pelos vários tipos de nominais encontrados dentro de uma língua e através das línguas.

Entre os critérios que são propostos para determinar a organização da estrutura funcional, dois traços são proeminentes: (i) a distribuição adverbial e (ii) reflexos

morfológicos. Esses critérios são definidos para fornecer evidência para a presença de *VoiceP* e *AspectP* dentro de certos nominais.

Essas duas camadas da estrutura vêm com propriedades, que são aquelas assumidas em grande parte da literatura recente. Em particular, *Aspecto* contém traços relacionados com propriedades semânticas do evento denotado, por exemplo, perfectividade para um evento completado, imperfectividade para um evento em andamento. *Voice* é o lugar de agentividade, isto é, de traços relevantes para o licenciamento e interpretação do argumento externo. Essa projeção também é o lugar de traços de Caso para o objeto, e ela contém traços relacionados a eventividade de dois tipos: um que introduz um argumento externo e um que não o faz, como em Marantz (1997). Ambos os tipos de *Voice* são eventivos. Alexiadou (2001), de fato, não distingue entre *vP* e *VoiceP*. Aspectos dessa análise têm sido revisitados pela própria autora em trabalhos mais recentes, como Alexiadou (2009). Os principais pontos reformulados nesse trabalho são, primeiramente, *VoiceP*, diferentemente de *vP*, não é eventivo. Em segundo lugar, afixos nominais são inseridos em *n*^o. Quando eles se anexam externamente aos afixos verbalizadores, inseridos sob *v*^o, o resultado é um significado composicional previsto a partir do significado do verbo. Quando eles se anexam diretamente à raiz, esse não é o caso. Em terceiro lugar, a presença de estrutura argumental deve estar associada a partir de uma morfologia verbalizadora, isto é, a estrutura argumental está relacionada a camadas tais como *VoiceP* e sintagmas preposicionais (resultativos, por exemplo).

Em (25), temos a estrutura proposta por Alexiadou (2001), que pode ser tomada para os nominais deverbais através das línguas. Ressaltamos que a autora usa LP (*Lexical Phrase*) para representar a raiz, que pode conter um argumento interno e não há uma posição de mudança de categoria:

A estrutura em (25) não se aplica a todos os tipos de nominalização, já que para os nominais de resultado não há uma camada funcional tal como VoiceP e *Aspect*, e LP é diretamente inserida sob *NumP*, como em (26):

Vejamos como foi realizado o diagnóstico para sustentar a estrutura proposta. Em línguas que parecem permitir uma modificação adverbial da nominalização, apenas certas classes de advérbios podem estar presentes dentro de nominais de evento complexo. Esse ponto é ilustrado por dados do grego. Nessa língua, nominalizações aceitam advérbios aspectuais (denotando frequência, intervalo (exemplo em (27)b) e modo (exemplo em (27)a)), mas não podem ser modificadas por advérbios modalizadores e orientados para o sujeito (exemplo em (27)c):

- (27) a) *i katasfrofi ton eghrafon toso prosektika*
a destruição os documentos-GEN que¹⁸ cuidadosamente
‘A destruição dos documentos cuidadosamente’
- b) *i katastrofi ton eghrafon kathimerina*
a destruição os documentos-GEN diariamente
‘A destruição dos documentos diariamente’
- c) **i katastrofi ton stixion pithanos/ilikrina*
a destruição a evidência-GEN possivelmente/francamente

A admissibilidade de certos advérbios em nominais de evento complexo não se deve a algum tipo de compatibilidade semântica, pois os adjetivos correspondentes aos advérbios são gramaticais. Parece, então, haver uma compatibilidade gramatical, como vemos no dado abaixo:

- (28) *i pithani katastrofi ton stixion*
a possível destruição a evidência-GEN
‘a possível destruição da evidência’

Para a autora, o fato de permitir adjetivos, mas não advérbios, não tem ligação com a interpretação de evento associada com nominais de evento complexo, uma vez que os nominais de evento, de modo geral, podem ser modificados tanto por adjetivos quanto por advérbios. Assim, a interpretação de tais nominais como denotando evento não é suficiente para explicar as restrições sobre o tipo de advérbio que pode ser usado como modificador. Vejamos que, nesse ponto, Alexiadou (2001) parece sugerir que, na verdade, deve haver uma informação gramatical codificada em algum lugar no nominal que restrinja a presença de um advérbio, mas não restrinja a presença de um adjetivo. Isso está em consonância com a nossa proposta que será explicitada adiante, uma vez que defendemos que tal informação deve-se à própria estrutura do nominal, que nem sempre contém um verbo na sua formação, mas mesmo assim possui uma leitura eventiva.

¹⁸ A glosa de Alexiadou (2001, p. 48) mostra que aqui há um *that*.

A autora cita trabalhos com foco na sintaxe dos advérbios, os quais propõem que sintagmas adverbiais estão relacionados a projeções funcionais. Nessa visão, a presença de tais advérbios assinala a presença de certa projeção verbal mais “baixa” na estrutura dos nominais de evento complexo, como já mencionamos ocorrer em nossa proposta. A ausência de advérbios orientados para o falante ou advérbios modalizadores, por sua vez, assinala a ausência de projeções mais “altas” na estrutura.

Continuando a justificativa para a estrutura postulada por Alexiadou (2001), temos que, no inglês, um argumento claro para a presença de *Voice* e Aspecto pode ser percebido nas nominalizações em *-ing*. Primeiro, observou-se que essas nominalizações diferem, em suas propriedades aspectuais, das nominalizações em *-(at)ion*. Nessa análise, as nominalizações em *-ing* denotam um evento atélico. O fato de gerúndios serem similares a participípios, semântica e morfologicamente, levou a uma análise de *-ing* como um marcador de aspecto progressivo dentro da formação deverbal. Em segundo lugar, gerúndios permitem certos tipos de modificadores adverbiais, mas eles são incompatíveis com advérbios modalizadores e orientados para o falante (cf. ABNEY, 1987).

Em terceiro lugar, gerúndios atribuem caso acusativo e não permitem modificação adjetival, nem determinantes. Alexiadou toma esse último ponto como evidência para a ausência de uma camada nominal nos gerúndios. A estrutura em (29) oferece a representação estrutural dos gerúndios em *-ing*. Nessa estrutura, Aspecto é especificado para imperfectivo e *Voice* (que corresponde a *v* ou EventP) é transitivo (cf. ALEXIADOU *et al*, 2007, p.531).

Com base na observação dos nominais derivados do inglês, do tipo *(at)ion*, que não atribuem Caso acusativo e que são compatíveis com modificação adjetival e com determinantes, é atribuída a esses nominais uma estrutura que contém *Number* e, presumidamente, não contém aspecto, mas contém um *Voice* especificado para não-transitivo (cf. ALEXIADOU *et al.*, 2007, p. 532):

Scher (2004, 2006) faz uso da proposta de Alexiadou (2001) para distinguir dois tipos de nominalizações em *-ada* no português brasileiro (PB). A autora se baseia em Alexiadou (2001) para dizer que a diferença entre as leituras possíveis para as nominalizações em *-ada*

do PB não decorre de sua propriedade de determinar ou não uma estrutura argumental, como sugere Grimshaw (1990). Vejamos alguns dados tratados em Scher (2006).

- (31) a) O João deu uma lida no artigo.
b) O João deu uma martelada no prego.
c) O João deu uma remada até a margem.

- (32) a) O João deu uma martelada no ladrão.
b) O João deu uma remada no ladrão.

Scher (2006) propõe que as nominalizações em *-ada*, em (31), se representem por uma estrutura sintática que apresenta uma projeção verbal e uma projeção aspectual. Tal projeção aspectual, contudo, não está presente na representação das nominalizações em *-ada*, em (32). A interpretação de eventualidade é garantida pela projeção verbal nos dois tipos de nominalização, enquanto a projeção aspectual é justificada nos casos em (31), por causa da interpretação aspectual especial que tais nominalizações trazem para as contruções com verbo leve em que elas ocorrem, como a autora demonstra.

Uma vez tendo resumido a proposta de Alexiadou (2001), e também visto como ela é colocada em prática por Scher (2004, 2006), faz-se importante ressaltar em que pontos essa análise, que também propõe a utilização de categorias funcionais para separar os tipos de nominalização, diferencia-se do modelo de análise proposto nesta tese.

Em primeiro lugar, a diferença crucial entre a proposta de Alexiadou (2001) e a defendida neste trabalho é que as raízes não selecionam argumentos temas, como previsto pela autora. Alexiadou (2001) chama a atenção para esse fato, dizendo que talvez seja possível que as raízes não selecionem um tema, mas que esta é uma questão em aberto. Também Marantz (2001) cita essa possibilidade. Contudo, nenhum dos dois se aprofunda nessa investigação.

Em segundo lugar, nossa proposta não separa os núcleos categorizadores das projeções funcionais, mas, assim como em Marantz (1997), os núcleos categorizadores tem uma finalidade dupla: (i) atribuir categoria às raízes abstratas e (ii) portar a informação sobre a seleção de argumentos, assim como a informação sobre causatividade, incoatividade, reflexibilidade, etc. Alexiadou (2001), como vimos, separa os núcleos categorizadores das projeções que contêm a informação sobre aspecto e voz. Em sua proposta, a estrutura de uma nominalização não necessita mudar de categoria, por exemplo, de verbo para nome.

A terceira diferença esbarra no uso de categorizadores como núcleos funcionais portadores de informação gramatical. Apenas uma morfologia verbalizadora é capaz de selecionar argumentos para Alexiadou (2001). Nomes eventivos que tomam argumentos, por exemplo, devem possuir algo verbal necessariamente. Em nossa proposta, nem sempre a morfologia verbal, como ressaltamos, é necessária para a formação de um nominal eventivo que toma argumentos. A própria morfologia nominal pode conter a informação sobre o licenciamento de argumentos. Lembremos que, na proposta de Alexiadou (2001), essa explicitação de propriedades categoriais não é importante e as distinções entre verbos, nomes não-eventivos e nomes eventivos se dão por meio das especificações de traços nas projeções funcionais, que podem ser as mesmas, tanto em verbos, quanto em nomes eventivos.

Na próxima seção, refletiremos sobre a proposta de Embick (2004), que assim como os demais autores também coloca nas raízes algum tipo de informação para seleção de argumentos.

2.2.3. *Embick (2004): o argumento das resultativas*

Embick (2004), em seu trabalho sobre os participios resultativos no inglês, prevê a existência de três tipos de participios: um tipo de participio passivo eventivo e dois tipos de participios estativos. Um dos fatores levados em consideração para sua análise é que a formação das resultativas requer um contexto particular para muitas raízes. Outro fato é que nem todas as raízes formam verbos estativos puros. Para esse autor, não parece possível formar estativos de raízes como $\sqrt{\text{DESTROY}}$, $\sqrt{\text{KICK}}$, de modo que, para ele, as raízes possuem algumas propriedades semânticas, que também levam em conta o número de argumentos e papéis temáticos a serem atribuídos.

Seguindo algumas análises baseadas nas nominalizações (cf. MARANTZ, 1997; ABNEY, 1987 e outros), que postulam que as propriedades de derivações mistas são explicadas por meio da anexação de diferentes projeções funcionais na estrutura, podemos perceber pela estrutura de uma passiva eventiva, defendida por Embick (2004), que o autor postula que uma raiz como $\sqrt{\text{HAMMER}}$ pode selecionar um complemento, ou seja, pode possuir informações sobre a seleção de argumentos.

(33) Passiva Eventiva

Assim como em Marantz (1997), Embick está criando uma raiz com um quadro de subcategorização, uma vez que uma raiz ($\sqrt{\text{HAMMER}}$) seleciona o seu argumento interno.

2.2.4. Harley (2008): a seleção em compostos

Harley, em seus artigos, defende uma gama variada de núcleos funcionais verbalizadores com diversos sabores na Lista A (a lista de traços morfossintáticos abstratos): DO, CAUSE, BE, BECOME. Além disso, a autora também defende que as raízes possuam algum tipo de seleção de argumentos, isto é, do argumento interno.

Em um artigo sobre a formação dos compostos, dentro do arcabouço da MD, Harley (2008) argumenta que tais elementos são estruturas de incorporação, onde nomes não-núcleos se incorporam a raízes acategoriais dos nomes núcleos, antes de tais raízes se incorporarem a seus núcleos definidores de categoria.

Dado um nominal que toma argumentos tal como *student (of chemistry)*, o argumento do nominal deve estar incluso na interpretação de *one* anafórico, enquanto adjuntos superficialmente similares podem ser excluídos, como podemos ver em (34):

- (34) a) ?**That student of chemistry and this one of physics sit together.*
b) *That student with short hair and this one with long hair sit together.*

Para a autora é razoável afirmar que o argumento PP *of chemistry* não é um argumento de *student*, mas sim um argumento da raiz $\sqrt{\text{STUD}}$, considerando que ele também é um argumento do verbo, como vemos em (35):

- (35) *She studies chemistry, and he studies physics.*

A ideia de que a raiz seleciona seus argumentos é algo que faz sentido intuitivamente, segundo a autora, pois são as raízes que contêm a informação semântica enciclopédica que

diferenciaria um tipo de evento, o qual implicaria na presença de um argumento interno de um tipo ou de outro¹⁹.

Assim, se é a raiz que seleciona o argumento interno, ela deve se concatenar com seu argumento antes de se concatenar com o feixe de traços que determinará sua categoria, para a explicação do fenômeno *one replacement*. Vejamos a estrutura de *student of chemistry* de (34)a em (36):

Na estrutura em (36), a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ se concatena primeiro com seu DP argumento *chemistry*. Depois, a projeção $\sqrt{\text{P}}$ se concatena com n° , que será realizado como *–ent*. O núcleo da raiz se incorpora a n° . A autora ainda assume que o *of* nucleia um “morfema dissociado” inserido dentro da estrutura como uma operação *Last Resort*, para realizar o Caso inerente do DP argumento.

Por sua vez, a estrutura com o modificador *with long hair* em *student with long hair* da sentença em (34)b) é dada em (37):

¹⁹ Nesse ponto, a autora parece estar de acordo com as ideias apontadas em Marantz (1997), onde o autor mostra que uma raiz como $\sqrt{\text{DESTROY}}$ irá denotar um evento externamente causado e irá selecionar pelo menos um argumento.

Tal modificador não modifica a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$, em vez disso ele modifica o nP *student*. Dessa forma, a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ se concatena primeiro com o n° e, então, move-se para se incorporar a ele.

Neste ponto, surge uma questão que pode ser crucial para a proposta de Harley (2008): como explicar que a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ pode selecionar, ou não, seu argumento? Trata-se de raízes com conteúdos semânticos diferentes? Como vimos, é crucial para a proposta de Harley (2008) que a raiz selecione seu argumento para que, depois, ela possa se concatenar com o morfema abstrato que lhe dará uma categoria. No entanto, vimos, em (37), que a mesma raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ pode não selecionar seu argumento, de modo que nos perguntamos se estamos lidando com raízes diferentes, ou se a raiz possui um quadro de subcategorização que indique todas as possibilidades de seleção de argumentos.

Vemos, portanto, em Harley (2008), o quanto é problemático e incoerente, para com uma teoria que não assume um Léxico, assumir que haja algum tipo de informação sobre seleção argumental nas raízes abstratas.

2.3. Concluindo os pressupostos.

Para resumir esse capítulo, façamos um breve resumo dos pontos mais importantes para as discussões posteriores. Nesse capítulo, foi apresentado o modelo teórico que será a base para as discussões posteriores e também se apresentaram alguns autores (MARANTZ, 1997; ALEXIADOU, 2001; EMBICK, 2004; HARLEY, 2008), os quais, sem necessariamente falar diretamente de seleção argumental, são categóricos ao postular uma seleção de argumentos pelas raízes em suas análises. Tal fato torna-se interessante para uma teoria não-lexicalista, uma vez que nos faz pensar que estamos mudando apenas os nomes de alguns elementos, em relação a uma teoria lexicalista, e mantendo a mesma informação contida no léxico de uma teoria lexicalista.

Vejamos que, em vez de termos entradas lexicais, com quadros de subcategorização, em um léxico, temos raízes abstratas, na versão não-lexicalista, mas também com um quadro de subcategorização, em uma Lista não gerativa. Assim, podemos nos perguntar se, de fato, nos livramos das estruturas argumentais codificadas nos elementos lexicais em um modelo como o que é proposto pelos autores citados, o qual mantém essa informação nas raízes.

Esta tese pretende romper com essa tradição lexical, pelo menos no que diz respeito às informações codificadas nas entradas lexicais de algumas categorias. Propomos, dessa forma, contrariando os autores citados, que a estrutura argumental não é uma informação de entradas lexicais, nem mesmo de raízes. A informação sobre a estrutura argumental está ligada às categorias e as categorias são feixes de traços abstratos de natureza funcional, partes de um inventário aprendido durante a aquisição de uma língua natural e, portanto, parte do sistema que varia de língua para língua. Dessa forma, a variação no inventário de núcleos funcionais deve ser a responsável pelas diferenças, no que diz respeito às possibilidades de estruturação de argumentos e de eventos, que podemos encontrar através das línguas.

No próximo capítulo, vamos olhar mais de perto para o conteúdo das raízes abstratas, começando por elucidar as propriedades do que estamos considerando como uma raiz na língua hebraica.

3. AS RAÍZES DO HEBRAICO

Nossa principal preocupação, neste capítulo, é reunir subsídios para que possamos responder às seguintes questões: o que são as raízes do hebraico e como elas participam da formação das palavras dessa língua? Há também o intuito de mostrar que a discussão sobre a natureza das raízes não é apenas teórica, mas, no desenvolvimento da pesquisa linguística, incitou e promoveu a realização de diversos experimentos sobre o processamento das mesmas e sobre como os falantes as representam em suas mentes. Autores como Prunet; Béland; Idrissi (2000) pergutaram-se se, de fato, os falantes do hebraico reconhecem as raízes nas palavras e, por meio de testes aplicados em falantes afásicos, deram uma possível resposta à questão da representação mental das palavras do hebraico. Da mesma forma, Berent; Shimron (2003) confrontaram-se com a questão sobre a natureza das raízes e, também, por meio de testes, discutiram a possibilidade de as raízes possuírem uma estrutura própria, sobre a qual se operam restrições particulares.

Acreditamos que um maior detalhamento do funcionamento da língua hebraica, no que diz respeito às raízes (e também em relação aos padrões vocálicos), proporcionará ao leitor uma apreciação mais apurada da análise sobre o licenciamento de argumentos por núcleos funcionais, defendida nesta tese. É o que faremos neste e no próximo capítulo.

3.1. *O que as raízes são e o que elas contêm?*

Antes de nos voltarmos diretamente para o que estamos assumindo como raiz na língua hebraica (cf. ARAD, 2005), algo que já foi mencionado na introdução, faz-se necessário dizer que esse termo “raiz” possui um tratamento diverso nos principais manuais de morfologia.

Em Katamba (1993), por exemplo, vamos encontrar definições diferentes para *root* ‘raiz’, *stem* ‘radical’ e *base* ‘base’, além de uma definição sobre o que é um afixo.

Raiz, para esse autor, é “o cerne irreduzível de uma palavra, com absolutamente mais nada anexado a ele²⁰”. Ela é a parte que sempre está presente, possivelmente com alguma modificação, em várias manifestações de um lexema. Por exemplo, *walk* é uma raiz que aparece em um conjunto de formas de palavras que são instâncias do lexema WALK, tais como *walk*, *walking* e *walked*.

Em poucas palavras, para esse autor, a raiz é a própria palavra, de modo que, por serem capazes de existir independentemente, são chamadas pelo autor de morfemas livres. São os casos de:

- (38) *man, book, tea, sweet, cook, bet, very, aardvark, pain, walk,*
chá, pé, mãe, arroz, flor etc.

Já um *radical* é definido como: “aquela parte de uma palavra que existe antes que qualquer afixo flexional (...) tenha sido adicionado²¹”(por exemplo, aqueles afixos, cuja presença é requerida pela sintaxe, tais como marcadores de número em nomes e tempo em verbos etc.).

²⁰ “A root is the irreducible core of a word, with absolutely nothing else attached to it” Katamba (1993, p. 41).

²¹ “The stem is that part of a Word that is in existence before any *inflectional* affixes (...) have been added” Katamba (1993, p. 45).

Por sua vez, é chamada base “qualquer unidade sobre a qual afixos de qualquer tipo podem ser adicionados²²”. Tomemos por exemplo uma raiz não adornada como *boy*. Tal raiz pode ser uma base, pois a ela pode ser anexado um afixo flexional, como uma marca de plural *-s*, para formar *boys*, ou um afixo derivacional, como *-ish*, para transformar o nome em um adjetivo *boyish*. Em outras palavras, todas as raízes são bases. Katamba (1993) ainda ressalta que bases podem ser chamadas de radicais apenas em contextos de morfologia flexional.

Spencer (1991) não se preocupa demasiadamente em dar definições para o que seja uma raiz, uma base ou um radical, preferindo apenas exemplificar cada um desses elementos. Desse modo, a partir de uma palavra como *disagreements* podemos dissecar, segundo o autor, um morfema básico *agree*, chamado de raiz, e outros conjuntos de morfemas, como *-ment*, *-s* e *dis-*, chamados de *afixos*. O radical, nesse caso, é *disagreement*. Vejamos que, sem tocar na noção de radical, Spencer parece considerar também como um radical a parte da palavra que existe antes de ser adicionado um afixo flexional a ela.

Em uma nota, Spencer percebe a necessidade de trazer uma elaboração mais exata para a definição do que é uma raiz: “Tentarei usar o termo raiz para me referir a um morfema simples que carrega o ‘cerne’ do significado de uma palavra”²³. O termo radical será reservado para aquela parte de uma palavra, à qual afixos flexionais são adicionados, e base, para a parte à qual qualquer outro morfema é adicionado (flexional, derivacional ou composto).

Vemos, assim, que as definições de ambos os autores coincidem. Contudo, se tomarmos os dados do hebraico, outros aspectos deverão ser acrescentados, para a definição

²² “A base is any unit whatsoever to which affixes of any kind can be added” Katamba (1993, p. 45).

²³ “I shall try to use the term *root* to refer a single morpheme which bears the ‘core’ meaning of a word” Spencer (1991, p.461).

de raiz: (i) as raízes do hebraico são sempre consonantais, podendo ser compostas por duas, três ou quatro consoantes e (ii) são desprovidas de fonologia²⁴.

Arad (2005) ressaltará esses dois aspectos das raízes do hebraico em seu estudo e, com base nesse trabalho, consideramos que as palavras do hebraico são sintaticamente derivadas a partir de raízes consonantais. A autora faz um estudo profundo sobre como os verbos podem ser derivados de raízes, contrariando Bat-El (2001), que defende que verbos e nomes são lexicalmente primitivos, e afirma que traços nominais e verbais são combinados com as raízes para formar nomes e verbos.

Como já fizemos na introdução, tomemos uma raiz consonantal como $\sqrt{\text{šmn}}$, que compartilha um cerne semântico que está relacionado com a substância gordura, em (39):

(39) RAIZ $\sqrt{\text{šmn}}$

PADRÃO	PALAVRA	GLOSA
CaCeC(adj)	šamen	gordo
CeCeC(n)	šemen	óleo
CaCeCet(n)	šamenet	creme
CuCaC(n)	šuman	gordura
CaCaC(v)	šaman	crescer gordura
CiCeC(v)	šimen	lubrificar/engraxar
hiCCiC(v)	hišmin	engordar

A visão de que as palavras são derivadas a partir de uma raiz, em hebraico, não é incontroversa. Se nós considerarmos a visão que defende que um verbo, por exemplo, não é formado a partir de uma raiz consonantal, ou seja, não há essa decomposição entre raiz e padrão na sua formação (cf. ARONOFF, 1994), então, as relações semânticas entre as palavras contendo o mesmo material fonológico permanecerá um “acidente”, puro acaso. Enquanto é verdade que os nomes, em (39), possuem um núcleo semântico, eles diferem

²⁴ Nesse ponto, não estamos nos referindo a nenhuma teoria em especial. Estamos apenas descrevendo que as raízes do hebraico, sem as vogais, não possuem uma fonologia pronta. Elas são como diacríticos, podendo ser pronunciadas apenas com as vogais.

consideravelmente em seu significado e não podem ser derivados um do outro. *Šemen* ‘óleo’, *šamenet* ‘creme’ e *šuman* ‘gordura’ compartilham esse núcleo semântico mais geral (a noção de substância gordurosa), mas não são redutíveis a uma relação de derivação, no sentido de que uma dessas palavras serviu de base para outra. Assim sendo, se essas palavras não carregam nenhuma relação derivacional umas com as outras, então por que elas frequentemente têm algum aspecto do significado em comum?

A partir dessa pergunta, Arad (2003) argumenta em favor da ideia de que as raízes são cerne lexical e fonologicamente subspecificados. É por causa dessa subspecificação lexical que a interpretação de cada raiz é atribuída em um determinado ambiente vocálico, isto é, em um determinado padrão. As raízes isoladas possuem uma semântica de certo modo arbitrária, ou não previsível.

Sobre a questão do conteúdo semântico das raízes do hebraico, Minussi (2008) discute a possibilidade de se definir esse conteúdo como um *conceito*, que perpassa todas as palavras derivadas a partir de uma mesma raiz, com base na teoria hjelmsleviana.

O autor sugere que esse cerne conceitual presente nas raízes hebraicas deve ser formado por traços semânticos do plano do conteúdo. Hjelmslev (1973) propõe, a partir de Saussure, que o signo linguístico seja composto de um Plano da Expressão e de um Plano do Conteúdo. Cada um desses planos, por sua vez, é composto de dois níveis: um nível da forma e um nível da substância. A forma corresponde ao que Saussure chama de *valor*, ou seja, é o conjunto das diferenças. A forma da expressão são diferenças fônicas e suas regras combinatórias; a forma do conteúdo são diferenças semânticas e suas regras combinatórias. Cada uma das formas gera uma substância. A substância da expressão são os sons, a substância do conteúdo são os conceitos (cf. FIORIN, 2002).

Minussi (2008) também traz a definição de *conceito* encontrada no dicionário de semiótica na tentativa de tornar mais clara a sua concepção dessa ideia. Greimas; Courtés (s.d) assim definem, no primeiro tópico, o verbete *conceito*:

Como termo da filosofia que é, conceito comporta numerosas e variadas definições, todas porém referindo-se mais ou menos a grandezas do significado (=idéias), suscetíveis de organizarem os dados da experiência.

Essa definição de conceito encaixa-se totalmente na proposta do autor de pensar o conceito como ideia, que se organizaria por meio de traços, ou regras, que são organizados, por sua vez, pela experiência, que cada língua representará de forma particular. E ainda podemos acrescentar que essa organização pode ser tomada também em relação às várias interpretações que uma raiz pode ter, de acordo com o ambiente em que ela se encontrar, de acordo com Arad (2005).

Em seções posteriores, vamos discutir alguns trabalhos que, considerando essa teoria sobre a existência das raízes do hebraico, tentam comprovar sua existência por meio de testes aplicados aos falantes dessa língua.

3.2. *As raízes e a decomposição da estrutura de eventos*

Embora uma discussão direta sobre a estrutura de eventos das nominalizações não faça parte dos objetivos desta tese, pois nossa visão trabalha mais diretamente com aspectos sintáticos e morfológicos das nominalizações, faremos, brevemente, uma reflexão sobre os trabalhos de Levinson (2007) e Harley (2005).

Tal reflexão se faz necessária, uma vez que estamos discutindo algumas visões do que são as raízes abstratas e do que elas contêm. Assim sendo, essas autoras consideram que as raízes possuam um papel importante na estruturação dos eventos e, a partir disso, criaram uma tipologia das raízes.

Entre os objetivos de Levinson (2007) estão: (i) fornecer uma nova evidência para a realização sintática independente das raízes; (ii) fornecer análises sintática e semântica explícitas para o envolvimento de tais raízes na decomposição dos verbos de criação implícitos; (iii) propor métodos gerais de isolamento do tipo de raiz e, além disso, desenvolver uma antologia para as raízes que dependa de assimetrias encontradas entre os tipos de raiz.

Sua discussão se baseia na ideia de o verbo *braid* em (40)a) e o nome *braid* em (40)b) compartilharem um bloco de construção (*building block*) em algum nível de representação, de modo que, na hipótese de esses blocos de fato existirem, podemos nos perguntar quais são as propriedades desses blocos:

- (40) a) *She **braided** her hair.*
b) *She has a **braid** in her hair.*

Na literatura em geral, acredita-se que, nesse par, haja um conteúdo semântico relacionado, de tal modo que o significado do verbo deve conter o significado do nome. Segundo a autora, deve haver uma semântica que é compartilhada pelas duas palavras. Devido a essa afirmação, verbos como *braid* são descritos como denominais. Isso porque essas palavras podem se referir a entidades pertencentes à categoria sintática de nomes e porque a relação entre as duas palavras é derivacional, de maneira que o verbo é derivado do nome.

Contudo, como mostra a autora, essa relação existente entre o significado dessas duas palavras, que por vezes é intuitiva, não necessita de ser gramaticalmente codificada na forma

de uma identidade lexical. A questão é, então, se os verbos são relacionados aos nomes de uma maneira que é relevante para a sintaxe e semântica.

Ramchand (2008)²⁵, ao analisar casos semelhantes, como *She **shelved** the books* e *The books are on the **shelf***, argumenta que a relação entre os itens está no léxico, ou seja, há uma identidade entre os itens que é lexical. Esses itens compartilham um valor significativo de informação enciclopédica, tais como a relação presente em *cat* e *dog*. *Cat* e *dog*, por exemplo, compartilham o fato de serem mamíferos, quadrúpedes, poderem ser animais de estimação etc. Entretanto, Levinson (2007) argumenta contra essa ideia de compartilhamento de informação enciclopédica entre itens, de modo que não há compartilhamento de um bloco construído entre essas diferentes formas.

Levinson, por sua vez, elenca outras possibilidades lógicas. Entre elas está a de que *braid_V* e *braid_N* sejam ambos derivados a partir de elementos idênticos, de modo que nenhum é listado no léxico, mas derivados a partir de um mesmo elemento lexical. Se, de acordo com Marantz (1997), é possível derivar nomes e verbos no componente computacional, *braid_V* e *braid_N* podem ser derivados de um elemento, a raiz, que não contém especificações de categoria.

Dada a afirmação de que a raiz é o elemento que relaciona itens como *braid_V* e *braid_N*, Levinson propõe que as raízes são elementos que se combinam com predicados que contribuem para o aspecto dos verbos. Por sua vez, ela explica, com base em Harley (2005), que as raízes podem ser coisas, estados ou eventos.

Harley (2005), em um trabalho sobre os verbos denominais, tenta delinear previsões mais concretas a partir dos tipos semânticos das raízes. Ela argumenta que, pelo menos, alguns verbos denominais são semanticamente derivados a partir de raízes que denotam

²⁵ Levinson cita Ramchand como um manuscrito datado de 2006. Optamos, contudo, por citar a versão do texto publicada.

‘coisas’, ou entidades. Contudo, Harley não formaliza essa afirmação²⁶. Ela assume que as raízes são predicados de indivíduos, usando a variável *e* para entidades, ou indivíduos, e *t* para valores de verdade. Assim, tais raízes seriam do tipo $\langle e, t \rangle$. Em termos teóricos, tais predicados denotam um grupo de indivíduos. Semanticamente, este grupo de indivíduos compartilha a propriedade denotada por um nome.

A autora ainda argumenta que outros verbos, como os de (41), são derivados de raízes que denotam estados:

- (41) a) *The archaeologist **opened** the sarcophagus.*
b) *Sue **cleared** the table.*
c) *Jill **flattened** the metal.*

A proposta é de que todos são verbos de mudança de estado, que contêm uma raiz denotando estado. Se nós usarmos a variável *s* para eventualidades (um tipo que inclui tanto eventos, quanto estados), e subescrevemos com um *s* para estados, tais raízes seriam do tipo $\langle s_s, t \rangle$.

Além disso, há verbos que são derivados a partir de raízes eventivas, como em (42):

- (42) a) *Sue **danced**.*
b) *Sue **hopped**.*

Os verbos acima teriam raízes do tipo $\langle s_e, t \rangle$, onde o subscrito *e* é usado para representar a subclasse de eventualidades, que são eventos (em vez de estados). Para resumir, teríamos pelo menos três divisões de tipos de raízes:

²⁶ Mais adiante neste trabalho, veremos como Doron (2003) formaliza a denotação que algumas raízes do hebraico, em particular, possuem.

(43)

Vale ressaltar que, embora Harley chame alguns desses verbos mencionados acima de denominais, a categoria de nome não representa nenhum papel diretamente. A autora aponta ainda o fato de que os contrastes das raízes, com base nos tipos semânticos, estão baseados em um contraste de telicidade. Contudo, não entraremos nos detalhes dessa argumentação.

Para encerrar nossa reflexão sobre a proposta de Harley, podemos dizer que, segundo Levinson (2007), sua proposta é limitada em seu poder de previsão, pois cada raiz tem apenas uma denotação. Isso significa dizer que: todas as palavras derivadas a partir de uma determinada raiz conterão a mesma denotação. Assim, Levinson (2007) afirma que a única fonte possível de polissemia verbal, na proposta de Harley, dá-se quando o mesmo tipo de raiz pode ser inserido em múltiplos contextos (por exemplo, se raízes de predicados eventivos puderem ser ‘complementos’ ou ‘adjuntos’ de v , isto é, aquelas raízes que modificarem v via o que a autora chama de ‘incorporação de modo’). O problema que Levinson encontra na proposta de Harley, isto é, o de que as raízes parecem ter apenas uma denotação, é semelhante ao problema que encontramos quando se atribui à raiz uma estrutura argumental, que deverá ser mantida nos diversos contextos categoriais com os quais a raiz se combinar.

Para Levinson (2007) o problema da polissemia verbal deve ser solucionado atribuindo diferentes denotações para uma mesma raiz. Sendo assim, a autora mostra alguns contrastes entre os tipos de raiz envolvidos na derivação de determinadas classes de verbos. A classe dos verbos de criação implícita, por exemplo em *she braided her hair*, em que *braid* relaciona o DP objeto a um indivíduo criado, possui uma denotação $\langle e, t \rangle$. Já para os verbos de criação explícita, tais como em *she braided a necklace*, em que *braid* não contribui com uma especificação de modo uma vez que o DP objeto expressa o próprio objeto criado, a raiz

braid tem a denotação $\langle s_e, t \rangle$. Dessa forma, a mesma raiz *braid* pode ser tanto do tipo $\langle e, t \rangle$ ou do tipo $\langle s_e, t \rangle$.

Vemos, para finalizar essa seção, que Levinson (2007), ao se deparar com o fato de que uma raiz pode possuir a mesma categoria, isto é, uma categoria verbal, mas apresentar um contraste estrutural e interpretacional, argumenta que tal contraste (além de outras restrições sobre os contextos estruturais, que não foram discutidos nesta tese) se deve à denotação da raiz, em vez de propor, por exemplo, uma expansão dos tipos de categorizadores *v*. Assim, para a autora, é a denotação da raiz que traz a informação sobre a estrutura de argumentos que, por sua vez, vai restringir o contexto estrutural em que uma determinada raiz será encontrada.

Na próxima seção, voltaremos ao problema das raízes hebraicas, em particular, e discutiremos se essas raízes, de fato, são representadas na mente do falante, além de discutir que tipo de restrição pode atuar sobre as mesmas.

3.3. *A representação mental das palavras do hebraico*

Nesta subseção, vamos tratar, principalmente, de um artigo de Prunet; Beland; Idrissi (2000) sobre como as palavras semíticas são representadas na mente dos falantes. Nesse artigo, os autores estão preocupados com o fato de evidências externas, tais como erros de metáteses, indicarem a natureza das unidades armazenadas no léxico mental dos falantes de línguas semíticas. É com base nesses erros, provocados pela afasia das pessoas analisadas, que eles sugerem que as raízes podem ser acessadas como unidades morfológicas independentes. Eles também discutem evidências para o status morfológico dos padrões

vocálicos, a partir dos erros de afasias, jogos de linguagem, deslizos da língua, e concluem que as evidências externas disponíveis são melhor explicadas dentro de uma teoria morfológica que propõe uma separação entre raízes e padrões vocálicos, comprovando, assim, a existência desses elementos, separadamente, na mente dos falantes.

Os estudiosos partem do pressuposto de que as raízes semíticas são abstratas por serem descontínuas superficialmente, isto é, elas são separadas das vogais que lhes dão informação gramatical. Como ponto de partida, eles afirmam que as palavras são formadas pela combinação das raízes com as vogais.

A forma que os autores encontraram de buscar evidências externas, a fim de saber qual é a melhor maneira de se explicar a morfologia do hebraico, isto é, se uma morfologia baseada em palavras prontas no léxico ou em um sistema de raízes e padrões, foi realizar um estudo de caso por meio de um paciente bilíngue (árabe-francês) afásico. Eles mostram que, nos três testes aplicados, os *stems*²⁷ consonantais estão inclinados a sofrer metátese. Esse fato é melhor visualizado em sistemas como o árabe, cuja representação subjacente difere das demais línguas.

O falante que foi submetido aos testes havia sofrido um acidente aos 32 anos. Um ano depois, a avaliação linguística de ZT (sigla utilizada para se referir ao paciente) mostrou que havia um comprometimento leve da compreensão de sentenças longas e complexas. Contudo, ele não possuía dificuldade em entender palavras isoladas, o que, de fato, era importante para que os testes fossem aplicados. Houve um comprometimento severo na produção oral, exceto para a repetição de palavras. Escrita e leitura foram severamente comprometidas em ambas as línguas.

Na língua de ZT, foram encontrados erros que, tipicamente, são encontrados em pacientes disléxicos como, por exemplo, a troca de palavras que estão em um mesmo campo

²⁷ Prunet; Béland; Idrissi (2000) utilizam a palavra *stem* se referindo ao conjunto das consoantes que forma uma raiz.

semântico, como “ópio” e “cigarro” (ambos são drogas e podem ser fumados, por exemplo) em (44)a) e “real” e “príncipe” (que estão ligados à realeza, ou à monarquia) em (44)b).

- (44) a) árabe- ʔafyuun ‘ópio’ → siigaara ‘cigarro’,
b) francês - royal ‘real’ → prince [pres] ‘príncipe’.

Entre os erros que caracterizam a performance de ZT são frequentes os de metátese, que consistem na modificação da ordem linear das consoantes da raiz. Ele produziu erros em todos os quatro tipos de testes: (i) leitura das palavras em voz alta; (ii) repetição das palavras; (iii) escrita de ditado e (iv) nomeação de um quadro (desenho) por meio da escrita e oralmente. Na tabela abaixo, há dois exemplos de erros em cada um dos testes.

Alvo	<i>Output</i>	Glossa do alvo	Tipo de teste
ʕuʃb	ʃuʃb	grama	Leitura em voz alta
faʃil	ʃaʃil	fracassado	Leitura em voz alta
ma-ʒhuud	ma-ʒduuh	esforço	Repetição
faaʃil	ʃaaʃil	falta	Repetição
bahr	hbr (حبر)	mar	Escrita de ditado
mi-nitaq-a	m-tnq-t (مِنطقة)	região	Escrita de ditado
naxl	xanl	palmeira	Nomeação de quadro (escrita)
sahaaʔif	safaaʔih	jornais	Nomeação de quadro (oral)

Tabela 1 Exemplos de metátese no árabe

Os testes revelaram que os padrões das vogais permanecem intactos. As metáteses afetam apenas as consoantes. Prefixos, sufixos e infixos também nunca são envolvidos no fenômeno.

Abaixo temos a tabela com as metáteses do francês.

Alvo	<i>Output</i>	Glosa do alvo	Teste
a) naval [naval]	[vanal]	naval	Leitura em voz alta
vanille [vanij]	[valin]	baunilha	Leitura em voz alta
éclipser [eklipse]	[eplikse]	ter um eclipse	Repetição
démuni [demuni]	[medunis]	empobrecido	Escrita de ditado
b) ballerine [balrin]	[parlin]	bailarina	Repetição
c) plient [pli]	[pile]	eles dobram	Leitura em voz alta
d) pédalo [pedalo]	palodé	pedal de barco	Escrita de ditado
estomac [estoma]	escamot	estômago	Escrita de ditado

Tabela 2 Metáteses no francês

Está claro que os cinco primeiros erros da Tabela 2 são verdadeiramente comparáveis com os do árabe. Eles envolvem metátese não adjacente em (a), e adjacente em (b). Em (c), há uma metátese entre uma consoante e uma vogal (l e i), enquanto o fenômeno, em (d), envolve inversões múltiplas de consoantes, vogais, ou sílabas, incluindo a consoante silenciosa <c> em *estomac* que muda para <t>.

Em termos quantitativos, as metáteses foram muito mais numerosas em árabe: ocorreu metátese em 119 de um total de 1455 dados, enquanto em francês foram apenas 12 metáteses em 1498 dados. Como podemos observar, há uma discrepância na quantificação dos dados. Os autores argumentam que razões fonéticas ou grafemáticas, que foram tomadas

anteriormente como explicação para a diferença no número de metáteses que ocorriam entre as línguas, não são satisfatórias, de modo que a explicação deve ter relação com o tipo das unidades morfológicas, que são diferentes nas duas línguas.

Os autores dão um destaque maior aos erros nas consoantes do árabe cometidos por ZT, porque elas parecem, de fato, formar uma unidade no léxico mental do indivíduo; desse modo, a metátese atua sobre elas separadamente dos padrões vocálicos, como os dados indicam. Tal unidade formada, entretanto, não é fonética/fonológica, pois o falante deixa os afixos em seus próprios lugares, como podemos ver abaixo. Os autores, mais uma vez, descartam que as palavras estejam pré-formadas, em blocos, na mente do falante.

Alvo	<i>Output</i>	Glosa do alvo
ʔa-ðrif-a	ʔa-fðir-a	Envelopes
ʔa-rnab-aat	ʔa-nrab-aat	coelhos

Tabela 3 Permanência de afixos nas palavras

Os autores mostram ainda que, para o árabe, ZT faz a separação dos afixos e do radical que não pode ser vocalizado, pois ele manipula apenas as consoantes do radical, algo que ele não faz para o francês. De modo interessante, o grupo de consoantes que o indivíduo metatetiza, em árabe, faz parte da unidade morfológica tradicionalmente conhecida como a raiz, nas línguas semíticas. Uma vez que as duas línguas diferem no que diz respeito à representação morfológica, pois raízes consonantais não formam morfemas distintos nas línguas europeias, os autores delineam algumas consequências de uma explicação morfológica e excluem explicações fonológicas baseadas em restrições fonotáticas e silábicas, como veremos mais tarde.

3.3.1. Sobre a falta de seleção dos padrões na fala afásica

ZT também produz erros que têm como alvo os padrões vocálicos como, por exemplo, *waasiʔ* ‘amplo’, que foi pronunciado *wasiiʔ*, uma não-palavra da língua, em que fora utilizado o padrão que também ocorre em *kabiir* ‘grande’. Tais erros serão levados em consideração pelos autores, pois, frequentemente, envolvem metátese.

Prunet, Béland, Idrissi (*op. cit*) citam um trabalho de Barkai (1980), que traz dados de um jovem israelense que possui uma afasia de agramaticalidade. Dudu, como ele é chamado no estudo, sofreu um dano no cérebro a partir de um trauma e, subsequentemente, desenvolveu erros no padrão verbal de sua língua materna, o hebraico. Dudu não comete erros no que diz respeito às raízes.

Para observarmos melhor os dados produzidos por Dudu, trazemos, como podemos encontrar nos autores citados, alguns dados do sistema verbal da língua hebraica.

		Passado	Presente	Futuro	Glosa
Padrão 1	(pa'al)	xašav	xošev	yaxšov	Pensar
Padrão 2	(nif'al)	nexšav	nexšav	yexašev	Ser pensado/ser considerado
Padrão 3	(pi'el)	xišev	mexašev	yexašev	calcular/computar
Padrão 4	(pu'al)	xušav	mexušav	yexušav	Ser calculado
Padrão 5	(hif'il)	hexšiv	maxšiv	yaxšiv	Considerar/respeitar
Padrão 6	(huf'al)	huxšav	muxšav	yuxšav	Ser considerado/ser respeitado
Padrão 7	(hitpa'el)	hitxašev	mitxašev	yitxašev	Ser levado em conta

Tabela 4 padrões verbais do hebraico

Os verbos do hebraico podem ser conjugados sempre em todos os tempos, mas é uma excepcionalidade que uma dada raiz possa se combinar com todos os padrões, pois só uma minoria das raízes do hebraico pode ser combinada com todos os padrões verbais (cf. ARAD, 2005). Esse fato já foi explorado, por exemplo, por Aronoff, 1994, que defende que tempo deve ser tomado como uma flexão, enquanto o padrão vocálico deve ser entendido como derivação. Na tabela abaixo, temos duas raízes e podemos notar que não encontramos exemplos de verbos formados em todos os sete padrões para cada uma delas:

		šavar ‘quebrar’	tiken ‘reparar’
Padrão 1	(pa’al)	šavar	
Padrão 2	(niḥal)	nišbar	
Padrão 3	(pi’el)		tiken
Padrão 4	(pu’al)		tukan
Padrão 5	(hiḥil)		hitkin
Padrão 6	(huḥal)		hutkan
Padrão 7	(hitpa’el)		

Tabela 5 Distribuição das raízes nos padrões verbais

Numa teoria lexicalista, as entradas lexicais dos verbos do hebraico incluiriam pelo menos seu campo semântico, sua raiz consonantal e uma marcação indicando qual padrão ela seleciona. Mesmo o significado composicional que um verbo adquire quando é combinado com um dado padrão é parcialmente idiossincrático. Isso ocorre porque, de acordo com o padrão em que um verbo é formado, mesmo que o seu significado seja semelhante a um verbo formado em outro padrão, características como transitividade podem ser diferentes.

Como já dissemos, Dudu deixa a raiz intacta e comete erros na produção tanto de padrões que são bem formados para um dado verbo, mas são sintaticamente inapropriados,

quanto de padrões que não ocorrem com uma determinada raiz para dar origem a um verbo.

Vejamos a tabela seguinte.

Forma esperada	Padrão	Glosa	Output	Padrão
ləvate	3	pronunciar	Livto	1 X
šalax	1	ele enviou	šileax	3 X (arcaico)
yisog	2	ele retratarão	yasug	1 X
yīšbəru	1	Eles quebrarão	yīšavru	2 √
yəfutru	4	Eles foram demitidos	yipatru	2 √
higdilu	5	Eles aumentaram	gadlu	1 √
higati	5	Eu cheguei	hagati	1 X
tibahalu	2	Você ficará chocado	tivhalu	1 X

Tabela 6 Erros produzidos pelo paciente afásico Dudu. Legenda: √ = ocorre; X = não ocorre

Como suas produções são tanto de palavras que ocorrem na língua, mas são contextualmente inapropriadas, quanto de palavras que não ocorrem, mas são formalmente corretas, parece que Dudu tem problemas em selecionar parte de suas entradas verbais, como aquelas consideradas em um quadro lexicalista. A hipótese é de que ele troque algum tipo de marcação que pertence a um dado verbo, mas não pertence às consoantes da raiz.

Admitindo que o radical semítico inclua três níveis a raiz, o padrão (sem as vogais) e morfemas vocálicos, os autores esperam encontrar erros de afasia que podem afetar a raiz isoladamente, o padrão isoladamente, ou o padrão juntamente com as vogais. Nesse momento, devemos entender como padrão a disposição das consoantes em relação às vogais. Os autores esperavam encontrar erros que afetassem os morfemas vocálicos apenas, produzindo, por exemplo, dados como: *kutib* → *kitub* ou *katub*, mas tais dados não foram encontrados. Esse fato pode ter como explicação a insuficiência de dados de afásicos nas línguas semíticas em geral, pois esses tipos de dados não são encontrados em nenhuma língua da família, ou, como os autores defendem, esse fato deve-se à representação autosegmental, que no hebraico não é

dividida em três partes iguais. A relação entre o padrão e os morfemas vocálicos é muito mais próxima que entre eles e a raiz. Por isso, Dudu manipula padrões e vogais conjuntamente.

Ao olharmos para os dois estudos, o de ZT e o de Dudu, poderemos concluir que os erros são de dois tipos, segundo Prunet, Béland, Idrissi (2000): (a) erros que criam uma nova raiz pela mudança na ordem das consoantes (ZT), ou (b) erros que selecionam padrões diferentes daqueles esperados (erros de Dudu e alguns de ZT).

3.3.2. *Propriedades formais dos erros de metátese em afásicos.*

Nesse ponto, Prunet, Béland, Idrissi (*op. cit*) endereçam duas questões de extrema importância: (i) por que ZT produz mais metáteses em árabe que em francês?; (ii) por que ZT produz mais metátese bipartite ou tripartite em Árabe?

Os autores afirmam que as consoantes do francês são mais estáveis do que as do árabe porque elas são pré-ancoradas (às vogais). Isso significa que elas não existem separadas da raiz (ou seja, no francês a raiz também contém vogais), de modo que não haverá erros ou processos morfológicos que atuem sobre as consoantes separadamente, enquanto as raízes do árabe são formadas apenas por consoantes. Em ambas as línguas, as consoantes são ordenadas, mas a representação subjacente do árabe necessita conter apenas as relações de precedência sobre uma camada: a camada da raiz. Nas línguas Indo-Europeias, a representação subjacente precisa conter as relações de precedência da camada esquelética (consoantes) e da camada melódica (vogais), por exemplo: [ʃ] precede [a], que precede o [p] em [ʃapo] *chapeau* ‘chapéu’.

Os erros de ZT se originam a partir de um déficit, comum em ambas as línguas, na computação da informação sobre precedência. Duas diferenças entre as línguas podem ser destacadas: (a) as consoantes do árabe flutuam na representação subjacente; (b) as consoantes e vogais do árabe ocupam camadas separadas, porque elas pertencem a diferentes morfemas.

3.3.3. *Além da evidência para as consoantes semíticas flutuantes*

Voltando ao ponto em que dissemos que a ordem das consoantes é mais facilmente rompida no árabe do que no francês, um dos aspectos mencionados como explicação para isso está relacionado ao fato de que o árabe possui algumas raízes sinônimas, que contêm as mesmas consoantes, mas em uma ordem diferente. Vejamos a tabela abaixo citada por Prunet, Béland, Idrissi (2000).

Raiz	Palavra	Glosa	Raiz	Palavra	Glosa
brt	Bart	‘ação de cortar’	btr	batat-a	‘cortar, cortar o rabo de um animal’
	Burt	‘machado’			
bšr	ʔa-bšar-a	‘crescer ervas e plantas’	rbš	rabiš-un	‘ter ervas de todos os tipos’
				ʔa-rbaš-u	‘coberto com plantas (de terra)’

Tabela 7 Raízes contendo as mesmas consoantes em diferentes ordens

Os autores também chamam atenção para o fato de que: mesmo as palavras emprestadas são analisadas pelos falantes não-afásicos das línguas semíticas dentro do sistema de raízes compostas por consoantes e padrões vocálicos. Dessa forma, essas palavras emprestadas sofrem extração das consoantes e também estão sujeitas a metátese. Esse fato

mostra que a separação entre raiz, por um lado, e padrão vocálico por outro, existe na gramática dos falantes de hebraico. Essa reanálise dos empréstimos, por sua vez, acontece durante a aquisição da língua, segundo os autores.

Para resumirmos, nesse ponto, a proposta dos autores, podemos dizer que essa facilidade de inversão, que ocorre nas línguas semíticas em geral, deve-se: (a) à existência de raízes como elementos isolados; (b) ao fato de as raízes incluírem consoantes flutuantes.

A proposta de que as raízes consonantais são flutuantes e morfêmicas, em árabe, mas são pré-ancoradas e não morfêmicas, em francês, explica a diferença quantitacional nos erros de metátese entre as duas línguas. A performance de ZT é idêntica em vários aspectos nas duas línguas, mas não no que diz respeito à metátese de consoantes. Dessa forma, para os autores, a raiz consonantal em árabe é um morfema. As evidências externas, ou seja, os dados de erros documentados, sugerem que as unidades lexicais semíticas correspondem exatamente ao tamanho das raízes consonantais tradicionais.

Há, entretanto, alguns autores que afirmam ser a palavra vocalizada, ou o radical, a unidade básica de formação. Nesses modelos a representação subjacente das palavras semíticas é semelhante à das línguas indo-europeias, pois ambas envolveriam consoantes pré-ancoradas e vogais no mesmo plano segmental. O problema desse enfoque é duplo: (a) ele não parece explicar a evidência de que processos como a metátese e como a extração de consoantes das palavras emprestadas são sensíveis às consoantes da raiz semítica, e (b) esse enfoque parece não explicar por que tais processos não são sensíveis ao *stem* vocalizado nas línguas indo-europeias, mas são nas semíticas.

3.4. *A raiz como variável: um estudo sobre as restrições fonológicas*

Tendo visto, na seção anterior, que as raízes, assim como os padrões, são tomados como elementos isolados na mente do falante, refletiremos, nesta seção, sobre algumas restrições que agem sobre esses elementos, principalmente, sobre as raízes, por meio do trabalho de Berent; Shimron (2003). Nosso objetivo nesta seção, mais uma vez, é dar mais evidências e argumentos, não apenas teóricos, mas baseados em testes empíricos, em favor de uma teoria que trate raízes e padrões vocálicos separadamente. Se pudermos tratá-los separadamente, poderemos dizer que há diferentes tipos de informação nesses dois elementos, como veremos no decorrer desta tese.

Berent; Shimron (2003) também afirmam serem as palavras do hebraico compostas de uma raiz e um padrão. O padrão das palavras indica a posição da raiz na palavra, fornece uma melodia vocálica e, às vezes, determina alguns aspectos nucleares do significado das palavras. Os autores destacam, contudo, que muitas pesquisas sobre a representação das palavras hebraicas tem se focado na decomposição morfológica. Essas pesquisas têm como pano de fundo a pergunta: as raízes consonantais são representadas separadamente das vogais ou afixos? Entretanto, os mesmos autores dizem que falta ainda saber exatamente o que é a raiz do hebraico.

Diante dessa questão maior, colocam-se questões mais específicas. Questiona-se sobre a estrutura fonológica da raiz: qualquer sequência de consoantes do hebraico corresponde a uma raiz potencial, ou há restrições fonológicas apenas para as consoantes que formam uma raiz? No que diz respeito à morfologia, a raiz é um morfema? Um morfema é uma variável linguística – um espaço reservado que pode representar qualquer combinação de som separado de significado. Uma explicação sobre o sistema de formação de palavras das línguas semíticas em geral, que se baseia na existência de raízes, portanto, deve assumir que os falantes representam as raízes como variáveis, o que significa dizer que tais falantes

“reservam” um espaço para esse elemento em todas as palavras, trocando o conteúdo desses espaços de acordo com a palavra que eles querem formar.

Há um grande debate na literatura sobre variáveis e operações que envolvem variáveis dentro de um ramo dos estudos linguísticos que tenta explicar a cognição de modo simbólico (cf. Fodor; Pylyshyn 1988²⁸ e Pinker; Prince 1988²⁹ apud BERENT; SHIMRON 2003).

Desse modo, o objetivo do trabalho de Berent; Shimron (2003) é descrever um tipo de restrição fonológica sobre a estrutura das raízes semíticas e demonstrar que os falantes de hebraico são sensíveis a essa restrição. Além disso, os autores discutem as implicações das restrições sobre a estrutura das raízes para o entendimento de como a mente funciona. Ao final, eles argumentam pela representação da raiz como uma variável mental.

3.4.1. O princípio do contorno obrigatório

Greenberg (1950³⁰ apud BERENT; SHIMRON, 2003) já havia notado que as raízes semíticas, frequentemente, contêm consoantes adjacentes idênticas (por exemplo, *ll* na raiz *gll*). Tal geminação no final da raiz é frequente, em contraste com a geminação no início da raiz, que é extremamente rara. A inspeção realizada pelos autores confirma a observação feita por Greenberg: a geminação no final da raiz é muito comum, ocorrendo em 138 raízes produtivas. Já a geminação no início das raízes ocorreu em apenas duas raízes produtivas (*mmm* e *mmsh*). Desses fatos, duas questões são levantadas: (i) por que a geminação no início

²⁸ Fodor, J. and Pylyshyn, Z. Connectionism and cognitive architecture: A critical analysis . **Cognition** 28: p. 3–71, 1988.

²⁹ Pinker, S. and Prince, A. On language and connectionism: Analysis of parallel distributed processing model of language acquisition. **Cognition** 28:p. 73–193, 1988.

³⁰ Greenberg, J. The patterning of morphemes in Semitic. **Word** 6:f162–81, 1950.

das raízes é tão rara e geminação no final é tão frequente?; (ii) essa assimetria reflete uma restrição que é específica às línguas semíticas, ou pode ser um traço mais geral das representações fonológicas?

Segundo alguns autores, essa assimetria encontrada nas raízes semíticas reflete uma restrição fonológica universal: o Princípio do Contorno Obrigatório (*Obligatory Contour Principle*) (OCP), proposto por Leben (1973), que afirma que, quando dois tons idênticos estão associados a vogais adjacentes, o tom mais à direita é apagado e o tom da esquerda é associado a vogais livres. Posteriormente, O OCP foi estendido à análise segmental (cf. McCARTHY, 1986), sugerindo que, no nível melódico, segmentos idênticos adjacentes são proibidos. Se considerarmos uma explicação através desse princípio, temos de admitir que o OCP bane consoantes geminadas do léxico. Assim, representações lexicais de raízes como *sll* são bi-consonantais, em vez de triconsonantais, e as raízes geminadas emergiriam durante o processo de formação de palavras. Desse modo, para formar uma palavra a partir de uma raiz biconsonantal ou triconsonantal, a raiz deve ser alinhada com um padrão de formação de palavra. O verbo *salal*, por exemplo, é formado pela raiz biconsonantal *sl* que é combinada com o padrão verbal CaCaC, que possui espaços livres para três consoantes. Vejamos o esquema abaixo:

De acordo com a convenção geral utilizada, o alinhamento procede da esquerda para a direita. O *s* é anexado ao primeiro espaço de consoante e, depois, o *l* é ancorado ao próximo espaço vazio. Convencionalmente também, estipula-se que os espaços vazios do esqueleto

devem ser preenchidos por espraçamento. Assim sendo, a segunda consoante da raiz *l* é ligada a duas posições no esqueleto. O resultado é a geminada *ll*. Dessa forma, a raiz com geminada final não viola o OCP, pois a manifestação da geminada é apenas superficial.

3.4.2. *Evidências experimentais para o OCP*

O trabalho de Berent; Shimron (2003) examina se os falantes implementam alguma restrição sobre estrutura das raízes com base no OCP. Se o OCP está ativo, a aceitabilidade de geminadas seria dependente de sua localização na raiz: a geminação no início da raiz seria menos aceitável, se comparada com a geminação no final da raiz.

Para os testes de produção, os participantes foram apresentados a raízes novas e palavras exemplares, isto é, palavras que de fato ocorrem na língua (como, por exemplo, *paʔal*). Eles seguiram alguns passos: primeiramente, eles tiveram de identificar as raízes de palavras da língua, decompô-las e remanejá-las em uma nova raiz. Em um experimento crítico, contudo, as raízes apresentadas aos participantes incluíam apenas aquelas formadas por duas consoantes (por exemplo, *bg*). A conjugação de raízes biconsonantais trouxe um problema de alinhamento para os participantes, isto é, os participantes do teste precisam alinhar uma raiz com duas consoantes com os três espaços vazios do padrão, que devem ser totalmente preenchidos.

Especificamente, os falantes deveriam resolver essa questão dos espaços vazios por meio da geminação, em vez da adição de um novo segmento. A previsão também era de que a geminação no final da raiz seria mais frequente do que no início. Além disso, se, como já

dissemos, o OCP estiver ativo, todas as raízes devem ser lexicalmente representadas por dois segmentos.

Ambas as previsões foram totalmente confirmadas. A geminação final para uma raiz como *bg* e um padrão CaCaC, dando um resultado como *bagag*, obteve 47% das respostas corretas. Por sua vez, a adição de um novo segmento, como, por exemplo, em *bagal*, obteve 14% das respostas corretas. A adição de um novo segmento foi, primeiramente, limitada a dois segmentos: /l/, na posição final da raiz e /y/ em uma posição média da raiz, ou no seu início. A geminação inicial correspondeu a menos de 1% das respostas corretas. Notemos, contudo, que a geminação não foi usada em todos os processos. Em mais de 32% dos casos, os participantes produziram palavras com apenas duas consoantes, como em *bag*.

Por conta de alguns resultados obtidos com raízes de duas consoantes, os autores aplicaram testes que variavam a estrutura das palavras apresentadas aos participantes. Cada uma das raízes bi-consonantais foi mostrada aos falantes de hebraico em uma das três classes de padrões. A primeira classe era de palavras que estavam no padrão CaCaC, que não contém prefixos ou sufixos. Na segunda e terceira classes de padrão, a raiz foi “ensanduichada” entre um prefixo e um sufixo, como em *mifʔalti*(segunda classe) e *hitpaʔaelti*(terceira classe). Desse modo, o participante dos testes, ao alinhar uma raiz como *bg* em um padrão como *hitCaCaCti*, formaria palavras como *hitbagagti*. A sistemática manipulação de colocação das raízes nos padrões permitiu examinar os domínios de restrições sobre as consoantes geminadas e os resultados obtidos foram de uma grande diferença entre a geminação no início e no final das raízes, sugerindo que os falantes restringem fortemente o local de geminação das raízes em hebraico: a geminação é altamente preferida na posição final.

Antes de passar para o tópico em que os autores tratam da defesa das raízes como variáveis, façamos uma pequena reflexão a respeito de possíveis críticas sobre os testes aplicados.

Segundo alguns estudiosos, há uma relação entre o fato de haver uma assimetria no caso da geminação de consoantes iniciais e finais em hebraico e a dificuldade articulatória de se pronunciarem as duas consoantes iguais no início de palavra. Berent; Shimron (2003) defendem que essa visão é inaceitável. Em primeiro lugar, porque os resultados encontrados nas pesquisas desses autores refletem um comportamento consistente, através de uma gama ampla de padrões que diferem drasticamente em suas próprias características articulatórias. Em segundo lugar, porque se a dificuldade para a geminação no início de raízes é apenas articulatória, palavras que possuem semelhanças fonológicas com palavras que apresentam a geminação deveriam apresentar as mesmas dificuldades articulatórias e, conseqüentemente, deveriam ser raras ou inexistentes na língua. Segundo os autores isso não parece ser verdade.

Consideremos duas palavras potenciais da língua hebraica: *titer* e *titafer*. Ambas compartilham a sequência inicial *tit*. A primeira palavra, contudo, é conjugada a partir de uma raiz com geminação inicial (*ttr*), enquanto a última é conjugada a partir de uma raiz não geminada: a aparente geminação é o resultado da concatenação do prefixo *ti-* a uma raiz *tfr*, com a mesma consoante inicial. Se a rejeição para a geminação no início das raízes é devida a dificuldades articulatórias, então ambas as sequências deveriam ser igualmente inaceitáveis. Contrariando essa visão, *titer* é rejeitada devido à geminação inicial, enquanto *titafer*, que é um verbo real da língua, é altamente frequente (e possui o significado de ‘ela será costurada’). Assim, a assimetria não pode ser explicada por meio de restrições articulatórias, como alguns autores especulam.

Há ainda uma crítica mais geral, na qual se argumenta que as palavras do hebraico não são de fato formadas pelo encaixamento de consoantes e vogais, que pré-existem separadamente. Berent; Shimron argumentam em favor de que as raízes do hebraico são mentalmente representadas pelo OCP, porém Bat-EL (1994) argumenta contra essa análise. Essa autora observou que verbos formados a partir de nomes que apresentam uma raiz

quadrilítera mantêm o *cluster* do nome, por exemplo, *praklit* (n) ‘advogado’ → *priklet* (v) ‘advogar’. Contrariando esse fato, os autores observam que a forma das raízes de um verbo denominal do hebraico é previsível a partir das vogais de sua base nominal, por exemplo: *tik* (n) ‘arquivo’ → *tiyek* (v) ‘arquivar’.

Uma vez tendo discutido algumas possíveis críticas ao tratamento das raízes hebraicas, passemos para a discussão das raízes como variáveis.

3.4.3. *As raízes representam variáveis mentais?*

Para os autores, os resultados apresentados no estudo dizem respeito a um aspecto da definição das raízes do hebraico, nomeadamente, a restrição sobre a co-ocorrência de consoantes na raiz, como o caso de (ttr). Argumenta-se em favor do tratamento das raízes como variáveis. Assim, a explicação dada assume que existe uma representação mental dessas variáveis.

Nesse ponto, como já ressaltamos no início, devemos entender variável como um ‘espaço reservado’ que pode ser ocupado por um grande número de elementos, ou instâncias. O tratamento das raízes como variável possui como ponto positivo: o fato de permitir tratar cada uma dessas instâncias de modo semelhante. Desse modo, a representação de variáveis tem duas consequências importantes. A primeira, já dissemos, é tratar todas as instâncias dessas variáveis como equivalentes, ignorando suas idiossincrasias. A segunda é que, ao se tratar todas as instâncias igualmente, isto é, tanto raízes novas, que foram criadas por empréstimo, por exemplo, quanto raízes já existentes na língua, os aprendizes da língua devem ser capazes de estender as generalizações formuladas a qualquer nova instância da

variável. Sobre a utilização de variáveis mentais, há uma questão fundamental colocada para as teorias de cognição: os aprendizes humanos, em geral, e os aprendizes de uma língua, em particular, generalizam de tal forma que fazem representações mentais codificadas como variáveis? Isso significa perguntar algo como: nos processos cognitivos em geral, os seres humanos fazem uso de variáveis, representadas mentalmente?

A resposta dos autores é que sim: as variáveis são representadas mentalmente, e processos mentais são sensíveis às suas estruturas.

Uma evidência para essa representação mental provém do fato de que se a raiz é um constituinte mental separado, então ela está disponível para processos mentais se comparada a sequências de consoantes que não constituem, por assim dizer, um morfema.

Não explicitaremos, entretanto, todos os argumentos trazidos por Berent; Shimron (2003), mas apresentaremos apenas um argumento para a defesa das raízes como variável. Mais precisamente, apresentaremos o argumento que mostra que a estrutura da raiz difere da estrutura da palavra e isso é representado mentalmente.

Começemos por dizer que uma restrição sobre a estrutura da raiz é especificamente definida sobre o domínio da raiz. A distinção entre a estrutura da raiz e da palavra já foi esboçada anteriormente quando consideramos as palavras *titer* e *titafer*. Ambas as palavras exibem a parte ‘geminada’ *tit* no início da palavra, mas sua estrutura raiz é bem diferente. Em *titer*, as geminadas estão no início da raiz, enquanto em *titafer*, a raiz não tem geminadas. Como já dissemos, em *titafer*, a aparente geminação se deve à concatenação de um prefixo à palavra. Há um grande número de raízes cujo radical inicial é idêntico ao prefixo, resultando assim nas geminadas “falsas”, por exemplo: *mkr-mimkar*, *nkm-ninkom*, *tkf-titkof*. Se os falantes fossem sensíveis apenas à estrutura das unidades das palavras hebraicas, então eles teriam inferido incorretamente que a unidade *tit* em *titer* é aceitável. Porém os falantes rejeitaram, ou evitaram, a geminação da consoante no início da raiz, mesmo nos casos em que

a geminação era interna à palavra, mostrando que os falantes são sensíveis à estrutura das raízes.

3.5. *O que as raízes não contêm?*

Uma vez que refletimos sobre a natureza das raízes e sua existência como entidade mental para os falantes, falta explicitar como essa tese tratará as raízes e, principalmente, dizer o que as raízes não contêm: a informação sobre a estrutura argumental.

Já colocamos, anteriormente, a questão de que as raízes, para a MD, podem selecionar seus argumentos (cf. MARANTZ, 1997; HARLEY, 2008). Nesta tese, contudo, defenderemos que as raízes não possuem esse tipo de informação.

O argumento crucial para essa ideia provém do fato de que os argumentos de uma mesma raiz não se mantêm em sua grade, isto é, há uma variação na quantidade/tipo de argumentos de uma dada raiz, dependendo do contexto sintático em que ela se encontra e do padrão com o qual ela se combina. Vamos recuperar, nesse ponto, algumas sentenças que foram discutidas em (3).

- (46) a) *ha-‘ikarim* *gidlu* ‘*et ha-‘agvaniyot*
DEF-fazendeiros cultivaram MO DEF-tomates
‘Os fazendeiros cultivaram os tomates’
b) *ha-‘agvaniyot gadlu*
DEF-tomates cresceram
‘Os tomates cresceram’

Os dados em (46), como já vimos, mostram que a raiz *gdl*, por exemplo, pode formar verbos com um ou dois argumentos. Poderíamos interpretar esse fato da seguinte forma. A raiz sempre seleciona apenas um argumento e a mudança no padrão vocálico é o que provoca a entrada de um novo argumento ou não. De qualquer forma, por hipótese, a raiz selecionaria esse único argumento. Contudo, se pensarmos em todas as possibilidades de derivação daquela raiz, verificaremos que em *migdal* ‘torre’, um nome, portanto, não há seleção de argumento algum. Fatos como esse levam-nos a pensar que a raiz *gdl* e, conseqüentemente, as raízes em geral não participam da seleção de argumentos.

Assim sendo, e como já dissemos nas primeiras páginas desta tese, defendemos que a informação sobre os argumentos está localizada, não na raiz, mas no padrão vocálico que é a realização de um núcleo funcional atrelado à raiz.

Não obstante, não parece ser apenas sobre a quantidade de argumentos que a raiz não tem atuação. Em trabalhos como o de Doron (2003), podemos encontrar exemplos em que a mudança que ocorre no tipo de argumento que é licenciado também não está relacionada com a raiz. Tal mudança ocorre de acordo com o padrão com que a raiz é combinada. Podemos observar esse fato nas sentenças em (47)b) e c), nas quais encontramos uma mudança na seleção do tipo de sujeito:

- (47) a) *ha-agronomit/* *eyxut-ha-qarqa* *higdila* *et-ha-yevul*
 DEF-agronomista/ qualidade-DEF-do solo aumentou MO-DEF-safra
 ‘O agrônomo/a qualidade do solo aumentou a safra’
- b) *ha-agronomit/* *gidla* *yeraqot*
 DEF-agronomista cresceu/cultivou vegetais
 ‘o agrônomo cultivou vegetais’
- c) **eyxut-ha-qarqa* *gidla* *yeraqot*
 qualidade-DEF-do solo cresceu/cultivou vegetais

Podemos observar nos dados acima que o padrão, em (47)a), não faz restrição quanto à animacidade do argumento externo, mas o padrão, em (47)b) e c), provoca a agramaticalidade de c), porque temos um argumento não animado na posição de argumento externo.

Há diversos trabalhos que tratam da alternância ativo-reflexiva no hebraico. Nesses trabalhos, também se ressalta que a natureza dos argumentos selecionados muda de acordo com o padrão que se combina com a raiz. Vejamos os dados de Doron; Rappaport-Hovav (2007).

- (48) a) *Dani raxac 'et acmo*
 Dani lavou MO ele mesmo
 'Dani lavou ele mesmo'
- b) *Dani hitraxec*
 Dani lavou (refl)
 'Dani se lavou'

Segundo as autoras, a sentença em (48)a) é boa apenas em um contexto em que há uma estátua do próprio Dani e o próprio Dani está lavando essa estátua. Tal situação é impossível de ser descrita com a sentença em (48)b). Observemos que os verbos nas duas sentenças são formados pela mesma raiz $\sqrt{rxc}$, mas, em a), temos o padrão CaCaC e, em b), temos o padrão reflexivo hitCaCeC.

As mesmas autoras também trazem um exemplo em que discutem que o Caso acusativo é removido do verbo por uma operação lexical. Não entraremos na discussão se tal remoção é realizada via operação lexical, ou se, na verdade, não é permitida uma atribuição de Caso àquele DP. O que nos interessa é apenas o fato de que um dos argumentos é impossível na sentença em (49)b), mas é possível na sentença em (49)a), como podemos ver abaixo.

- (49) a) *Dani laxaš le-Dina sodot*
 Dani sussurou para-Dina segredos
 “Dani sussurou segredos para Dina”
 b) *Dani ve Dina hitlaxašu (*sodot)*
 Dani e Dina sussuram (refl) (*segredos)
 “Dani e Dina sussuram um com o outro”

Novamente, percebamos que, nos exemplos em (49), temos uma única raiz *lxš* e o que muda é o padrão: CaCaC em a) e hitCaCeC em b).

Além dos diversos exemplos trazidos pelos autores a respeito do que ocorre com os reflexivos, Doron (2003)³¹ também mostra que o padrão vocálico pode marcar uma diferença na afetação do sujeito do verbo.

- (50) a) *Rina šavra 'et ha-yad*
 Rina quebrou(simples) MO DEF-braço
 ‘Rina quebrou seu braço (ou algum outro braço)’
 b) *Rina šibra 'et ha-yad*
 Rina quebrou(intensivo) MO DEF-braço
 ‘Rina quebrou (ativamente) algum braço’

Segundo Doron (2003), em (50), tanto em a) quanto em b), o sujeito é animado. Entretanto, se o padrão é simples, o sujeito pode ser afetado, mas também pode ser um ator. Já, se o padrão é intensivo, o sujeito apenas pode ser um ator. Isso significa que, em a), mas não em b), temos uma leitura em que o sujeito é a vítima da quebra do braço.

Por meio dos dados apresentados e das discussões realizadas podemos sumarizar algumas ideias sobre as propriedades que a raiz isolada não contém. A raiz não interfere em: (i) a quantidade dos argumentos selecionados; (ii) o tipo de argumento, por exemplo, se animado ou não; (iii) interpretação dos argumentos na voz reflexiva e (iv) na interpretação do sujeito como afetado ou não pelo evento.

³¹ Veremos posteriormente, quando tratarmos especificamente dos padrões vocálicos, que Doron (2003) propõe que existem três sabores para os padrões verbais ativos: simples, intensivo e causativo.

No próximo capítulo, vamos nos aprofundar nas características dos padrões vocálicos e discutir algumas propostas que tentam definir seu estatuto na gramática. Além disso, nesse capítulo, iniciaremos nosso trabalho de mostrar que existe uma gama de núcleos funcionais que codificam a informação argumental.

4. OS PADRÕES VOCÁLICOS COMO NÚCLEOS FUNCIONAIS

Neste capítulo, veremos detalhadamente o que são os padrões vocálicos e por que defendemos que eles sejam os portadores da informação sobre a estrutura de argumentos. Dessa forma, primeiramente apresentamos os padrões verbais, amplamente descritos por Arad (2005) e, posteriormente, descrevemos os padrões nominais, com base em alguns trabalhos encontrados na literatura. Por fim, mostramos autores que já defenderam que os padrões vocálicos são a realização de núcleos funcionais que possuem informação categorial e de estrutura de argumentos.

4.1. *Os padrões vocálicos do hebraico: definidores de categorias gramaticais e do significado das palavras.*

Como já dissemos brevemente na introdução e no capítulo 3, o hebraico é uma língua tal que a estrutura das palavras pode ser decomposta em raízes consonantais e padrões vocálicos, que nada mais são que um conjunto de vogais ordenadas. Segundo Arad (2005), a maioria das raízes contém três consoantes, aqui representadas como $\sqrt{CCC}$, que podem criar nomes, verbos e adjetivos, como já vimos anteriormente. Diz-se que as raízes sozinhas não podem ser pronunciadas; apenas quando combinadas com um padrão morfológico – verbal, nominal ou adjetival – elas tornam-se pronunciáveis. Esse padrão morfológico, ao qual nos

referíamos, contém espaços para as consoantes, onde serão encaixadas as consoantes da raiz, e também possui vogais inerentes, além de uma estrutura silábica. Uma vez que os padrões são entendidos como moldes prontos, considera-se que os mesmos devem ser atômicos, isto é, indivisíveis.

Consideremos, mais uma vez, o exemplo da raiz $\sqrt{\text{gdl}}$. As três consoantes, segundo Arad (2005), não podem ser pronunciadas como uma unidade fonológica; uma vez combinada, por exemplo, com um padrão verbal, também chamado de *binyan*, ela pode ser pronunciada e se torna um verbo:

(51)	RAIZ	PADRÃO	VERBO
	$\sqrt{\text{gdl}}$	CaCaC	<i>gadal</i> (crescer)

As raízes hebraicas adquirem numerosas interpretações quando são combinadas com diferentes padrões nominais, verbais e adjetivais, isto é, à medida que as raízes acategoriais são categorizadas pelos padrões vocálicos, elas adquirem, de fato, um significado. Vejamos o exemplo da raiz $\sqrt{\text{xšb}}$:

(52)	$\sqrt{\text{xšb}}$	Padrão	Palavra formada
a)		CaCaC(v)	<i>xašav</i> ‘pensar’
b)		CiCeC(v)	<i>xišev</i> ‘calcular’
c)		hiCCiC(v)	<i>hexšiv</i> ‘considerar’
d)		maCCeC(n)	<i>maxšev</i> ‘computador’
e)		maCCaCa(n)	<i>maxšava</i> ‘pensamento’
f)		taCCiC(n)	<i>taxšiv</i> ‘cálculo’
g)		CiCCon(n)	<i>xešbon</i> ‘conta’

A relação semântica entre os significados das palavras formadas a partir de uma raiz pode ser bastante tênue e difícil de definir. No caso das palavras acima, podemos sugerir

como conceito comum a elas, algo como atividade mental, que também pode ser realizada pelo computador, se entendermos que ele está pensando em nosso lugar.

A partir dos dados em (52), podemos perceber o que vínhamos dizendo: as raízes podem ser combinadas com diversos conjuntos vocálicos de diversas categorias e em mais de um padrão vocálico de mesma categoria, de modo que o significado é adquirido em relação ao contexto morfofonológico no qual a raiz aparece.

Ainda vale ressaltar que nomes e verbos não são criados apenas a partir de raízes, mas também podem ser derivados de palavras que existem independentemente. Bat El explica que existem dois subgrupos de verbos formados em hebraico: (i) os que são derivados de nomes e (ii) os que são emprestados de línguas estrangeiras. Os verbos desses grupos carregam similaridades com o nome ou radical do qual são derivados. Por exemplo, prefixos tais como *m-* ou *t-*, que aparecem nos nomes, também aparecem nos verbos denominais, como está ilustrado pelos exemplos em (53)a-b). A forma dos verbos derivados tende a aparecer no padrão que melhor preserva a forma do nome, como no exemplo em (53)c). Finalmente, o conjunto de consoantes da base é transferido como um todo para o verbo denominal (53)d-e).

(53)	Nome Base	Verbo formado
a)	<i>taqciṽ</i> (orçamento)	<i>tiqcev</i> (orçar)
b)	<i>maxšev</i> (computador)	<i>mixšev</i> (computadorizar)
c)	<i>qliq</i> (click)	<i>hiqliq</i> (clicar)
d)	<i>transfer</i> (transfer)	<i>trinsfer</i> (transferor, *tirnsfer)
e)	<i>striptiz</i> (striptease)	<i>striptez</i> (striptease, *stirptez)

Até esse ponto, vimos que as raízes não possuem um significado único, mas adquirem seu significado e sua categoria (verbo, nome ou adjetivo) por meio do padrão vocálico na qual ela é inserida. Contudo, podemos nos perguntar: os padrões vocálicos contribuem apenas com o significado e categoria? Nas próximas subseções, refletiremos sobre a natureza dos padrões vocálicos de verbos e de nomes, respondendo algumas perguntas como: qual a informação

contida nos padrões? Há, de fato, padrões nominais? Quão numerosos são os padrões de verbos e de nomes? A raiz seleciona o padrão vocálico, ou ocorre o inverso?

4.1.1. Os padrões verbais do hebraico

Nesta seção, falaremos com mais detalhes sobre os *binyanim*, ou seja, sobre os padrões verbais do hebraico. De acordo com os alguns especialistas (cf. ARAD, 2005; GLINERT, 1989; BAT-EL, 1994, 2001; DORON, 2003), o hebraico possui exatos sete padrões de combinação vocálica para os verbos. Na Tabela 8, podemos observar os padrões, algumas raízes que se combinam com eles e o significado do verbo formado.

RAIZ	Forma morfo-fonológica do padrão		Verbo	
√lmd	1	CaCaC	lamad	estudar
√lmd	2 ³²	niCCaC	nilmad	ser estudado
√spr	3	CiCeC	siper	dizer/narrar
√spr	4	CuCaC	supar	ser dito/narrado
√qlt	5	hiCCiC	hiqlit	gravar
√qlt	6	huCCaC	huqlat	ser gravado
√pll	7	hitCaCeC	hitpalel	rezar

Tabela 8 Padrões verbais do hebraico

O padrão verbal 1 é um padrão de voz ativa. Já o padrão 2 é um padrão de voz passiva, que está relacionado ao padrão 1, isto é, as raízes que podem ser combinadas com o padrão 1 para formarem verbos, ao formarem a voz passiva desses mesmos verbos, combinam-se com o padrão 2. Por sua vez, o padrão 3 é um padrão de voz ativa e é considerado causativo por

³² Segundo Arad (2004), o padrão 2 não é um padrão exclusivamente passivo, pois podem hospedar verbos inacusativos, inergativos e verbos com complemento oblíquo.

alguns autores como Glinert (1989). Já o padrão 4 está relacionado ao padrão 3, porém seu significado é de voz passiva. O padrão 5 é um padrão de voz ativa e o padrão 6 é sua contraparte na voz passiva. Por fim, o padrão 7 é um padrão que forma verbos com significado reflexivo e também um padrão utilizado com o significado de voz média (cf. DORON, 2003).

Tradicionalmente, dão-se nomes para os *binyanim*, que são derivados das combinações das vogais com a raiz $\sqrt{p\text{?}l}$: *paʔal*, *nifʔal*, *piʔel*, *puʔal*, *hifʔil*, *hufʔal* and *hitpaʔel*. Devemos nos lembrar, contudo, que nos referimos aos *binyanim* como formas abstratas, que contêm espaços para as consoantes: CaCaC, niCCaC etc. Vale ressaltar que o fenômeno de geminação existente no hebraico bíblico, que também está muito presente no árabe moderno, não deixa resquícios no hebraico moderno. Entretanto, é possível encontrarmos raízes com quatro consoantes, que, invariavelmente, aparecem nos padrões 3, 4 e 7. A maioria dessas palavras são formas derivadas de nomes e palavras estrangeiras como *tirgem* ‘traduzir’ $\sqrt{trgm}$, que está no padrão 3 CiCCeC.

Segundo Arad (2005), os padrões servem a dois propósitos: (i) eles tornam pronunciáveis as consoantes impronunciáveis das raízes, e (ii) fornecem um traço de categoria, tornando a raiz acategorial um verbo, com uma interpretação específica. Nosso propósito é investigar se também há uma informação sobre a estrutura argumental nesses padrões, uma vez que vimos, numa rápida descrição, que eles parecem conter pelo menos algum traço ou informação sobre voz (ativa, passiva, média).

Começamos a examinar com mais detalhes os padrões verbais. Por meio da Tabela 8, notamos que dois *binyanim*, P4 (CuCaC) e P6 (huCCaC), estão unicamente associados com os verbos na voz passiva. Como já dissemos, esses padrões são dependentes de suas contrapartes na voz ativa, respectivamente CiCeC e hiCCiC, seja morfológica, sintática ou semanticamente.

Falamos em dependência morfológica, uma vez que a forma do verbo passivo é determinada pela forma do verbo na voz ativa, de modo que, a forma de um verbo no P4 (CuCaC) de voz passiva é sempre a do P3 (CiCeC), e o mesmo acontece com o P6 (huCCaC) que tem como sua forma ativa sempre o padrão P5 (hiCCiC). Nunca há uma mudança nessa correspondência.

(54)	a)	√xnx	CiCeC	<i>xinex</i> educar	<i>xunax</i> (CuCaC) (* <i>huxnax</i>) foi educado
	b)	√cmd	hiCCiC	<i>hicmid</i> anexar	<i>hucmad</i> (huCCaC) (* <i>cumad</i>) foi anexado

A dependência sintática, segundo Arad (2005), ocorre porque a existência de uma voz ativa é uma condição necessária para a existência da voz passiva. Além disso, as propriedades da forma ativa, em particular a transitividade, determinam se a voz passiva está disponível.

Finalmente, a dependência semântica entre a voz passiva e a ativa é expressa pelo fato de ambas se referirem ao mesmo evento. A voz passiva nunca tem um significado especial ou idiomático que não está disponível na voz ativa.

Passemos aos *binyanim* P2 (niCCaC) e P7 (hitCaCeC), que são unicamente de verbos não transitivos, segundo Arad (2005). Os verbos desses padrões podem ser intransitivos, ou tomar um objeto indireto com uma preposição, mas eles nunca tomam objetos diretos, uma vez que eles são incompatíveis com a partícula 'et, que como vimos, introduz um objeto direto definido. Essa informação, trazida por Arad (2005), sobre a transitividade ou não de um padrão, já nos sugere que os padrões vocálicos devem conter algum tipo de informação sobre a estrutura dos argumentos exigidos quando uma raiz se torna um verbo. Os exemplos em (55) mostram que os padrões citados podem tomar algumas preposições, mas nunca uma preposição como o 'et, que introduz um objeto direto.

(55)	a)	<i>histakel</i>	<i>be/ʔal</i>	*'et
		olhada	em/sobre	MO
	b)	<i>nixnas</i>	<i>la-bayit</i>	*'et ha-bayit
		entrou	para-casa	MO DEF-casa
	c)	<i>nilxam</i>	<i>be</i>	*'et
		lutado	em	MO
	d)	<i>hictaref</i>	<i>le</i>	*'et
		juntou	a/para	MO
	e)	<i>hitxabeʔ</i>	<i>mi</i>	*'et
		escondido	de	MO
	f)	<i>hištameš</i>	<i>be</i>	*'et
		usado	em	MO

Ao que parece, a única propriedade compartilhada entre P2 (niCCaC) e P7 (hitCaCeC) é a restrição de transitividade. Esses padrões não compartilham qualquer outra propriedade semântica. Para a autora, esses padrões não compartilham a propriedade de serem inerentemente padrões que dão origem à voz passiva, mas sim a propriedade de serem intransitivos. O fato de os padrões terem um significado de voz passiva é uma consequência típica da intransitividade, uma vez que os verbos na voz passiva sempre são intransitivos. Isto é, quando os verbos transitivos são colocados na voz passiva, eles se intransitivizam. Vejamos algumas raízes que tomam o padrão P7 como voz passiva, enquanto tomam o P3 na voz ativa. E também alguns que tomam o P2 na voz passiva, mas tomam o P1 na voz ativa³³.

(56)	Ativa P3 (CiCeC)	Passiva P7 (HitCaCeC)
a)	<i>Qibel</i> 'receber'	<i>hitqabel</i> 'foi recebido'
b)	<i>Biqeš</i> 'perguntar por'	<i>hitbaqeš</i> 'foi perguntado'
c)	<i>ʔifšer</i> 'possibilitar'	<i>hitʔafšer</i> 'tornar possível'

(57)	Ativa P1 (CaCaC)	Passiva P2 (niCCaC)
a)	<i>Harag</i> 'matar'	<i>neherag</i> 'foi morto'
b)	<i>ʔaxal</i> 'comer'	<i>neʔexal</i> 'foi comido'
c)	<i>Šadad</i> 'roubar'	<i>nišdad</i> 'foi roubado'

³³ Quadro adaptado de Arad (2005).

Voltemos aos *binyanim* que ainda não foram descritos com mais detalhes: P1 (CaCaC), P3 (CiCeC) e P5 (hiCCiC). Esses padrões dão origem tanto a verbos transitivos, quanto intransitivos.

- (58) a) P1: *yašan* (dormir), *ʔaxal* (comer), *caxaq* (rir)
 b) P3: *tiyel* (viajar), *gihec* (iron), *diber* (talk)
 c) P5: *hitxil* (começar), *higdil* (aumentar), *himtin* (esperar)

Arad (2005) irá seguir alguns trabalhos que defendem que as restrições sobre transitividade são a única propriedade codificada nos *binyanim*. As gramáticas tradicionais e alguns trabalhos, como, por exemplo, Doron (2003), caracterizam esses padrões pelos seus supostos papéis semânticos ou sintáticos, ou seja, esses padrões são caracterizados como reflexivos ou causativos. Contudo, Arad (2005) mostra que esse fato deve ser tomado apenas como uma tendência. Por exemplo, o P5 é chamado de causativo, porém ele apresenta muitos verbos que não são causativos. Além disso, podemos encontrar muitos verbos causativos no P1 e no P3:

(59)	Não-causativos em P5	Causativos em outros <i>binyanim</i>	
a)	<i>Himtin</i> (esperar)	<i>ximem</i> (aquecer)	P3
b)	<i>Hizmin</i> (convidar)	<i>patax</i> (abrir)	P1
c)	<i>Hexlit</i> (decidir)	<i>šavar</i> (quebrar)	P1

Dessa forma, a autora defende que em vez de haver uma especificação tal como [+causativo] para os *binyanim*, haja uma especificação tal como [-transitivo], ou seja, a especificação é dada pelas propriedades sintáticas e não por alguma propriedade tal como causatividade ou reflexibilidade. Desse modo, o que vemos no trabalho de Arad (2005) é uma argumentação, ainda que indireta, de que os padrões verbais possuam uma informação sobre a estrutura argumental. Algumas perguntas podem ser feitas nesse ponto: (i) a estrutura

argumental de um verbo formado a partir de uma mesma raiz muda?; (ii) uma raiz pode entrar em quantos *binyanim*?; (iii) qual é a natureza dos padrões vocálicos na teoria de Arad (2005)?

Comecemos a refletir sobre essas questões, dizendo que a maior parte das raízes pode aparecer em mais de um *binyan*. Uma vez que as raízes podem entrar em diversos contextos verbais, além de outros contextos categoriais, elas adquirem significados diversos, como já vimos em (52). A esse fenômeno, em que uma raiz adquire novos significados, mas mantém um cerne semântico na nova palavra formada, Arad (2005) chamou de *Multiple Contextualized Meaning* (MCM). No caso dos padrões verbais, uma mesma raiz cria dois, ou mais, verbos diferentes quando é inserida em dois, ou mais, *binyanim*, como podemos ver nos exemplos em (60) e (61):

(60)	Raiz: √bšl	a)	P3	<i>bišel</i> (cozinhar)
		b)	P5	<i>hivšil</i> (madurar)
-
(61)	Raiz: √btx	a)	P1	<i>batax</i> (confiar)
		b)	P3	<i>biteax</i> (assegurar)
		c)	P5	<i>hivtiax</i> (prometer/garantir)

Nos exemplos acima, os verbos criados a partir de raízes que apresentam o fenômeno de MCM estão nos padrões 1, 3 e 5. Como a autora chama a atenção, esses são precisamente os padrões que não possuem qualquer restrição de transitividade sobre os verbos que são formados, além de serem os padrões que podem apenas originar verbos derivados de raiz e não verbos derivados de nomes ou adjetivos.

Contudo, o MCM não diz respeito apenas ao fato de uma raiz aparecer em vários padrões verbais. Há casos em que uma raiz, aparecendo em dois *binyanim*, cria dois verbos com significados parecidos, diferindo apenas no que diz respeito ao modo que o evento é percebido. Isso é conhecido como alternância de estrutura argumental. Em casos como esse,

como afirma Arad (2005), a presença de uma única raiz em dois padrões diferentes corresponde a uma mudança semântica e sintática regular no significado do verbo formado. Tal mudança se dá na estrutura dos argumentos. As principais alternâncias encontradas no hebraico incluem: forma passiva e ativa, transitiva-reflexiva, incoativa-causativa e estativa-incoativa. Vejamos alguns exemplos³⁴:

(62)	Raiz	ativo	passivo
a)	√šmr	<i>šamar</i> (guardar, P1)	<i>nišmar</i> (foi guardado, P2)
b)	√bšl	<i>bišel</i> (cozinhar, P3)	<i>bušal</i> (foi cozido, P4)
c)	√cms	<i>hicmid</i> (fixar, P5)	<i>hucmad</i> (foi fixado, P6)
(63)	Raiz	transitivo	reflexivo
a)	√rxc	<i>raxac</i> (lavar, P1)	<i>hitraxec</i> (lavar-se, P7)
b)	√glx	<i>gileax</i> (barbear, CiCeC, P3)	<i>hitgaleax</i> (barbear-se, P7)
c)	√srq	<i>sereq</i> (pentear, CiCeC, P3)	<i>histrareq</i> (pentear-se, P7)
(64)	Raiz	incoativo/não-causativo	causativo
a)	√qpʔ	<i>qafaʔ</i> (congelar, P1)	<i>hiqqiʔ</i> (congelar, P5)
b)	√bhr	<i>hitbaher</i> (limpar, P7)	<i>hivhir</i> (limpar, P5)
c)	√bhl	<i>nivhal</i> (ficar assustado, P2)	<i>hivhil</i> (assustar, P5)
d)	√xmm	<i>hitxamem</i> (fica quente, P7)	<i>ximen</i> (aquecer, P3)
(65)	Raiz	estativo	incoativo/não-estativo
a)	√yšb	<i>yašav</i> (estar sentado, P1)	<i>hityašev</i> (sentar-se, P7)
b)	√ʔhb	<i>ʔahav</i> (amar, P1)	<i>hitʔahev</i> (apaixonar-se, P7)
c)	√ʔmd	<i>ʔamad</i> (ficar, P1)	<i>neʔemad</i> (levantar, P2)

Uma diferença entre as alternâncias e a MCM está no fato de que as alternâncias não criam verbos com interpretações semânticas diferentes, como acontece com MCM, mas as alternâncias estão relacionadas com a estrutura de evento dos verbos. A diferença entre as alternâncias que vimos acima é expressa pelo tipo de evento: um estado (*yašav* ‘estar

³⁴ Os exemplos foram adaptados de Arad (2005).

sentado’) vs. uma mudança de estado ou um incoativo (*hityašev* ‘sentar-se’); um evento externamente causado (*ximem* ‘aquecer’; *hilbiš* ‘vestir-transitivo’) vs. uma ocorrência espontânea (cf. REINHART, 1996) (*hitxamem* ‘foi aquecido’) ou um evento induzido por si mesmo (isto é, reflexivo, como *hitlabeš* ‘vertir-se’). Como podemos prever, em hebraico, essa diferença na estrutura de evento está correlacionada a uma diferença na estrutura de argumentos dos verbos. Verbos na voz passiva e reflexivos são obrigatoriamente intransitivos, com o argumento externo não projetado (na voz passiva) ou identificado com o argumento interno (no caso dos reflexivos). Por sua vez, nos verbos causativos, um argumento é adicionado, segundo Arad (2005): o causador do evento.

Podemos notar que há uma regularidade morfológica nas alternâncias verbais e certa dependência de um padrão em relação a outro. Por exemplo, o padrão de verbos na voz passiva, para as raízes que são inseridas no padrão 3, é sempre o P4 e nunca o P6. Essa mesma regularidade aparece em outras alternâncias, como por exemplo, na transitivo-reflexiva. Nesse caso, como podemos ver em (66), a forma reflexiva alternante é sempre P7.

(66)	RAIZ	transitivo	reflexivo	padrão	interpretação
a)	√ <i>rx</i> c	<i>raxac</i>	<i>hitraxec</i>	1-7	lavar
b)	√ <i>gl</i> x	<i>gileax</i>	<i>hitgaleax</i>	3-7	barbear
c)	√ <i>lb</i> š	<i>hilbiš</i>	<i>hitlabeš</i>	5-7	vestir

Arad ainda nos traz exemplos de alternância entre verbos estativos e incoativos e entre causativos e incoativos. Essa última alternância possui uma liberdade maior: não há um padrão em que sempre temos incoativos ou causativos, como ocorre com o P7 que é sempre reflexivo como apontamos acima. Contudo, existe uma forte restrição, apontada por Doron (2003), que diz respeito à uni-direcionalidade das alternâncias. As alternâncias sempre seguem certa direção, como também Arad (2005) afirma, isto é, quando um verbo não causativo aparece no P1, seu correspondente causativo sempre aparece no P5. Nunca haverá

um verbo causativo que aparece no P1, mas que possua uma leitura incoativa, quando aparecer no P5, assim como nunca haverá um verbo causativo aparecendo no P7. Vejamos os exemplos:

(67)	RAIZ	não-causativo	incoativo	Padrão	interpretação
a)	√ʔmd	<i>ʔamad</i>	<i>neʔemad</i>	1-2	ficar em pé/levantar-se
b)	√ʔmd	<i>ʔamad</i>	<i>*heʔemid</i>	1-5	ficar em pé

(68)	RAIZ	incoativo	causativo	Padrão	interpretação
a)	√xmm	<i>hitxamem</i>	<i>ximem</i>	7-3	aquecer
b)	√xmm	<i>*ximem</i>	<i>*hitxamem</i>	3-7	aquecer

Em nossa análise sobre os padrões nominais, exploraremos essa restrição de unidirecionalidade e certa sistematicidade que os padrões vocálicos do hebraico apresentam, como o fato de um padrão estar sempre ligado a outro, por exemplo, o P1 ter como padrão passivo o P2 etc. Adiantando um pouco a análise dos padrões nominais, porém sem dar maiores detalhes, podemos citar que o padrão nominal hitCCaCut é o formador de nominalizações de verbos que estão no padrão verbal P7 hitCaCeC.

Apesar da forte defesa de Arad de que um dos principais traços dos *binyanim* está na transitividade, a autora diz que não se pode explicar a relação entre as raízes e os *binyanim* apenas pelas restrições de transitividade. Isso explica o fato de que causativos, por exemplo, sempre aparecerão nos padrões 1, 3 e 5, mas não nos padrões 2 e 7. Entretanto, não explica algo de nosso interesse nesta pesquisa, a unidirecionalidade das alternâncias. Nesse ponto, Arad começa a argumentar em favor do fato de que o sistema de padrões verbais hebraicos se caracteriza por certa regularidade e irregularidade. A regularidade é dada por meio das alternâncias, uma vez que tais alternâncias costumam aparecer regularmente em certos

padrões. A irregularidade é dada por causa da MCM, em que uma mesma raiz, se alocada em diferentes padrões, pode possuir significados diferentes e arbitrários.

Há uma previsão de que se uma única raiz aparecer em cinco ou mais *binyanim*, pelo menos alguns desses serão instâncias de MCM. No exemplo abaixo, podemos ver que em (69)a-c-e) temos MCM e, em (69)b-d-f, temos alternâncias:

(69)	√yd?		
a)	CaCaC	<i>yada?</i>	(saber)
b)	niCCaC	<i>noda?</i>	(tornar sabido)
c)	CiCeC	<i>yide?a</i>	(dar a conhecer)
d)	CuCaC	<i>yuda?</i>	(dar a conhecer-passivo)
e)	hiCCiC	<i>hodi?a</i>	(informar)
f)	hitCaCeC	<i>hitvade?a</i>	(familiarizar-se com)

Para não cair num enfoque determinista ou não determinista, isto é, um enfoque que defende que os padrões vêm do léxico com determinadas características, de modo que são totalmente especializados em alternâncias (ou seja, são intrinsecamente causativos, reflexivos etc) ou são especializados na criação de novos verbos, ou ainda, que não há nada de regular nos padrões verbais, a autora começa por listar cada raiz de acordo com o padrão em que ela aparece, a fim de esquematizar uma categorização das raízes e mostrar sua relação com os padrões. Desse modo, um importante resultado advém dessa esquematização: a presença de uma mesma raiz em diferentes padrões é limitada, de modo que podem ser separados em grupos bem definidos. Arad identifica cinco grupos de raízes, os quais serviram para uma análise quantitativa posterior.

O primeiro grupo de raízes são aquelas que aparecem em um único padrão. Exemplos dessas raízes são como os listados abaixo:

(70)	Raiz	binyan	verbo
a)	√cl?	CaCaC (1)	<i>cala?</i> (mancar)

b)	√g _x k	CiCeC (3)	<i>gixex</i> (rir abafado)
c)	√šʔl	hitCaCeC (7)	<i>hištaʔel</i> (tossir)

O segundo grupo, a autora chamou de “*passive only*”. São raízes que aparecem em um padrão ativo e no seu padrão passivo correspondente, criando assim dois verbos – um ativo e outro passivo:

(71)	Raiz	ativo	passivo
a)	√ʔrz	<i>ʔaraz</i> (empacotar, P1)	<i>neʔeraz</i> (foi empacotado, P2)
b)	√qrcf	<i>qircef</i> (esfregar, P3)	<i>qurcaf</i> (foi esfregado, P4)
c)	√svh	<i>hisvah</i> (camuflar, P5)	<i>husvah</i> (foi camuflado, P6)

O terceiro grupo de raízes é o das alternantes, que incluem raízes que aparecem em dois ou três padrões diferentes, onde cada aparição corresponde a uma alternância de estrutura argumental. Vejamos os exemplos abaixo:

(72)	Raiz	Verbo ₁	Verbo ₂
a)	√prd	<i>nifrad</i> (separar-intrans., P2)	<i>hifrid</i> (separar-trans., P5)
b)	√xmm	<i>hitxamem</i> (aquecer-intrans., P7)	<i>ximem</i> (aquecer-trans., P3)
c)	√ʔmd	<i>ʔamad</i> (estar em pé, P1)	<i>neʔemad</i> (levantar-se, P2)

O quarto grupo é daquelas raízes em que o MCM pode ocorrer:

(73)	Raiz	Verbo ₁	Verbo ₂
a)	√bxn	<i>baxan</i> (examinar, P1)	<i>hivxin</i> (discernir, P5)
b)	√xšb	<i>xašav</i> (pensar, P1)	<i>xišev</i> (calcular, P3)
c)	√grš	<i>gereš</i> (expelir, P3)	<i>hitgareš</i> (divorciar-se, P7)

O quinto e último grupo, por sua vez, é relativamente pequeno, e é formado pelas raízes que criam verbos sinônimos ou que são próximos de sinônimos, mas pertencentes a diferentes padrões.

(74)	Raiz	Verbo ₁	Verbo ₂
a)	√qn?	<i>qine?</i> (invejar, P2)	<i>hitqane?</i> (invejar, P7)
b)	√gwr	<i>gar</i> (morar em, P1)	<i>hitgorer</i> (residir, P7)
c)	√kpl	<i>kafal</i> (multiplicar, P1)	<i>hixpil</i> (multiplicar, P5)

Esse último grupo nos mostra que uma explicação determinística, ou seja, aquela que diz que os padrões são totalmente especificados e possuem características fixas, não prevê tal arbitrariedade, isto é, uma mesma raiz poder dar origem a dois verbos com o mesmo significado, mas com padrões diversos. Esse fato, no entanto, é previsto pela teoria do MCM de Arad (2005). Um sistema determinístico ainda preveria poucas lacunas no sistema de padrões. Contudo, sabemos que uma raiz não se encaixa em todos os *binyanim*.

Para a autora, essas lacunas apresentadas no sistema de padrões verbais do hebraico refletem dois traços. O primeiro, que esse sistema não é determinístico. A contribuição dos *binyanim* não é semanticamente e sintaticamente transparente, de modo que não há um modo de aprender os verbos, combinatoriamente, a partir de suas raízes e padrões. Cabe à semântica de cada raiz decidir se ela pode participar das alternâncias de estrutura argumental ou da atribuição de um significado contextualizado múltiplo (MCM). O segundo traço é que o sistema é pobre: o hebraico trabalha com um pequeno número de verbos. Para cada raiz, há cinco possibilidades morfológicas verbais.

A crítica que fazemos à Arad não é em relação ao fato de o enfoque ser determinístico ou não, mas à ideia de que se uma raiz possuir a informação de qual *binyanim* ela pode ser inserida, isso invalidaria a possibilidade de o *binyanim* possuir uma informação sobre a estrutura argumental. A própria autora mostrou que é possível argumentar em favor de um

traço [-transitivo] para alguns *binyanim*. Dizer que apenas a raiz possui a informação de onde se encaixar não deve ser o caminho natural para a explicação de como se dá a inserção de uma raiz em algum padrão vocálico, mas sim dizer que deve haver uma combinação das informações presentes nas raízes, uma informação de ordem semântico-conceitual, com as informações gramaticais, isto é, sobre a estrutura argumental, causatividade, reflexividade, que estão codificadas nos padrões vocálicos.

Após uma detalhada pesquisa quantitativa sobre em quais padrões cada uma das raízes podem ser inseridas, a autora mostra como resultado o que de fato pode ser considerado regular no sistema de padrões do hebraico:

- (75) A) A forma morfológica do verbo na voz passiva é sempre, sem exceção, previsível a partir da forma ativa.
- B) Alternâncias transitivas envolvem, em muitos casos, um dos padrões não-transitivos 2 ou 7.
- C) O sistema tende a usar diferentes combinações de padrões para diferentes propostas. Por exemplo, não há alternância de estrutura argumental entre o padrão 3 e 5 (e praticamente não há alternâncias entre o padrão 1 e 3). Quando uma raiz aparece nestes padrões o resultado é sempre ocorrer o fenômeno de MCM ou ocorrer em sinônimos. A combinação de padrões 2 e 7 é sempre, exclusivamente, reservada para sinônimos.

Algumas outras peculiaridades também são descobertas pela autora, em sua análise quantitativa. Podemos notar que o P7, tradicionalmente conhecido como reflexivo, contém verbos reflexivos de fato, mas esses são poucos (cerca de 74) se comparados com o número de verbos incoativos que aparecem nesse mesmo padrão (cerca de 159).

Para resumir esta seção, podemos considerar, por meio do trabalho de Arad, que os *binyanim* possuem dois papéis: (i) fazer alternâncias da estrutura argumental (P2 e P7, principalmente) e, simultaneamente, (ii) formar verbos múltiplos a partir de uma única raiz. Desses dois fatos, que (a) todos os verbos devem ser formados de um *binyan*, e que (b) o hebraico permite a MCM para as raízes, segue a possibilidade de encontrarmos regularidades

e irregularidades no sistema verbal hebraico. Dito de outra maneira, o sistema de padrões exibe um sincretismo no qual hospeda tanto as alternâncias, quanto a MCM.

Neste ponto, voltemos para nossa questão sobre a natureza dos padrões: afinal, o que são os padrões vocálicos na estrutura da língua? Onde se localizam na estrutura sintática? Trataremos dessas questões na próxima seção, refletindo sobre o trabalho de dois autores: Aronoff (1994), que tenta explicar as razões para o “caos” do sistema verbal do hebraico e Doron (2003), que busca descobrir certa ordem nesse aparente “caos” do sistema.

4.1.1.1. O que são os padrões: classes flexionais ou núcleos sintáticos?

Nesta seção, como já anunciamos, vamos refletir sobre duas propostas de análise dos *binyanim*: Aronoff (1994) e Doron (2003). Também refletiremos, mas uma vez, sobre a proposta de Arad (2005), que faz um resumo desses autores.

Como sabemos, o programa de pesquisa de Aronoff (1994) defende um status autônomo para a morfologia, independente de outros componentes gramaticais tais como a fonologia e a sintaxe. É nesse ambiente que se enquadra a pesquisa sobre os *binyanim* do hebraico. Sua pesquisa se inicia com um paradoxo: o sistema de *binyan* mostra sinais claros de ser tanto derivacional, quanto flexional. Flexional por causa de algo que já falamos – a obrigatoriedade – uma vez que é obrigatório, para formar um verbo, estar em um dos *binyanim*. Além disso, é flexional, também, porque os *binyanim* determinam as formas flexionais de todos os verbos. Contudo, a natureza derivacional provém da distribuição dos *binyanim*, uma distribuição que não é paradigmática, além de não ser sempre semanticamente composicional. Entretanto, Aronoff argumenta que esse paradoxo é falso e surge de um

desentendimento da relação entre derivação e flexão, de um lado e morfologia, de outro. Derivação e flexão não são dois tipos de morfologia, mas dois usos da morfologia, uma vez que flexão é a realização morfológica da sintaxe, enquanto derivação é a realização morfológica da formação de lexema. Desse modo, o autor assume que a morfologia pode realizar tanto processos flexionais, quanto derivacionais.

O sistema de Aronoff é tal como segue. Cada *binyanim* é uma classe flexional, tal como uma classe de conjugação do latim, e todo verbo na língua pertence a uma classe. Ao mesmo tempo, as regras de formação de lexema, para a formação de lexemas verbais, cada qual atribui a seus radicais verbais (*output*) uma filiação em alguma classe flexional (*binyanim*). A própria classe flexional determina o paradigma flexional do *stem* verbal. Vejamos o esquema:

(76)	Regras de formação de lexema atribuem filiação:	<i>Binyanim</i> paradigma	determina
	$\sqrt{CCC} \rightarrow$	<i>binyan 1</i>	CaCaCti, CaCCta, CaCaC
	$\sqrt{CCC} \rightarrow$	<i>binyan 3</i>	CiCaCti, CiCaCta, CiCeC
	$\sqrt{CCC} \rightarrow$	<i>binyan 5</i>	hiCCaCti, hiCCaCta, hiCCiC

O sistema de padrões verbais, segundo Aronoff, tem dois papéis: (i) ele serve como uma marca morfológica abstrata da regra de formação do lexema, e (ii) ele serve como uma classe flexional, ou seja, ele dita a forma fonológica do verbo. Dessa forma, temos que as regras de formação são abstratas, isto é, a atribuição de lexemas verbais a classes flexionais diferentes não tem um reflexo fonológico aberto.

O que as classes flexionais do hebraico possuem em especial, em relação a outras classes flexionais de outras línguas, é que elas determinam não a morfologia flexional do *stem*, mas a própria forma do *stem*. Em outras palavras, os *binyanim* são como funções. O

input dessa função é uma raiz e seu *output* é um *stem verbal*, que possui certa forma e pode ser flexionado de acordo com um paradigma flexional dos verbos do hebraico.

Percebemos, portanto, que a proposta de Aronoff captura dois aspectos do sistema do hebraico, já citados por Arad: (i) a obrigatoriedade do sistema e sua regularidade, por meio do aspecto flexional de sua proposta, e (ii) as irregularidades e lacunas do sistema, por meio do aspecto derivacional dos *binyanim*.

Contudo, se tomarmos as observações feitas por Arad a cerca das raízes, principalmente em relação à ligação dos padrões com as alternâncias, veremos que a análise de Aronoff deixa sem explicação vários aspectos. Por exemplo, tomando-se os exemplos das alternâncias, percebe-se que o tratamento morfológico pela “*morphology by itself*” não abrange as relações que só são explicadas utilizando-se uma teoria que relacione a morfologia com a sintaxe.

Vejamos algumas outras questões que não estariam no escopo da teoria de Aronoff. Arad diz que qualquer teoria deveria explicar o fato de que o *binyanim* 2 e 7 não marcam verbos transitivos. Além disso, também teria de explicar o fato de que as alternâncias transitivas envolvem (com exceção do par 1-5) um dos padrões não-transitivos, ou seja, P2 ou P7. Desse modo, a interação entre estruturas sintáticas e a morfologia dos *binyanim*, que por vezes nos parece ser regular, permanece arbitrária em um tratamento como o da teoria da *morphology by itself*.

Outra questão, trazida por Arad, que podemos ressaltar é o debate teórico sobre se todos os verbos são produzidos na sintaxe. Para Aronoff, todos os verbos enquadram-se no domínio de formação de palavras. Muitas teorias assumem que processos que envolvem a formação de causativos e reflexivos se realizam na sintaxe. No caso da teoria de Aronoff, o único caso de um processo que ocorre na sintaxe são as passivas, que, de acordo com o autor,

são criadas com base nos *binyanim* ativos. As passivas são o *output* de regras sintáticas, contudo o autor não trata sobre seu processo de formação.

Mais uma vez, Arad mostra que uma teoria que relaciona sintaxe e morfologia pode abranger e dar uma explicação mais natural para processos de formação de verbos, como os verbos passivos. A autora mostra que, se a interpretação de causatividade ou incoatividade pode ser dada em diversos *binyanim*, sem que estejam ligadas a outro padrão, as passivas sempre estão ligadas a um padrão, de modo que aquelas raízes que na voz ativa são inseridas no P1, na voz passiva sempre são inseridas no P2, por exemplo, como podemos ver em (77):

(77)	Voz ativa	Voz passiva
	P1	P2
	P3	P4
	P5	P6

No sistema de Aronoff, onde a morfologia é um sistema autônomo, a ligação entre a voz ativa e a voz passiva permanece arbitrária. Entretanto, em um sistema como o de Marantz (2000), as propriedades sintáticas dos verbos na voz passiva, que os distinguem de outros verbos, além do comportamento dos mesmos, são facilmente explicados.

A análise de Marantz (2000) segue Kratzer (1996) e assume que as passivas envolvem um núcleo de voz, o qual é responsável pela projeção (ou falta dela) do argumento externo, localizado acima do núcleo *v* que verbaliza a raiz.

Como podemos ver na estrutura em (78), o núcleo *voice* não tem acesso à raiz e, portanto, a raiz não pode decidir selecionar uma morfologia de passiva diferente, de modo que a morfologia de passiva envolve uma modificação da morfologia de voz ativa já existente. Dessa forma, Marantz (2000) explica a ligação, e subordinação, da voz passiva à voz ativa. Também, por meio dessa estrutura, pode-se prever a regularidade da voz passiva, enquanto a morfologia de não-passivas será dependente das propriedades idiossincráticas da raiz. Como já dissemos, essas previsões não são possíveis em um sistema como o de Aronoff.

Passemos à reflexão sobre o trabalho de Doron (2003). A autora enfoca em sua análise exatamente a parte que criticamos no trabalho de Aronoff, ou seja, a relação entre a sintaxe e a morfologia e, também, entre essas e a semântica, mostrando tais relações por meio de uma pesquisa detalhada e exaustiva sobre as raízes e os padrões verbais.

Já dissemos que Doron tenta chegar o mais próximo de um sistema determinista, propondo uma ordem para as irregularidades do sistema de *binyanim*, de modo a mostrar que há uma sistematicidade nas relações entre as raízes e os *binyanim*. Isso se dá por meio da postulação de que a morfologia dos padrões verbais é reflexo de núcleos funcionais verbais na sintaxe. Desse modo, ela irá estabelecer que os padrões semíticos denotam duas dimensões do significado verbal: voz (da qual a voz média, além da voz passiva e ativa também é um possível valor) e uma dimensão temática que ela irá chamar de agentividade (da qual causativo é um possível valor). O fato de a teoria de Doron descrever os padrões como núcleos sintáticos será de grande valia para nossa análise posterior sobre os padrões nominais, principalmente pelo fato de essa análise mostrar ser possível a interação entre morfologia,

sintaxe e semântica. Além disso, essa interface, por sua vez, está de acordo com propostas não-lexicalistas, como a proposta da MD.

Contudo, alguns problemas da interface semântica-morfologia são apontados pela autora: (i) impossibilidade, muito ignorada na teoria linguística, de derivar a semântica de verbos médios a partir dos verbos transitivos correspondentes; (ii) explicar a identidade encontrada através das línguas entre a morfologia média e a morfologia reflexiva e (iii) determinar a função gramatical da causa em construções causativas.

Duas razões são colocadas pela autora para uma análise não-lexicalista. A existência de um padrão, como unidade morfológica independente, apóia a visão de estrutura de argumentos defendida pelas teorias chamadas de não-lexicalistas por Doron (2003), como, por exemplo, Hale; Keyser (1993) e Kratzer (1996). De acordo com essas visões, o argumento externo é um argumento de um núcleo funcional, aqui, um padrão vocálico. O fato de o papel temático do argumento externo ser determinado por um morfema especial (o padrão) nos verbos intensivo, como veremos abaixo, e causativo não é algo esperado em uma visão lexicalista de estrutura argumental, onde o argumento externo é um argumento do predicado básico. Outra razão é que, em teorias lexicalistas, a identidade encontrada através das línguas entre os morfemas médios e os morfemas reflexivos permanece um mistério.

A teoria construída por Doron (2003) defende que a raiz e seus argumentos são, opcionalmente, encaixados sob o *v* que introduz o agente (como em HALE; KEYSER, 1993 e KRATZER, 1996). No entanto, esse é apenas o caso não marcado e, nas línguas semíticas, é codificado por um padrão simples. Ser um padrão simples significa dizer que o padrão é composto apenas por vogais, diferente de um padrão não-simples que é composto por prefixo + vogais.

Duas dimensões de marcação são introduzidas por dois tipos adicionais de núcleos sintáticos, isto é, núcleos além do *v*: a) núcleos de agentividade, que modificam a

agentividade e são morfologicamente realizados como os padrões *intensivo* e *causativo* e b) núcleos *Voice*, que modificam voz e são morfologicamente realizados por meio dos padrões *passivo* e *médio*.

Segundo a descrição de Doron (2003), podemos separar os padrões entre *simples*, *intensivo* e *causativo*, segundo o critério de agentividade e podemos ter também *ativo*, *passivo* e *médio*, segundo o critério de voz. Cada padrão deve conter as duas propriedades, de modo que a combinação das propriedades nos permitiria chegar a nove padrões, porém só existem sete.

RAIZ [p][n][y]		‘frente’ / ‘fronte’	
	ATIVA	PASSIVA	MÉDIA
SIMPLES	P ana (P1)	-----	Nif n a (P2)
INTENSIVO	P ina (P3)	P una (P4)	Hit p ana (P7)
CAUSATIVO	Hif n a (P5)	Huf n a (P6)	-----

Tabela 9 Padrões vocálicos segundo Doron (2003)

Por meio da análise exaustiva dos padrões do hebraico, Doron (2003) argumenta que todos os verbos são construídos na sintaxe, por meio da combinação da raiz com diferentes núcleos τ e γ , os quais, em um primeiro momento, determinam se o verbo será de ação, de causação, ou não classificado para essas dimensões; e, em um segundo momento, esses núcleos determinarão a introdução do argumento externo. A derivação pode conter também núcleos *voice*. Como já vimos anteriormente, há dois núcleos *voice*: o passivo π e o núcleo de voz média μ . A falta de um núcleo *voice* na derivação é interpretada, *by default*, como voz ativa.

Nessa teoria, quanto mais local a combinação dos núcleos, mais idiomático será o significado encontrado. Por exemplo, o núcleo agentivo ι se combina diretamente com a raiz, enquanto um núcleo causativo γ se combina com a raiz mais seu argumento.

O significado de uma raiz é mais idiossincrático ao ser combinado com o padrão *intensivo* ou *médio*, que ao ser combinado com padrão *causativo* ou *passivo*. Assim, temos o resumo dos tipos de padrão e seus traços em (79).

(79)	Padrões	Traços <i>default</i>
	INTENSIVO	[+ ι] +ação, se combina diretamente a com raiz;
	CAUSATIVO	[+ γ] +argumento externo, se combina com a raiz e argumento;
	SIMPLES	[- ι - γ] –ação e – argumento externo.

A autora adota a ideia de que o argumento externo de um verbo é introduzido por um núcleo separado, como já dissemos. Por sua vez, o argumento interno pode ser argumento da raiz R. Semanticamente, uma raiz R denota tanto um evento, como $\lambda e[R(e)]$, quanto uma relação entre indivíduos e eventualidades, como $\lambda x\lambda e[R(e,x)]$. O núcleo v relaciona um evento ao seu agente (mais precisamente um proto-agente), como na função $\lambda y\lambda e[\text{Agente}(e,y)]$. O núcleo ι classifica o evento como um ação $\iota = \lambda e[\text{Ação}(e)]$. O núcleo de agentividade γ relaciona um evento com sua causa, como ilustra a função $\gamma = \lambda y\lambda e[\text{Cause}(e,y)]$.

A Tabela 10 resume o que vimos no parágrafo anterior.

Núcleo agentivo	Denotação	Padrão <i>default</i>	Licenciador de v
-----	-----	SIMPLES	Depende da RAIZ
ι	$\lambda e[\text{Ação}(e)]$	INTENSIVO	Licencia
γ	$\lambda y\lambda e[\text{Cause}(e,y)]$	CAUSATIVO	Não licencia

Tabela 10 Denotação dos núcleos agentivos

No que diz respeito à denotação dos argumentos de um verbo causativo e de um verbo intensivo, a autora verificou que o argumento adicional do verbo intensivo é um ator, enquanto o argumento adicional do verbo causativo não o é. Nos exemplos em (80), o verbo intensivo pode apenas ser predicado de um ator animado. O verbo causativo, por outro lado, pode ser predicado de qualquer tipo de causa (incluindo causas abstratas).

- (80) a) *ha-agronomit/eyxut-ha-qarqa* *higdila* *et-ha-yevul*
 DEF-agronomista/a qualidade do solo aumentar.Causa ACC-DEF-safra
 ‘O agronomista/ A qualidade do solo aumentou a safra’
- b) *ha-agronomit* *gidla* *yeraqot*
 DEF-agronomista crescer.INT vegetais
 ‘O agronomista cultivou uns vegetais’
- a) **eyxut-ha-qarqa* *gidla* *yeraqot*
 DEF-qualidade do solo crescer.INT vegetais

Tendo refletido sobre a teoria de Doron (2003), vemos alguns exemplos de sua teoria colocada em funcionamento.

Como foi formulado Tabela 10, para a autora, quem determina se o verbo simples contém, ou não, o *v* é a raiz. Em (81) e (82), temos dois exemplos de raízes inseridas em um padrão simples que licencia o *v*.

- (81) **y raqad**³⁵
 y dançar.simples ‘y dançou’
- $\begin{array}{c} v \\ \swarrow \quad \searrow \\ y \quad \quad v \end{array}$
- $\begin{array}{c} \lambda e[\text{dançar}(e) \ \& \ \text{Agent}(e,y)] \\ \lambda y \lambda e[\text{dançar}(e) \ \& \ \text{Agent}(e,y)] \\ \lambda y \lambda e[\text{Agente}(e,y)] \quad v \quad [R[r][q][d]] \quad \lambda e[\text{dançar}(e)] \end{array}$

³⁵ O padrão está em negrito nesses exemplos de estrutura.

- (82) y šavar et x
y quebrar.simples ACC x ‘y quebrou x’

Além dos fatos ressaltados acima, podemos perceber pelas denotações dos núcleos e das raízes que, com o trabalho de Doron (2003), surge uma nova hipótese para a questão da seleção/licenciamento dos argumentos: a informação sobre os argumentos pode estar contida tanto na raiz, quanto nos núcleos funcionais.

Seguindo a argumentação da autora, o núcleo ι , por outro lado, licencia ν seja a raiz permitindo ou não tal licenciamento. A partir de um requerimento semelhante ao que postula que um papel temático é atribuído no máximo uma vez por evento, o Agente, em (81) e (82), será correspondente ao papel de Ator no verbo intensivo correspondente em (83) e (84).

- (83) y riqed
y dançar.INTENSIVO ‘y dançou ativamente’

- (84) y šiber et x
y quebrar.INTENSIVO ACC x ‘y quebrou x ativamente’

O núcleo γ não licencia ν e o papel temático introduzido é Causa, que, para a autora, difere de Agente. O argumento de γ é sempre um argumento diferente do sujeito do verbo simples.

- (85) z hoci et x
z sair.CAUSATIVO ACC x ‘z levou para fora x’

Para finalizar a reflexão sobre a proposta de Doron (2003), fazemos algumas ponderações com a ajuda de Arad (2005).

Embora os *binyanim* sejam equiparados a núcleos funcionais, Doron não argumenta que o significado da raiz em um dado padrão seja previsível. Quando uma raiz aparece no *binyan* simples e no *binyan* intensivo, o verbo intensivo (por exemplo, *yicer*, manufaturar) tem um componente de ação que o verbo simples (por exemplo, *yacar*, produzir) não possui.

Isso permite a autora explicar a regularidade que existe nos padrões, enquanto não pratica uma teoria determinista plena, na qual a contribuição do padrão para cada raiz é transparente.

Podemos destacar que a maior contribuição de Doron está nas generalizações sobre as relações entre os *binyanim*. A generalização mais importante é aquela, já mencionada neste trabalho, que diz respeito à direcionalidade do *binyanim* na marcação das alternâncias de estrutura argumental. Por exemplo, se um verbo não-causativo aparece no *binyan* 1, o verbo causativo aparece no *binyan* 5, e nunca em outro padrão. Sob o sistema da autora, essa generalização é derivada, imediatamente, a partir da constituição estrutural dos verbos do hebraico e a partir da relação direta entre a forma morfológica (*binyan*) e a estrutura sintática.

Entretanto, algumas críticas são feitas à teoria da autora por Arad (2005). As questões levantadas pela autora não dizem respeito ao programa de pesquisa de Doron (2003), mas criticam algumas formulações que falham empiricamente.

Muitos dos problemas resultam de dois aspectos complementares da teoria. De um lado, a teoria faz previsões muito fortes, que não são corroboradas com fatos empíricos. Por outro lado, a teoria se revela muito restritiva para acomodar toda a gama de fenômenos que ocorrem no hebraico.

Sobre o fato de a teoria fazer fortes previsões, o problema é que, na realidade, as relações entre sintaxe e morfologia dos padrões não são tipicamente tão diretas. Como consequência, a autora é obrigada a forçar o significado dos verbos, para eles incluírem tal componente como indicado pelo *binyan* em que eles aparecem. Isso fica evidente se examinarmos pares ou trios de verbos derivados da mesma raiz nos padrões 1-3-5. A principal previsão de Doron é que, para cada trio, o verbo no P1 será não marcado com respeito ao argumento externo, o verbo no P5 será causativo, e que, no P3, o argumento será um ator. É difícil argumentar isso para esses casos, em particular para o P3.

(86)	Raiz	P1	P3	P5
a)	√tʔam	taʔam (combinar)	teʔem (coordenar)	hitʔim (combinar)
b)	√kpp	kafaf (dobrar)	kofef (dobrar)	hixpif (subordinar)
c)	√štq	šataq (ficar em silêncio)	šiteq (paralizar)	hištiq (silenciar)

O verbo *taʔam* (P1) é um verbo estativo (combinar, como “A jaqueta combina com a blusa”). Por sua vez, *teʔem* (P3) significa ‘coordenar’ e *hitʔim* (P5) pode ser tanto um verbo estativo, sinônimo de *taʔam*, como pode ser um verbo não-estativo, significando ‘combinar coisas juntas’. Nesse ponto, não fica claro de que maneira o argumento externo de *teʔem* (P3) é um ator, e o de *hitʔim* (P5) não o é. Ambos os verbos requerem um ator (no caso da leitura não-estativa de *hitʔim*). E também, ambos os verbos são causativos: não há como dizer que *hitʔim* é mais causativo que *teʔem*. Problemas da mesma natureza são apontados para as outras raízes.

Ainda sobre a problemática do P3, Arad defende que há um número relativamente pequeno de raízes que, ao entrarem no P3, possuem um ator como argumento externo, em contraste com a contraparte da mesma raiz que também entra nos padrões 1 e 5. Cerca de quinze raízes têm uma interpretação estativa em P1 e não-estativa (possivelmente agentiva) em P3.

Arad ainda ressalta vários problemas empíricos para as generalizações feitas por Doron (2003). Contudo, nosso trabalho irá aproveitar, da proposta de Doron, principalmente a ideia de que é possível haver núcleos funcionais representados pelos padrões vocálicos do hebraico. Além disso, como ressalta a própria Arad, o trabalho de Doron não deixa de explicitar um dos princípios que parece ser regular nos padrões do hebraico, isto é, a relação de direcionalidade que os padrões apresentam.

Na próxima seção, descreveremos os padrões nominais e veremos que nem todos os autores acreditam que se pode falar em padrões para os nomes da mesma forma que tratamos os padrões verbais.

4.1.2. Os padrões nominais do hebraico

Nesta seção, descreveremos alguns padrões nominais do hebraico, dando uma maior atenção para os padrões das nominalizações. Além disso, entraremos numa discussão, colocada por Arad, sobre a existência de uma assimetria entre os padrões verbais e nominais. Também nesta seção, lançaremos nossa proposta de análise para a direcionalidade dos padrões de nomes de ação, ou nomes eventivos, segundo a qual alguns padrões nominais estão ligados a determinados padrões verbais, uma ideia que está baseada numa sugestão de Glinert (1989) e no próprio princípio de direcionalidade explicitado por Arad (2005).

Os padrões nominais são chamados de *mišqalim* (plural de *mišqal*). Arad diz que os nomes devem ser separados em dois grupos: os que podem ser alocados em um *mišqal* e os que não podem ser alocados em um *mišqal*. Uma primeira diferença entre os padrões nominais e verbais diz respeito ao número, isto é, enquanto os padrões verbais são restritos a sete, os padrões nominais são bastante numerosos. Podemos separar os *mišqalim* de acordo com a presença, ou não, de afixos, que fazem parte do padrão juntamente com as vogais³⁶.

- (87) a) Mišqalim sem afixos
CaCiC: *parit* (item, √prt), *karix* (sanduíche, √krk), *qatin* (menor de idade, √qtn)
CCaC: *prat* (detalhe, √prt), *klal* (regra, √kll), *svax* (enredar, √sbx)
CCiC: *qfic* (primavera, √qpc), *blil* (mistura, √bll), *ktiv* (escrita, √ktb)
- b) Mišqalim prefixados
miCCaC: *miqlat* (abrigo, √qlt), *mišpat* (julgamento, √špt), *mištar* (regime, √štr)
maCCeC: *maxšev* (computador, √xšb), *mašder* (transmissor, √šdr), *maqlet* (destinatário, √qlt)
miCCoC: *mizmor* (hino, √zmr), *mistor* (esconderijo, √str), *mixšol* (obstáculo, √kšl)
taCCiC: *targil* (exercício, √rgl), *tamsir* (folheto, √msr), *taqlit* (recorde, √qlt), *tasmin* (síndrome, √smn)

³⁶ Exemplos adaptados de Arad (2005).

- c) Mišqalim sufixados
CaCeCet: *šamenet* (creme, √šmn), *teyelet* (passeio/esplanade, √tyl), *carevet* (azia, √crb)
CaCaCa: *qabala* (recepção, √qbl), *taqala* (acidente, √xbl), *kapara* (reparação, √kpr)
CCiCut: *cniʔut* (modéstia, √cnʔ), *šlixut* (missão, √šlx), *šxitut* (corrupção, √šxt)
CCiCa³⁷: *sviva* (ambiente, √sbb), *glida* (sorvete, √gld), *šqiʔa* (pôr do sol, √šqʔ)
- d) Mišqalim com prefixos e sufixos
miCCaCa: *mištara* (polícia, √štr), *migbala* (limitação, √gbl), *milxama* (war, √lxm)
miCCeCet: *miqledet* (teclado, √qld), *mizxelet* (trenó, √zxl), *mišmeret* (vigília, √šmr)
maCCeCa: *maxreša* (arado, √xrš), *maqdexa* (furador, √qdx), *maqhela* (coro, √qhl)
tiCCoCet: *tilbošet* (traje, √lbš), *taxbošet* (bandagem, √xbš), *tiqšoret* (mídia, √qšr)
taCCuCa: *taʔmula* (lobby, √ʔml), *taxbula* (truque, √xbl), *taʔvura* (transporte, √ʔbr)

Arad ressalta a presença de prefixos e sufixos nos *mišqalim* para destacar as diferenças entre os padrões verbais e nominais. Contudo, vimos que alguns padrões verbais possuem afixos, por exemplo, o padrão **hitCaCeC** (P7).

Outro ponto enfatizado pela autora é que os *mišqalim* não impõem qualquer restrição semântica sobre os nomes. A autora cita apenas alguns padrões que seriam especializados em instrumentos. Da mesma forma que os padrões verbais, uma raiz pode aparecer em mais de um *mišqal*, criando assim inúmeros nomes. Em (88), vemos que a raiz √štx pode entrar em, pelo menos, três *mišqalim*.

(88)	√štx		
a)	CeCeC	<i>šetax</i>	área
b)	miCCaC	<i>mištax</i>	superfície
c)	CaCiC	<i>šatix</i>	tapete

³⁷ Podemos perceber, neste padrão, que a separação feita por Arad (2005) não está correta. Neste exemplo, não temos um sufixo atrelado ao padrão.

Para Arad, se o nominal não está associado com nenhum traço gramatical, mas é usado apenas para tornar a raiz pronunciável, ou quando um radical não é consonantal, não há necessidade para um padrão morfológico. Desse modo, temos nomes que não são combinados em nenhum *mišqal*.

- (89)
a)	<i>bdolax</i>	cristal
b)	<i>sus</i>	cavalo
c)	<i>tarnegol</i>	galo
d)	<i>zug</i>	par, casal, dupla
e)	<i>melafefon</i>	pepino
f)	<i>psefas</i>	mosaico

A autora ainda chama a atenção para o fato de que esses nomes não apenas não possuem um padrão, mas que eles também possuem outra estrutura prosódica, além de outra forma para a composição de suas raízes. Enquanto os nomes que possuem um *mišqal* são compostos de raízes consonantais, como já descrevemos, os nomes sem padrão são constituídos por raízes silábicas, isso significa que: suas raízes são compostas de consoantes e vogais e não apenas consoantes. Nesse ponto, podemos constatar a assimetria entre nomes e verbos no hebraico: os *binyanim* são obrigatórios para a formação de verbos, incluindo os verbos emprestados, já os nomes não necessitam, obrigatoriamente, de um *mišqal*.

A autora, por meio da Hipótese das Raízes (que defende que as palavras do hebraico são constituídas por raízes tri-consonantais) combinada com uma arquitetura específica da gramática, independentemente motivada pela MD, tentará propor uma explicação elegante para a assimetria verbo-nome no hebraico.

Alguns fonólogos têm argumentado que os padrões vocálicos do hebraico são apenas um requerimento puramente fonológico para os verbos do hebraico. Contudo, a questão é: por que os verbos têm esse requerimento, mas os nomes não?

Aronoff (1994) traz uma explicação para essa questão. O autor dá uma explicação, dentro do quadro teórico da *morphology by itself*, de que os verbos do hebraico são formados por *stems*, em vez de raízes. Isso significa dizer que, as vogais e as consoantes do hebraico são parte de seu *stem*, e que não há raízes consonantais subjacentes a eles. Observando esse fato, os *binyanim* são obrigatórios para todos os verbos e a obrigatoriedade é comumente vista como marca de flexão.

Uma vez que a flexão é obrigatória, os *binyanim* são classes flexionais para ele, como já dissemos quando falamos de sua proposta em uma seção anterior; porém os *mišqalim* não são classes flexionais, pois são opcionais (para alguns nomes).

Arad (2005) ressalta que há um problema para a teoria de Aronoff, se levamos em conta a obrigatoriedade para algumas línguas. O russo é uma língua que apresenta classes flexionais para os nomes. Contudo, apesar de os nomes se encaixarem numa classe flexional, eles podem não declinar. Aronoff sugere, para explicar esses nomes que não declinam, que o critério para atribuição de um nome a uma classe flexional é fonológico. Nomes terminados em consoante são comumente declináveis (os afixos de caso se anexam a eles sem dificuldade), enquanto aqueles que terminam em vogal (exceto alguns terminados em –a) comumente não declinam.

Para Aronoff, classes flexionais dão “instruções” aos afixos que os nomes tomam. Se o nome não pertence a nenhuma classe flexional, nenhuma instrução é dada, nenhuma regra morfológica é aplicada, e esses nomes não declinam morfológicamente. A conclusão a que o autor chega é: estar numa classe flexional é uma obrigatoriedade para nomes que são parte de um sistema flexional da língua.

A crítica a ser feita é que a proposta é elegante e consegue explicar os casos do Russo, mas não explica os fatos do hebraico. Desse modo, a análise de Aronoff continua a não

explicar por que pertencer a um *binyam* é algo obrigatório para os verbos, mas pertencer a um *mišqal* não é uma obrigatoriedade para os nomes.

Arad, por sua vez, com base na Arquitetura da Gramática formulada pela MD, argumenta que nem todo o material fonológico presente em PF é a realização de traços morfossintáticos. Algumas propriedades fonológicas são inseridas meramente para a convergência em PF. Embick e Noyer (2001) já sugeriam que traços de Caso são inseridos como um requerimento fonológico. Embora reflitam certa estrutura hierárquica, eles não são expoentes de traços morfossintáticos. McFadden (2004) também defende que há traços, como de Caso, que são inseridos tardiamente no caminho para PF.

Por meio de inserção tardia de traços no caminho para PF é que é dada a distinção entre nomes e verbos, para Arad. Duas distinções são feitas. A primeira distinção é estrutural, de modo que há, para a autora, uma assimetria nas estruturas de nomes e verbos. Uma raiz se torna um nome se é encaixada em um ambiente nominal, sob um núcleo *n*. Uma raiz se torna um verbo, se ela está sob um núcleo verbal e sob vários outros núcleos associados a ele como, por exemplo: voz, tempo, aspecto, modo. Isso quer dizer que a raiz não é verbalizada, da mesma forma que é nominalizada apenas com o c-comando de um núcleo *n*, mas a raiz apenas se torna de fato um verbo quando é concatenada com traços sintáticos que constituem um verbo.

A segunda distinção diz respeito aos dois tipos de traços morfológicos que são inseridos em PF: (i) aqueles que são a realização de traços morfossintáticos presentes na sintaxe; e (ii) aqueles que não têm relação com a sintaxe e são apenas inseridos por convergência de PF.

Assim, Arad delinea sua análise, mostrando que as estruturas sintáticas de verbos e nomes são diversas, além de que para os nomes é possível haver inserção, por exemplo, de morfologia nominal, tal como marcadores de classe ou concordância, por razões fonológicas.

Posteriormente, voltaremos a essa questão dos traços dos nominais presentes na sintaxe. Ao nosso ver, Arad faz generalizações para todas a classe de nominais, sem levar em conta alguns tipos de nominais, como as chamadas nominalizações, que parecem apresentar restrições que são fruto de sua estrutura sintática, isto é, fruto de traços gramaticais, que já estão na derivação sintática e são realizados pelos *mišqalim*.

Bat-El (2001) faz uma defesa das raízes e dos padrões vocálicos, seja de verbos ou de nomes, como morfemas separados. A sugestão de distinção morfêmica entre as raízes e os padrões é bastante necessária para este trabalho, uma vez que defendemos que as raízes hebraicas correspondem às raízes abstratas propostas pela MD³⁸ (cf. HALLE; MARANTZ, 1993; ARAD, 2005; ROCHA, 2008) e os padrões vocálicos, por sua vez, correspondem aos núcleos funcionais categorizadores presentes na Lista A.

Bat-El (2001) ressalta três tipos de padrões nominais, como podemos ver na Tabela 11.

RAIZ PADRÃO	KLT	SGR	KNS
CiCuC			kinus ‘convenção’
CéCeC	kélet ‘entrada’	séger ‘oclusão’	kénes ‘conferência’
CCiCa	klita ‘absorção’	sgira ‘encerramento’ ‘fechamento’	knisa ‘ingresso’

Tabela 11 Padrões nominais Bat-El (2001)

³⁸ O fato de defender que as raízes abstratas equivalham às raízes hebraicas não implica dizer que, para cada raiz abstrata da Lista A exista uma raiz hebraica equivalente (cf. MINUSSI, 2009), mas que as raízes hebraicas equivalem a certa raiz abstrata da Lista A.

Contudo, a autora, assim como outros, diz pouco sobre a semântica dos padrões nominais.

Por fim, vamos olhar para o trabalho do gramático Glinert (1989). Nesse trabalho, encontraremos uma descrição bem mais detalhada e pormenorizada dos *mishqalim*. O autor, por exemplo, cita cerca de 30 tipos de combinação de vogais, com e sem afixos e, diferentemente de Arad (2005), faz algumas generalizações quanto ao significado desses padrões.

Ao observarmos os dados de nominalizações eventivas, como em (3)d e (3)b)³⁹, notamos que essas se enquadram nos dois primeiros padrões descritos por Glinert (1989).

(90) C*CiCa*

a)	<i>mexina</i>	‘apagamento’
b)	<i>harisat</i>	‘destruição’
c)	<i>sgira</i>	‘fechamento’
d)	<i>štifa</i>	‘enxágüe’
e)	<i>pšita</i>	‘esticação’
f)	<i>bxira</i>	‘seleção’
g)	<i>gdila</i>	‘crescimento’

(91) C*iCuC*

a)	<i>ibud</i>	‘processamento’
b)	<i>gidul</i>	‘crescimento/cultivo’
c)	<i>sikum</i>	‘reabilitação’

Os padrões em (90) e (91), segundo Glinert (1989), são altamente produtivos, sendo o padrão em (90) ainda mais produtivo que aquele em (91). Na classificação feita por Glinert

³⁹ Confira os dados repetidos abaixo:

(3b)	<i>gidul</i>	<i>ha-‘agvaniyot</i>	(‘ <i>alyedey ha-‘ikarim</i>)
	cultivo.CS.m.sg	DEF-tomates	(por DEF-fazendeiros)
	‘O cultivo dos tomates (pelos fazendeiros)’		
(3d)	<i>gdilat</i>	<i>ha-‘agvaniyot</i>	
	crescimento.CS.fem.sg	DEF-tomates	
	‘O crescimento dos tomates’		

(1989), podemos encontrar os nomes de ‘ação’, ou ‘resultado (concreto ou abstrato) da ação’, localizados em cinco *mišqalim*, descritos abaixo:

(92)	CCiCa
<i>bHina</i>	é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 1 de verbos.
‘exame’, ‘examinação’
(93)	hiCaCCut
<i>hidabrut</i>	é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 2 de verbos.
‘diálogo’
(94)	CiCuC
<i>tipul</i>	é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 3 de verbos.
‘tratamento’
(95)	hitCaCCut
<i>hitbagrut</i>	é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 7 de verbos.
‘maturação’, ‘amadurecimento’
(96)	haCCaCa
<i>hagrala</i>	é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 5 de verbos.
‘rifa’, ‘sorteio’

Percebemos no trabalho de Glinert (1989) que o autor sugere que exista uma correspondência entre os padrões verbais e as nominalizações formadas a partir de um determinado padrão verbal, porém o autor não aprofunda sua análise, de modo a mostrar que tal correspondência possui evidências sintáticas, semânticas ou morfológicas.

Os padrões nominais que nos interessam nesta pesquisa são esses citados por Glinert e que estão descritos de (92) a (96), de modo que, essa correspondência entre padrões verbais e nominais será a premissa de nossa análise nas seções posteriores. Acreditamos que essa relação entre os padrões verbais e nominais está ligada ao princípio da direcionalidade, citado por Arad (2005), de modo que procuraremos evidências para mostrar que, assim como há uma

direcionalidade entre os padrões da voz ativa e passiva, há uma direcionalidade entre os padrões verbais e as nominalizações.

4.2.1.1 Os padrões nominais secundários

Outro trabalho que deve ser destacado, pois faz uma descrição bastante elucidativa dos padrões nominais é Ravid; Avidor (1998), que mostra, entre outras coisas, que há padrões de nominais de ação primários e secundários.

O trabalho de Ravid; Avidor (1998) trata da aquisição dos padrões de nominais derivados em hebraico⁴⁰, especificamente, os nominais de ação. Para os autores, as nominalizações são expressas em hebraico na classe morfológica de nominais de ação, por exemplo: *gliša* ‘surfe’ (padrão CCI₁Ca), *haclaxa* ‘sucendo/sucesso’, os quais, semântica e sintaticamente, correspondem aos gerúndios nominais do inglês (o último) e aos nominais derivados (o primeiro). Além disso, os nominais de ação do hebraico têm características verbais e nominais, e servem como núcleos de compostos sintéticos (na verdade, esses compostos são descritos como *Construct States* por diversos autores), por exemplo: *nitua²x ha-ma’amar* ‘a análise do artigo’, *axilat abokado* ‘a comida do abacate’.

Há três maneiras de se formar um item lexical no hebraico para Ravid; Avidor (1998): (i) afixação linear em nomes e adjetivos, um modo parecido com a estrutura de palavras do inglês (e também do português), onde radicais e afixos são concatenados, por exemplo: *yaldut-i* ‘infantil’ (*child-ish*); (ii) composição e (iii) combinação não-linear de duas camadas –

⁴⁰ Posteriormente, na conclusão, discutiremos o trabalho dos autores no que diz respeito à aquisição. Por hora, ficaremos apenas com a descrição dos padrões.

as raízes consonantais e o padrão vocálico (que pode ser precedido de prefixo ou seguido de um sufixo) -, por exemplo, *nihel* ‘gerenciado, dirigido’, raiz *n-h-l* e padrão verbal *CiCeC*.

Segundo os autores, há dois tipos de nominais derivados: nominais de ação, que corresponderiam ao gerúndio *-ing*, e nominais deverbais, que corresponderiam aos nominais derivados. Ambos os tipos são construídos por raízes não-lineares e padrões, e diferem um do outro segundo o grau de relação com o sistema verbal.

Os nominais de ação, assim como os verbos hebraicos, são construídos por raízes e padrões vocálicos, por exemplo: *haklata* ‘gravação’, raiz $\sqrt{\text{klt}}$, e padrão *haCCaCa*. Eles estão relacionados aos verbos de maneira formal e sistemática. Para esses autores, assim como sugere Glinert (1989), cada *binyan* tem um padrão específico de nominais de ação associado a ele, como podemos ver na tabela abaixo:

Padrão verbal	Verbo	Nominais de ação
P1 CaCaC	<i>gadal</i> ‘crescer’ (intransitivo) <i>kataṽ</i> ‘escrever’	<i>gdila</i> ‘crescimento’ <i>ktiva</i> ‘escrita, roteiro’
P2 niCCaC	<i>nixtaṽ</i> ‘foi escrito’	<i>hikativut</i> ‘sendo escrito’
P3 CiCeC	<i>gidel</i> ‘crescer (transit.), aumentar’	<i>gidul</i> ‘aumentando, crescimento’
P5 hiCCiC	<i>higdil</i> ‘ampliar, alargar, expandir’ <i>hixtiv</i> ‘ditar’	<i>hagdala</i> ‘ampliação, alargamento’ <i>haxtava</i> ‘ditado’
P7 HitCaCeC	<i>hitkateṽ</i> ‘corresponder-se’	<i>hitkatvut</i> ‘correspondência’

Tabela 12 Os cinco padrões de nominais de ação canônicos

Como podemos observar, os padrões de nominais de ação canônicos são cinco. Em adição a essa relação morfológica com o padrão verbal, que de fato existe segundo Ravid; Avidor (1998), mas que não se observa em todos os padrões, os nominais de ação apresentam uma relação semântica com o paradigma flexional verbal: eles transmitem um significado gerundivo não contável, composicional e abstrato de ato ou estado do verbo, por exemplo: (i)

yašav ‘sentar’ P1, *yešiva* ‘o ato de sentar’; (ii) *hitmaked* ‘focar’, *hitmakdut* ‘focalização’ P7 etc. Para os autores, esses significados básicos são, então, uma função do significado do verbo de origem e, por sua vez, cada nominal de ação expressa as propriedades sintático-semânticas típicas do *binyan* ao qual está relacionado. Para ilustrar, temos que o padrão nominal haCCaCa, que em muitos casos expressa causatividade, por exemplo, *higdil/hagdala* ‘ampliar-enlargecer/ampliação’.

Em alguns casos, os nominais de ação são intercabiáveis com as formas de infinitivo, por exemplo: *sxiya/li-sxot zé davar tov* ‘natação/nadar é uma coisa boa’. Contudo, segundo os autores, mesmo os nominais de ação (os mais produtivos), e a parte regular da classe dos nominais derivados secundários, são derivados lexicalmente, um fato que tem reflexo no valor formal e na irregularidade semântica, imprevisível e idiossincrática no sistema.

Vejamos uma tabela com alguns nominais de ação secundários:

<i>Binyan</i>	Nominal de ação canônico	Nominais de ação secundários
P1	<i>ktiva</i> ‘escrita, roteiro’	<i>braxa</i> ‘benção’ <i>gneva</i> ‘roubo’ <i>sin’a</i> ‘ódio, aversão’ <i>tfusa</i> ‘ocupação, posse’
P2	<i>hikatvut</i> ‘sendo escrito’	
P3	<i>kivun</i> ‘direção, administração’	<i>kavana</i> ‘intenção’
P5	<i>haskama</i> ‘acordação’	<i>heskem</i> ‘acordo, pacto’
P7	<i>hitkatvut</i> ‘correspondência’	

Tabela 13 Nominais de ação secundários

Vemos, por meio da tabela, que, para cada padrão verbal (*binyan*), temos um padrão canônico, mas nem sempre há um padrão secundário que corresponde ao padrão verbal. No caso do P1, ao contrário, há mais de um padrão secundário.

Nesse ponto, os autores enumeram as principais características do significado dos padrões:

Significado concreto e abstrato: Muitos nominais têm tanto um significado abstrato ou concreto quanto uma leitura discreta, por exemplo: (i) *xitul* que é baseada no P3 ‘trocar a fralda’, ‘uma fralda’; (ii) *srita* que é baseado no P1 ‘arranhando, coçando’, ‘arranhão’.

Significado imprevisível: o significado de muitos nominais de ação não é automático, nem composicional, por exemplo: *kiven* ‘dirigir’ do P3 deriva *kivun* ‘direção’ (em vez de ‘direcionando’); *histader* ‘organizar-se’ do P7 deriva *histadrut* ‘federação de comércio, ou sindical’; *histakel* ‘observar’ do P7 deriva *histaklut* ‘observação psiquiátrica’; *kibel* ‘receber’ do P3 deriva *kibul* ‘capacidade’.

Como vimos na Tabela 13, em adição aos padrões nominais canônicos, Ravid; Avidor (1998) ressaltam que há três *binyanim* que apresentam padrões secundários de nominais de ação, além dos padrões de nominais canônicos. Por exemplo, o verbo *hisbir* ‘explicar’ do P5 tem dois padrões de nominais de ação: *hasbara* ‘propaganda’, formado com o padrão canônico haCCaCa e *hesber* ‘explicação’, formado com o padrão secundário heCCeC. Outro exemplo é um verbo do padrão P1 *sana* ‘odiar’, que toma apenas o padrão canônico CiCCa, produzindo *sin’a* ‘ódio’.

Os autores também destacam que pode haver combinações entre os padrões. Há verbos, em um determinado *binyan*, que podem tomar um nominal de ação associado com outro *binyan*, por exemplo: (i) P1 *rakad* ‘dançar’ tem como seu nominal *rikud* ‘dança’, que é um nominal formado a partir do padrão nominal relacionado com o P3 (o nominal esperado é *rekida*); (ii) P2 *nehena* ‘divertir-se, desfrutar’, que tem o nominal formado com o padrão nominal que está relacionado ao P1 *hana’a* ‘divertimento, gozo’ (quando se esperaria *hina’ut*);

(iii) P7 *hišta 'el* ‘tossir’, que forma a nominalização com o padrão nominal correspondente ao P3 *ši 'ul* ‘tosse’ (esperava-se que fosse o *hišta 'alut*).

Além da separação entre nominais canônicos e nominais secundários, os autores também fazem uma separação entre os nominais de ação e os nominais deverbais. Essa separação também é de grande interesse para este trabalho, pois buscamos evidências para mostrar que alguns nominais são formados diretamente da raiz, enquanto outros possuem uma camada verbal anterior à camada nominal.

Os autores chamam a atenção para o fato de que muitos verbos que são usados com uma alta frequência estão relacionados a múltiplos nominais abstratos derivados, comumente incluindo um nominal de ação canônico e também vários outros: nominais de ação secundários, nominais deverbais etc. Por exemplo, o verbo *zaxar* ‘lembrar’ está associado com os seguintes nominais deverbais: (i) *zxira* ‘lembração’; (ii) *mizkar* ‘memoração’; (iii) *zéxer* ‘lembrança/recordação’ e (iv) *zikaron* ‘memória’.

Há cerca de dez padrões nominais abstratos que são frequentemente empregados na formação de nomes deverbais e de outros nomes abstratos. Alguns desses padrões nominais são livremente relacionados a verbos do P1; outros ocorrem mais frequentemente com o P5 e o P7. Contudo, nenhuma relação sistemática pode ser estabelecida entre eles. Além disso, verbos (especialmente do P1) podem tomar formas totalmente idiossincráticas com o seu nome verbal. São os casos de: P1 *gar* ‘morar, residir’, que tem como nominal *megurim* ‘residente’ e P1 *ka'av* ‘machucar’, que tem como nominal *ke'ev* ‘dor’.

Semanticamente, os nominais deverbais possuem uma variedade de significados, desde significados previsíveis e automáticos de nominais de ação de ato/estado de V-ing; significados que dão origem a um nome massivo (por exemplo, *harag/héreg* ‘matar/matança’); significados que dão origem a nomes contáveis, embora abstratos (por exemplo, *šiker/šéker* ‘mentir/mentira’); significados mais discretos e concretos, como um nominal que

dá nome ao produto de um verbo (por exemplo, *katav/mixtav/katava* ‘escrever/carta/relatório’); e significados totalmente idiossincráticos (por exemplo, *amad/ma’amad* ‘suportar/estado’).

Para resumir a descrição dos autores, vimos que os nominais derivados do hebraico caem em duas classes: (i) nominais de ação, que são morfológica e semanticamente mais regulares e (ii) nominais deverbais, que são mais idiossincráticos. O limite entre os dois grupos não é claro, uma vez que todos os nominais derivados compartilham o significado de um nome relacionado a um verbo, denotando uma atividade, um estado, um evento ou um resultado do verbo. Entretanto, suas formas não são totalmente previsíveis, pois um verbo pode tomar uma forma morfológicamente regular ou irregular. Há, entretanto, certas tendências claras que produzem um *continuum* de relativa previsibilidade ou regularidade, como podemos ver abaixo:

- (97) Verbos do P1 (seja transitivo ou intransitivo) tomam a mais variável gama de nominais derivados, além do padrão canônico de nominal de ação e dos três padrões secundários;
- (98) Verbos transitivos do P3 e do P5 têm um padrão canônico e um padrão secundário, e eles tomam outras formas para nomes deverbais;
- (99) Os padrões mais regulares, que funcionam quase como flexões para Ravid; Avidor (1998), são os padrões intransitivos P2 e P7, com um nominal de ação canônico para cada *binyanim*.

De modo bastante interessante (e que já foi notado no presente trabalho), em contraste com os padrões de nominais P1, P3 e P5, o padrão P2 e P7 (hiCaCCut e hitCaCCut) apresentam um sufixo externo *-ut*, que também ocorre em estruturas lineares, as quais formam nomes abstratos, por exemplo: *enoš-ut* ‘humanidade’ e *tkef-ut* ‘validade’. Os autores notam que quando um nominal deverbal tem os traços semânticos de um nominal de ação, o nominal deverbal também se comporta, sintaticamente, como um nominal de ação. Assim, por exemplo, *ma’avak* ‘luta’ (nome abstrato do padrão miCCaC) herda a estrutura argumental do verbo do P2 *ne’evak* ‘lutar’, vejamos o exemplo:

- (100) a) *Dan ne’evak ba-šodedim*
 Dan brigou em.DEF-ladrões
 ‘Dan brigou com os ladrões’
 b) *ma’avak-o šel Dan ba-šodedim*
 luta-3p prep Dan em.DEF-ladrões
 ‘a luta (dele) do Dan com os ladrões’

Podemos destacar que o trabalho de Ravid; Avidor (1998) é pioneiro na descrição das nominalizações do hebraico, ao se utilizar dos padrões nominais e buscar uma sistematicidade e regularidade nesses padrões.

No próximo capítulo, refletiremos sobre: (i) as estruturas possíveis das nominalizações e (ii) como se dá a modificação por adjetivos e advérbios nas nominalizações, começando o capítulo com as definições das propriedades do CS, do FS e da MO.

5. AS NOMINALIZAÇÕES DO HEBRAICO

Neste capítulo, vamos tratar, principalmente, da estrutura sintática das nominalizações:

(a) quais os tipos de estruturas em que as nominalizações podem aparecer?; (b) quais são as ordens possíveis para os argumentos das nominalizações nas sentenças?

Desse modo, precisaremos descrever pormenorizadamente as características dos *Constructed States* (CS), *Free States* (FS) e da Marca Diferencial de Objeto (MO), que como já dissemos anteriormente, é introdutora do argumento interno apenas quando este é definido. Para tanto, vamos retomar o trabalho de Borer (1998), Danon (2001, 2002), Minussi (2008, 2009a), entre outros.

5.1. *O Construct State e o Free State*

O CS foi discutido em Minussi (2008). Nessa dissertação, o autor faz um estudo sobre a relação entre a marcação de Caso e definitude que ocorre dentro dessa construção produtiva em hebraico. O CS é uma construção em que dois nomes estão justapostos (*harisa-t ha-‘ir* lit: destruição DEF-cidade), criando uma relação entre tais nomes que, em línguas em que há marcação de Caso morfológico, é traduzida em termos de Caso oblíquo, em uma relação genitiva (a destruição da cidade). Algumas características importantes, também para a presente pesquisa, são ressaltadas pelo autor:

(101) a) Núcleo na primeira posição: ordem N(ome) S(ujeito) O(bjeto)

- i) *harisat* *ha-oyvim* 'et *ha-'ir*
destruição.CS.f.sg DET-inimigos ACC DET-cidade
NOME SUJEITO OBJETO
'a destruição da cidade pelos inimigos' (BORER, 1999)

b) Mudança morfo-fonológica: o nome que nucleia o construto sofre uma mudança morfo-fonológica, que, frequentemente, envolve perda do acento primário, e uma mudança na sílaba (ver PERELTSVAIG, 2006). Em alguns casos, essa operação não produz uma mudança na forma do nome (ver DANON, 2001).

- i) *harisa*
'destruição'
ii) *harisa-t* *ha-'ir*
destruição-CS.fem.sg DEF-cidade
'A destruição da cidade'

c) O núcleo do CS não pode ser diretamente modificado por um determinante ou por um adjetivo. O determinante deve preceder apenas o segundo membro do CS. Esta restrição está associada com o fenômeno da Definitude Espreada.

- (i) **harisat* *ha-'axzarit* *ha-cava* 'et *ha-kfar*
destruição.CS.f.sg DEF-cruel DEF-exército MO DEF-vila
significando: 'a destruição cruel da vila pelo exército'
(ii) *harisat* *ha-cava* *ha-'axzarit* 'et *ha-kfar*
destruição.CS.f.sg DEF-exército DEF-cruel MO DEF-vila
'a destruição cruel da vila pelo exército'
(iii) **ha-harisat* *kfar*
DEF-destruição vila
Significando: 'a destruição da vila'
(iv) *harisat* *ha-kfar*
destruição DEF-vila
'a destruição da vila'

d) Definitude Espreada: o valor de definitude do membro mais à direita de um CS está associado com cada N no CS, e com o CS inteiro. Dessa forma, o núcleo do CS nunca pode carregar o artigo definido.

- i) **ha-harisat* *ha- 'ir*
 DET-destruição CS.f.sg DET-cidade
- ii) *harisat* *ha- 'ir*
 destruição CS.f.sg DET-cidade
 ‘a destruição da cidade’

Nos exemplos acima, temos sempre uma nominalização ocupando o lugar de núcleo do CS. Entretanto, os seguintes elementos podem ocupar o lugar de núcleo do CS, ou seja, podem ser o primeiro membro do CS: adjetivos (102)a), numerais (102)b), formas de particípio (chamado em hebraico de *beynoni*) (102)c) e gerúndio verbal (102)d).

- (102) a) *yeled* [*bhir* *se'ar*] *ve-[tkol* *'eynayim]*⁴¹
 menino[claro.CS.m.sg cabelo] e-[azul.CS.m.sg olhos]
 ‘um menino de cabelo claro e de olhos azuis’
- b) [*'alfey* *šmashot*] *zorxot*
 [milhões.CS.m.pl cacos de vidro] brilhantes
 ‘milhões de cacos de vidro brilhantes’
- c) *'itonim* [*rodfe*y *sensaciyot*]
 jornais [procurador.CS.m.pl sensações]
 ‘jornais procuradores de sensações’ ‘jornais sensacionalistas’
- d) *kol* *ha-nos'im* *nispu* *bi-[hitraseq* *ha-matos]*
 todos DET-passageiros pereceram em-[chocando.CS.m.sg DET-avião]
 me'al ha-alpim
 sobre DET-Alpes
 ‘todos os passageiros pereceram no choque do avião sobre os Alpes’

Segundo Pereltsvaig (2006), não há evidência de que os núcleos dos CS, em (102), possam ser analisados como um nominal. As formas de particípio (ou *beynoni*), por exemplo, são distintas dos nomes agentivos porque não podem nuclear os FSs, nem as construções com possuidor duplo. Veja os exemplos abaixo: em (103)a-b), temos exemplos de um nome agentivo nucleando o CS e o FS, já em (103)c), notamos a forma de particípio nucleando o CS, mas inaceitável na posição de núcleo de um FS, exemplo (103)d).

⁴¹ Os exemplos em (102) e (103) são de Pereltsvaig (2006).

- (103) a) *po'aley* *ha-mif'alim*
trabalhadores.CS.m.pl DET-fábricas
“os trabalhadores das fábricas”
- b) *ha-po'alim* *šel* *ha-mif'alim*
DET-trabalhadores prep DET-fábricas
“os trabalhadores das fábricas”
- c) *rodfeý* *ha-sensaciyot*
procuradores.CS.m.pl DET-sensações
“perseguidor das sensações”
- d) **ha-rodfim* *šel* *ha-sensaciyot*
DET-procuradores prep DET-sensações

Uma vez consideradas algumas características do CS, examinemos a contraparte dessas características nos FS, que também foram estudadas por Minussi (2008).

- (104) a) Núcleo na primeira posição, apresentando a ordem N(ome) S(ujeito) O(bjeto), como o CS.
- i) *ha-harisa* *šel* *ha-oyvim* *šel* *ha-mištar* *'et* *ha-'ir*
DET-destruição prep DET-inimigos prep DET-regime ACC DET-cidade
‘A destruição da cidade pelos inimigos do regime’
- b) A definitude é marcada diretamente no núcleo.
- i) *ha-delet* *šel* *ha-bayit* *šel* *ha-mora*
DET-porta prep DET-casa prep DET-professora
‘A porta da casa da professora’
- c) O valor de definitude está estritamente associado com o N marcado (não há Definitude Espraiada).
- i) *bayit* *šel* *ha-mora*
casa prep DET-professora
‘uma casa da professora’
- d) Modificadores adjetivais do núcleo devem seguir, diretamente, o núcleo.
- i) *ha-delet* *ha-yafa* *šel* *ha-bayit* *šel* *ha-mora*
DET-porta DET-bonita prep DET-casa prep DET-professora
‘a porta bonita da casa da professora’

- ii) *ha-delet* *šel ha-bayit* *šel ha- mora* *ha-yafa*
 DET-porta prep DET-casa prep DET-professora DET-bonita
 ‘a porta da casa da professora bonita’

Ainda podemos destacar uma diferenciação feita por Minussi (2008, 2009) entre os CSs e o que o autor chama de compostos em hebraico. Vejamos um exemplo das duas construções em (105):

(105)	CS	Compostos
a)	<i>beyt</i> <i>ha-student</i> casa.CS.m.sg DEF-estudante ‘a casa do estudante’	b) <i>beyt</i> <i>ha-sefer</i> casa DEF-livro ‘a escola’

Podemos encontrar na literatura algumas propostas que defendem que os CSs e os compostos: (i) formam uma palavra (cf. BORER, 1999), com a diferença de que os primeiros são formados na sintaxe e os segundos são formados no léxico; (ii) são formados em PF (cf. SILONI, 2000, 2002). Siloni (2003), contudo, defende que os compostos constituem um grupo fixo de combinações e seu significado é idiossincrático, sendo, portanto, formados no Léxico. Pereltsvaig (s.d) aproxima as duas construções e faz uma compilação de algumas características que estão presentes em ambas:

- (106) a) Palavra prosódica: os compostos e os CS formam uma palavra fonológica⁴².
 b) Núcleo não-modificado: Quando um adjetivo modifica um núcleo, tal modificador não pode seguir diretamente o núcleo que ele modifica. Este fato também ocorre com o marcador de definitude *ha-*.
 c) O membro não-núcleo deve ser realizado.
 d) Definitude Espreada: a definitude é marcada no membro genitivo, mas o composto ou o CS inteiros são definidos.

⁴² Ao analisarmos as duas construções mais de perto, podemos notar que os morfemas que estão presentes no CS (e que podem provocar uma mudança de acento), para os quais chamamos atenção na seção 2, são os mesmos que estão presentes nos compostos. Mesmo quando há apenas uma mudança morfofonológica, sem a presença de um morfema propriamente dito, como no caso de *bayit* ‘casa’ para *beyt* ‘casa’, a mudança é igual em ambas as construções.

A partir das observações em (106), refletiremos sobre as características comuns aos CSs e aos compostos.

Em primeiro lugar, ressaltamos a sugestão de que CSs e compostos formam uma palavra prosódica (cf. PERELTSVAIG, s.d). Essa propriedade está ilustrada em (107), na medida em que, em (107)a), há uma mudança de acento no primeiro membro do composto e, em (107)b), por exemplo, a vogal [a] do núcleo é reduzida a um [ə] porque ela é não adjacente ao acento principal, que recai sobre o segundo membro do construto.

- (107) a) Nomes de lugares que são compostos
ramát → *ràmat gán* (lit. ‘altura-jardim’)
pardés → *pàrdes kác* (lit. ‘pomar-Katz’)
- b) CS
caʔif → *cəʔif* *ha-yaldá*
cachecol cachecol DEF-menina
‘o cachecol da menina’

Para Pereltsvaig (s.d), a propriedade apontada em (106)b), sobre a impossibilidade de modificação do núcleo de um CS ou de um composto, está relacionada ao fato de CSs e compostos formarem uma palavra prosódica. Se essas construções formam uma palavra prosódica, então os núcleos que as constituem não podem ser separados. Os exemplos em (108) ilustram que nenhum modificador, tal como um adjetivo, pode intervir entre o núcleo e o não núcleo.

- (108) Compostos
a)	<i>beyt sefer xadaš</i>
casa(m)livro novo
‘uma escola nova’	b)	<i>beyt more xadaš</i>
casa.CS.m.sg professor novo
‘casa de professor nova’
c)	<i>*beyt xadaš sefer</i>
casa nova livro	d)	<i>*beyt xadaš more</i>
casa.CS.m.sg novo professor

Além disso, vimos em (106)c) que a presença do membro genitivo, ou não-núcleo, é obrigatória se o nome núcleo estiver na sua forma fraca, ou seja, a forma desacentuada, como ilustramos em (109)b).

- (109) a) *bayit*
 ‘casa’
 b) **beyt*
 ‘casa.CS.m.sg’

A última propriedade em (106)d) diz respeito ao fato de que o núcleo do CS e dos compostos não pode carregar o chamado artigo definido *ha-*.

(110)	CS		Compound
a)	<i>(*ha-)beyt</i>	<i>more</i>	b) <i>(*ha-)beyt</i> <i>sefer</i>
	DET-casa.CS.m.sg	professor	DET-casa livro
	significando: ‘a casa do professor’		significando: ‘a escola’
	ou ‘a casa de um professor’		

Dadas as similaridades entre os CSs e os compostos nos perguntamos quais são as diferenças entre essas duas construções.

A primeira diferença logo percebida entre os CSs e os compostos diz respeito à composicionalidade de significado. Os primeiros constroem seu significado composicionalmente, enquanto os últimos não o fazem dessa forma. Por exemplo, o CS *beyt yeled* (literalmente: casa-menino) tem seu significado ‘casa de menino’ construído composicionalmente; por outro lado, os compostos *beyt sefer* (literalmente: casa-livro) e *beyt šimuš* (literalmente: casa-uso) significam, respectivamente, ‘escola’ e ‘toalete’, significados construídos não composicionalmente. A diferença entre composicionalidade e não composicionalidade, portanto, pode resultar em um teste para se diferenciar CSs de

compostos. Apenas CSs podem ser parafraseados por FSs (a forma que apresenta a preposição). Vejamos os exemplos em (111)⁴³.

(111)	CS		FS
a)	<i>beyt ha-mora</i> casa DET-professora 'a casa da professora'	b)	<i>ha-bait šel ha-mora</i> DET-casa prep DET-professora 'a casa da professora'
	Composto		FS
c)	<i>beyt xolim</i> casa doentes 'hospital'	d)	<i>bait šel xolim</i> casa prep doentes 'uma casa de pessoas doentes'
e)	<i>pinkas xaver</i> cartão membro (amigo) 'carteirinha de sócio'	f)	<i>pinkas šel xaver</i> cartão prep membro (amigo) 'cartão de um colega (amigo)'
g)	<i>ben ha-zug</i> filho DET-casal 'o cônjuge'	h)	<i>ben šel ha-zug</i> filho prep DET-casal 'um filho do casal'

Nos exemplos acima, percebemos que é possível parafrasear o exemplo (111)a), um CS, por meio de um FS, que está em (111)b). Essa observação nos sugere que, de fato, os CSs, assim como os FSs, são formados composicionalmente. No entanto, uma correspondência de significado, e consequente possibilidade de paráfrase, não pode ser percebida entre os exemplos em (111)c-e-g), que são compostos e, em (111)d-f-h), que estão na forma livre (FS), ou seja, apresentam a preposição. Não queremos dizer que os exemplos em (111)d-f-h) são agramaticais, mas a intenção é mostrar que tais exemplos podem ser interpretados apenas composicionalmente.

Outra diferença entre compostos e CSs, que pode estar ligada ao fenômeno de opacidade semântica e sintática que a primeira construção apresenta, encontra-se no fato de que a marca de número do segundo membro nos compostos não possui um papel relevante na determinação do significado do composto como um todo. Assim, pode haver compostos com

⁴³ A maioria dos dados que mostram as diferenças entre os CSs e os compostos foi retirada do trabalho de Pereltsvaig (s.d).

o segundo membro no plural (*beyt xolim* Lit: casa doente(pl)), outros com o segundo membro no singular (*beyt sefer* Lit: casa livro(sg)), sem que esse traço de número, no segundo membro, seja importante para a interpretação do composto. Em contraste, nos CSs, a marcação de número do segundo membro tem um papel importante, provocando uma alteração na interpretação global do construto.

- (112) a) *beyt xolim*
 casa(sg) doente(pl)
 ‘hospital(sg)’
 b) *batey xolim*
 casa(pl) doente(pl)
 ‘hospital(pl)’
 c) *šmot ha-xolim*
 nomes DET-doente(pl)
 ‘os nomes dos doentes/pacientes’
 d) *šmot ha-xole*
 nomes DET-doente(sg)
 ‘os nomes do doente/paciente’

Em (112)a), o nome *xolim* ‘doentes’ está no plural, mas o significado formado com esse nome está no singular (hospital), o plural do composto é marcado no primeiro membro, como em (112)b). Já, em (112)c-d), vemos que a pluralidade ou a singularidade do segundo membro, *xolim* ‘doentes’ e *xole* ‘doente’, respectivamente, influem no significado do sintagma.

Uma terceira diferença entre as duas construções diz respeito à modificação direta do segundo membro. Em (113)a), vemos que é possível modificar o segundo membro dos CSs, mas não é possível modificar o segundo membro dos compostos, como o dado em (113)c) nos mostra. Isso nos sugere que a modificação também pode servir como um teste para diferenciar um CS de um composto

- (113) a) *gan* *perot* *tropiyim*
jardim.CS.m.sg fruta (pl) tropical(pl)
‘um jardim de frutas tropicais’
- b) *gan yeladim*
jardim crianças(pl)
‘um jardim de infância’
- c) **gan yeladim katanim*
jardim criança(pl) pequeno(pl)
significando: ‘um jardim de infância para crianças pequenas’

Assim como ocorre com a modificação, é possível coordenar os membros não núcleos do CS, mas não é possível coordenar os membros não núcleos dos compostos.

- (114) a) *gan* *perot* *ve-praxim*
jardim.CS.m.sg fruta(pl) e-flor(pl)
‘um jardim de frutas e de flores’
- b) *gan xayot*
jardim animal(pl)
‘um zoológico’
- c) **gan yeladim ve-xayot*
jardim criança(pl) e-animal(pl)
significando: ‘um jardim de infância e um zoológico’

Em (114)a), não temos a repetição do núcleo do CS no segundo CS formado. Apesar disso, a coordenação dos dois CSs é possível. Por sua vez, em (114)c), a formação do composto *gan xayot* ‘zoológico’ não é possível sem a repetição do núcleo *gan* ‘jardim’, sendo impossível a coordenação.

Por último, Pereltsvaig (s.d) e, também, Siloni (2003) ressaltam que é possível fazer referência ao núcleo de um CS por um elemento pronominal, como mostra o exemplo em (115)a), mas não é possível fazer referência ao núcleo de um composto dessa forma, como aponta o exemplo em (115)b):

- (115) a) *Carix la-?avor [bdikat mizvadot]*
necessário inf-passar [exame.CS.f.sg malas]
‘axat ve-?od ‘axat [šel tikey-yad]
um e-outroum [prep bolsa-mão]
‘É necessário fazer um exame de malas e também um de bolsa’
- b) **Hu bana lanu šney [batey xolim] ve-?od ‘exad*
Ele construiu para nós dois [hospitais] e-outro um
[sefer]
[livro]
(significando ‘Ele construiu para nós dois hospitais e uma escola’)
(cf. *beyt sefer* ‘escola’)

Vimos, portanto, nesta seção, algumas diferenças sintáticas nas estruturas nas quais as nominalizações podem ocorrer. Na próxima subseção, discutiremos a possibilidade de nomes derivados fazerem parte de compostos e não apenas de CS.

5.2. *Os nomes compostos e a estrutura argumental*

Nesta seção, discutiremos os chamados compostos que, segundo Pereltsvaig (sd), possuem uma estrutura argumental. O trabalho de Pereltsvaig (sd) analisa a questão sobre o porquê de o hebraico apresentar compostos nominais e não apresentar compostos verbais. Dessa forma, ela discutirá os chamados *idioms* (idiomas) verbais e os compostos, e sua análise será amparada pela estrutura argumental de algumas raízes, isto é, algumas raízes podem fazer parte dos compostos, enquanto outras não podem. Isso depende da ausência ou presença de estrutura argumental nessas raízes (cf. LIEBER, 1983). Além disso, a autora também terá como apoio a morfologia verbal não-concatenativa do hebraico.

Pereltsvaig, primeiramente, separa os chamados idiomas verbais, que são formados por V+N, dos compostos, que são nucleados por nomes deverbais e formados como N+N. Vejamos os exemplos. Em (116)a) e c), temos os compostos deverbais e, em b) e d), os *idioms* verbais.

(116)	a)	<i>štifat</i>
enxague/lavagem
'lavagem cerebral'(N)	<i>moax</i>
cérebro	b)	<i>lištof</i> <i>moax</i>
lavar cérebro
'fazer lavagem cerebral'
	c)	<i>pšitat</i>
esticamento
'falência'	<i>regel</i>
perna	d)	<i>lifšot</i> <i>regel</i>
esticar perna
'ir a falência'

Em comum, esses dois tipos de construção possuem o significado não composicional, ou seja, um significado que não é previsível por meio dos elementos que os formam. Observemos que em a) e c) o nominal deverbal está no padrão CCiCa; já em b) e d), o verbo do idioma encontra-se no infinitivo.

Compostos e idiomas, apesar de uma semelhança superficial, possuem comportamentos diferentes, como ressalta Pereltsvaig (sd). Em primeiro lugar, elementos como a marca de definitude *ha-*, a marca de objeto '*et* e o quantificador flutuante *kulam* podem ser inseridos entre o verbo e seu complemento nos idiomas, mas não nos compostos.

(117)	a)	<i>Ha-xevrot</i>
DEF-companhia	<i>ha-ktanot</i>
DEF-pequena	<i>paštu</i>
esticou	<i>kulan 'et</i>
todo MO	<i>ha-regel.</i>
DEF-perna
		'a companhia pequena toda foi à falência'				
	b)	<i>Ha-xevrot</i>
DEF-companhia	<i>ha-ktanot</i>
DEF-pequena	<i>paštu</i>
esticou	<i>maher 'et</i>
rápido MO	<i>ha-regel.</i>
DEF-perna
		'A companhia pequena rapidamente foi à falência'				
-
(118)	a)	<i>*pšitat</i>
esticamento	<i>kulam 'et</i>
todo MO	<i>ha-regel.</i>
DEF-perna
		'a falência de todos'		

- b) * pšitat maher 'et ha-regel.
esticamento rápido MO DEF-perna
'falência rápida'

Outra diferença ressaltada por Pereltsvaig é que nem todos os compostos nucleados por nomes deverbais possuem uma contraparte na forma de um idioma. Vejamos os exemplos abaixo: em (119) a) e c), temos os compostos e, em (119) b) e d), temos os idiomas.

(119) a)	<i>ʔavodat</i>	<i>yad</i>	b) * <i>laʔavod</i>	<i>yad</i>
	trabalho(N)	mão	trabalhar (V)	mão
	'artesanato'		'fazer artesanato'	
c)	<i>giluy</i>	<i>ʔarayot</i>	d) * <i>legalot</i>	<i>ʔarayot</i>
	mostração(N)	genitais	mostrar (V)	genitais
	'incesto'		'cometer incesto'	

Como anunciamos no início da seção, um possível tratamento para o fato de não haver compostos formados com verbos em hebraico está relacionado à estrutura argumental. Em Lieber (1983), a autora defende que a presença, ou ausência, de estrutura argumental determina se uma raiz pode ser usada em compostos.

Para Lieber (1983), todos os itens lexicais que têm estrutura argumental devem satisfazer sua estrutura argumental em qualquer árvore dentro da qual eles são inseridos. Essa autora considera que nomes e adjetivos não estão sujeitos ao Princípio de *Argument-Linking*, apenas os verbos e as preposições estão sujeitos. Dessa forma, a autora também assume que nominais derivados (com *-ing*) não possuem uma estrutura argumental, apenas por serem de natureza nominal.

A proposta de Lieber (1983) faz uma previsão universal para os compostos verbais; no entanto, a língua hebraica parece não estar de acordo com tal previsão.

Um problema para estender a análise de Lieber aos dados do hebraico é dizer que os nomes deverbais não possuem uma estrutura argumental. Sabemos que existe uma relação

entre a estrutura argumental do verbo e seu nominal derivado. Chomsky (1970) já prevê que verbos e seus nominais derivados compartilham entradas lexicais (o que inclui também a estrutura argumental) que são neutras no que diz respeito à categorização. Também Hazout (1995) mostra a relação entre a estrutura argumental do verbo e do nominal derivado.

Em favor da proposta de Lieber (1983), no entanto, temos exemplos de nomes deverbais em posição de não núcleo nos compostos. Esses nomes não satisfazem sua estrutura argumental. Vejamos abaixo:

(120)	<i>Mexonat ktiva/</i>	<i>kvisa/</i>	<i>cilum</i>
	Máquina escreveção	lavação	fotocopiação
	‘maquina de escrever’	‘maquina de lavar’	‘fotocopiadora’

Pereltsvaig (sd), porém, ressalta (com base em Grimshaw (1990)) que nomes deverbais em posição de não núcleo não precisam satisfazer sua estrutura argumental e que esses mesmos elementos apresentam um comportamento muito diferenciado dos nominais não verbais na posição de núcleo.

(121)	a)	<i>*netilot</i>	<i>yadayim</i>	b)	<i>batey</i>	<i>xolim</i>
		lavação.pl	mão.pl		casa.pl	doente.pl
		‘ritual de lavar as mãos’			‘hospitais’	
	c)	<i>netilat</i>	<i>yadayim</i>	d)	<i>beit</i>	<i>xolim</i>
		lavação	mão.pl		casa	doente.pl
		‘ritual de lavar as mãos’			‘hospital’	

No dado em (121)b), temos o nome *batey* ‘casas’ no primeiro membro, em oposição a *beit* ‘casa’, em (121)d), ilustrando que é possível pluralizar o primeiro membro do composto. (121)a,c), no entanto, apontam a impossibilidade de pluralização do primeiro membro, que é um nome verbal. Por sua vez, em (121)b), vemos que o segundo membro também está no plural, entretanto, como vemos no exemplo em (121)d), o plural do segundo, isto é, do

membro não núcleo, não é interpretado como plural do composto como um todo. Fatos como esse levaram Minussi (2008), a propor que esses compostos são formados por apenas uma raiz, como veremos adiante.

Vejamos que a impossibilidade de o nome deverbal ser pluralizado em (121)a não é uma restrição vinculada a nomes deverbais em si, pois os exemplos em (122) mostram que tais nomes podem receber a marca de plural quando eles estão na posição de não núcleo.

- (122) a) *mexonat-kvisa* *zo* *ništamša* *le-harbe* ***kvisot***
 máquina-lavação esta usar.pass.past para-muitos lavagens
 ‘esta máquina de lavar foi usada para muitas lavagens’
- b) *mexonat-cilum* *zo* *šosa* ***cilumim*** *civšoniim*
 máquina-fotocópia esta faz fotocópias coloridas
 ‘esta fotocopadora faz fotocópias coloridas’

Antes de passar para a análise dos dados de nominalizações em posição de núcleo e não núcleo baseada em Minussi (2008, 2009a), é necessário fazer algumas considerações sobre os dados de Pereltsvaig (sd). Em primeiro lugar, a autora parece confundir dois tipos de compostos. Em (121), temos compostos exocêntricos (tomando por exocentricidade o fato de que a relação entre os dois elementos do composto não é composicional). Nesses dados, em (121), não temos em *netilat yadayim* a interpretação de ‘lavagem das mãos’, mas uma referência ao ritual de lavar as mãos, assim como em *batey xolim* não temos a leitura de ‘casas de doentes’, mas a criação de um significado novo ‘hospitais’. A interpretação, portanto, não é composicional.

Por sua vez, nos exemplos em (122), temos a presença de compostos endocêntricos que possuem uma leitura composicional, ou seja, na interpretação desses compostos, a semântica dos dois elementos é transparente, como podemos perceber em: *Mexonat-kvisa* (máquina lavação) ‘máquina de lavar’, *mexonat-cilum* (máquina fotocópia/fotocopiação) ‘máquina fotocopadora’.

Desse modo, o teste realizado por Pereltsvaig (sd) não parece ser aplicável aos dois tipos de compostos, pois espera-se que compostos exocêntricos e endocêntricos apresentem comportamentos diferentes. O exemplo em (123)b) mostra que o composto com o nome deverbal *giluy* ‘mostração’ não se comporta estruturalmente como uma nominalização deverbal em (123)a), isto é, esperava-se que a nominalização selecionasse um argumento e tivesse uma interpretação composicional. Contudo, ao contrário do que ressalta Pereltsvaig (sd), a agramaticalidade de (123)b) pode não ser causada apenas porque *giluy* ‘mostração’ não pode tomar argumentos, ou não tem uma estrutura como uma nominalização (por exemplo possuir um verbo na sua constituição), mas a agramaticalidade deve-se ao fato de que nada pode ser inserido dentro do composto, nem mesmo um adjetivo, como o dado em (123)d) ilustra.

- (123) a) *Harisat* *ha-oyvim* ‘et *ha-‘ir*
 Destruição DET inimigos ACC DET-cidade
 ‘a destruição da cidade pelos inimigos’
- b) **giluy* *ha-‘av* (‘et/ *shel* *ha-ʔarayot*)
 mostraçã DET-pai (ACC prep DET-genitais)
 ‘o incesto cometido pelo pai’
- c) *giluy* *ha-ʔarayot*
 mostraçã DEF-genitais
 ‘o incesto’
- d) **giluy* *ha-meviša* *ha-ʔarayot*
 mostraçã DEF-vergonhoso DEF-genitais

A análise para os dados como em (124) a-b) segue da ideia que os nomes deverbais que não selecionam argumentos em um ambiente de compostos, formam um composto exocêntrico, de modo que a semântica de seus elementos não é transparente, tal como os compostos em (124)c-d).

- (124) a) *pšita* *regel* b) *giluy* *ʔarayot*
 esticaçã perna mostraçã genitais
 ‘falência’ ‘incesto’

c) *beit sefer*
 casa livro
 ‘escola’

d) *beit xolum*
 casa doentes
 ‘hospital’

Dessa forma, a análise de Minussi (2009, 2009a) parece apropriada para os casos das nominalizações. Minussi propõe que os compostos que não são transparentes semanticamente são formados por uma única raiz, retirada da Lista A, lista de elementos primitivos. Tal raiz é portadora de informação semântica, dada por meio de traços semânticos que formam um conceito, como o autor argumenta.

A entrada de dois elementos em uma única raiz se dá por um processo de fissão dos traços que compõem o conceito da raiz. Essa fissão possibilita que sejam inseridos dois Itens de Vocabulário que contenham traços compatíveis com os traços em cada nó terminal, resultantes da fissão. Segundo o autor, a fissão é causada pelo próprio sistema da língua, que não possui um único Item de Vocabulário (entendido aqui como som), que expresse aquele conceito atômico presente na raiz. Observemos que, na proposta de Minussi (2008, 2009a), a fissão ocorre no caminho para PF, depois do *spell out* sintático, isto é, depois que a estrutura foi enviada para a interpretação. Desse modo, a raiz, ou melhor, o significado da raiz já foi interpretado. Vejamos a estrutura para a formação de *beit sefer* (lit: casa livro) ‘escola’.

Na próxima seção, veremos as várias propriedades que envolvem a MO e continuaremos nossa reflexão sobre os principais elementos que compõem as estruturas onde serão encontradas as nominalizações.

5.3. *A Marcação Diferencial de Objeto*

Já dissemos, na introdução, que a MO pode estar presente também no argumento interno das nominalizações. É importante ressaltar que tal fato se torna importante, principalmente, se considerarmos a MO uma marca morfológica de Caso acusativo, como argumenta Siloni (1997), Wintner (1998), Shlonsky (2004) etc., pois nominalizações não deveriam ser capazes de atribuir Caso ao DP selecionado.

Desse modo, nesta seção traremos algumas propostas, desenvolvidas na literatura, que tratam a MO *'et* de diferentes modos: (i) como marca de Caso acusativo inerente; (ii) como aspecto; (iii) como realização de um traço de especificidade e (iv) como a realização de um traço de Caso.

5.3.1. *A MO como marca de Caso Acusativo*

Começemos por esboçar a principal característica ressaltada na literatura, ou seja: os nominais de evento do hebraico possuem a habilidade de atribuir Caso ao seu argumento interno (por vezes tratado como objeto direto), caracterizando um comportamento anômalo se tomarmos o modo como os nominais, em geral, são tratados.

Siloni (1997) dedica uma parte de seu estudo para explicar, em primeiro lugar, que existem dois tipos de Caso acusativo e, em segundo lugar, que os nominais apresentam um Caso acusativo inerente.

A autora argumentará em favor de que há distinções significativas entre o Caso acusativo dos verbos transitivos e o que encontramos em contexto nominal. A distinção mais saliente apresentada pela autora se dá entre o Caso acusativo dos verbos transitivos e dos nomes no que concerne ao que ela chama de partícula *'et*. Tal partícula, como já mencionamos, aparece apenas quando o objeto, seja dos verbos ou nomes, é definido (cf. ARAD, 1996; DANON, 2001, 2002; MINUSSI, 2008, 2009). Assim, quando o verbo toma um complemento, a partícula deve preceder o complemento (126a). Por sua vez, quando o verbo toma um complemento indefinido, a partícula não pode aparecer (126b). De modo interessante, a autora defende que os nomes podem atribuir acusativo apenas na presença do *'et* (126c), mas, como a partícula se limita a aparecer apenas nos complementos que são definidos, ela não pode aparecer com o complemento indefinido da nominalização, como em (126d), tornando a sentença agramatical. Desse modo, a sentença, com a estrutura nominalização-sujeito-objeto, como em (126d), não é possível.

- (126) a) *ha-cava* *haras* *('et) *ha-'ir*
DEF-exército destruiu (ACC) DEF-cidade
'O exército destruiu a cidade'
- b) *ha-cava* *haras* (*'et) 'ir 'axat
DEF-exército destruiu (ACC) cidade um
'o exército destruiu uma cidade'
- c) *harisat* *ha-cava* 'et *ha-'ir*
destruição.CS DEF-exército ACC DEF-cidade
'A destruição da cidade pelo exército'
- d) **harisat* *ha-cava* ('et) 'ir 'axat
destruição.CS DEF-exército (ACC) cidade um
'A destruição de uma cidade pelo exército'

Como Siloni (1997) nota, o *'et* parece ter um papel crucial na atribuição de Caso para os nominais, mas essa relação não é necessária para os complementos de verbos, pois como vimos em (126b), o *'et* não pode ser inserido, pois torna a sentença agramatical. Por outro lado, a impossibilidade de inserção do *'et*, em (126d), torna a sentença com aquela estrutura

impossível. Dessa forma, assumimos com Minussi (2008) que tal partícula, no caso dos verbos, não está relacionada à atribuição de Caso, mas é também marca de especificidade, sendo um *spell out* morfológico dos traços [+def,+inferior]⁴⁴.

Cabe lembrar que essa diferença entre o *'et* do complemento dos verbos e do complemento dos nomes não é algo esperado numa hipótese que postula uma camada de VP para as nominalizações, tal como faz Hazout (1995), pois espera-se que, se há um verbo na constituição da nominalização, as propriedades de seleção, atribuição de Caso e atribuição de papel temático sejam mantidas na nominalização deverbal.

Continuando a argumentação de Siloni (1997), a autora mostra que os nomes, diferentemente dos verbos, são incapazes de licenciar Caso acusativo para o sujeito de *small clauses* (isto é, não são capazes de atribuir Caso em ambientes de Marcação Excepcional de Caso (ECM)), como mostra o contraste entre (127)a-b) e (127)c-d)⁴⁵.

(127) a)	<i>ha-more</i>	<i>maca</i>	<i>'et</i>	<i>ha-ti'un</i>	<i>mešaxne'a</i>
	DEF-professor	encontrou	ACC	DEF-argumento	convvincente
	'O professor achou o argumento convincente'				
b)	<i>ha-me'amen</i>	<i>ra'a</i>	<i>'et</i>	<i>ha-yeled</i>	<i>nofel</i>
	DEF-treinador	viu	ACC	DEF-menino	caindo
	'O treinador viu o menino caindo'				
c)	<i>*meci'at</i>	<i>ha-more</i>	<i>'et</i>	<i>ha-ti'un</i>	<i>mešaxne'a</i>
	encontro	Def-professor	ACC	DEF-argumento	convvincente
d)	<i>*re'iyat</i>	<i>ha-me'amen</i>	<i>'et</i>	<i>ha-yeled</i>	<i>nofel</i>
	visão	DEF-treinador	ACC	DEF-menino	caindo

Mais uma vez, o comportamento da partícula *'et* parece incoerente se levarmos em consideração a hipótese de que há uma camada verbal nos nominais. A autora ainda retoma a argumentação de Chomsky (1986), que distingue Caso inerente de Caso estrutural, sendo o Caso inerente, mas não o estrutural, o Caso que está tematicamente relacionado com o argumento ao qual ele é atribuído, ou seja, é o Caso que pode ser atribuído por α ao DP

⁴⁴ Voltaremos a esse tópico ao tratarmos especificamente da proposta de Minussi (2008).

⁴⁵ Os dados foram retirados de Siloni (1997, p. 80).

apenas se α marca tematicamente o DP. Se isso estiver correto, o fato de os nomes não licenciarem Caso acusativo numa configuração de ECM, onde o nome não marca tematicamente o DP receptor de Caso, sugere que o Caso acusativo é uma instância de Caso inerente.

Outro fato também leva Siloni (1997) a postular que o Caso dos elementos selecionados pelo nome seja um Caso inerente. Diferente dos verbos, os nominais eventivos são incapazes de realizar seu objeto como um pronome acusativo, como mostra o contraste entre (128)a) e (128)b). A agramaticalidade de (128)c) mostra que o fator responsável pela agramaticalidade de (128)b) não é simplesmente a interveniência de um NP pleno entre o nome e o pronome acusativo.

- (128) a) *ha-cava haras 'oto*
DEF-exército destruiu 'et-o (ACC+3^ap, masc, sing)
'O exército o destruiu'
- b) **harisat ha-cava 'oto*
destruição.CS DEF-exército (ACC+3^ap, masc, sing)
significando: 'a destruição dele pelo exército'
- c) **harisat-am 'oto*
destruição.CS-3^ap, masc, pl (ACC+3^ap, masc, sing)
significando: 'a sua destruição dele'

Além disso, os pronomes acusativos, que são objetos diretos claramente definidos, não permitem o *'et*, uma vez que eles são, diacronicamente falando, a combinação do *'et* com o pronome sufixal *-o*.

- (129) *ha-cava haras (*'et) 'oto*
DEF-exército destruiu (ACC) ACC+3^ap, masc, sing
'o exército destruiu eles'

A ordem dos constituintes também é levada em consideração, pela autora, para separar o Caso acusativo dos verbos transitivos daquele dos nominais. Os VPs permitem ambas as

ordens: acusativo-dativo (130)a), assim como dativo-acusativo (130)b). Por sua vez, nos nominais, o complemento acusativo deve preceder sua contraparte dativa, como podemos ver pelos exemplos em (130)c) e (130)d). Dessa forma, vemos que a ordem dos constituintes é diferente para o complemento dos verbos e dos nomes, o que é inesperado, mais uma vez, se tomarmos, primeiramente, a hipótese de que a formação dos nominais eventivos envolve sempre uma projeção verbal e, em segundo lugar, que esse núcleo verbal é determinante para a atribuição do Caso acusativo para os complementos dos nominais.

- (130) a) *ha-bank hexzir 'et ha-keseḥ le-šula*
 DEF-banco reembolsou ACC DEF-dinheiro para Shula
 ‘O banco reembolsou o dinheiro para Shula’
- b) *ha-bank hexzir le-šula 'et ha-keseḥ*
 DEF-banco reembolsou para-Shula ACC-DEF-dinheiro
 ‘O banco reembolsou o dinheiro para Shula’
- c) *haxzarat ha-bank 'et ha-keseḥ le-šula*
 reembolso.CS DEF-banco ACC DEF-dinheiro para-Shula
 ‘o reembolso do dinheiro pelo banco para Shula’
- d) **haxzarat ha-bank le-šula 'et ha-keseḥ*
 reembolso.CS DEF-banco para-Shula ACC DEF-dinheiro
 ‘o reembolso do dinheiro pelo banco por Shula’

O último argumento de Siloni (1997) diz respeito aos nominais que não realizam foneticamente seu argumento externo.

- (131) a) *ha-harisa šel ha-'ir*
 DEF-destruição prep DEF-cidade
 ‘a destruição da cidade’
- b) *harisat ha-'ir*
 destruição.CS DEF-cidade
 ‘a destruição da cidade’
- c) **ha-harisa 'et ha-'ir*
 DEF-destruição ACC DEF-cidade
 ‘a destruição da cidade’

Nos três exemplos acima, apenas o argumento interno é realizado. A estrutura é gramatical, tanto com a atribuição de Caso pela preposição *šel* ‘de’ (131)a), quanto com o

complemento recebendo Caso dentro do CS (131)b), porém tal complemento não pode receber Caso via *'et* (131)c). Como mostra Siloni (1997), esse fato não é previsto por uma análise em que um VP faz parte da formação dos nominais, pois os verbos podem tomar um argumento acusativo independentemente da realização do seu argumento externo, como vemos nos exemplos em (132).

- (132) a) *hem harsu 'et ha-'ir*
 Eles destruir ACC DEF-cidade
 'Eles destruíram a cidade'
- b) *harastem 'et ha-'ir*
 destruíram.(2pl) ACC DEF-cidade
 'Vocês destruíram a cidade'

Nesse ponto da argumentação, para explicar o fato de que o *'et* não pode ser o atribuidor de Caso nos nominais que não possuem o argumento externo, a autora sugere que o argumento externo pode estar ausente apenas quando o verbo encaixado nos nomes deverbais passou por uma passivização. Em um ambiente de passiva, o Caso acusativo não está disponível, o que motiva Borer (1993) a afirmar que os exemplos em (131) podem ser tratados como construções passivas. Siloni (1997), posteriormente, não sustentará uma análise de passiva para esses nominais. Desse modo, fica aberta a questão sobre a causa da falta de atribuição de Caso pelo *'et* para os nominais em que não há a realização do argumento externo.

A argumentação sobre *'et* ser a realização de um Caso inerente continua após Siloni (1997) mostrar que não há uma semelhança entre o Caso atribuído pelo verbo e o Caso atribuído pelos nominais, como vimos acima. Para tanto, a autora mostra que o Caso acusativo pode ser atribuído nos nominais do hebraico porque um atribuidor de Caso *dummy* está disponível.

Algumas evidências são dadas a fim de mostrar que o ‘*et* não está relacionado à atribuição de um Caso para qualquer argumento Tema. Até o momento, Siloni (1997) havia apenas argumentado em favor de que o ‘*et* não seria um atribuidor de Caso acusativo para os argumentos internos das nominalizações, porém a autora passa a argumentar, também, que o ‘*et* não deva ser um atribuidor de Caso acusativo para alguns argumentos internos de verbos. Assim, observemos que quando o argumento Tema é indefinido, o verbo deve concordar com ele, o que mostra que o Caso carregado pelo argumento não é acusativo, mas nominativo. Vejamos os dados abaixo⁴⁶:

- (133) a) *lo nimsar* *li* ‘*et* *ha-hoda’a* *ha-zot*.
 NEG transmitir.PASS para mim ACC DEF-mensagem DEF-esta
 ‘Esta mensagem não foi transmitida para mim’
 b) *lo* *haya* *kativ* *šam* ‘*et* *ha-ša’a*.
 NEG foi escrita lá ACC DEF-hora
 ‘A hora não foi escrita lá’

Ainda sobre o fato de ‘*et* não ser um Caso acusativo atribuído por um verbo e sim um Caso inerente, vamos observar o comportamento dos nomes estrangeiros, tais como *konstrukcia* ‘construção’, os quais não estão assimilados ao sistema hebraico e não possuem um verbo correspondente. O nome *konstrukcia* ‘construção’ não pode tomar um argumento com o ‘*et*, como mostra (134)a). Esse fato estaria de acordo com a hipótese de que o Caso acusativo dos nominais é atribuído pelo verbo, e uma vez que *konstrukcia* ‘construção’ não possui um verbo, não pode ter um argumento acusativo. Porém, como ressalta Siloni (1997), nomes estrangeiros desse tipo não denotam um evento, mas um resultado. Assim, eles não podem ser modificados por um PP adverbial (exemplo (134)b)), o que ocorre com o nominal eventivo hebraico *bniya* ‘construção’ (exemplo (134)c)).

⁴⁶ Dados retirados de Siloni (1997, p.84).

- (134) a) **ha-konstrukcia* *šel* *ha-šiltonot* *'et* *ha-'ir*
 DEF-construção prep. DEF-autoridades ACC DEF-cidade
 'A construção da cidade pelas autoridades'
- b) *ha-konstrukcia* *šel* *ha-'ir* *(*bi-mehirut)*
 DEF-construção prep. DEF-cidade (em-rapidez)
 'a construção (rapidamente) da cidade'
- c) *ha-bniya* *šel* *ha-'ir* *bi-mehirut*
 DEF-construção prep. DEF-cidade em-rapidez
 'a construção rápida da cidade'

Esse fato está de acordo com a análise feita por Grimshaw (1990), que argumenta em favor da ideia de que nominais de resultado não tomam argumentos, mas tomam participantes semânticos com os quais não possuem relações semânticas específicas. Desse modo, o Caso acusativo pode ser atribuído apenas ao argumento Tema (ou paciente), o qual não está disponível nos nominais de resultado. Por meio dessa argumentação, fica natural que nomes como *konstrukcia* não possam tomar complementos acusativos.

Entretanto, não parece que esteja tão claro o paralelo entre não possuir um verbo correspondente e não atribuir Caso acusativo, ou não permitir a presença do *'et* nos nominais. Tomemos os verbos *hitbi'a* e *tibe'a*, ambos significando 'afundar'. Os nominais deverbais correspondentes a esses dois verbos são *hatba'a* e *tibu'a*, respectivamente, e ambos possuem uma leitura de evento, o que pode ser mostrado pelo fato de que ambos podem ser modificados por PPs advérbios, como em (135):

- (135) a) *hatba'at* *ha-sirot* *bi-mehitut*
 afundamento DEF-barcos em-rapidez
 'o afundamento dos barcos rapidamente'
- b) *tibu'a* *ha-sirot* *bi-mehirut*
 afundamento DEF-barcos em-rapidez
 'o afundamento dos barcos rapidamente'

De modo bastante peculiar, como mostrou Doron (1989), apenas *hatba'a* permite atribuição de Caso acusativo, embora ambos derivem de verbos transitivos, como ela afirma:

- (136) a) *hatba'at ha-cava 'et ha-sirot*
afundamento DEF-exército ACC DEF-barcos
'o afundamento dos barcos pelo exército'
- b) **tibu'a ha-cava 'et ha-sirot*
afundamento DEF-exército ACC DEF-barcos
'o afundamento dos barcos pelo exército'

Doron (1989) afirma que esses não são casos isolados e traz alguns pares mínimos na tabela reproduzida abaixo:

Permite Acusativo	Não permite acusativo	Significado
beki'a	biku'a	divisão
hariga	hereg	matança
harisa	heres	destruição
mi'ux	me'ixa	espremeção
netixa	nitux	operação

Tabela 14 permissão de Caso acusativo por nominais

Para Siloni (1997), os dados de Doron (1989), novamente, servem de apoio para uma análise contra uma camada verbal nos nominais, uma vez que esses nominais refletem propriedades diferentes dos seus verbos, no caso específico, a não atribuição de Caso acusativo por *tibu'a*. Para nossa análise, a ser demonstrada adiante, em primeiro lugar, não podemos tomar PP advérbios como teste para mostrar que um determinado nominal é de fato um nominal eventivo ou um nominal de resultado. Em segundo lugar, parece que, de fato, contra Doron (1989) há uma relação entre o padrão nominal que permite tomar *'et* como atribuidor de Caso e os que não permitem. Na tabela acima, todos os que permitem, com exceção de *mi'ux*, apresentam o padrão CCiCa, além do fato de que nenhum desses nominais apresenta mudança no significado, de modo que parece se tratar de um fenômeno específico de uma classe de nominais (os que possuem o mesmo significado, independente do padrão em

que se encontram). Da mesma forma, como afirma Borer, todos os nominais pertencentes ao padrão CeCeC, chamado de secundário por Ravid; Avidor (1998), nunca tomam complementos acusativos.

Tendo visto acima os problemas apontados para um análise que toma o *'et* como uma marca de Caso acusativo, além da reflexão sobre a diferença de comportamento dessa marca em contextos verbais e nominais, passemos à reflexão de Arad (1996), a qual toma o *'et* como uma marca de aspecto.

5.3.2. *A MO como marca de Aspecto*

O trabalho de Arad (1996) trata da interface sintaxe-semântica lexical. De modo geral, a autora mostra que as informações lexicais são limitadas na interface com a sintaxe. Tais informações são de carácter aspectual e restringem associações entre os verbos e as estruturas sintáticas. Ela defende que: (i) não há um mapeamento determinístico, unidirecional do léxico para a sintaxe; (ii) papéis temáticos não desempenham papel importante na mediação entre léxico e sintaxe.

Em seu modelo para as estruturas aspectuais, as projeções aspectuais podem capturar a correlação entre certas propriedades semânticas e sintáticas, por exemplo, a correlação entre telicidade e não-agentividade dos inacusativos. Dessa forma, os agentes, originadores de evento nos termos de Arad (1996), aparecem na posição de sujeito sem postular uma hierarquia temática que coloque o papel de Agente sobre todos os outros papéis. Assim, a projeção de AspOR (projeção de originador) está sobre AspEM (projeção de medidor de evento). O modelo de Arad (1996) também prevê que a associação de posições de Caso com

posições onde a interpretação aspectual é atribuída pode explicar a correlação universal entre Caso acusativo e interpretação télica.

Para Arad (1996), projeções aspectuais podem checar caso e, portanto, não há necessidade de projeções de *agreement* ou especificadores múltiplos, já que esses últimos não possuem conteúdo semântico e necessitam de motivações independentes. As projeções aspectuais, por outro lado, possuem conteúdo semântico e, diferentemente das projeções de *agreement*, os traços que elas checam são interpretáveis e em algumas línguas esses traços possuem conteúdo fonológico.

Como já dissemos, a autora defende que Caso acusativo seja atribuído por um nó aspectual que é responsável pela telicidade do evento. A fim de mostrar a associação entre Caso acusativo e interpretação télica, ela trará evidências de três fontes de dados:

- (i) Línguas que têm Caso objetivo diferente do acusativo, por exemplo, um Caso partitivo para os objetos;
- (ii) Línguas que exibem alternância entre Caso acusativo e objeto preposicional partitivo;
- (iii) Línguas que marcam seus objetos com Caso dativo e Caso ablativo.

Em todos esses casos o Caso acusativo está associado com uma interpretação télica. Contudo, a autora ressalta que a atribuição de Caso acusativo não é uma condição suficiente para uma interpretação télica.

Segundo Arad (1996), o Caso acusativo é marcado no hebraico pelo *'et* e essa língua permite preposições partitivas em vez de objeto direto. Vejamos os exemplos em (137) e (138).

- (137) a) *axalti 'et ha-uga*
 Comi ACC DEF-bolo
 'Eu comi o bolo' (télico)
- b) *axalti me ha-uga*
 Comi PART DEF-bolo
 'Eu comi do bolo' (atélico)
- (138) a) *karati 'et ha-sefer*
 Li ACC DEF-livro
 'Eu li o livro' (télico)
- b) *karati ba-sefer*
 Li em.DEF-livro
 'Eu estava lendo o livro' (atélico)

Dessa forma, Arad (1996) mostra que o uso do *'et*, chamado de Caso acusativo, em oposição ao uso de outras preposições está associado com a leitura de aspecto télico. Contudo, a autora não menciona o fato de que alguns nominais podem também apresentar *'et* em seus complementos e, portanto, não prevê uma análise de checagem de Caso para tais nominais.

A MO, como temos tratado nesta tese, de fato parece apresentar um conteúdo semântico que pode, inclusive, estar ligado à marcação de um aspecto télico, como sugeriu Arad (1996). Contudo, essa não é a única contribuição da marca, pois, como já fora ressaltado, tal marca aparece apenas em complementos definidos. Esses demais aspectos semânticos são investigados por Minussi (2008, 2009) que defende ser o *'et* uma realização de traços como +definido e +inferior.

5.3.3. A MO como realização de traços da estrutura

Minussi (2008) começa por caracterizar o fenômeno da marcação diferencial de objeto nas línguas naturais, mostrando, como já foi descrito por diversos autores, como Enç (1991),

que tal fenômeno tem uma ligação estreita com a marcação de Caso morfológica, em especial com o caso acusativo. Contudo, assim como já fora apontado para outras línguas, Minussi (2008) defende a ideia de que a MO *'et* não apenas marca a definitude do sintagma ao qual se anexa, mas contribui para uma leitura de especificidade. Vejamos os dados:

- (139) a) *kax* *li* *'et* *ha-[cos* *maim]*
 Pegar(imperativo) para mim MO DEF-[copo água]
 “Pegue para mim o copo de água”
- b) *kax* *li* *'et* *[cossot* *maim]*
 Pegar(imperativo) para mim MO [copos água]
 “Pegue para mim os copos de água”

Em (139)a), temos um composto (*cos maim* ‘copo de água’) na posição de complemento. Minussi (2008) ressalta que o uso do *ha-* nessa sentença, acompanhando o primeiro membro do composto, é reprovado pela gramática tradicional. O autor também aponta que em (139)b), não há a leitura de *bare plural* ‘Pegue para mim copos de água’, leitura esperada nos sintagmas em que não temos a presença do *ha-*, como argumenta Heller (2002).

Para além do fato de Minussi (2008, 2009) argumentar a favor de uma contribuição semântica do *'et*, o autor, com base no arcabouço teórico da MD e da teoria sobre Caso de McFadden (2004), também mostra que o *'et* é a realização dos traços [+def,+inferior].

A proposta de McFadden (2004) define Caso como sendo algo puramente morfológico, de modo que ela elimina qualquer núcleo de Caso ou qualquer coisa do tipo fornecida pela sintaxe. Os nós onde Caso é realizado devem ser inseridos dentro da derivação morfológica, segundo o autor, isto é, após a derivação sintática. A proposta de Minussi (2008) não é tão radical quanto a proposta de McFadden a ponto de eliminar os traços de Caso da sintaxe e não checá-los, mas, seguindo McFadden, o autor propõe que o componente morfológico especifique se o DP será marcado com Caso ou não e qual Caso receberá.

Em sua proposta, Minussi (*op.cit*) também sugere que D contenha um traço interpretável de definitude que deve ser checado. Se esse DP estiver numa posição de complemento, seja de um verbo ou de uma nominalização, o componente morfológico irá inserir um traço [+inferior], que resultará na inserção do item de vocabulário ‘*et*’⁴⁷. A regra para inserção em complementos de verbo pode ser descrita como em (140):

(140) [+def] ↔ [+def, +inferior] / quando o DP for complemento de V.

Contudo, quando o DP for complemento de um nome em uma nominalização, como ilustrado em (141), a regra de inserção do traço [+inferior] deverá ser como em (142):

(141) *harisat* *ha-oyvim* ‘*et* *ha-’ir*
destruição.CS.f.sg DEF-inimigos ACC DEF-cidade
‘a destruição da cidade pelos inimigos’

(142) [+def] ↔ [+def, +inferior] / quando o DP for complemento de N e N estiver ocupado por um vestígio, pois deverá ocorrer um alçamento de N.

A regra em (142) evita que o traço [+inferior] seja inserido quando o núcleo do CS está preenchido⁴⁸, caso esse em que não há necessidade de inserção do ‘*et*’, como vemos em (143)b). O ‘*et*’ deve ser inserido apenas quando o complemento da nominalização não está

⁴⁷ A MD assume que Caso também possa ser descrito em termos de traços, de forma que, quando é atribuído Caso acusativo a um sintagma, tal sintagma não recebe um valor [+acusativo], mas algo como [+estrutural, -obliquo, -superior] (cf. HALLE, 1997). Seguindo a proposta de McFadden (2004), Minussi (2008) está utilizando, em vez do traço ±superior, o traço [+inferior] que é o traço atribuído aos nominais que estão em posições governadas por algum núcleo na estrutura sintática. A utilização de um valor positivo, em vez da utilização de um valor negativo, como seria o caso de [-superior], está de acordo com Harley (2004), em que a autora destaca que valores negativos são desnecessários.

⁴⁸ Minussi 2008 está postulando que exista um alçamento do núcleo *destruição* que seleciona *cidade* como complemento, para uma posição mais alta. Esse autor, contudo, não trata das nominalizações que ocupam a posição de núcleo do CS, pois o CS formado com nominalização possui características diferentes dos CSs que são nucleados por outras categorias gramaticais. Dessa forma, esse autor apenas sugere o alçamento com base em Borer (1999). No presente trabalho, daremos outra explicação para o licenciamento e alçamento das nominalizações. Apesar disso, a análise para o ‘*et*’ ainda pode ser concebida tal como propõe Minussi (2008).

contido no CS, ou seja, quando o membro não núcleo do CS está ocupado por um agente, como em (143)a).

- (143) a) *harisat* *ha-’oyev* ‘*et ha-’ir*
destruição DEF-inimigo ACC DEF-cidade
‘a destruição da cidade pelo inimigo’
- b) *harisat* *ha-’ir*
destruição DEF-cidade
‘a destruição da cidade’

A Morfologia Distribuída prevê o princípio da Inserção Tardia, que é definido como: a hipótese de que expressões fonológicas de terminais sintáticos são fornecidas no mapeamento para a Forma Fonológica (PF). Em outras palavras, categorias sintáticas são puramente abstratas, não possuindo conteúdo fonológico. Apenas depois da sintaxe, elas adquirem expressões fonológicas, chamadas de itens de vocabulário, como já dissemos, que são inseridos em um processo também chamado de *spell-out*. Portanto, temos um item de vocabulário com a regra de inserção especificada para os traços [+definido,+inferior], como em (144):

- (144) /et/ ↔ [____+definido,+inferior]

A proposta de Minussi (2008) parece explicar de maneira teoricamente coerente o aparecimento da MO ‘*et* nos contextos de complementação definida; entretanto, tal proposta de análise não está preocupada com a atribuição de Caso em si, nem mesmo com a natureza da categoria de ‘*et*.

Nesse sentido, vamos ampliar a proposta de Minussi (2008), observando que o ‘*et* deve ser considerado uma preposição, pois, como veremos pelos exemplos abaixo, essa MO aparece nos mesmos contextos que outras preposições como *me* ‘de’, *le* ‘para’ e *min* ‘de’.

Em (55), repetido aqui como (145), percebemos, pelos dados de Arad (2005), que alguns verbos seleccionam determinadas preposições e não seleccionam o *'et*, o que nos sugere que o *'et* deve estar em distribuição complementar com essas outras preposições.

(145)	a)	<i>histakel</i>	<i>be/ʔal</i>	<i>*'et</i>
		olhada	em/sobre	MO
	b)	<i>nixnas</i>	<i>la-bayit</i>	<i>*'et ha-bayit</i>
		entrou	para-casa	MO DEF-casa
	c)	<i>nilxam</i>	<i>be</i>	<i>*'et</i>
		lutado	em	MO
	d)	<i>hictaref</i>	<i>le</i>	<i>*'et</i>
		juntou	a/para	MO
	e)	<i>hitxabeʔ</i>	<i>mi</i>	<i>*'et</i>
		escondido	de	MO
	f)	<i>hištameš</i>	<i>be</i>	<i>*'et</i>
		usado	em	MO

O mesmo pode ser notado nos exemplos de Arad (1996) sobre o aspecto, repetidos aqui em (146). Nesse caso, *'et* está em oposição à preposição *be* ‘em’ para marcar a telicidade da sentença, como argumenta Arad (1996).

(146)	a)	<i>karati</i>	<i>'et</i>	<i>ha-sefer</i>
		Li	ACC	DEF-livro
		‘Eu li o livro’ (télico)		
	b)	<i>karati</i>	<i>ba-sefer</i>	
		Li	em.DEF-livro	
		‘Eu estava lendo o livro’ (atélico)		

Para finalizar, ainda podemos ressaltar que quando *'et* não é seleccionado pelo verbo, também não é seleccionado pela nominalização, como vemos nos dados em (147). Esse dado também sugere que *'et* seja analisado como uma preposição.

(147)	a)	Dan	<i>histalek</i>	<i>min/*'et</i>	<i>ha-misra</i>
		Dan	deixar	prep/MO	DEF-posição
		‘Dan demitiu-(se) da (sua) posição’			

- b) *Histalkut-o šel Dan min/*'et ha-misra*
 demissão.CS-pron.3ª prep. Dan prep/MO DEF-posição
 ‘a demissão (dele) do Dan da posição’

Uma vez que discutimos nas seções anteriores os três elementos principais que compõem a estrutura sintática (CS, FS e a MO), na qual as nominalizações serão alocadas, vamos, na próxima seção, discutir mais profundamente as estruturas sintáticas possíveis para as nominalizações, além de analisar quais são os modificadores permitidos nas nominalizações do hebraico.

5.4. *A estrutura e a modificação das nominalizações*

Nesta seção, refletiremos sobre a estrutura das nominalizações do hebraico e sobre como esses nominais podem ser modificados, apontando, principalmente, que tais nominais possuem uma característica mista entre as categorias de verbos e de nomes.

Iniciaremos nossa reflexão fazendo um breve resumo da análise de Grimshaw (1990), para, então começarmos a diagnosticar, baseados em Siloni (1997), os tipos de nominais possíveis do hebraico.

5.4.1. *Grimshaw e o diagnóstico dos nominais eventivos e de resultado*

Grimshaw (1990) inicia sua argumentação a respeito da ambiguidade que o sistema nominal parece apresentar, ao verificar que esse sistema apresenta tanto características nominais propriamente ditas, quanto características verbais, principalmente no que se refere às propriedades de seleção de complementos. A autora vai retomar alguns exemplos de Chomsky (1970) que sugerem que nomes e verbos são governados pelos mesmos princípios de realização de argumentos e diferem apenas em suas propriedades de atribuição de Caso⁴⁹.

- (148) a) *The enemy destroyed [the city].*
 b) *The enemy's destruction [of the city].*
- (149) a) **CP Complemento**
The physycist claimed [that the earth is round].
The physicists' claim [that the earth is round].
 b) **Complemento infinitivo**
They attempted [to leave].
Their attempt to [leave].
 c) **Complemento PP locativo**
The train arrived [at the station].
The tran's arrival [at the station]

Grimshaw (1990) discute dois contra argumentos para essa visão de que os mesmos princípios de realização de argumentos se aplicam a nomes e verbos, que se distinguem somente em suas propriedades de atribuição de Caso. O primeiro é que, enquanto os sujeitos de orações finitas são estritamente obrigatórios, o elemento que parece ter a mesma função de sujeito nos nominais é estritamente opcional, como os exemplos abaixo ilustram:

- (150) a) **Examined the patient.*
 b) *The examination of the patient.*

⁴⁹ Dados retirados de Grimshaw (1990, p. 46-47)

O segundo contra exemplo diz respeito aos argumentos não sujeitos, pois, enquanto os argumentos não sujeitos dos verbos são também estritamente obrigatórios, os argumentos não sujeitos dos nomes são opcionais. Vejamos os exemplos em (151) e (152):

- (151) a) **The doctor examined.*
 b) *The doctor's examination was successful.*

- (152) a) *The destruction of the city by the enemy*
 b) *The destruction of the city*
 c) *The destruction*

Os dados em (152) nos sugerem que os nomes tomam argumentos apenas opcionalmente, o que os torna bastante diferentes dos verbos em suas propriedades de marcação temática. Contudo, argumenta-se que essa flexibilidade na tomada de argumentos pelos nomes é apenas aparente devido à ambiguidade fundamental do sistema nominal. Essa ambiguidade se traduz nos tipos de nomes que podemos encontrar.

Grimshaw (1990) fornece uma série de argumentos para a ideia de que os nomes deverbais não formam uma classe homogênea, propondo que eles se dividem em três classes semânticas: (i) classe I, que contém nominais de evento complexos; (ii) classe II, que contém nominais de resultado e (iii) classe III, que contém os chamados nominais de evento simples, tais como *race* ‘corrida/competição’ e *exam* ‘exame’. Apenas os nomes que pertencem à classe I tomam argumentos.

Contudo, essa divisão em três classes fica obscurecida por nomes como *examination*, que podem pertencer às três classes, o que faz a autora se concentrar na divisão entre os nomes que apresentam uma estrutura de evento complexa (classe I) e aqueles que não a apresentam (classes II e III).

Como dissemos, Grimshaw se concentra, principalmente, na distinção entre os nominais de evento complexo e nominais de resultado, que mostram um grande número de diferenças, como observaremos a seguir.

A primeira dessas diferenças é que os nominais de evento complexo denotam uma ação (ou atividade); nominais de resultado denotam o *output* de uma ação, uma entidade no mundo. O nome *examination* se refere a um evento em (153)b). Em (153)c), o nome *exam* se refere a uma entidade, não é ambíguo e não é aceitável em contextos requerendo a presença de um nominal complexo como em (153)d).

- (153) a) *The examination of the patients took a long time/*was on the table.*
 b) *The examination was long/on the table.*
 c) *The exam was on the table.*
 d) **The exam of the patients took a long time.*

Vejamos que o hebraico não é tão diferente do inglês, apesar de que é o mesmo nome, isto é, o nome com o mesmo padrão que pode ter uma leitura de evento ou de resultado. Segundo Siloni (1997), o nome *bxina* (examinação) pode ter uma leitura de evento apenas em (154)a-b). Em (154)c), porém, *bxina* não pode ter essa leitura e assim não realiza nenhum argumento, como argumenta Grimshaw (1990).

- (154) a) *bxinat* *ha-mismaxim* *hayta* *hexrexit*
 exame.CS DEF-documentos foi necessária
 ‘A exame dos documentos foi necessária’
 b) *ha-bxina* *šel* *ha-mismaxim* *hayta* *hexrexit*
 DEF-exame prep DEF-documentos foi necessária
 ‘A exame dos documentos foi necessária’
 c) *ha-bxina* *hayta* *hexrexit*
 DEF-exame foi necessária
 ‘a exame foi necessária’

Observemos que essa característica de que só os nominais de evento são capazes de tomar argumento interno obrigatoriamente é a segunda distinção feita entre nominais de evento e de resultado por Grimshaw. Contudo, porque os nomes são ambíguos, essa é uma distinção difícil de ser visualizada. De acordo com Grimshaw, os gerúndios não são ambíguos ao serem associados com a interpretação de evento complexo. Desse modo, faz-se necessária a desambiguação, de alguns nominais, o que é possível por meio de certos modificadores, os quais são compatíveis apenas com uma das interpretações possíveis dos nomes ambíguos.

Nesse ponto, podemos refletir se o fato de o nominal deixar de ser ambíguo por causa de sua modificação pode, ou não, ser um indício de que a leitura de evento ou de resultado é dependente de um contexto semântico e não é codificada sempre no próprio nominal. Isso significa dizer que: alguns padrões vocálicos do hebraico, ou alguns sufixos em línguas como o inglês ou português, podem ser ambíguos, ou podem ser não especializados em uma leitura eventiva, ou seja, não é parte da informação gramatical desses elementos denotar um evento ou um resultado. Por sua vez, há nominais que são não-ambíguos entre uma leitura eventiva e de resultado por si só e parecem ter essa informação codificada de alguma forma, como em *exam* em (153)c-d), ou *šixzut* ‘reconstrução’ em (155), que não são ambíguos e são tomados sempre como nominais de resultado, a menos que se force uma outra leitura por um determinado contexto.

- (155) a) *ha-šizur* *šel* *Dan* *nizok* *ba-srefa*.
 DEF-reconstrução prep Dan danifica.pass em.DEF-fogo
 ‘A reconstrução de Dan foi danificada pelo fogo’
- b) *ha-šixzur* *šel* *Dan* **(‘et ha-peša)* *kedey*
 DEF-reconstrução prep Dan *(MO DEF-crime) a fim de
le-havin ‘et *ha-macav*
 para-entender MO DEF-situação
 ‘A reconstrução de Dan do crime a fim de entender a situação’

Em uma seção posterior, veremos que esses nomes que podem variar na quantidade de argumentos e, portanto, podem ter uma leitura ambígua, pertencem ao padrão C*CCiCa* (como *bxina* ‘examinação’), para qual o defendemos que não há uma camada verbal. Nesses casos, a estrutura argumental do nominal não está ligada à estrutura argumental de um verbo, podendo ocorrer uma variação no número de argumentos. Por sua vez, aqueles nominais que possuem o padrão C*iC(C)uC* (como *šixzur* ‘reconstrução’, *gidul* ‘cultivo’) parecem não ser ambíguos, por possuírem uma camada verbal e serem, assim, mais restritos.

Continuemos a argumentação de Grimshaw a respeito das distinções entre as classes de nomes dizendo que os nominais de evento complexo são compatíveis com o mesmo modificador de sua contraparte verbal, enquanto nomes de resultado não permitem tais modificadores. Assim, por exemplo, nomes de resultado não são compatíveis com modificadores aspectuais:

- (156) a) *the examination of the cat in tree hours* evento complexo
 b) **the exam in three hours*
 c) *The vet examined the cat in only two days*

Siloni também comprova que, no hebraico, modificadores como *tox ša’a* ‘em uma hora’ podem ser usados apenas com nomes que denotam evento (exemplos (157)a-b). Contudo, na falta de um argumento (exemplo (157)c), a modificação não é possível, nos fazendo pensar que, em se tratando do mesmo nome *bxina* ‘examinação’, em ambos os casos, a agramaticalidade pode ser devida à falta de pelo menos um argumento na nominalização.

- (157) a) *bxinat* *ha-mismaxim* *tox ša’a* *hiršima* ‘oto
 examinação.CS DEF-documentos em uma hora impressionou ele
 ‘A exameção dos documentos em uma hora impressionou ele’
 b) *ha-bxina* *šel* *ha-mismaxim* *tox ša’a* *hiršima* ‘oto
 DEF-exameção prep DEF-documentos em uma hora impressionou ele
 ‘A exameção dos documentos em uma hora impressionou ele’

- c) **ha-bxina* *tox ša'a* *hiršina* 'oto
DEF-examinação em uma hora impressionou ele

Modificadores aspectuais, como *frequent* em inglês, podem co-ocorrer apenas com nominais de evento complexo no singular, de modo que eles nunca co-ocorrem com nominais de evento complexo no plural. Isso acontece porque os nominais de evento complexo não podem ser pluralizados.

Por outro lado, tais modificadores aspectuais podem modificar nominais de resultado no plural, mas são agramaticais junto com nomes de resultado no singular (cf ALEXIADOU *et al.*, 2007). De acordo com Grimshaw, modificadores aspectuais impõem essa restrição porque quando eles modificam um nome singular, eles devem ser licenciados por uma estrutura de evento, como outros modificadores aspectuais⁵⁰. Observemos os exemplos:

- (158) a) *the frequent examination of the car*
 b) **the frequent examinations of the car*
 c) *the frequent exams*
 d) **the frequent exam*

Siloni (1997), ao aplicar o teste do modificador aspectual *frequent* em hebraico, verifica que esse teste é possível apenas com nomes que possuem uma interpretação de evento, como vemos abaixo.

- (159) a) *bxinat* *ha-mismaxim* *ha-tedira* *hayta hexrexit*
 exameção.CS DEF-documentos DEF-frequente foi necessária
 ‘A exameção frequente dos documentos foi necessária’
- b) *ha-bxina* *ha-tedira* *šel* *ha-mismaxim* *hayta hexrexit*
 DEF-exameção DEF-frequente prep DEF-documentos foi necessária
 ‘A exameção frequente dos documentos foi necessária’

⁵⁰ Alexiadou *et al.* (2007), contudo, atentam para o fato de que há uma discussão na literatura sobre os nominais plurais permitirem modificação aspectual.

c)	<i>*ha-bxina</i>	<i>ha-tedira</i>	<i>hayta</i>	<i>hexrexit</i>
	DEF-examinação	DEF-frequente	foi	necessária

Siloni ressalta ainda que modificadores orientados para o agente podem desambiguar os nomes como *examination*. Esses adjetivos podem modificar apenas nomes que tem uma leitura de evento, porque eles demandam um agente explícito, ou implícito. Para a autora, se não há evento, não há estrutura argumental e não pode haver um agente.

Em nossa proposta de estrutura argumental codificada nos núcleos funcionais, o pressuposto é levemente diverso: a leitura de evento decorre da presença de um argumento, ela é uma consequência de haver argumentos e não o contrário, como já mencionamos quando falamos sobre como é formado um predicado, na seção 2.2. De qualquer modo, enquanto o modificador *mexuvenet* ‘intencional’ é possível nos exemplos em (160)a-b), esse mesmo modificador, como podemos observar em (160)c), não ocorrerá se não houver nenhum argumento realizado e, portanto, não for possível obter a interpretação de evento.

(160) a)	<i>bxinat</i>	<i>ha-mismaxim</i>	<i>ha-mexuvenet</i>	<i>‘arxa ša’atayim</i>
	examinação.CS	DEF-documentos	DEF-intencional	durou duas horas
	‘A exameção intencional dos documentos durou duas horas’			
b)	<i>ha-bxina</i>	<i>ha-mexuvenet</i>	<i>šel ha-mismaxim</i>	<i>‘arxa ša’atayim</i>
	DEF-exameção	DEF-intencional	prep DEF-documentos	durou duas horas
	‘A exameção intencional dos documentos durou duas horas’			
c)	<i>*ha-bxina</i>	<i>ha-mexuvenet</i>	<i>‘arxa ša’atayim</i>	
	DEF-exameção	DEF-intencional	durou duas horas	

Outro elemento que ocorre em estruturas nominais é a *by-phrase*. A *by-phrase* é similar aos possessivos, de modo que apenas duas leituras são possíveis. Na primeira leitura, a *by-phrase* se relaciona à estrutura argumental do nominal. Dessa forma, a previsão é que sob essa leitura, a presença da *by-phrase* desambiguará o nome, isto é, forçará a leitura de nominal *argument-taking* e tornará o argumento interno obrigatório.

- (161) a) *the examination *(of the cat) by the vet*
 b) *the destruction *(of the city) by the enemy*⁵¹

Assim como os possessivos, a *by-phrase* pode também ocorrer como um modificador simples não relacionado à estrutura argumental.

- (162) a) *An article by Chomsky was reviewed in our local paper.*
 b) *The exam/examination by the Junior lecture was considered too hard.*
 c) *The assignment by Fred was too difficult.*

O uso da *by phrase* independentemente da estrutura argumental é notado por Grimshaw (1990) para o inglês, mas parece ser mais restrito em outras línguas. Siloni (1997) mostra que em hebraico '*al-yedey* 'por' está relacionado com a presença de uma estrutura de argumentos. Portanto, aparece apenas com nomes que tomam argumentos. Comparemos os dados em (163)a-b) com (163)c):

- (163) a) *bxinat* *ha-mismaxim* '*al-yedey* *ha-rašut*
 exame DEF-documentos por DEF-autoridade
ha-musmexet
 DEF-competente
 'a exame dos documentos pela autoridade competente'
- b) *ha-bxina* *šel* *ha-mismaxim* '*al-yedey* *ha-rašut*
 DEF-exame prep DEF-documentos por DEF-autoridade
ha-musmexet
 DEF-competente
 'a exame dos documentos pela autoridade competente'
- c) **ha-bxina* '*al-yedey* *ha-rašut* *ha-musmexet*
 DEF-exame por DEF-autoridade DEF-competente
 'a exame pela autoridade competente'

Tendo mostrado um diagnóstico dos dados do hebraico, baseado nas previsões feitas por Grimshaw (1990) sobre a existência de dois tipos de nominais (eventivos e de resultado),

⁵¹ Dados retirados de Alexiadou et al (2007, p. 500).

passemos, na próxima seção, a discutir as possíveis estruturas que os nominais do hebraico apresentam.

5.4.2. A estrutura das nominalizações

Já vimos, em exemplos anteriores, que as nominalizações podem aparecer em dois tipos de construção produtiva na língua hebraica: no *Construct State* (CS) e no *Free State* (FS):

- (164) a) *Harisat* *ha-cava* 'et *ha-'ir*
destruição.CS DEF-exército MO. DEF-cidade
'A destruição da cidade pelo exército'
- b) *ha-harisa* *šel* *ha-cava* 'et *ha-'ir*
DEF-destruição prep. DEF-exército MO DEF-cidade
'A destruição da cidade pelo exército'
- c) *harisat* *ha-'ir* (*al-yedey* *ha-cava*)
destruição.CS DEF-cidade (por DEF-exército)
'A destruição da cidade pelo exército'
- d) *ha-harisa* *šel* *ha-'ir* (*al-yedey* *ha-cava*)
DEF-destruição prep DEF-cidade (por DEF-exército)
'A destruição da cidade pelo exército'

Nas seções anteriores, já nos aprofundamos nas principais características dos CSs e FSs, dando um enfoque maior no comportamento da definitude e na modificação do núcleo nessas duas construções. Por sua vez, neste ponto, daremos um enfoque ainda maior na maneira como o núcleo pode ser modificado e como os argumentos das nominalizações podem aparecer, isto é, como são introduzidos, em qual ordem eles aparecem no sintagma etc.

Por exemplo, em (164)a), a nominalização *harisat* ‘destruição’ é o núcleo do que se chama de CS, ou Caso construto, na literatura, uma vez que apresenta: (i) uma marca -t⁵²; (ii) perda do acento; (iii) a impossibilidade de marcação de definitude e (iv) a impossibilidade de modificação direta do núcleo, como em **harisat ha-’axzarit ha-cava*” destruição **DEF-cruel DEF-exército**”. Nesse exemplo, o argumento da nominalização *ha-’ir* ”DEF-cidade” é marcado com o *’et* que, para alguns estudiosos, é uma marca de Caso acusativo (cf. HAZOUT, 1995; BORER, 1999; DANON, 2001), mas para outros seria uma Marca Diferencial de Objeto (MO), com status de preposição, sensível à definitude e que também contribui com uma leitura de especificidade⁵³ (cf. MINUSSI, 2008). O agente da nominalização em (164)a) está contido no CS, formado pelo nome núcleo e por esse agente, no caso *ha-cava* ‘DEF-exército’. Uma vez que o segundo membro do construto, isto é, o agente, é marcado como [+def], o construto inteiro é [+def], caracterizando o que costumeiramente se chama, na literatura especializada, de definitude espalhada (*spread definiteness*).

No exemplo em (164)b), temos o argumento da nominalização *ha-’ir* ‘DEF-cidade’ marcado com a MO *’et*, da qual recebe Caso. O agente *ha-cava* ‘DEF-exército’ e a nominalização formam um FS, que diferentemente do CS, possui uma preposição *šel* ‘de’. O núcleo, como podemos notar, está acompanhado da marca de definitude *ha-*, não ocorrendo o fenômeno da definitude espalhada.

Por sua vez, em (164)c), temos outra vez um CS. Contudo, tal CS é formado pela nominalização mais o seu argumento *ha-’ir*, de modo que o agente é introduzido por uma *by phrase*, no caso do hebraico *al-yedey* (lit. sobre-mãos) ‘por’. O argumento interno deve receber Caso dentro do CS; o agente, no entanto, deve receber Caso da preposição *al-yedey*. Uma característica desse tipo de disposição sintática dos argumentos e da nominalização é a

⁵² Veremos mais tarde quais são esses morfemas e qual seu estatuto nesta pesquisa.

⁵³ Retomaremos essa questão do *’et* como preposição no decorrer da tese.

possibilidade de o agente, ou argumento externo, ser apagado. Quando esse argumento não é realizado, o argumento interno da nominalização pode receber Caso dentro do CS (exemplo (165)a), ou por meio da preposição *šel* ‘de’ no FS (exemplo (165)b).

- (165) a) *harisat* *ha-migdal*
destruição.CS DEF-torre
‘a destruição da torre’
- b) *ha-harisa* *šel* *ha-migdal*
DEF-destruição prep DEF-torre
‘a destruição da torre’

O exemplo em (164)d) é mais um exemplo em que o argumento externo da nominalização pode ser apagado. Nesse caso, o argumento interno é introduzido pela preposição *šel* ‘de’ e o argumento externo, quando está presente, é introduzido pela preposição *al-yedey* ‘por’.

O argumento interno das nominalizações pode aparecer, portanto, dentro do CS ou introduzido pelo ‘*et*’, como já dissemos. Entretanto, há ainda outra possibilidade: o argumento externo pode aparecer em forma de clítico, dentro do CS, e o argumento interno em um FS, caracterizando uma construção chamada Genitivo Duplo. Vejamos alguns exemplos:

- (166) a) *Ha-axila* *šel* *Dan* ‘*et*’ *ha-tapuax*
DEF-comida prep Dan ACC DEF-maçã
‘A comida da maçã pelo Dan’
- b) *axilat-o* *šel* *há-tapuax*
comida-dele prep DEF-maçã
‘A comida dele da maçã’

Em (166)a) temos uma construção com o FS, em que há a presença da preposição *šel* ‘de’ introduzindo o agente, enquanto o argumento interno é introduzido pela MO ‘*et*’. Já em (166)b), temos o correspondente de (166)a) numa construção de Genitivo duplo, em que o

argumento externo é realizado pelo clítico *-o* (3^a. pessoa, masculino, singular), que recebe Caso dentro do CS e o argumento interno é introduzido pela proposição *šel* ‘de’.

No CS, a presença do segundo membro, ou membro genitivo, é obrigatória, como mostram os exemplos abaixo:

- (167) a) *bayt*
casa
b) **beyt*
c) *beyt* *ha-’iš*
casa.CS DEF-homem
‘a casa do homem’
d) *beyt-o*
casa-3^a. pessoa, masculino, singular
‘a casa dele’
e) *ha-bayt* *šel-o*
DEF-casa prep-3^a. pessoa, masculino, singular
‘a casa dele’

No paradigma acima, temos, em (167)a, a palavra *bayt* na forma livre e, em (167)b, a mesma palavra *bayt* na sua forma construta *beyt*. Podemos observar que o dado em (167)c tem seu correspondente com o clítico *-o*, tanto na forma construta (exemplo (167)d)), ou na forma em que ele se anexa à preposição (exemplo (167)e). Podemos ressaltar, ainda, que o elemento pronominal pode aparecer com nominais deverbais (exemplo (168)a)) ou não deverbais (exemplo (168)b)):

- (168) a) *hofa’at-o*
aparência.CS-dele
‘a aparência dele’
b) *beyt-a*
casa.CS-dela
‘a casa dela’

O clítico pronominal está em distribuição complementar com o DP em (169)a), o que sugere que ele absorve o Caso do CS, deixando o DP *ha-’iš* sem Caso. Esse fato tem como

consequência a presença da preposição *šel* ‘de’, que atribui Caso para o DP *ha-’iš* em (169)b), tornando a sentença gramatical.

- (169) a) **hofa’at-o* *ha-’iš*⁵⁴
 aparência.CS-dele DEF-homem
 b) *hofa’at-o_j/*_i* *šel* *ha-’iš_j*
 aparência do homem’

Tanto o FS quanto o duplo genitivo podem ocorrer com um adjetivo modificando o nome núcleo. No FS, o adjetivo intervém entre o núcleo e seu sujeito, como no exemplo em (170)a). Já no duplo genitivo o adjetivo segue o construto inteiro formado pela nominalização mais o clítico, como podemos ver em (170)b).

- (170) a) *ha-harisa* *ha-maftia* *šel* *ha-cava* *’et* *ha-ir*
 DEF-destruição DEF-surpresa prep DEF-exército MO DEF-cidade
 ‘a destruição surpresa da cidade pelo exército’
 b) *harisat-a* *ha-maftia* *šel* *ha-ir*
 destruição.CS-3p.f’ DEF-surpresa prep DEF-cidade
 ‘a destruição surpresa (dela) da cidade’

No que diz respeito às propriedades verbais mais importantes encontradas no duplo genitivo, segundo Hazout (1995), estão: (i) a marcação de acusativo no objeto direto por meio do *’et*; (ii) a mesma preposição selecionada pelo verbo é selecionada quando temos uma nominalização; tal preposição, para Hazout (1995), é semanticamente vazia, ou seja, é uma preposição funcional.

- (171) a) *Dan* *histalek* ***min*** *ha-misra*
 Dan deixar.REFL prep DEF-posição
 ‘Dan demitiu-se da (sua) posição’
 b) *Histalkut-o* *šel* *Dan* ***min*** *ha-misra*
 demissão.CS-dele prep. Dan prep DEF-posição
 ‘a demissão/renúncia (dele) do Dan da posição’

⁵⁴ Exemplos retirados de Siloni (1997, p. 54-55).

Em (171)a), o verbo ‘deixar’ está declinado no padrão vocálico verbal reflexivo e seleciona a preposição *min* ‘de’, a mesma selecionada pela nominalização em (171)b). Para Hazout (1995), isso é uma evidência de que a nominalização possui uma camada verbal, que é responsável pela seleção dos argumentos, pela modificação e seleção da preposição.

Alguns pontos que dizem respeito à estrutura sintática das nominalizações ainda podem ser ressaltados. Já dissemos que o argumento interno da nominalização, quando não está dentro do construto ou não é o argumento diretamente ligado à nominalização em um FS, deve vir marcado com *’et*. No entanto, falta ressaltar que tal argumento interno, quando não está nem dentro do CS ou não é o membro mais próximo da nominalização em FS, não pode ser introduzido pela preposição *šel* ‘de’. Vejamos os exemplos:

- (172) a) **harisat* *ha-cava* *šel* *ha-’ir*
destruição.CS DEF-exército prep DEF-cidade
‘A destruição da cidade pelo exército’⁵⁵
- b) **ha-harisa* *šel* *ha-cava* *šel* *ha-’ir*
DEF-destruição prep DEF-exército prep DEF-cidade
‘A destruição da cidade pelo exército’

Por conseguinte, o argumento externo também não pode ser introduzido pela preposição *šel*, quando temos o argumento interno no CS (exemplo (173)a)) ou no FS (exemplo (173)b)).

- (173) a) **harisat* *ha-migdal* *šel* *ha-cava*
destruição DEF-torre prep DEF-exército
- b) **ha-harisa* *šel* *ha-migdal* *šel* *ha-cava*
destruição prep DEF-torre prep DEF-exército

Outro ponto a ser destacado nesta descrição, e que já foi apontado anteriormente, diz respeito aos morfemas presentes no núcleo dos CSs. Essas marcas, à primeira vista, parecem

⁵⁵ Os dados em (172) são gramaticais com a interpretação de *šel ha-’ir* ‘da cidade’ como complemento de *ha-cava* ‘DEF-exército’ (cf. SILONI, 1997, p. 48).

carregar traços de gênero e número que concordam com o nome núcleo, além de servirem para identificar a ocorrência de um CS, uma vez que também são responsáveis pela perda de acento do núcleo, quando esse se une a outro nome. Vejamos os exemplos retirados de Minussi (2008):

- (174) a) *sefer-Ø* *talmid*
 livro-CS.m.sg aluno.m.sg
 ‘livro de (um) aluno’
 b) *sefer-Ø* ***ha-talmid***
 livro-CS.m.sg DEF-aluno.m.sg
 ‘o livro do aluno’
 c) *sifr-ey* *talmid*
 livro-CS.m.pl aluno.m.sg
 ‘livros de (um) aluno’
 d) *sifr-ey* ***ha-talmid***
 livro-CS.m.pl DEF-aluno.m.sg
 ‘os livros do aluno’
- (175) a) *dira-t* *student* (*exad*)
 apartamento-CS.sg.f estudante.sg.m um.m
 ‘apartamento de (um) estudante’
 b) *dira-t* ***ha-student***
 apartamento-CS.sg.f DEF-estudante.m
 “o apartamento do estudante”
 c) *dira-ot*⁵⁶ *student*
 apartamento-CS.pl.f estudante.sg.m
 ‘apartamentos de estudante’
 d) *dira-ot* ***ha-student***
 apartamento-CS.pl.f DEF-estudante.sg.m
 ‘os apartamentos do estudante’

Os morfemas destacados em negrito são morfemas que não estão expressos no nome quando esse não está presente no CS. De forma que, havendo um morfema para cada forma de feminino, singular e plural, e também para o masculino plural, sugerimos que, quando um nome não varia sua forma, na verdade, existe um morfema zero Ø⁵⁷. Indicamos que esse

⁵⁶ A forma *dirot* é a utilizada, porém, para melhor exemplificação e explicitação, utilizaremos a forma *dira-ot*.

⁵⁷ Segundo Kehdi (2002), só podemos postular um morfema Ø se três condições forem satisfeitas:

(i) é preciso que o morfema Ø corresponda a um espaço vazio;

morfema zero possui os traços [+masculino, +singular], pois usamos como base os verbos no presente, que tradicionalmente, possuem um morfema zero que expressa os mesmos traços.

Ao mesmo tempo, um ponto também deve ser explicado: há palavras como *baiyt* ‘casa’ que, quando inseridas em um ambiente de CS, não apresentam um novo morfema e não se mantêm invariáveis, mas sofrem uma mudança de vocalização e passam a *beyt* ‘casa’. Consideramos que a mudança na vocalização pode ser motivada pelo morfema zero presente nesses nomes, quando os mesmos fazem parte de um CS.

Na análise sobre a atribuição de Caso pelas nominalizações, explicamos que esses morfemas, na verdade, funcionam como atribuidores de Caso dentro do CS. Não se trata de morfemas de Caso, como ocorre no Árabe, que também possui nomes na forma construta e marca o nome núcleo e o membro genitivo com Caso morfológico. O dado do árabe, em (176), mostra que o primeiro membro do construto é marcado com Caso nominativo, enquanto o segundo membro é marcado com Caso genitivo. Disso decorre o fato de o segundo membro do CS ser também chamado de membro genitivo.

- (176) *sayyara-t-u* *l-ragul-i*⁵⁸
 carro-fem-NOM DEF-homem-GEN
 ‘o carro do homem’

Para o hebraico, defendemos que esses morfemas estão no lugar de uma preposição e, portanto, funcionam como atribuidores de Caso ou, numa versão minimalista da análise, os morfemas são responsáveis pela checagem de Caso do segundo membro do CS. O dado em (177)a) mostra que o argumento interno não pode receber Caso via *šel* ‘de’, quando se tem um

(ii) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos (no par utilizado, o Ø contrapõe-se ao *-t*, *-ey* e *-ot*);
 (iii) a noção expressa pelo morfema Ø deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado. Em nosso exemplo, as noções de número e pessoa existem obrigatoriamente em qualquer nome do CS.

⁵⁸ Dados retirados Kremers (2000).

CS. Para nossa análise, isso se deve ao fato de que os morfemas do construto estão fazendo o mesmo papel que a preposição *šel* ‘de’ nos FSs (exemplo em (177)b).

- (177) a) **harisat* *šel* *ha-migdal*
 destruição.CS prep DEF-torre
 b) *ha-harisa* **(šel)* *ha-migdal*
 DEF-destruição prep DEF-torre
 ‘a destruição da torre’

Nesta seção, não retomaremos a argumentação sobre a MO ‘*et* ser a realização de Caso acusativo nas nominalizações, já que neste ponto estamos falando sobre a atribuição do Caso genitivo. Apenas para resumir o aspecto principal da proposta de Siloni (1997), ressaltamos que os argumentos da autora baseiam-se, principalmente, na diferença entre os nomes e os verbos a eles relacionados, ou no fato de existir uma camada verbal anterior à nominal. Para a autora, o ‘*et*’ é a realização morfológica de um Caso acusativo estrutural para os verbos, enquanto ele é um atribuidor de Caso *dummy* nos nominais, que possuem um Caso inerente. Voltaremos a essa discussão em uma seção adiante, nos fazendo a pergunta se realmente é necessária uma camada verbal para esses nominais.

Na próxima seção, refletiremos principalmente sobre quais os tipos de modificação dos nominais são possíveis. Tomaremos como base para essa discussão Hazout (1995), que faz uma argumentação em favor da presença de uma camada verbal nos nominais e enfim proporemos uma análise para os nominais do hebraico baseada nos tipos de padrões vocálicos que servem de base para a formação desses nomes.

5.4.3. A modificação das nominalizações

Tendo refletido sobre a ordem dos constituintes e sobre propriedades estruturais das nominalizações, como o CS, o FS e a marca de objeto *'et*, começaremos a refletir sobre quais os tipos de modificação as nominalizações podem sofrer. Iniciaremos com alguns fatos trazidos por Hazout (1995) e, depois, por Siloni (1997) e lançaremos nossa hipótese de análise sobre o porquê de tal tipo de modificação ser possível nos nominais do hebraico.

Hazout (1995), como já dissemos, argumenta em favor da hipótese de que há uma camada verbal nas nominalizações, o que explica, por exemplo, a possibilidade de modificação desses nominais por advérbios. Tal modificação é possível tanto em árabe (178)a), quando em hebraico (178)b).

- (178) a) *'akl* *Zaid ttufaaHa* *bi-sur?a*
 comida Zaid DEF-maçã prep-rápido
 ‘a comida da maçã por Zaid rapidamente’
- b) *harisat* *ha-cava* *'et* *ha-kfar* *be-axzariyut*
 destruição DEF-exército ACC DEF-vila prep-cruel
 ‘A destruição da vila pelo exército cruelmente’

Para o autor, a modificação pelo advérbio é sintaticamente condicionada, uma vez que os nomes sem seus complementos ou sozinhos não podem ser modificados pelos mesmos advérbios, seja em árabe (179)a) ou em hebraico (179)b):

- (179) a) **al-iRtiyaal* *bi-sur?a*
 DEF-assassinato prep-rápido
- b) **ha-harisa* *be-axzariyut*
 DEF-destruição prep-cruel

Uma vez que a distribuição dos advérbios nessas nominalizações parece apresentar certos fatos peculiares, o autor irá discutir a admissibilidade e distribuição dos mesmos se perguntando: quais os tipos de advérbios que são encontrados nessas construções?

Em primeiro lugar, os advérbios sentenciais, isto é, aqueles que têm escopo sobre toda a sentença, são excluídos. Em (180)a), temos uma sentença e podemos notar que o advérbio é possível, mas no contexto nominal, o advérbio é excluído (180)b).

- (180) a) *lelo safek* *Dan katav* *'et ha-avoda*
 duvidosamente Dan escreveu ACC DEF-trabalho
 'Duvidosamente Dan escreveu o trabalho'
- b) **ktivat* *Dan* *'et ha-avoda lelo safek*
 escrita Dan ACC DEF-trabalho duvidosamente

Em segundo lugar, vemos que a modificação por advérbios de modo (exemplos em (181)) e de tempo (exemplos em (182)) são possíveis, tanto em contexto verbal, quanto nominal:

- (181) a) *Dan axal* *'et ha-uga* *be-nimus*
 Dan comeu ACC DEF-bolo prep-polidez
 'Dan comeu o bolo polidamente'
- b) *axilat Dan* *'et ha-uga* *be-nimus*
 Comida Dan 'et DEF-bolo prep-polidez
 'A comida do bolo por Dan polidamente'

- (182) a) *ha-oyev haras* *'et ha-ir* *emeš*
 DEF-inimigo destruiu ACC DEF-cidade última noite
 'O inimigo destruiu a cidade na noite passada'
- b) *harisat ha-oyev* *'et ha-ir* *emeš*
 destruição.CS DEF-inimigo ACC DEF-cidade última noite
 'A destruição da cidade pelo inimigo na noite passada'

A afirmação de que advérbios de tempo e modo contribuem para exibir características verbais nessas construções nominais, segundo o autor, passa pela consideração de que, na estrutura sintática, tais advérbios estão adjungidos no nível de VP, ou pelo menos, que tais advérbios estão internos a VP, enquanto os advérbios sentenciais são anexados mais acima na estrutura.

O fato de a distribuição dos advérbios nas nominalizações hebraicas ser determinada sintaticamente, em vez de determinada semanticamente, por exemplo, pode ser corroborado pelos seguintes fatores: adjetivos podem seguir o nome núcleo nos genitivos livres (183)a) e nos genitivos duplos (183)b):

- (183) a) *ha-axila* *ha-menumaset* *šel* *Dan* *'et* *ha-uga*
 DEF-comida DEF-polida prep Dan ACC DEF-bolo
 'A comida polida do bolo pelo Dan'
- b) *axilat-o* *ha-menumaset* *šel* *Dan* *'et* *ha-uga*
 comida.CS-3ªpessoa DEF-polida prep Dan ACC DEF-bolo
 'A comida polida do bolo pelo Dan'

Entretanto, advérbios não podem seguir o nome núcleo nesses mesmos tipos de construção:

- (184) a) **ha-ktiva* *bi-mehirut* *šel* *Dan* *'et* *ha-avoda*
 DEF-escrita rapidamente prep. Dan ACC DEF-trabalho
- b) **axilat-o* *be-nimus* *šel* *Dan* *'et* *ha-uga*
 comida.CS-3ªp polidamente prep Dan ACC DEF-bolo

Por último, podemos notar que adjetivos, mas não advérbios (cf. exemplos (181)e (182)), são ruins em posição final. Vejamos o seguinte paradigma de Hazout (1995):

- (185) a) **ktivat* *Dan* *'et* *ha-avoda* *ha-mehina*
 escrita.CS Dan ACC DEF-trabalho DEF-rápida
- b) **axilat* *Dan* *'et* *ha-uga* *ha-menumaset*
 comida.CS Dan ACC DEF-bolo DEF-polida
- c) **harisat* *ha-oyev* *'et* *ha-ir* *ha-axzarit*
 destruição.CS DEF-inimigo ACC DEF-cidade DEF-cruel

Dessa forma, o autor conclui que adjetivos e advérbios estão em distribuição complementar no que diz respeito à sua posição final nas construções e em relação à modificação imediata do núcleo. Ainda podemos observar que adjetivos e advérbios podem

ocorrer juntos na construção e sua posição não pode ser invertida, como podemos ver em (186).

- (186) a) *harisat-nu* *ha-axzarit* 'et *ha-'ir* *im alot* *ha-šaxar*
destruição.CS-1^ap DEF-cruel ACC DEF-cidade com quebra DEF-aurora
'a nossa destruição cruel da cidade com o romper da aurora'
- b) **harisat-nu* *im alot* *ha-šaxar* 'et *ha-'ir* *ha-axzarit*
destruição-1^ap com quebra DEF-aurora ACC DEF-cidade DEF-cruel

Em (186)a), temos o adjetivo seguindo o genitivo duplo e o advérbio *im alot ha-šaxar* 'com a quebra da aurora' sendo colocado após o argumento interno *ha-'ir* 'a cidade'. O exemplo em (186)b) torna-se agramatical com a inversão dessas posições.

Para resumir, o autor diz haver dois domínios distintos, um verbal e um nominal, em que um exclui a ocorrência de adjetivos e o outro a presença de advérbios. Contudo, o autor não diz se a admissibilidade dos advérbios tem relação com a interpretação do evento associado com os nominais de ação. De qualquer forma, mesmo a presença de advérbios tendo alguma relação com o evento denotado por esses nominais, não há evidências suficientes para dizer que é algo semântico que atua sobre a distribuição dos advérbios.

Voltemos um pouco à discussão apresentada na introdução deste trabalho, na qual fizemos uma descrição sobre os tipos de estrutura em que as nominalizações podem ocorrer. Ao falarmos da construção com *by-phrase*, vimos que a modificação por advérbios ou adjetivos é possível, como podemos observar nos exemplos em (5), repetidos aqui como (187):

- (187) a) *ibud* *ha-kolot* *yadanit* *alyedey*
processamento.CS.masc.sg DEF-votos manualmente prep
ha-mumxim
DEF-peritos
'O processamento manual dos votos pelos peritos'

- b) *ibud* *ha-kolot* *ha-yadani* *alyedey*
 processamento.CS.masc.sg DEF-votos DEF-manual prep
 ha-mumxim
 DEF-peritos
 ‘O processamento manual dos votos pelos peritos’

Como notou Siloni (1997), os advérbios que temos trazido nos dados, como, por exemplo *bi-mhitut* (literalmente: em-rapidez), devem ser analisados como um sintagma preposicional, em vez de um advérbio. Advérbios verdadeiros, como *maher* ‘rapidamente’, não podem ocorrer com os nominais numa construção com ‘*et* (MO). Esse fato leva Siloni (1997) a defender a análise de que os nominais de ação são nomes puros, sem uma camada verbal. No exemplo em (188)b), observamos que a construção com o advérbio *maher* ‘rapidamente’ e a MO ‘*et* não é gramatical.

- (188) a) *mexikat* *ha-maxšev* ‘*et* *ha-kvacim*
 apagamento.CS.fem.sg DEF-computador MO DEF-arquivos
 bi-mhirut
 em-rapidez
 ‘O apagamento dos arquivos pelo computador com rapidez’
 b) **mexikat* *ha-maxšev* ‘*et* *ha-kvacim*
 apagamento.CS.fem.sg DEF-computador MO DEF-arquivos
 maher
 rapidamente

Contudo, Engelhardt (1998) traz exemplos em que os chamados advérbios genuínos ocorrem em construções com ‘*et*, levando-nos a hipotetizar que a incapacidade de modificação por advérbios genuínos não se deva à presença da marca de objeto, mas a outro fator. Observemos o exemplo em (189):

- (189) *ibud* *ha-mumxim* ‘*et* *ha-kolot* *yadanit*
 processamento.CS.masc.sg DEF-peritos MO DEF-votos manualmente
 ‘o processamento manual dos votos pelos peritos’

Nossa hipótese atenta para o fato, ainda não destacado na literatura, de acordo com nosso conhecimento, de que o padrão vocálico é diferente nas nominalizações em (188) e (189). Em (188), temos uma nominalização no padrão C*CiCa*, já citado anteriormente no trabalho, que não permite a modificação por advérbios genuínos e, em (189), temos uma nominalização com o padrão C*iCuC*, que permite a modificação por advérbios ditos genuínos. É partindo dessa hipótese que iremos, a partir deste ponto, refletir sobre qual é a natureza desses padrões vocálicos. Há padrões vocálicos especializados nas nominalizações? Segundo autores como Arad (2005), não é possível postular a existência desses padrões, uma vez que não podemos chegar a algum tipo de restrição. Dessa forma, iremos investigar no próximo capítulo: (i) o que são os padrões vocálicos que a língua hebraica apresenta?; (ii) quais análises foram realizadas para eles?; (iii) existem padrões nominais e há restrições provocadas por eles?

6. OS SABORES DO NOME: estruturando os argumentos

Neste capítulo, vamos mostrar por meio da análise de quatro padrões de nominalizações (CCiCa, CiCuC, hitCCaCut, haCCaCa) como deve ser uma análise em que a informação sobre a estrutura de argumentos é codificada em núcleos funcionais e não nas raízes abstratas. Também mostraremos como se dá a checagem de Caso para os argumentos selecionados e como é derivada a ordem presente na estrutura dessas nominalizações.

Iniciaremos o capítulo, contudo, retomando uma discussão, realizada por Arad (2005), sobre o fato de nomes se comportarem diferentemente de verbos. Para a autora, não é possível encontrar uma sistematicidade nos padrões nominais, uma vez que são muitos e muito diferentes uns dos outros. Entretanto, já mostramos que há uma classe de padrões nominais em que é possível encontrar propriedades semelhantes às propriedades verbais: a classe dos nominais eventivos, ou de ação. Dessa forma, contrariando a ideia de uma assimetria entre verbos e nomes, refletiremos sobre alguns fatos que mostram que os padrões nominais restringem ou licenciam alçamento de nomes, são seletivos quanto à modificação por adjetivos ou por advérbios e possuem propriedades de causatividade tornando-se, portanto, semelhantes aos padrões verbais e, por isso, relevantes para uma análise das nominalizações.

6.1. *Contra uma assimetria nome-verbo no hebraico*

Nesta subseção, refletiremos sobre a assimetria entre o padrão verbal e nominal defendida por Arad. Segundo a autora, essa assimetria deve-se a estruturas sintáticas diversas entre esses dois padrões. Além disso, a autora propõe que não existam, de fato, padrões nominais, tais como os padrões verbais. Contrariando a autora, ofereceremos evidências de que há traços gramaticais presentes nos padrões nominais que dão origem às nominalizações e que tais traços são responsáveis por restrições de modificação, por adjetivos ou advérbios, e restrições que diferenciam nomes de alçamento de nomes de controle.

Na seção 5.4.3, em que tratamos das estruturas e da modificação das nominalizações, falamos que havia uma diferença entre a modificação por adjetivos e advérbios em dois padrões de nominalização: CCiCa e CiCuC. Esse fato corrobora a hipótese de que há traços gramaticais, possivelmente traços categoriais, interferindo na estrutura sintática durante a sua derivação. Além disso, tal fato sugere que os traços que compõem esses dois padrões são diversos.

6.1.1. Os padrões e as restrições sobre a modificação dos nominais

Quando falamos das construções com a MO *'et*, dissemos que, nessas construções, contrariamente às construções com a preposição *alyedey* 'por', não é possível a modificação por advérbios verdadeiros, ou seja, por aqueles advérbios que possuem uma morfologia própria de advérbio, como vemos em (190)b).

- (190) a) *mexikat* *ha-maxšev* 'et *ha-kvacim*
 apagamento.CS.fem.sg DEF-computador MO DEF-arquivos
bi-mhirut
 em-rapidez
 'O apagamento dos arquivos pelo computador com rapidez'
- b) **mexikat* *ha-maxšev* 'et *ha-kvacim*
 apagamento.CS.fem.sg DEF-computador MO DEF-arquivos
maher
 rapidamente

Contudo, como mostrou-nos Engelhardt (1998), os advérbios verdadeiros, na verdade, podem ocorrer em construções com 'et, como vemos no exemplo repetido aqui em (191).

- (191) *ibud* *ha-mumxim* 'et *ha-kolot* *yadanit*
 processamento.CS.masc.sg DEF-peritos MO DEF-votos manualmente
 'o processamento manual dos votos pelos peritos'

Tal fato nos levou a perguntar o que de fato provoca essa alteração na possibilidade de modificação por advérbios e chegamos à conclusão de que o fator relevante é a diferença entre os *mišqalim*. O padrão CiCuC autoriza a modificação, enquanto o padrão C*i*Ca não a autoriza. Assim, sugerimos que o que provoca o comportamento diferenciado entre esses dois padrões seja alguma propriedade que constitui o próprio padrão. Nossa hipótese é que tal propriedade seja a camada verbal. Assim, o padrão CiCuC deve possuir uma camada verbal, ao contrário do padrão C*i*Ca, que não contém essa camada verbal.

De fato, encontramos uma evidência morfológica para essa constituição verbal no *mišqal* CiCuC. Como Glinert (1989) sugeriu, o padrão CiCuC está ligado ao padrão verbal 3 – CiCeC – e portanto, em sua constituição deve possuir um traço verbal, que, de acordo com nossa hipótese, é realizado morfológicamente pela primeira vogal *i* do padrão nominal, que é a mesma primeira vogal do padrão verbal CiCeC. Por sua vez, apesar a correspondência sugerida, também por Glinert (1989), entre o padrão nominal C*i*Ca e o padrão verbal CaCaC, não há evidências morfológicas para que se postule uma camada verbal para esse

padrão, uma vez que a primeira vogal do padrão verbal é diferente daquela que começa o padrão nominal. A primeira vogal do *binyan* é **a** e a primeira vogal do *mišqal* é **i**.

Além da diferença entre a realização das vogais do *binyan* e do *mišqal*, podemos perceber que a própria configuração das consoantes no padrão nominal é diferente. Enquanto no padrão nominal temos **CCxCx**, no padrão verbal temos **CxCxC**. Desse modo, a presença ou não de uma camada verbal nos padrões explica o fato de um *mišqal* poder ser modificado por advérbios, enquanto o outro não.

Sugerimos que as estruturas sintáticas para os dois tipos de padrões (sem e com a camada verbal), utilizando a teoria da MD, sejam as seguintes:

(192)

(193)

A estrutura do *mišqal* **CCIca** em (192) mostra que esse padrão está diretamente relacionado com uma raiz abstrata e neutra categorialmente, diferentemente do *mišqal* **CiCuC**, no exemplo (193), que não está relacionado diretamente à raiz, mas seleciona um núcleo verbal, que, por sua vez, c-comanda simetricamente a raiz. No final da derivação sintática, o

que temos é um nominal com dois núcleos e, portanto, composto por duas fases. Uma fase verbal, da qual decorre a possibilidade de modificação por advérbio, e uma fase nominal que, por sua vez, permite a modificação por adjetivos.

Nossa análise está de acordo com a proposta de que existem fases no interior de palavras, como têm argumentado alguns autores (cf. MARANTZ, 2001; ARAD, 2003; MEDEIROS, 2009). Para os autores citados, fase não se restringe a vP ou CP, mas a todos e quaisquer núcleos categorizadores (*n*, *v*, *a* etc.) que forem anexados a uma estrutura sintática. Marantz (2001), a fim de reconstruir os dois lugares⁵⁹ de formação de palavra na sintaxe, faz uma distinção entre palavras que são criadas a partir de raízes (elementos atômicos, destituídos de material funcional) e palavras criadas a partir de palavras existentes, isto é, palavras que são formadas a partir de raízes já categorizadas. Vejamos os esquemas em (194):

Segundo Arad (2003), a raiz não é uma palavra de verdade. Ela torna-se um nome, um adjetivo ou um verbo ao se unir a um núcleo que carrega um traço *n*, *a* ou *v*, como em (194)a).

⁵⁹ Esses dois lugares podem se referir tanto aos dois componentes da gramática (o léxico vs. a sintaxe), quanto a dois diferentes níveis do mesmo componente (nível derivacional vs. nível flexional). Todas as teorias compartilham da intuição de que exista um nível mais interno dentro da palavra, de modo que esse nível mais interno está associado à interpretação mais idiossincrática (vazios (*gaps*), significado não composicional), e outro nível mais externo, que estaria relacionado à produtividade e à regularidade (seria o nível sintático, flexional etc.) (cf. ARAD, 2003).

Esse seria o primeiro domínio ou fase. É nesse domínio que o significado específico da raiz é negociado/fixado, consultando o conhecimento armazenado na Enciclopédia (Lista C). Sempre que um núcleo é anexado a uma estrutura sintática, o irmão do núcleo categorizador que foi anexado é enviado para PF e LF (cf. MARANTZ, 2001), de modo que a parte enviada fica inacessível a etapas posteriores da derivação⁶⁰. Dessa forma, quaisquer outros núcleos categorizadores anexados acima do primeiro núcleo categorizador, como observamos em (194)b), não terão acesso à raiz e não negociarão um novo significado, mas contarão com o significado e a pronúncia já fixados, podendo contribuir apenas composicionalmente para o significado final da palavra em formação.

É importante destacar que, nessa análise dos padrões nominais, estamos considerando os padrões como núcleos, como já dissemos, aproveitando a ideia de Doron (2003). Porém não estamos de acordo com o outro aspecto da análise dessa autora: o de que as raízes também podem selecionar argumentos. Sobre a seleção argumental dos nominais, falaremos mais adiante, quando descrevermos as estruturas para as sentenças.

Dois fatos decorrem de nossa análise. O primeiro diz respeito à terminologia do que é uma nominalização. Nesse trabalho, entendemos uma nominalização dentro dos preceitos da teoria da MD, ou seja: uma nominalização ocorre quando temos um núcleo *n*, ou D° (cf. MARANTZ, 1997), que c-comanda uma raiz. Essa terminologia difere de uma terminologia lexicalista em que uma nominalização é o resultado de um processo de nominalização e que,

⁶⁰ Não iremos nos aprofundar nas questões envolvidas na proposta de fase nas palavras, mas acreditamos que alguns pontos da proposta de fase em Marantz (2001) devem ser reavaliados, principalmente quanto a inacessibilidade da parte da palavra que é enviada para a interpretação e para PF. Tal reavaliação deve levar em conta que a parte enviada, por exemplo, para PF, pode, ainda, sofrer algum movimento dentro da estrutura sintática, como o que ocorre com algumas das nominalizações que estamos estudando, uma vez que elas ainda devem se alçar para outro núcleo categorizador *n*. Arad (2003) também cita palavras que são formadas a partir de nomes e verbos, e não são formadas diretamente a partir de uma raiz. Desse modo, ainda que se envie a primeira fase da palavra formada para a interpretação em LF, essa parte deve estar acessível para que ocorra movimento para outras posições na estrutura sintática e também para operações (*merge*) na estrutura sintática e morfológica, antes da inserção de material fonológico no caminho para PF.

portanto, não se formou originalmente como um nome, mas como um verbo, um adjetivo, ou mesmo outro nome.

O segundo ponto diz respeito à constituição atômica do padrão. Alguns autores, como Arad (2005), acreditam na atomicidade do padrão (verbal), de modo que as vogais e seus espaços (*slots*) ou prefixos constituem uma forma indivisível. Contrariamente a essa ideia, temos evidências morfológicas para propor que, pelo menos os padrões nominais, aqueles que são formados em duas fases, não são atômicos e podem ser desmembrados. Além do padrão citado acima (CiCuC), o padrão **HitCaCCut** também pode ser desmembrado em uma camada verbal e uma camada nominal, como discutiremos adiante.

6.1.2. Os padrões e os nomes de alçamento e de controle

A segunda restrição de que trataremos (a primeira foi a respeito da modificação por adjetivos e advérbios), segundo a qual alguns traços gramaticais dos padrões estão visíveis durante a derivação sintática e produzem efeitos sobre a derivação, está relacionada ao alçamento de nomes.

Sichel (2007) afirma que a ausência de alçamento em DP tem figurado na teoria sintática desde Chomsky (1970). Como sabemos, o inglês tem contrapartes nominais para configurações de controle, como em (195), embora, aparentemente, nenhuma contraparte nominal (não-gerundiva) seja capaz de alçar e marcar Caso excepcionalmente com infinitivos, como em (196):

- (195) a) *John_i refused/promised [PRO_i to leave]*
 b) *John_i's refusal/promise [PRO_i to leave]*
- (196) a) *John_i appeared/was certain [t_i to be on time]*
 b) **John_i's apperance/certainty [t_i to be on time]*
 c) *We wanted [Mary to arrive on time]*
 d) **Our desire [of Mary to arrive on time]*
 e) *Our desire [for Mary to arrive on time]*

A afirmação feita em Chomsky (1970), de que o *input* para as nominalizações não pode ser derivado por meio de transformações, deixa aberta a possibilidade para uma operação de movimento-A pós-nominalização, o que produziria (196)b).

Focando nas similaridades previstas entre sintagmas nominais e sentenças, e ampliando o contexto empírico para incluir alçamento em DPs gerundivos (*John's being certain/likely to be late*), Abney (1987) argumenta que o alçamento em gerúndios aponta para um VP dentro do DP e que N^o (diferente de V^o) não seleciona complementos frasais reduzidos (um pré-requisito tanto para alçamento, quanto para Marcação Excepcional de Caso (ECM)), nem impõe um requerimento de sujeito (um pré-requisito para o movimento-A). No espírito da proposta de Kayne (1984)⁶¹, o tratamento de Abney invoca um fator único (ausência de V^o), mas impõe uma dupla violação: alçamentos agora sendo excluídos devido tanto à indisponibilidade de complemento IP nominais, quanto à inatividade do Princípio de Projeção Estendido (EPP).

Sichel (2007) argumenta, contudo, que, na verdade, ao contrário da expectativa de uma restrição universal levantada por algumas propostas, como a de Abney (1987), o alçamento em DPs de infinitivos existe. Os DPs do hebraico nucleados por nomes não derivados tais como '*chances*', '*tendency*', '*opportunity*', denotando modalidade ou grau de certeza com relação à eventualidade denotada pelo infinitivo encaixado, exibem uma gama de

⁶¹ Kayne, R. *Connectedness and Binary Branching*. Foris: Dordrecht, 1984.

efeitos tipicamente encontrados em construções de alçamento sentencial. Como podemos ver nos exemplos abaixo, os nomes de alçamento, em (197), diferem sistematicamente da contraparte nominal para predicados de controle em (198).

- (197) a) *ha-sikuyim šel rina_i [t_i le-hagi'a ba-zman]*
 DEF-chances de rina [INF-chegar no tempo]
 'As chances de Rina chegar na hora'
- b) *ha-netiya šel rina_i [t_i le-hagi'a ba-zman]*
 DEF-tendência de Rina [INF-chegar no tempo]
 'A tendência de Rina de chegar na hora'
- (198) a) *ha-nisayon šel rina_i [PRO_i le-hagi'a ba-zman]*
 DEF-tentativa de rina [INF-chegar no-tempo]
 'A tentativa de Rina de chegar na hora'
- b) *ha-havtaxa šel rina_i [PRO_i le-hagi'a ba-zman]*
 DEF-promessa de rina [chegar no-tempo]
 'A promessa de Rina de chegar na hora'

Os DPs do tipo de (197) mostram uma típica cisão temática/Caso, tal que o DP possuidor deve ser Θ -marcado como um sujeito encaixado, sendo, todavia, marcado com genitivo no domínio de DP.

Segundo Sichel, dentro de DPs, uma consistência diferente pode ser observável entre os nomes já citados como '*chance*', '*tendência*' e '*oportunidade*' por um lado, e a contraparte nominal para verbos de controle de outro lado. Os primeiros parecem não impor restrições seletivas sobre o DP genitivo e permitir expletivos e expressões idiomáticas associados à posição de sujeito encaixado. Todavia, em ambos os tipos, o DP é marcado com Caso genitivo pela preposição *šel* 'de', que de acordo com alguns autores está associada à porção nominal dos DPs, N^o ou suas projeções funcionais. Em outras palavras, existe uma classe de nomes, a que a autora se refere como de 'alçamento', que marca os seus possuidores com Caso, sem carregar uma relação temática com eles, da mesma forma que os sujeitos sintáticos ou predicados de alçamento sentencial. Os exemplos abaixo mostram um contraste entre

nomes de alçamento (199) e nomes de controle (200) no que diz respeito às restrições seletivas:

- (199) a) *[ha-sikuyim šel ha-te'oria lihiyot nexona] klušim le-maday*
 [DEF-chances de DEF-teoria estar correta] escassas para-bastante
 'As chances de a teoria estar correta são muito escassas'
- b) *[ha-histabrut šel ha-te'oria lihiyot nexona] krova le-efes*
 [DEF-probabilidade de DEF-teoria estar correta] perto para-zero
 'A probabilidade de a teoria estar correta é próximo de zero'
- (200) a) **[ha-havtaxa šel ha-te'oria lihiyot nexona] hirciza otanu*
 [DEF-promessa de DEF-teoria estar correta] aborrece nós (Acc)
 'A promessa de a teoria estar correta nos aborrece'
- b) **[ha-nisayon šel ha-te'oria lihiyot nexonot] hirciz otanu*
 [DEF-tentativa de DEF-teoria estar correta] aborrece nós (Acc)
 'A tentativa de a teoria estar correta nos aborrece'

Por sua vez, os exemplos abaixo mostram as diferenças entre as duas classes de nomes no que diz respeito aos expletivos genitivos. Os nomes de alçamento são compatíveis com expletivos genitivos (exemplo em (201)), já os nomes de controle não o são (exemplo em (202)).

- (201) a) *[ha-sikuyim šel ze likrot [še-bibi yibaxer]] tovim*
 DEF-chances de isso acontecer [que-Bibi será eleito]] bons
 'As chances de acontecer que Bibi seja eleito são boas'
- b) *[ha-histabrut šel ze likrot [še-bibi yipasel]]*
 DEF-probabilidade de isso acontecer[que-Bibi será desqualificado]]
krova le-efes
 perto para-zero
 'A probabilidade de acontecer que Bibi seja desqualificado são próximas de zero'
- (202) a) **[ha-nisayon šel ze likrot[še-bibi yibaxer]] hifti'a otanu*
 DEF-tentativa de isso acontecer[que-Bibi será eleito]] surpreendeu nos
- b) **[ha-havtaxa šel ze likrot[še-bibi yibaxer]] hid'iga otanu*
 DEF-promessa de isso acontecer[que Bibi será eleito]]preocupou nos

Os próximos exemplos mostram a diferença de comportamento entre as duas classes, no que diz respeito à ocorrência de expressões idiomáticas como DPs genitivos. Em (203), temos os nominais de alçamento e, em (204), os nominais de controle. Como podemos ver, os nomes de controle não são compatíveis com expressões idiomáticas como DPs genitivos.

- (203) a) *[ha-sikuyim šel ha-kerax le-hišaver be-macav ka-ze] klušim*
 [DEF-chances de DEF-gelo quebrar em-situações como-este] escassas
 ‘As chances de quebrar o gelo em situações como essa são raras’
- b) *[ha-efšarut šel ha-kerax le-hišaver be-macav ka-ze]*
 [DEF-possibilidade de DEF-gelo quebrar em-situações como-este]
yedu’a le-kulam
 sabido para-todos
 ‘A possibilidade de quebrar o gelo em situações como essa é conhecido de todos’
- (204) a) **[ha-nisayon šel ha-kerax le-hišaver be-macav ka-ze] hu tipsi*
 [DEF-tentativa de DEF-gelo quebrar em-situações como-este] é bobo
- b) **[ha-havtava šel ha-kerax le-hišaver be-macav ka-ze] hu tipsi*
 [DEF-promessa de DEF-gelo quebrar em-situações como-este] é bobo

A autora argumenta que os exemplos acima apontam para a existência de uma classe de nomes que não possui relações temáticas com o *šel*-DP genitivo. Isso significa que não há restrições seletivas sobre ele, permitindo expletivos e expressões idiomáticas que são claramente licenciados apenas em orações encaixadas. Nomes de controle, em contraste, impõem requerimentos seletivos e não permitem DPs não-referenciais tais como expletivos e expressões idiomáticas, uma consequência da relação temática que eles carregam para com o *šel*-DP.

Uma vez observadas as restrições que certos nomes pertencentes a uma classe apontada por Sichel (2007) exibem, podemos nos perguntar o que motiva tais restrições. Ao observarmos os pares acima, notaremos que os nomes tidos como de alçamento e de controle se diferenciam pelo padrão vocálico com o qual se formam. Dessa forma, hipotetizamos que

os nomes ditos de alçamento, de acordo com os resquícios morfológicos que eles apresentam, são formados por um nível verbal. São os padrões **CiCuC** e **hitCaCCut**, respectivamente derivados dos padrões verbais **CiCeC** e **hitCaCeC**. Já os nomes alocados por Sichel (2007) na classe dos nomes de controle encaixam-se, justamente, em padrões nominais, nos quais não encontramos resquícios morfológicos de padrões verbais que pudessem derivá-los. São os padrões **CCiCa** e **haCCaCa**. O primeiro é mais comum com raízes que são inseridas no padrão verbal 1 **CaCaC** e o último é mais comum com raízes que se encaixam no padrão verbal 5 **hiCCiC**.

Essas restrições encontradas por Sichel são de grande importância para demonstrar, em primeiro lugar, que os padrões nominais, ao contrário do que afirma Arad (2005), possuem informações sintático-semânticas relevantes para a derivação sintática, e que a assimetria entre nomes e verbos não existe para a classe de nomes que são o alvo deste estudo. Em segundo lugar, as restrições de licenciamento, que permitem a compatibilidade com certos tipos de sintagmas e expressões, vistas nos exemplos acima, além de certas relações temáticas, nos sugerem que a informação sobre essas restrições está codificada nos núcleos funcionais e não nas raízes.

Ainda podemos ressaltar que os dados gramaticais de alçamento de nomes com infinitivos do hebraico são agramaticais em línguas como o inglês (ver exemplos em (205)), sugerindo que o inventário de núcleos funcionais deve variar de uma língua para outra. O inglês, por exemplo, não deve possuir um núcleo funcional que permita alçamento de nome. Esse fato nos parece relevante, especialmente em uma teoria em que as estruturas não estão prontas e são formadas durante a derivação sintática, a partir da informação localizada em algum lugar na mente do falante. Para a MD, essa informação está contida na Lista A, lista de elementos primitivos, que é adquirida/formada na aquisição da língua.

- (205) a) John's attempt to leave.
b) *John's appearance to leave.

Tendo refletido sobre que tipo de informação os padrões nominais devem possuir, passaremos, na próxima seção, à análise, de fato, desses nominais. Como podemos dar conta de todas as propriedades encontradas nas nominalizações, desde a modificação até restrições de licenciamento de argumentos? Quais são as estruturas desses nominais e quais são as previsões que podemos fazer por meio dessas estruturas? São algumas das perguntas a serem respondidas nas próximas seções.

6.2. *Os padrões C*CiCa* e C*iCuC**

Nesta seção, apresentaremos as análises de dois padrões nominais que dão origem a dois nominais eventivos diferentes. Antes disso, no entanto, vamos descrever a análise de dois autores que já estudaram as estruturas desses nominais em outra versão da teoria.

Hazout (1995), como já dissemos em seção anterior, propõe que todas as nominalizações possuem uma camada verbal. Desse fato, o autor deriva as características mistas desses nomes, tais como poderem ser modificados tanto por adjetivos, quanto por advérbios.

O primeiro caso a ser tratado refere-se às construções em que o nome núcleo e o sujeito das nominalizações formam um genitivo preso, um CS. Esses casos aparecem no hebraico em (206)a) e no árabe em (206)b):

- (206) a) *axilat* *ha-yeled* 'et *ha-tapuax* *bi-mehirut*
 comida.CS DEF-menino ACC DEF-maçã rapidamente
 'a comida da maçã pelo menino rapidamente'
- b) *akl* *attufaaHa* *bi-sur?a*
 comida.CS DEF-maçã rapidamente
 'A comida da maçã rapidamente'

A análise do autor para os nominais de (206) postula a existência de um morfema preso NOM, que tomará o lugar de um nominalizador. Tal nominalizador subcategoriza um VP nucleado por um verbo. O NP que é construído como sujeito lógico do verbo subjacente é gerado, na base, na posição de especificador de NP. A forma deverbal do nome núcleo é derivada pelo movimento nuclear do verbo subjacente para NOM. Assim, sendo NOM um morfema preso, tal operação de movimento deve ser aplicada e o verbo vai para NOM. O traço deixado pelo verbo, no entanto, herda suas propriedades, em particular, seus traços atribuidores de Caso. Podemos perceber, ainda, pela estrutura, que a fonte de atribuição de Caso genitivo para o sujeito é o morfema POSS, no núcleo de DP.

As duas principais características das nominalizações são diretamente explicitadas por essa derivação: (i) a atribuição de Caso acusativo é a manifestação da regência do objeto direto pelo verbo (ou por seu traço); (ii) os advérbios são licenciados na configuração como

subconstituintes de VP; por isso apenas advérbios de VP são possíveis, enquanto advérbios sentenciais não o são.

Algumas considerações sobre o núcleo NOM são necessárias, como, por exemplo, sobre a função temática que NOM possui. Desse modo, fazendo uso de uma variante particular da teoria temática utilizada por Williams (1989, apud HAZOUT, 1995), o autor propõe que o núcleo NOM seja um elemento que possui uma estrutura argumental. Em primeiro lugar, como o NOM possui um papel temático referencial externo, o papel temático de NOM é atribuído verticalmente, tornando-se o papel temático do NP inteiro. Assim, o autor assume que NOM tem um papel referencial adicional que é necessariamente interno. A representação lexical de NOM contém a seguinte informação.

- (208) a) Estrutura argumental de NOM: (R_i, R_j)
b) Quadro de subcategorização de NOM: [__ VP]

A falta de Caso acusativo, na variante sem o sujeito em (206)b), é explicada fazendo-se uso da ideia de que a atribuição de Caso acusativo só pode ser licenciada em ambiente de certos elementos funcionais (INFL, NOM etc.). Além disso, faz-se uso da caracterização de tais elementos como [+/- nominal], dependendo do modo como eles interagem tematicamente com o resto da construção. Por exemplo, se um elemento tal como NOM absorve o papel Θ de um predicado (como, no caso, o VP), pode-se dizer que ele funciona como um argumento, isto é, o NOM serve como um substituto para um sujeito não realizado. Assim, elementos [+nominal] não licenciam atribuição de Caso acusativo pelo verbo em seu domínio.

Para o FS e os genitivos duplos, a análise do autor possui como principal base a natureza dos sintagmas *šel* ‘de’, de modo que ele adota a hipótese de que esses são adjuntos e podem ser adjungidos livremente na estrutura em um último estágio da derivação. Devemos entender, neste ponto, que o autor remete a uma ideia contida em Reimsdijk e Williams

(1981⁶², apud HAZOUT, 1995)), os quais defendem que exista um nível intermediário entre a Estrutura-D e a Estrutura-S, chamada de Estrutura-NP, nível no qual as relações temáticas são estabelecidas. Vejamos a estrutura:

Nessa estrutura, os papéis temáticos disponíveis na estrutura temática do verbo são satisfeitos. De modo particular, os papéis temáticos do verbo são atribuídos dentro do VP e seu papel de argumento externo é satisfeito por NOM. Uma vez que os papéis temáticos foram atribuídos, ocorre o movimento de V para NOM, e depois a adjunção de um sintagma *šel*. Esse sintagma *šel* é coindexado com o papel temático do núcleo NOM, que foi atribuído pelo verbo. Desse modo, o NP no sintagma *šel* compartilha o mesmo índice com o papel-R interno de NOM e com VP, isto é, ele é co-referencial com o papel temático externo do VP e é, portanto, seu sujeito lógico.

A análise para a variante de duplo genitivo é exemplificada pela seguinte nominalização sem sujeito.

⁶² Riemsdijk, Henk van and Williams, Edwin. NP-Structure. *The Linguistic Review* 1, 1981.

A representação em Estrutura-S é tal como abaixo:

O autor argumenta que, na estrutura, o papel temático do verbo é atribuído para o pronome de terceira pessoa *-o* ‘ele’. Devido à falta de Caso acusativo, como em qualquer nominalização sem sujeito, o pronome se move para Spec de NP, uma posição na qual Caso genitivo (Caso oblíquo) pode ser atribuído a ele. O pronome realizado com Caso genitivo é um pronome clítico. A ordem superficial é derivada pelo movimento de N para D. Um sintagma *šel* é adjungido a esta estrutura. Contudo, o NP do sintagma preposicionado não é coindexado com o papel temático de NOM. Se ele tiver o papel coindexado, *ha-tapuaax* ‘a maçã’, no caso, seria construído como um sujeito. O resultado seria uma expressão agramatical e sem sentido. A ideia principal para a explicação é que a relação entre o sintagma preposicional e o pronome clítico na construção de duplo genitivo é do mesmo tipo lógico que a observada para o operador e uma variável ligada, e é regulada por princípios que regulam construções com pronomes resumptivos.

A crítica que fazemos à análise de Hazout (1995) tem por base a generalização radical que o autor faz ao postular que os nominais eventivos sempre possuem uma camada verbal. Ao propor tal generalização, Hazout não levanta evidências morfológicas, ou de qualquer

outro tipo, para sustentar a análise, a não ser pelo fato de as nominalizações aceitarem a modificação por advérbio. Contudo, até mesmo esse ponto de apoio não se sustenta, uma vez que vimos que alguns nominais (por exemplo o padrão C*Ca*) aceitam apenas modificadores preposicionais e não o que chamamos de advérbios verdadeiros. Além desse fato, parte da análise, que está preocupada em diagnosticar a atribuição dos papéis temáticos dentro das sentenças, apoia-se em postulados (como a existência de um nível intermediário, entre a Estrutura-S e Estrutura-D, específico para a checagem de papel Θ), que já foram deixados de lado em modelos mais recentes da teoria.

Contudo, há pontos positivos na proposta de análise de Hazout como, por exemplo: a postulação de um núcleo abstrato NOM que possui uma estrutura argumental. Essa ideia é criticada pelo próprio Hazout (1995) por meio de duas questões não explicadas em sua análise: (i) como explicar a presença de um morfema NOM diferente dependendo da forma verbal que ocorre no núcleo do VP; (ii) e como explicar a dependência entre a morfologia verbal e a forma morfológica particular do NOM, dado que ambos são inseridos independentemente.

Nossa análise tentará encontrar respostas para esses dois fatos não explicitados pela proposta de Hazout (1995). O fato de se ter um morfema nominal relacionado a uma forma verbal, por exemplo, será explicado por nós através da aplicação do princípio de direcionalidade descrito por Arad (2005) para os padrões verbais ativos e passivos, já mencionado antes. Glinert (1989) também sugere que exista uma correspondência entre padrões nominais e verbais, isto é, as raízes que entram em um determinado padrão verbal, deverão entrar em um padrão nominal específico. A segunda questão, por sua vez, também não é resolvida por Hazout (1995) porque, como nós demonstraremos posteriormente, nem todos os padrões nominais possuem resquícios morfológicos dos padrões verbais, de modo que há *mišqalim* que não são derivados de um *binyan*.

Recapitulando alguns pressupostos, antes de iniciarmos a análise do padrão C*CiCa*. Em primeiro lugar, defendemos que os padrões vocálicos do hebraico, sejam eles verbais ou nominais, são a realização de núcleos funcionais (cf. HAZOUT, 1995; DORON, 2003) que possuem em si: sabores diversos (aspecto, seleção de argumentos, causatividade) e diferentes restrições (quanto ao movimento de NPs, quanto a modificação adjetival ou adverbial), entre outras características. Em segundo lugar, defendemos que esses núcleos são os responsáveis pelo licenciamento argumental.

Voltemos aos dados:

- (212) a) *ha-‘ikarim* *gidlu* *‘et ha-‘agvaniyot*
 DEF-fazendeiros cultivaram MO DEF-tomates
 ‘Os fazendeiros cultivaram os tomates’
- b) *gidul* *ha-‘agvaniyot* (*‘al yedey ha-‘ikarim*)
 cultivo.CS.m.sg DEF-tomates (por DEF-fazendeiros)
 ‘O cultivo dos tomates pelos fazendeiros’
- c) *ha-‘agvaniyot gadlu*
 DEF-tomates cresceram
 ‘Os tomates cresceram’
- d) *gdilat* *ha-‘agvaniyot*
 crescimento.CS.fem.sg DEF-tomates
 ‘O crescimento dos tomates’

Como podemos, mais uma vez, ver nos dados, o padrão C*CiCa* (exemplo em (212)d)) não requer um argumento externo, diferente do padrão C*iCuC* (exemplo em (212)b)), que licencia sempre um argumento externo. Propomos que na estrutura de formação para as nominalizações com o padrão C*CiCa* não haja uma camada verbal, contrariando Hazout (1995). Desse fato decorre que tal padrão: (i) não permite modificação por advérbios genuínos; (ii) não permite alçamento. Contudo, há dois tipos de estrutura para os nominais com esse padrão, levando-se em consideração apenas o ambiente de CS. A sentença em (213)a) tem o argumento interno da nominalização marcado com a MO *‘et* e o agente da

nominalização está contido no CS. Já em (213)b), temos o argumento interno da nominalização dentro do CS, enquanto o possuidor/autor é precedido da preposição *šel* ‘de’.

- (213) a) *harisat* *Picasso* *'et* *yerušalayim*
destruição Picasso MO Jerusalém
‘a destruição de Jerusalém por Picasso’
- b) *harisat* *yerušalayim* *šel* *Picasso*
destruição Jerusalém prep Picasso
a destruição de Jerusalém de Picasso’

Assumimos que é o licenciamento dos elementos na estrutura sintática pelo núcleo funcional, ou por preposições, que provoca a ordem dos constituintes na sentença. Assim sendo, na estrutura em (213)a), temos o padrão C*Ca* ocupando o lugar de um núcleo categorizador *n* que, por sua vez, postulamos que sempre projeta duas posições: uma de complemento e outra de especificador. Tais posições não carregam em si os traços de [+tema] e [+agente], respectivamente, mas, se preenchidas, por meio da estrutura sintática, isto é, de acordo com determinada configuração estrutural (cf. BORER, 2005), essas posições serão assim interpretadas. Isso significa que aquele sintagma que ocupar uma tal posição será interpretado, posteriormente, como tema ou como agente.

O padrão vocálico, como já dissemos, não é derivado de um padrão verbal, ou seja, não encontramos resquícios morfológicos de um padrão verbal, tal como encontramos em outros padrões nominais, como, por exemplo, *histalek* ‘deixar-se/demitir-se’, cujo padrão verbal é **hitCaCeC** e *histalkut* ‘demissão’, cujo padrão nominal é **hitCaCCut**. Em ambos, podemos notar uma parte comum: **hitCa**.

A não existência de resquícios morfológicos de um padrão verbal em C*Ca* pode ser comprovada olhando-se para as vogais do padrão verbal. Isso pode ser feito tomando uma raiz que possa ser combinada tanto com um padrão verbal quanto com um nominal e comparando os dois padrões. Por exemplo, tomemos o padrão verbal **CaCaC**, que tem o correspondente

nominal C*CiCa*. A primeira vogal desse padrão nominal, que corresponderia a uma primeira fase verbal (utilizando a noção de fase encontrada em MARANTZ, 2001; ARAD, 2003, como o domínio no qual será negociado um significado para a raiz), não é idêntica a do padrão verbal. No padrão nominal, temos a vogal *i*, enquanto no padrão verbal temos *a*. Observemos, assim, a estrutura em (214):

Na estrutura, vemos que o sintagma que ocupa a posição de especificador da projeção nominal (Picasso) possui o papel temático de agente da nominalização, o que explica a única possibilidade de interpretação que Picasso tem em *harisat Picasso et yeruṣalayim* ‘A destruição de Jerusalém por Picasso’, mesmo que o falante saiba que Picasso é um pintor (cf, HAZOUT, 1995).

Ainda podemos prever que, nessa estrutura, há duas posições de modificação por adjetivo, uma posição antes que o CS seja formado, como em (214), e outra depois de todo o sintagma determinante, com o adjetivo adjungido no DP.

Quanto à atribuição/checagem de Caso, o DP *yeruṣalayim* recebe Caso não do nome *harisat* ‘destruição’, mas da marca de objeto *’et*, considerada como uma preposição, que só é inserida quando temos um DP com o traço [+DEF] na posição de complemento, seja quando temos um complemento de um nome ou um complemento de um verbo. Isso é uma evidência

que não corrobora a hipótese de autores que defendem que *'et* seja uma marca de Caso acusativo morfológico (cf. MINUSSI, 2008 para uma proposta contra o *'et* como Caso morfológico). Já o DP *Picasso* está checando seu Caso dentro do CS e recebe Caso do morfema *-t*, que contém também os traços de [+feminino], [-plural] e que só está presente em um contexto de CS.

Para a análise de checagem de traços vamos considerar uma proposta feita por Minussi (2008), completando alguns pontos que não estavam bem delineados então. A análise de Minussi (2008) utiliza o arcabouço teórico do Programa Minimalista, que propõe uma operação de *Agree*, alternativamente a uma proposta em que traços fortes devem ser checados pelo movimento de itens lexicais ou projeções de itens lexicais.

A proposta de *Agree*, em Chomsky (2001), retomada em Horstein; Nunes e Grohmann (2005), assume que apenas os traços [+int]⁶³ são totalmente especificados no léxico, enquanto traços [-int] adquirem seus valores no curso da derivação sintática. Também as condições de localidade e *Last Resort* em movimento de traços são dadas como requerimentos, numa relação de combinação entre uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*). A sonda é um núcleo com determinados tipos de traços, marcados como [-int], e um alvo é um elemento com traços da mesma natureza que os da sonda, mas marcados como [+int]. Nesse sentido, uma dada sonda examina seu domínio de c-comando à procura de um alvo. Um alvo é acessível a uma dada sonda apenas se não há nenhum elemento interveniente que contenha um grupo relevante de traços.

A proposta de Minussi assume também, seguindo *Agree*, que traços [-int] devem ser apagados para que a Forma Lógica (LF do inglês *Logical Form*) possa examiná-los e devem permanecer especificados para que a morfologia possa fazer o mesmo.

⁶³ [+int] = [+interpretável], [-int] = [-interpretável]

Entretanto, algumas modificações já foram sugeridas para esse sistema de checagem de traços. Por exemplo, Frampton; Gutmann (2000) trazem uma nova visão de checagem via *Agree* que não é apagamento apenas, mas compartilhamento de traços. Nessa proposta, os autores defendem que o compartilhamento também pode ocorrer entre traços não-interpretáveis, desde que seja o mesmo traço e que um deles tenha valor.

Desse modo, a análise propõe, para o hebraico, que D° possua um traço de definitude interpretável e não valorado [α def] que precisa ser checado com o traço [+def] do nome por meio da operação de *Agree*. Seguindo Kihm (2001), o qual defende que D° seja o responsável pela interpretação de definitude de um sintagma, além de defender que os sintagmas semíticos devem possuir apenas uma posição onde a definitude é interpretada, propomos que D° precisa ter seu traço de definitude especificado para que a interpretação de definitude do CS como um todo seja obtida, ou seja, para dar conta da Definitude Espreada.

Nesse primeiro momento, D° está funcionando como sonda e o nome está funcionando como alvo. No entanto, como prevê a própria operação de *Agree*, para que a operação possa ocorrer, o N, ou seja, o alvo, não pode ter todos os seus traços checados. Assim, propomos que N precisa checar seu traço de Caso. Esse traço de Caso é checado como *by product* de *Agree* que se estabelece para a valoração do traço de definitude de D°.

Uma proposta de configuração para a checagem de traços pode ser encontrada em (215):

(215)

Propomos, contudo, uma reformulação dessa checagem, a fim de deixá-la mais natural e elegante. Como vimos, o traço de Caso do nome era checado na estrutura via *by product* da checagem de definitude. Contudo, com a nova proposta de que um morfema *-t*, marcando a presença de um CS, ocupe a posição do núcleo D^0 , postulamos que D^0 tenha um traço de Caso e, compartilhe o valor de seu traço com o traço de Caso do nome, numa configuração como a que vemos na estrutura em (216).

(216)

Como consequência dessa estrutura, temos uma explicação natural para a ausência de *ha-* no primeiro membro do CS: o morfema que realiza o traço [+DEF], isto é, o *ha-*, não pode ocupar a posição de D^0 , pois essa já está ocupada pelo morfema *-t*, que é um sufixo. Assim sendo, há outra consequência: uma vez que o morfema do construto é um morfema

preso, ele força que o nome formado seja alçado para D°. Observemos, portanto, que esse movimento é puramente por razões morfofonológicas.

Uma vez explicada a teoria de checagem de Caso, a análise para *harisat yerušlayim šel Picasso* ‘A destruição de Jerusalém de Picasso’ é a de que C*CCiCa* projete duas posições, como já descrevemos antes: uma posição para o complemento, esse sempre licenciado pelo núcleo funcional, e uma posição de especificador, a qual pode ser ocupada ou não. É o fato de essa posição de especificador de nP estar ocupada, ou não, que faz a estrutura ser diferente e muda o modo de checagem de Caso dos sintagmas determinantes, fazendo com que haja movimentos na estrutura. Vejamos a estrutura em (217):

Não há papéis temáticos fixos, prontos, e que são atribuídos por um ou outro núcleo, mas a interpretação da expressão é dada de acordo com o preenchimento das posições pelos elementos na estrutura (cf. BORER, 2005). O DP *Picasso* na posição de adjunto possui uma gama de interpretações maior do que quando se encontra na posição de segundo membro do CS, ou seja, de especificador do nP.

As estruturas em (214) e (217) possuem em comum dois aspectos: (i) o primeiro está ligado à natureza do padrão vocálico C*CCiCa* que não se liga a um nível verbal anterior; (ii) o segundo diz respeito à atribuição de Caso dentro do *Construct State*. Na estrutura em (217), o

Passemos, agora, para a estrutura do nominal **CiCuC**. Para tanto, temos de ter em mente que esse padrão permite a modificação por advérbios genuínos, além de apresentar resquícios morfológicos do padrão verbal, ao qual corresponde, ou seja, o padrão **CiCeC**. Observemos a sentença (189), retomada aqui como (218):

- Argumentamos que o nominal CiCuC seja formado por uma camada verbal e uma camada nominal, sendo, portanto, derivado em duas fases (cf. MARANTZ, 2001). Na primeira fase verbal, é o padrão verbal que seleciona o argumento interno *ha-kolot* ‘os votos’, o qual, nessa sentença, vem acompanhado pela MO ‘et. Por causa dessa fase verbal, temos a modificação por advérbios verdadeiros, de modo que são licenciados advérbios de VP, e não advérbios sentencias, como vimos anteriormente. A estrutura em (219) mostra a primeira fase verbal do nominal.

(219)

Em uma segunda fase, o núcleo nominal seleciona o núcleo verbal. O padrão **CiCuC**, realização do núcleo nominal, projeta uma posição de especificador, na qual é licenciado *ha-mumxim* 'os peritos' e, posteriormente, o núcleo **D°** seleciona o sintagma nominal já formado. A segunda fase de formação do nominal *ibud* 'processamento', por sua vez, tem como consequência a possibilidade de modificação do nominal por adjetivos e a impossibilidade de adjetivos em posição final, como já foi descrito. Em (220), temos a estrutura completa da formação do nominal.

(220)

A checagem de Caso é realizada tal como foi descrita para o padrão **CCiCa**, no CS, com a diferença de que, nesse caso, é um morfema abstrato que checa o Caso de *ha-mumxim*

‘os peritos’ que é realizado por uma morfema zero — $\emptyset$. Tal morfema, como já vimos em (174), possui traços de [+masculino] e [+singular].

Para concluir, podemos dizer que uma das consequências de se afirmar que há resquícios morfológicos dos padrões verbais nos *mišqalim* é a não-atomicidade do padrão vocálico, seja verbal ou nominal, isto é, os padrões vocálicos podem ser desmembrados, de modo que uma única vogal, em vez de um conjunto de vogais, pode realizar um traço, por exemplo [+N, -V].

Na próxima seção, analisaremos outro padrão nominal: **hitCaCCut**, o padrão nominal com sabor reflexivo.

6.3. *Um nominal com sabor reflexivo: o padrão hitCaCCut*

Nesta seção, traremos à tona o problema dos nominais reflexivos em hebraico, descrevendo o comportamento desse tipo de nominal através das línguas, contrapondo a proposta de que tais nominais são formados segundo um parâmetro baseado em uma relação entre o léxico e a sintaxe (cf. SILONI; PREMINGER, 2009) e propondo uma análise que privilegiará as características semânticas e morfológicas da formação dessas nominalizações, por meio de uma estrutura de formação composta de um núcleo funcional verbal e um núcleo funcional nominal, resultando em duas fases dentro de uma palavra.

Como já descrevemos em seção anterior desta tese, há um padrão verbal especializado numa leitura reflexiva, recíproca e que também possui uma leitura de voz média: o padrão **hitCaCeC**. Também como já dissemos anteriormente, tal padrão verbal, segundo Glinert

(1989), possuiria uma contraparte nominal representada pelo padrão foco de estudo nesta seção: o padrão **hitCaCCut**. Observemos os dados em (221):

- (221) a) Dan *histalek* *min* *ha-misra*
 Dan deixar prep DEF-emprego
 ‘Dan demitiu-(se) do (seu)emprego ’
- b) *Histalkut-o* *šel* *Dan* *min* *ha-misra*
 demissão.CS-pron.3ª prep. Dan prep DEF-emprego
 ‘a demissão/abandono (dele) do Dan do emprego’

No exemplo em (221)a), temos uma sentença em que a raiz $\sqrt{\text{slk}}$, a qual possui um conceito de ‘deixar’, está inserida no padrão 7 de verbos, dando um significado reflexivo de ‘demitir-se’, e licenciando um argumento interno por meio da preposição *min* ‘de’. Em (221)b), há, primeiramente, um CS formado pela nominalização *histalkut* mais a terceira pessoa do singular –o, formando um genitivo duplo com o sintagma que segue, o qual é precedido pela preposição *šel*. O argumento interno da nominalização, *ha-misra* ‘o emprego’, é introduzido pela mesma preposição que o argumento interno do verbo, isto é, a preposição *min* ‘de’, porém o sujeito é introduzido pela preposição *šel* ‘de’.

A partir desse ponto, vamos mostrar que tal preposição é selecionada pelo padrão verbal, e que o padrão de nominalização possui resquícios morfológicos do padrão verbal e, consequentemente, é formado por uma camada verbal.

Vamos iniciar a discussão fazendo um panorama de como o fenômeno da reflexividade ocorre através das línguas. Podemos notar, de acordo com Siloni; Preminger (2009), que as línguas exibem uma variação robusta no que diz respeito a variedades de vozes disponíveis para os nominais: reflexiva, recíproca, inacusativa, passiva etc. Vejamos como algumas línguas realizam a possibilidade de marcar a reflexibilidade nas nominalizações:

- (222) a) *hitnaškut* *bney ha-'esre* hebraico
beijação.RECIP filhos DEF-teens
‘o beijar-se dos adolescentes.’
- b) *hitraxcut* *-am*
lavagem REFL eles. GEN
‘sua auto-lavagem.’ ‘a auto-lavagem deles’
- (223) a) *a gyerekek csókol-óz-ás-a* húngaro
DET crianças beijo-RECIP-NOMINAL-AGR
‘O beijo mútuo das crianças.’
- b) (a) *János (rendszeres) borotvál-köz-ás-a*
(DET) János (regular) barbear-REFL-NOMINAL-AGR
‘o auto barbear-se de János.’
- (224) a) *obnimanie detej* russo
abraço crianças.GEN
‘o abraço mútuo das crianças.’
- b) *perešjoptyvanie detej*
sussurro.REFL crianças.GEN
‘o sussurro mútuo das crianças’
- c) *umyvanie rebjonka*
lavagem menino.GEN
‘a autolavagem do menino.’

Hebraico, húngaro e russo, segundo os dados, apresentam uma interpretação reflexiva ou recíproca nos sintagmas nominais eventivos, porém, de modo interessante, podemos observar que, em outras línguas, por exemplo, as línguas românicas, com exceção do português brasileiro, não há a marcação de reflexibilidade/reciprocidade nas nominalizações, embora haja disponibilidade de marcação e interpretação da reflexibilidade no sintagma verbal. Em francês e, também em sérvio, essa marcação ocorre por meio do clítico *se*. Em português brasileiro, podemos notar que o mesmo clítico *se* aparece nas nominalizações que são formadas pelo verbo no infinitivo mais o artigo definido (exemplo em (227)c) e d).

- (225) a) *Jean s'entend* francês
 Jean SE-ouve
 'João se ouve.' (ele mesmo)
- b) *Ils s'embrassent*
 Eles SE- beijaram
 'Eles se beijaram.' (um ao outro)
- (226) a) *On se cuje* sérvio
 Ele SE ouve
 'Ele se ouve' (ele mesmo)
- b) *Oni se Ljube*
 eles SE beijo
 'Eles se beijam.' (um ou outro)
- (227) a) O João se ouve.
 b) Eles se beijam.
 c) O ouvir-se do João o fez mudar de ideia.
 d) O beijar-se de João e Pedro causou polêmica.

O hebraico e o húngaro marcam o nominal reflexivo e recíproco usando a mesma morfologia que é utilizada para os verbos correspondentes, seja por meio de um padrão correspondente (hebraico) ou sufixo (húngaro). A morfologia que marca os reflexivos, segundo os autores, é típica de operações de redução de valência nessas línguas; por exemplo, a mesma morfologia é encontrada também nos inacusativos, como podemos observar no dado do hebraico:

- (228) *hitgalgelut ha-kadur (be-morad ha-giv'a)*
 rolamento.INAC DEF-bola (em-encosta DEF-morro)
 'O rolamento da bola na encosta do morro'

A explicação dos autores para o fato de não haver nominais reflexivos em algumas línguas que apresentam esse fenômeno no sintagma verbal é dada com base na incompatibilidade entre o morfema de redução de valência e a categoria nominal. Contudo,

eles notam que, em russo, a morfologia de redução de valência, que é incompatível com nomes, não bloqueia a formação dos nominais recíprocos e reflexivos, como em (224)a)-c).

Levando-se em conta que apenas em algumas línguas é possível a presença de nominais que sejam reflexivos ou recíprocos, uma explicação, como a dos autores, que olhe para as diferenças paramétricas entre as línguas, torna-se natural. É exatamente por isso, que a análise desta pesquisa também se utilizará de diferenças que são marcadas em um inventário de elementos, com os quais a sintaxe irá compor as sentenças e as palavras como, por exemplo, a existência de núcleos funcionais diferentes entre as línguas. Dessa forma, nossa explicação defende a possibilidade de haver um *n*, compatível com a redução de valência nos nomes, assim como com a interpretação reflexiva/recíproca dos mesmos.

Uma vez que estamos tratando de redução de valência na grade argumental dos nomes, vejamos o que ocorre nas mesmas línguas já tratadas, quando temos nominais formados a partir de verbos inacusativos, os quais não selecionam um argumento externo. Notamos que, diferentemente do que ocorre com os nominais reflexivos, que não possuem sua contraparte em todas as línguas, os nominais inacusativos, com sujeito experienciador, são possíveis em todas as línguas.

- (229) a) *hitkavcut* *ha-mixnasayim* *ba-kvisa* hebraico
 encolhimento DEF-calças in.DEF-lavagem
 ‘O encolhimento das calças na lavagem’
 b) *hit’anyenut-o* *ba-be’aya*
 interesse-ele.GEN em.DEF-problema
 ‘O interesse dele no problema’

- (230) a) *Le* *rétrécissement* *du* *pantalon* *au* *lavage* francês
 O encolhimento prep.DEF calça em.DEF lavagem
 ‘O encolhimento das calças na lavagem’
 b) *L’intérêt* *de Marie* *pour* *ce* *livre*
 DEF-interesse de Maria por este livro
 ‘O interesse de Maria por este livro’

- (231) a) *az ing össze-gyür-öd-és-e* húngaro
the camiseta PRT(junto)-dobra-UNACC-NOMINAL-AGR
 ‘a dobradura/dobragem da camiseta’
- b) *János-nak a tema iránti érdekl-öd-és-e*
János-DAT the tópico sobre interesse-DECAUS-NOMINAL-AGR
 ‘o interesse de János no assunto’

Continuando a discussão sobre a mudança de valência nos nominais, consideremos, por sua vez, os dados de sentenças na voz passiva. Nas construções passivas, temos a detransitivização do verbo, de modo que seu argumento externo é alocado, em línguas como o português brasileiro, na posição de um adjunto. De modo geral, não parece haver, através das línguas, nominais passivos que são morfologicamente codificados como tais. No hebraico, o padrão 2 **niCCaC**, especializado na passivização dos verbos do padrão 1 **CaCaC**, mas que também é ambíguo entre uma leitura passiva, inacusativa, reflexiva ou recíproca, tem como seu padrão nominal correspondente o padrão **hiCCaCut**⁶⁴, que não apresenta uma leitura passiva. Observemos os dados em (232) e (233):

- (232) a) *ha-nasix nextaf al-yedey ha-šoded*
DEF-príncipe sequestrado.PASV por DEF-ladrão
 ‘O príncipe foi sequestrado pelo ladrão’
- b) **hexatfut ha-nasix*
sequestro.PASV DEF-príncipe
- (233) a) *ha-rav ne’erax le-vo ha-xag*
DEF-rabino preparar.REFL para-vinda DEF-feriado
 ‘O rabino se preparou para a vinda do feriado’
- b) *ha-šulxan ne’erax al-yedey ha-melcar*
DEF-mesa preparar.PASV por DEF-garçom
 ‘A mesa foi disposta pelo garçom’

⁶⁴ Em nosso trabalho, não percebemos uma grande diferença entre o padrão **hiCCaCut**, que forma nominais a partir do P2 verbal (padrão passivo do P1) e **hitCCaCut**, que forma nominais a partir do P7 verbal, por isso agrupamos os dois padrões em um mesmo grupo. Veja que os dois padrões nominais têm uma leitura reflexiva ou inacusativa, mas uma leitura passiva não é possível. Acreditamos que podem se tratar de alomorfes, mas não nos aprofundamos nesse assunto.

c)	<i>he'arxut</i>
preparação.REFL	<i>ha-rav</i>
DEF-rabino	<i>le-vo</i>
para-vinda	<i>ha-xag</i>
DEF-feriado
	'O preparar-se do rabino para a vinda do feriado'			
d)	<i>*he'arxut</i>
preparação.PASV	<i>ha-šulxan</i>
DEF-mesa	<i>(al-yedey</i>
(por	<i>ha-melcar)</i>
DEF-garçom)

No exemplo em (232)a), temos a possibilidade de leitura passiva para a sentença, porém, em (232)b), a combinação da mesma raiz no padrão nominal correspondente torna a formação agramatical. Em (233), podemos observar a possibilidade de interpretação do padrão verbal 2 como reflexivo e passivo, exemplos (233)a) e b), respectivamente, porém seu correspondente nominal só pode possuir a interpretação de reflexivo (233)c). A interpretação passiva é agramatical, como mostra (233)d). Já nos exemplos em (234), podemos perceber que a leitura inacusativa e passiva também é possível com o padrão verbal 2, mas somente a leitura inacusativa é permitida com o padrão nominal correspondente, como mostra o exemplo em (234)d), com agramaticalidade para a leitura passiva:

(234) a)	<i>sedek</i>
rachadura	<i>nocar</i>
criar.INAC	<i>be-xazit</i>
em-frente	<i>ha-binyan</i>
DEF-edifício
	'A rachadura formou na frente do edifício'			
b)	<i>ha-pesel</i>
DEF-escultura	<i>nocar</i>
criou.PASV	<i>al-yedey</i>
por	<i>oman šveycari</i>
artista suíço
	'A escultura foi criada pelo artista suíço'			
c)	<i>hivacrut</i>
criação.INAC	<i>sedek</i>
rachadura	<i>be-xazit</i>
em-frente	<i>ha-binyan</i>
DEF-edifício
	'A formação de uma rachadura na frente'			
d)	<i>*hivacrut</i>
criação.PASV	<i>ha-pesel</i>
DEF-escultura	<i>al-yedey</i>
por	<i>oman šveycari</i>
artista suíça

Siloni; Preminger (2009) chamam a atenção para o fato de que não há nada errado com os verbos utilizados nas sentenças acima, uma vez que a passiva nominal para esses verbos existe. Entretanto, podemos notar que os autores não citam o fato de que essas nominalizações, que possuem uma leitura de passiva, são formadas com o padrão nominal

CCiCa, que é o padrão correspondente ao padrão verbal 1 CaCaC, segundo Glinert (1989), como vimos. Podemos notar ainda que o padrão de nominalização CCiCa é aquele em que o argumento externo pode não ser realizado, como já vimos em outra seção, o que explica sua utilização nos casos em que o argumento externo não é realizado.

- (235) a) *arixat* *ha-melcar* ‘et *ha-šulxan*
preparação DEF-garçom MO DEF-mesa
‘A preparação da mesa pelo garçom’
b) *yecirat* *ha-oman* ‘et *ha-pesel*
criação DEF-artista MO DEF-escultura
‘a criação da escultura pelo artista’

A questão colocada aqui é: o que de fato são esses nominais que são chamados de passivos? Siloni; Preminger (2009) chamam a atenção para o fato de que, diferentemente das sentenças passivas verbais, esse nominais, chamados passivos, requerem que seu argumento externo implícito seja [+humano]. Vejamos os exemplos em (236):

- (236) a) *arixat* *ha-šulxan* (*al-yedey* *ha-melcar*)
colocação.CS DEF-mesa (por DEF-garçom)
‘a colocação da mesa pelo garçom’
b) *yecirat* *ha-pesel* (*al-yedey* *ha-oman*)
criação.CS DEF-escultura (por DEF-artista)
‘A criação da escultura pelo artista’

O traço [+humano] é postulado porque a omissão do argumento externo, ou seja, da *by phrase*, com nomes denotando atividades específicas por animais (por exemplo em *hakaša* ‘mordida’, que é específico para cobras no hebraico, e *ukushenie*, que é específico para mordida de cachorros no russo) resulta em expressões anômalas, em contraste com o correspondente verbal passivo, como vemos em (237):

- (237) a) *hakašat* *ha-yeled* *al-yedey* *ha-naxaš* hebraico
 mordida DEF-menino por DEF-cobra
 ‘A mordida da cobra no menino’
- b) *#hakašat* *ha-yeled*
 mordida DEF-menino
- c) *Ha-yeled* *hukaš* (*al-yedey* *naxaš*)
 DEF-menino morder.PASV (por cobra)
 ‘o menino foi mordido (por cobra)’
- (238) a) *ukushenie* *rebjonka* *sobakoj* russo
 mordida criança.GEN cachorro.INSTR
 ‘A mordida do cachorro no menino’
- b) *#ukushenie* *rebjonka*
 mordida criança.GEN
- c) *Rebjonok* *byl* *ukushen* (*sobakoj*)
 criança.NOM foi mordida (cachorro.INSTR)
 ‘A criança foi mordida (pelo cachorro)’

A explicação dada pelos autores para fatos como a não ocorrência de nominalizações sem o argumento externo, quando o argumento externo não é uma entidade com o traço [+humano], ou para a não interpretação das nominalizações como tendo uma leitura passiva, mas podendo ser interpretadas com leitura reflexiva ou inacusativa, provém: (i) da análise de saturação de alguns predicados; (ii) do fato de que algumas nominalizações são formadas na sintaxe em algumas línguas e em outras, a formação dos nominais, ou verbos, ocorre no léxico.

Seguindo autores como Chierchia (2004) e Reinhart (2002), Siloni; Preminger (2009) assumem que a passivização envolve a saturação do papel Θ do argumento externo. Uma saturação do argumento externo significa que um papel temático é atribuído, na semântica, a uma variável ligada por um operador existencial, tal como podemos ver no esquema em (239):

- (239) a) *The room was cleaned*
 b) $\lambda e \exists x [\textit{cleaning} (e) \wedge \textit{Agent} (e, x) \wedge \textit{Theme} (e, [\textit{the room}])]$

Diferentemente da saturação regular em (239), a saturação arbitrária cria uma variável, a que é restrita a indivíduos [+humanos], de modo que o que temos para os nominais, como em (236)a-b) e (237)a-b), envolve esse tipo de saturação arbitrária:

- (240) a) *yecirat* *ha-bor*
 criação DEF-buraco
 ‘a criação do buraco’
 b) $\lambda e \exists x_{arb} [creation(e) \wedge Agent(e, x_{arb}) \wedge Theme(e, [the\ role])]$

O segundo fator de explicação para o fato de que algumas nominalizações são formadas na sintaxe, enquanto outras são formadas no léxico, prevê a marcação de um parâmetro para a formação das nominalizações e de outros fenômenos de uma dada língua no léxico ou na sintaxe. Vejamos, na Tabela 15, as distinções para o parâmetro dos fenômenos que são marcados no Léxico ou na Sintaxe.

	Valor no léxico	Valor na sintaxe
Conjuntos limitados de predicados	Sim	Não
ECM	Não	Sim
Falta de alternância transitiva	Possível	Impossível
Idiomas únicos ⁶⁵	Possível	Impossível
Mudança semântica independente	Possível	Impossível

Tabela 15 Distinções geradas pelo parâmetro Lexico-sintaxe

Essas distinções de valores decorrem de alguns princípios como produtividade, que não é um princípio lexical típico, embora não seja impossível de ocorrer no léxico. Como

⁶⁵ Esse fenômeno implica que há idiomas frasais envolvendo verbos reflexivos e/ou recíprocos que não se aplicam a seus transitivos alternantes.

exemplo dessa produtividade no léxico, os autores destacam os dados de reflexibilidade e reciprocidade, que, segundo os mesmos, são muito coerentes através das línguas. Assim sendo, os autores irão propor algumas generalizações a partir dos dados de nominalização, por meio do critério de distinção do lugar onde ocorre tal fenômeno, se no léxico ou na sintaxe, em cada uma das línguas apresentadas:

- (241) a) Hebraico, Russo e Húngaro
- Reflexivização e reciprocização aplicada no léxico
 - Nominais reflexivos e recíprocos existem.
- b) Línguas românicas e Sérvio
- Reflexivização e reciprocização aplicada na sintaxe
 - Nominais reflexivos e recíprocos não existem

Nossa análise para os nominais recíprocos, no entanto, irá mostrar que, diferentemente da argumentação de Siloni; Preminger (2009), é possível dar a esses nominais um tratamento na sintaxe, de modo que a assimetria existente entre algumas línguas, que permitem a marcação da reflexibilidade/reciprocidade no sintagma verbal e não o permitem no sintagma nominal, decorre da diferença das categorias funcionais presentes no inventário dos elementos gramaticais na Gramática de uma determinada língua. Esse inventário de categorias é marcado parametricamente, ou adquirido no processo de aquisição da língua. Não obstante, mostraremos que o hebraico forma tais nominais com o padrão **hitCaCCut** em duas fases: uma verbal e outra nominal. Tal argumentação está baseada no modo de seleção dos argumentos e dos resquícios morfológicos. Voltemos para os dados colocados no início desta seção:

- (242) a)
Dan	<i>histalek</i>	<i>min</i>	<i>ha-misra</i>
Dan	deixar	prep	DEF-emprego
- ‘Dan demitiu-(se) do (seu) emprego’

- b) *Histalkut-o* *šel* *Dan* *min* *ha-misra*
 demissão.CS-pron.3ª prep. Dan prep DEF-emprego
 ‘a demissão/abandono (dele) do Dan do emprego’

Como já dissemos anteriormente, notamos, nesses dois dados, uma parte comum **hitCa**, a qual consideramos como a primeira fase da formação do verbo. É nessa primeira fase, tal qual postulado em Arad (2003) e Marantz (2001), que essa raiz $\sqrt{\text{slk}}$, que possui um conceito como ‘deixar’, adquire o significado reflexivo de ‘demitir-se’. Esse padrão parece possuir ainda características como a projeção de duas posições para seus argumentos: uma de complemento e outra de especificador, onde será alocado o PP *Dan*, nesse caso. Vejamos a estrutura dessa primeira fase em (243):

A estrutura em (243) mostra que o padrão se combina com uma raiz, que deverá ser incorporada ao padrão, e que tal padrão, agora já incorporado à raiz, ainda projeta uma posição para o argumento interno e para o argumento externo. Observemos que o complemento recebe Caso por meio da preposição *min*, núcleo do sintagma preposicional que é selecionado pelo próprio padrão, enquanto o DP, no especificador de vP, recebe Caso da preposição *šel* ‘de’ que aparece apenas por razões de atribuição de Caso.

Na segunda fase de formação do nominal, temos uma estrutura de CS e o aparecimento do morfema **-ut** que comporá o padrão. Uma vez que já ocorreu a primeira fase

da palavra, segundo Marantz (2001) e Arad (2003), não há mais como negociar o significado da raiz, por isso o significado reflexivo e “lexical” do verbo já formado permanece, assim como a preposição selecionada pelo padrão verbal com seu complemento. A primeira fase do nominal não sofrerá alterações semânticas e já pode ser enviada para interpretação. Vejamos a continuação da estrutura em (244):

Assim como na estrutura em (220), o morfema **-u/-ut** projeta uma posição de especificador, a qual será preenchida, em (244), pelos mesmos traços do especificador de *v*, ou seja, terceira pessoa do singular. A atribuição de Caso para essa posição, que forma um CS com o nome formado, dá-se via *Agree*, dentro do próprio CS, como já esboçamos em outro momento. D^0 contém um traço de Caso interpretável e precisa valorar seu traço de definitude. O compartilhamento de traços ocorre entre os traços de D^0 e os traços presentes no Spec de *nP*. Há ainda dois movimentos de núcleo: (i) de *v* para *n*, pois o morfema **-ut** é um morfema preso; (ii) de *n* para D^0 , pois em D^0 também se encontra um morfema marcador de CS, um morfema $-\emptyset$.

Para terminar a seção, retomemos o caso dos nominais, cujas raízes podem ser inseridas num padrão de voz passiva como **niCCaC**, que possui como correspondente também o padrão **hiCaCCut**, mas quando nominalizadas, essas raízes entram no padrão **CCiCa**. Tomemos os dados em (245):

- (245) a) *ha-pesel* *nocar* *al-yedey* *oman šveycari*
 DEF-escultura criou.PASV por artista suíço
 ‘A escultura foi criada pelo artista suíço’
- b) *yecirat* *ha-oman* ‘et *ha-pesel*
 criação DEF-artista MO DEF-escultura
 ‘a criação da escultura pelo artista’
- c) **hivacrut* *ha-pesel* *al-yedey* *oman šveycari*
 criação.PASV DEF-escultura por artista suíça

Conforme análise já explicitada para os nominais em **CCiCa**, esse padrão licencia uma posição de complemento e outra de especificador, onde serão inseridos *ha-pesel* ‘a escultura’ e *ha-omam* ‘o artista’, respectivamente. Ainda nessa estrutura, *ha-omam* recebe Caso dentro do CS e *ha-pesel* recebe Caso da preposição ‘et. Esse padrão não seleciona um *v*, isto é, a formação desse nominal, diferentemente daqueles com o padrão **hiCaCCut**, não se dá em duas fases e a estrutura do padrão não possui uma camada verbal.

Para resumir a análise, a formação dos nominais com o padrão **hitCaCCut** é composta de núcleos funcionais e ocorre em duas fases distintas. Na primeira fase, um núcleo verbal **hitCaCC** é combinado com a raiz, negociando com essa raiz um significado reflexivo e licenciando dois argumentos. Na segunda fase, o morfema **–ut** é inserido, provocando o alçamento do verbo para essa posição e mudando sua categoria. Esse morfema, por sua vez, licencia uma posição de especificador.

6.4. *O instigante padrão haCCaCa*

Assim como fizemos nas seções anteriores, nesta seção, explicitaremos a análise para mais um dos padrões de nominalização, ressaltando suas propriedades e possíveis estruturas. Iniciemos pelos dados em (247), mostrando que o padrão nominal **haCCaCa** está relacionado ao P5 verbal **hiCCiC**, isto é, as mesmas raízes que entram no P5 verbal ocorrem também com o **haCCaCa**.

- (247) a) *ha-cava* *hifgiz* ‘et *ha-kfar*
 DEF-exército bombardeou MO DEF-vila
 ‘O exército bombardeou a vila’
- b) *hafgazat* *ha-cava* ‘et *ha-kfar*
 bombardeio.CS DEF-exército MO DEF-vila
 ‘O bombardeio da vila pelo exército’

A primeira questão que podemos ressaltar é se há, de fato, uma camada verbal nos nominais formados pelo padrão **haCCaCa**, como defendem alguns autores, em especial, Shlonsky (2004).

Ao olharmos para a morfologia do padrão nominal em relação ao padrão verbal, não encontraremos resquícios da morfologia verbal nesse padrão, ao contrário do que vimos, na seção anterior, com o padrão **hitCaCCut**, que deriva do padrão **hitCaCeC**. A primeira parte do padrão nominal **haCC** não corresponde à primeira parte do padrão verbal **hiCC**, sugerindo, em um primeiro momento, que não deve haver uma camada verbal nesse padrão.

Faz-se necessário, porém, investigar mais a fundo algumas de suas propriedades seletivas e averiguar se esses dois padrões impõem determinadas restrições aos verbos e nomes formados a partir dele. O padrão **hiCCiC** é considerado um padrão formador de verbos causativos (cf. DORON, 2003). Dessa forma, na próxima seção, procederemos uma análise das propriedades causativas, iniciando por uma discussão sobre o lugar em que é alocada, ou codificada, a causatividade: se nas raízes, como prevê Marantz (1997), entre outros, ou em outro lugar como, por exemplo, nos núcleos funcionais.

6.4.1. Um padrão para nominais causativos

Neste ponto do trabalho, trazemos uma discussão sobre a causação (interna ou externa) ou agentividade estarem codificadas na raiz, criando, por um lado, raízes que são potencialmente transitivas. Essa possibilidade, primeiramente, gera uma dificuldade para preservar a distinção entre verbos que são alternantes e verbos que não são alternantes, por exemplo, entre uma leitura causativa-incoativa. Se a raiz de um verbo for marcada para a causatividade externa, por exemplo, esperaríamos que esse verbo sempre tenha um agente realizado, o que não ocorre, como veremos no decorrer da argumentação.

O trabalho de Sichel (no prelo) fornece uma explicação preliminar, que pretendemos aprofundar nesta seção, sobre a ideia de que as nominalizações (no caso, os nominais derivados) são deficientes em relação à sua contraparte verbal. As deficiências dizem respeito à ECM, objeto duplo, controle de objeto etc. Em (248), temos um exemplo de duplo objeto que é possível com um nominal *-ing*, mas não é possível com um nominal derivado:

- (248) a) **John's gift/rental/giving (of) Mary of a fiat*
 b) *John's giving/renting Mary a fiat*

Para Sichel, além das deficiências puramente morfossintáticas, os nominais derivados em inglês são também deficientes no que diz respeito ao tipo de evento que podem codificar, sendo restritos a eventos simples. Eles contrastam, nesse sentido, com nominalizações *ing-of*, que são similarmente deficientes em sua gama de projeções morfossintáticas, mas não são restritas em termos dos tipos de eventos que elas podem denotar.

O argumento central para a simplicidade de evento provém da observação de que certos tipos de argumento externo são impossíveis na contraparte nominal de causativos lexicais (cf. PESETSKY, 1995; HARLEY; NOYER, 2000; ALEXIADOU; SHÄFFER, 2007). Sichel (no prelo) chama esse tipo de restrição sobre o argumento externo de *agent exclusivity* e mostra que os efeitos interpretativos estão presentes tanto em argumentos externos abertos, quanto em argumentos externos cobertos/implícitos. A autora argumenta que esse efeito interpretativo é atribuído a uma restrição geral contra a complexidade de evento, ao invés de uma restrição contra papéis temáticos.

Autores como Marantz (1997), Harley; Noyer (2000), Alexiadou; Schäffer (2007) postulam uma explicação para a restrição de argumento externo baseada em papéis temáticos. Nesse enfoque, a restrição sobre agentividade é codificada na raiz, ou seja, é a própria raiz que licencia a presença de um agente.

A respeito do licenciamento do argumento externo pela raiz, Sichel (no prelo) acredita que existem algumas dificuldades para representar a agentividade no nível da raiz para todas as raízes que são pontencialmente transitivas. Para a autora, a complexidade de evento é definida em termos de temporalidade e não agentividade por si: em um evento simples, a participação de um chamado agente instigador deve ser co-temporal com o começo do evento que se desdobra. Uma vez que a classe de instigadores co-temporais pode incluir uma variedade de não-animados, ela não pode ser restrita a agentes, se “agente” é entendido somente em termos de propriedades associadas com humanos (aqueles que tem volição e intencionalidade). Reflitamos mais sobre a chamada *agent exclusivity*.

Uma indicação da exclusão sistemática de uma classe de argumentos CAUSE em genitivos é fornecida por uma correlação entre nominalizações transitivas gramaticais, e agramaticais, e causativos verbais alternantes e não alternantes. Pesetsky (1995) observa que, no inglês, causativos que não alternam produzem nominais derivados transitivos gramaticais (exemplos em (249)), mas verbos que alternam, entre causativo/incoativo, não produzem nominais derivados transitivos (exemplos em (250)).

- (249) a) *Bill's cultivation of the tomatoes*
 Bill cultivated the tomatoes
 **The tomatoes cultivated*
 b) *The bomb's destruction of the town*
 The bomb destroyed the town
 **The town destroyed*

- (250) a) **Bill's growth of tomatoes*
 Bill grew tomatoes
 Tomatoes grew
 b) **gravity's swing of the pendulum*
 Gravity swung the pendulum
 The pendulum swung.

Pesetsky (1995) argumenta ainda que o problema em (250) está relacionado com a morfologia da alternância verbal e sugere que formas *zero-derived* não podem nominalizar.

Marantz (1997), como já vimos algumas vezes durante este trabalho, explica essa correlação entre causativos que alternam ou não e as raízes, e conclui que os dados acima apoiam a proposta de que as nominalizações podem ser formadas a partir de raízes que são neutras categorialmente. Esse autor, seguindo uma tipologia para as raízes argumenta que os verbos que não alternam, por exemplo *destroy*, são baseados em raízes que implicam uma causa externa, e os verbos que alternam implicam uma causação interna. O argumento externo associado com os verbos que alternam deve ser introduzido por um núcleo separado, mas o argumento externo dos que não alternam é codificado na própria raiz. A ausência de nominais derivados, como em (250), nos nominais de alternância causativa mostra, a partir dessa perspectiva, que as nominalizações procedem diretamente a partir de raízes com categoria neutra e que um *vP*, por exemplo, não é nominalizado nos casos em que há alternância. Ou, ainda, que há um tipo de *v* que não projeta uma posição para o argumento externo.

Entretanto, a hipótese delineada acima, sobre a impossibilidade de verbos de alternância produzirem nominais derivados transitivos, não parece estar correta. Harley; Noyer (2000) trazem dados em que verbos que participam desse tipo de alternância podem produzir nominais derivados. Vejamos os exemplos abaixo:

- (251) a) *The balloon exploded*
 The balloon's explosion
 b) *the army exploded the bridge*
 the army's explosion of the bridge

- (252) a) *Wealth accumulated*
 The wealth's accumulation
 b) *John accumulated wealth*
 John's accumulation of wealth

Os dados em (251) e (252) mostram que os verbos *to explode* e *to accumulate* são alternantes entre uma leitura causativa e incoativa, e produzem nominais derivados. Segundo Harley; Noyer (2000), os argumentos externos dos nominais em b) devem ser construídos como causa direta.

Tendo visto como é frágil tentar codificar a informação de CAUSA na raiz e tentar derivar, a partir dessa codificação algumas generalizações a respeito da formação das nominalizações, voltemos nosso olhar para os dados que serão analisados nesta seção, tomando como base que a codificação da causa, ou agentividade, não está hospedada nas raízes, mas, como também sugere Sichel (no prelo), está codificada em um nível acima da raiz, para nós, nos padrões vocálicos, considerados, neste trabalho, itens funcionais.

Como já vimos no início desta seção, o padrão haCCaCa possui uma relação com um padrão que também apresenta uma propriedade de causatividade. Há duas construções causativas que são alternantes em hebraico: (i) as causativas que são baseadas em verbos inergativos e (ii) as causativas que são baseadas em verbos psicológicos Objeto-Experienciador (doravante Obj-Exp).

Ao contrário do inglês, no hebraico, causativas construídas a partir de inergativos não são necessariamente agentivas. Os nominais derivados correspondentes a esses verbos inergativos, contudo, são agentivos. Os verbos inergativos *correr* e *pular*, por exemplo, produzem causativos morfológicos tanto com sujeitos que são agentes, quanto em sujeitos que são CAUSA, como em (253).

- (253) a) *ha-me'amen heric 'et ha-pluga be-mešex xaci*
 DEF-treinadorcorreu.CAUS MO DEF-batalhão em-duração metade
ša'a
 hora
 'O treinador fez o batalhão correr por meia hora'
- b) *ha-kin'a herica oto*
 DEF-ciúme correu.CAUS MO.3.sg
 'O ciúme fez ele correr (=motivou ele)

- c) *ha-joki hikpic 'et ha-sus*
 DEF-jóquei saltou.CAUS MO DEF-cavalo
 'O jóquei fez o cavalo saltar'
- d) *ha-de'aga hikpica oto me-ha-mita*
 DEF-preocupação saltou.CAUS MO.3.sg de-DEF-cama
 'As preocupações fizeram ele saltar (sair) da cama'

Quando esses verbos são nominalizados, o agente pode, opcionalmente, ser expresso como uma *by-phrase*, como (254)a) e c). Por sua vez, a CAUSA não pode ser expressa em todos os nomes derivados, como podemos ver em (254)b) e d), a menos que ela seja entendida como denotando a causa do comportamento do agente.

- (254) a) *ha-haraca šel ha-pluga (al yedey ha-me'amen)*
 DEF-corrida.CAUS prep DEF-batalhão (por DEF-treinador)
 'a corrida do batalhão (pelo treinador)'
- b) **ha-haraca šelo al yedey/ bigdal ha-kin'a*
 DEF-corrida.CAUS prep.3.sg por / porque DEF-ciúme
- c) *hakpacato me-ha-mita (al yedey ha-magad)*
 salto.CAUS.3.p.sg de-DEF-cama (por DEF-comandante)
 'o salto dele da cama pelo comandante (=instigado pelo comandante)
- d) **hakpacato me-ha-mita al yedey / bigdal ha-de'aga*
 salto. CAUS.3.p.sg de-DEF-cama por / porque DEF-preocupação

Segundo Sichel (no prelo), o agente também pode ser completamente omitido, como nas versões sem uma *by-phrase* em (254)a) e c). Contudo, a interpretação é necessariamente agentiva, da seguinte maneira: o evento de *correr* ou *pular* foi diretamente instigado por alguém. A implicação de um instigador, seja explícito ou não, explica por que (254)b) e d) são rejeitadas. A autora ainda ressalta que as sentenças em (254)b) e d) são boas apenas se o sintagma “causa/motivo” puder ser entendido como “causa do instigador”: x fez y correr por causa do ciúme de x, por exemplo, ou x fez y pular por causa da preocupação de x. Esses sintagmas “causa/motivo” não diferem no que diz respeito a outros modificadores, que podem, de fato, modificar o instigador, como podemos ver abaixo:

- (255) a) *ha-haraca* *ha-txufa* *šelahem*
 DEF-corrida.CAUS DEF-frequente prep.3.p.pl
 ‘a causa frequente de eles correrem’
- b) *ha-haraca* *šel ha-pluga* *kedey le-hatiš* *otam*
 DEF-corrida.CAUS prep DEF-batalhão a fim para-esgotar MO.3.p.pl
 ‘a causa de eles correrem a fim de esgotá-los’

Outro exemplo de nominalização transitiva que é exclusivamente agentiva, mas cujo verbo correspondente não é necessariamente agentivo, vem dos nominais derivados que possuem uma relação com verbos Obj-Exp, os quais Sichel (no prelo) chama de psico-nominalizações (*psych-nominalizations*).

Em relação ao inglês, as psico-nominalizações são mais complexas devido à morfologia especial que está associada tanto às causativas e quanto às anti-causativas no domínio verbal Obj-Exp. Há duas classes de verbos Obj-Exp em hebraico, e ambas produzem nominais derivados.

A classe I tem uma morfologia simples para causativa e uma morfologia complexa para anticausativa. As nominalizações da forma causativa produzem um nome estativo ou de resultado (exemplos em (256)c) e (257)c)). A classe II, contudo, tem morfologia complexa para as causativas (exemplos em (256)a) e b) e em (257)a) e b)) e os nominais eventivos são possíveis. A forma verbal não é necessariamente agentiva.

- (256) a) *ha-seret* *hifxid* *‘et rina* Causativa
 DEF-filme amedrontou MO Rina
 ‘O filme amedrontou Rina’
- b) *Dani* *hifxid* *‘et Rina* Agentiva
 Dani amedrontou MO Rina
 ‘Dani amedrontou Rina’
- c) *Rina* *paxda* *(ba-seret/ me-dani)* Estativa
 Rina foi amedrontada (em.DEF-filme/ de Dani)
 ‘Rina ficou amedrontada (no filme/ com Dani)’

- (257) a) *ha-xadašot*⁶⁶ *hix'isu* 'et *Rina* Causativa
 DEF-novidades irritaram MO Rina
 'As novidades irritaram Rina'
- b) *ha-yeladim* *hix'isu* 'et *Rina* Agentiva
 DEF-crianças irritaram MO Rina
 'As crianças irritaram Rina'
- c) *Rina ka'asa bigdal ha-xadašot/ al ha-yeladim* Estativa
 Rina foi.raiva porque DEF-notícias/sobre DEF-crianças
 'Rina ficou irritada por causa das notícias/ das crianças'

As possibilidades de interpretação para as estruturas com nominalizações são mais restritas. É impossível criar uma estrutura de nominalização em que se tenha apenas uma causa, ou apenas um agente em um FS e o paciente precedido por uma MO, como em (258):

- (258) a) **ha-hafxada šel ha-seret/ Dani 'et rina*
 DEF-amedrontamento prep DEF-filme/ Dani MO Rina
- b) **ha-hax'asa šel ha-xadašot/ ha-yeladim 'et Rina*
 DEF-irritação prep DEF-notícias/ DEF-crianças MO Rina

O genitivo pós-nominal em (259), *šel Rina*, pode ser interpretado apenas como experienciador, mas o DP como um todo é interpretado como transitivo, como se houvesse um argumento externo suprimido.

- (259) a) *ha-hafxada šel rina*
 DEF-amedrontamento prep Rina
 'o amedrontamento de Rina'
- b) *ha-hax'asa šel rina*
 DEF-irritação prep Rina
 'a irritação de Rina'

As nominalizações em (259) diferem, claramente, das nominalizações de anticausativo estativo, que denotam um nome de resultado (como se pode ver pela pluralização em (260)) e

⁶⁶ *Xadašot* pode ser interpretado como notícias ou novidades.

são intransitivas. Tal diferença está codificada, morfologicamente, no próprio padrão vocálico. Enquanto as nominalizações em (259) estão no padrão haCCaCa, as nominalizações em (260) estão em outro padrão.

- (260) a) *ha-pxadim šel rina*
 DEF-medos prep Rina
 ‘Os medos de Rina’
 b) *ha-ke’asim šel dina*
 DEF-raivas prep Dina
 ‘As raivas de Dina’

Como vimos anteriormente, a interpretação transitiva das nominalizações Obj-Exp é exclusivamente agentiva. Desse modo, é possível adicionar uma *by-phrase* denotando um agente, como em (261), mas não uma CAUSA, como ilustram os exemplos em (262).

- (261) a) *ha-hafxad šel rina al yedey Dani*
 DEF-amedrontamento prep.Rina por Dani
 ‘O amedrontamento de Rina por Dani’
 b) *ha-hax’asa šel rina al yedey ha-yeladim*
 DEF-irritação prep Rina por DEF-crianças
 ‘A irritação de Rina pelas crianças’

- (262) a) **ha-hafxada šel rina al yedey/ bigdal ha-seret*
 DEF-amedrontamento prep. Rinas por / porque DEF-filme
 b) **ha-hax’asa šel rina al yedey / bigdal ha-xadašot*
 DEF-irritação prep Rina por / porque DEF-notícias

Podemos resumir esta seção dizendo que os dados do hebraico nos sugerem dois pontos. O primeiro é que não parece interessante codificar a causatividade na raiz, uma vez que vimos que há diferenças entre as possíveis interpretações de causa que existem entre os verbos e os nomes formados a partir de uma mesma raiz. Alguns nomes podem apenas ser interpretados como agentivos, e não podem ter uma causa expressa. De modo que, tal

denotação deve estar em algum lugar fora raiz, para nós, nos itens funcionais, os quais, no hebraico, são realizados pelos padrões vocálicos.

O segundo ponto, e esse nós exploraremos na análise proposta, é que há uma diferença quanto às denotações de causatividade e licenciamentos dos tipos de argumentos, se CAUSA e agente, ou apenas agente, ou apenas CAUSA, entre o padrão verbal hiCCiC e o nominal haCCaCa. Tal diferenciação nos sugere que o padrão haCCaCa não deve ser derivado diretamente do padrão hiCCiC, o que havíamos sugerido com base na própria morfologia do padrão. Isso significa que os nominais formados pelo padrão haCCaCa não devem possuir uma camada verbal, diferente de outros padrões vistos anteriormente.

Na próxima seção, vamos explorar as estruturas e modificação desse padrão, além de propormos uma estrutura para sua formação.

6.4.2. *Analisando o nominal agentivo*

O primeiro fato relacionado a esse padrão, e que já foi discutido anteriormente para os nominais com o padrão CCiCa, é que adjetivos, mas não PPs, são ruins na posição final.

- (263) a) **hafgazot* *ha-cava* ‘*et* *ha-kfar* *ha-masiviot*
bombardeios.CS DEF-exército MO DEF-vila DEF-massivos
‘os bombardeios massivos da vila pelo exército’
- b) *hafgazot* *ha-cava* *ha-masiviot* ‘*et* *ha-kfar*
bombardeios.CS DEF-exército DEF-massivos MO DEF-vila
‘Os bombardeios massivos da vila pelo exército’

- c) *hafgazat* *xel* *ha-*‘avir’ *?(be-brutaliyut)* ‘et
 bombardeio força DEF-ar *?(em-brutalidade)* MO
ha-kfar *(be-brutaliyut)*
 DEF-vila (em-brutalidade)
 ‘O bombardeio da vila brutalmente pela força área’

Em (263)a), o adjetivo *masiviot* ‘massivos’ não pode vir em posição final, mas deve seguir o CS formado entre *hafgazot ha-cava* (lit. bombardeio DEF-exército), como em (263)b). Por sua vez, o PP *be-brutaliyut* (em-brutalidade) (exemplo em (263)c)) aparece mais naturalmente no final da estrutura, à direita do argumento tema. Porém, segundo Shlonsky (2004), a presença de um PP entre o argumento agente e o paciente é marcada, mas aceitável.

Entre os tipos de modificadores que são licenciados por esse padrão estão: (i) o modificador *tadir* ‘frequente’, como em (264)a); (ii) modificadores aspectuais, como em (264)b); (iii) adjetivos orientados para o agente, como em (264)c) e (iv) sintagmas adverbiais orientados para o agente, como em (264)d).

- (264) a) *ha-hafgaza* *ha-tedira* *šel* *ha-cava* ‘et *ha-‘ir*
 DEF-bombardeio DEF-frequente prep DEF-exército MO DEF-cidade
 ‘o bombardeio frequente da cidade pelo exército’
 b) *hafgazat* *ha-cava* ‘et *ha-‘ir* *tox ša’a*
 bombardeio.CS DEF-exército MO DEF-cidade em uma hora
 ‘o bombardeio da cidade pelo exército em uma hora’
 c) *ha-hafgaza* *ha-mexuvenet* *šel* *ha-cava* ‘et *ha-‘ir*
 DEF-bombardeio DEF-intencional prep DEF-exército MO DEF-cidade
 ‘O bombardeio intencional da cidade pelo exército’
 d) *hafgazat* *ha-cava* ‘et *ha-‘ir* *be-zadon*
 bombardeio.CS DEF-exército MO DEF-cidade em-malícia
 ‘O bombardeio malicioso⁶⁷ da cidade pelo exército’

Outra característica desse padrão é que ele permite nominalizações que apresentam duplo objeto, como podemos ver adiante, em (265)c). Contudo, a ordem em que o

⁶⁷ Em português, o nominal “bombardeio” não pode ser modificado por um advérbio, o que nos fez colocar na glosa um adjetivo.

complemento dativo aparece é mais restrita na estrutura de nominalização. Enquanto no sintagma verbal é permitido que o complemento dativo preceda o complemento acusativo, como em (265)b), na estrutura das nominalizações tal ordem não é possível, como vemos em (265)d). Também podemos destacar que, ao contrário dos verbos, os nominais não permitem pronomes dativos, como ilustrado em (265)e). Isso mostra que a ocorrência de pronome dativo pode estar subordinada à presença de um elemento verbal.

- (265) a) *ha-bank hexzir 'et ha-keseef le-šula*⁶⁸
 DEF-banco reembolsou ACC DEF-dinheiro para Shula
 'O banco reembolsou o dinheiro para Shula'
- b) *ha-bank hexzir le-šula 'et ha-keseef*
 DEF-banco reembolsou para-Shula ACC-DEF-dinheiro
 'O banco reembolsou o dinheiro para Shula'
- c) *haxzarat ha-bank 'et ha-keseef le-šula*
 reembolso.CS DEF-banco ACC DEF-dinheiro para-Shula
 'o reembolso do dinheiro pelo banco para Shula'
- d) **haxzarat ha-bank le-šula 'et ha-keseef*
 reembolso.CS DEF-banco para-Shula ACC DEF-dinheiro
 'o reembolso do dinheiro pelo banco por Shula'
- e) **haxzarat-o la 'et ha-keseef*
 reembolso.CS-3p.sg para.elaACC DEF-dinheiro

Como já ressaltamos na seção anterior, o padrão haCCaCa parece apresentar a propriedade de ser causativo e, como consequência, restringe o tipo de argumento sujeito em seus nominais. Vimos que, mesmo na falta de um agente explícito, há a interpretação de que o nominal eventivo teve/tem um agente, ou instigador. Os dados com *by phrase* em (266), por sua vez, mostram que o agente pode ser implícito apenas quando ele é [+humano], como o contraste entre (266)a) e b) nos mostra.

- (266) a) *haka'at ha-yeled ('al-yedey 'axi-v) zi'aze'a 'otanu.*
 mordida.CS DEF-menino (por irmão-3p.sg) chocou MO.1p.pl
 'a mordida (do seu irmão) no menino chocou-nos'

⁶⁸ Os dados foram retirados de Siloni (1997, p. 81).

- b) *hakašat ha-yeled* *('al-yedey ha-naxaš) *zi'aze'a 'otanu*
 mordida.CS DEF-menino (por DEF-cobra) chocou MO.1p.pl
 'a mordida (da cobra) no menino chocou-nos'

O requerimento sobre a presença de um agente, nesse tipo de nominalização, pode, contudo, ser observado por meio da presença de um adjetivo chamado de referencial por Siloni (1997). Em (267), os dois padrões para nominais (haCCaCa e CiCuC) são considerados causativos e ambos são agramaticais, sem a realização do agente, como vemos em (267)a) e b), mas tornam-se gramaticais com a inserção de um adjetivo referencial, como *ha-yisre'elit* 'israelense', em (267)c), e *ha-sini* 'chinês', em (267)d).

- (267) a) **ha-hafgaza* 'et *levanon*
 DEF-bombardeio MO Líbano
 'O bombardeio do Líbano'
- b) **ha-šixzur* 'et *ha-xoma*
 DEF-reconstrução MO DEF-muro
 'A reconstrução do muro'
- c) *ha-hafgaza ha-yisre'elit* 'et *levanon*
 DEF-bombardeio DEF-israelense MO Líbano
 'O bombardeio israelense do Líbano'
- d) *ha-šixzur ha-sini* 'et *ha-xoma*
 DEF-reconstrução DEF-chinês MO DEF-muro
 'A reconstrução chinesa do muro'

Tendo visto algumas características quanto à modificação por adjetivos e sintagmas preposicionais, além da restrição sobre a presença de um agente nesses nominais, observemos a análise de Shlonsky (2004), que tem como alvos: (i) a explicação da formação da nominalização; (ii) a ordem Sujeito-Objeto e (iii) a posição dos modificadores.

Seguindo alguns trabalhos que propõem uma camada verbal para todas as nominalizações, Shlonsky (2004) assume que o núcleo nominal de nominais derivados são verbos até o ponto em que um agente, ou sujeito, é concatenado à estrutura.

Até certo ponto, a derivação de nominais eventivos procede como a derivação de uma sentença: um verbo é alçado e associado com núcleos funcionais (aqui representados por FP1 e FP2) de maneira convencional. Os verbos semíticos são capazes de se mover como núcleos.

Em algum lugar da hierarquia funcional, que é proposta pelo autor e que podemos ver em (268), o verbo alçado encontra e se incorpora ao núcleo nominalizador, que pode ser identificado com o núcleo NOM que também é proposto por Hazout (1995) (veja a estrutura proposta por Hazout em (207)). Nesse ponto da derivação, NOM rege seu complemento.

O autor explica que, nesse ponto, o sujeito também é alçado para a posição de especificador do núcleo imediatamente abaixo de NOM. Dadas as propriedades de atribuição de Caso de NOM, um CS pode ser formado. O nominal derivado pode, e se for necessário deve, continuar a alçar, mas a partir desse ponto, ele já é um núcleo nominal e não um núcleo verbal. Sendo assim, segundo Shlonsky (2004), ele pode apenas continuar a se alçar via movimento frasal e não por meio de um movimento nuclear.

Não há maiores explicações para esse fato, nesse ponto da explicação, mas o trabalho de Shlonsky (2004) inteiro tenta mostrar que o movimento frasal não dá conta da ordem dos nominais do hebraico. Uma contraproposta para o movimento frasal dos nominais do hebraico pode ser encontrada em Pereltsvaig (2006), que defende que o movimento nuclear é capaz de

derivar a ordem dos nominais do hebraico, seja a ordem dos adjetivos, numerais, ou a ordem dentro do CS.

Podemos resumir que, para Shlonsky (2004), há uma fase derivacional que é compartilhada pelas nominalizações e orações, tal como nós também propomos para outros nominais. Entretanto, vimos algumas razões como: (i) a restrição de agentividade que pode ser encontrada nos nominais, mas não nos verbos formados por uma mesma raiz; (ii) a morfologia nominal que não apresenta resquícios da morfologia verbal e (iii) a modificação apenas por adjetivos, de modo que advérbios “verdadeiros” não podem modificar esse tipo de nominal, que nos levam a propor que os nominais formados pelo padrão haCCaCa não devem possuir uma camada verbal, sendo formados apenas por uma fase nominal.

Dessa forma, propomos a seguinte derivação sintática para esses nominais, exemplificada por meio da estrutura para *hafgazat ha-cava ‘et ha-‘ir be-zadon* ‘o bombardeio malicioso da cidade pelo exército’ em (269).

Primeiramente, o núcleo haCCaCa se combina com uma raiz, no caso, $\sqrt{\text{fgz}}$ e forma *hafgaza*. O núcleo haCCaCa licencia duas posições para argumentos: uma posição de

especificador e uma posição de complemento. A posição de especificador sempre conterá um traço de [+agente], pois, como vimos, essa será sempre uma interpretação possível para esse nominal, ainda que tal posição não seja preenchida. A posição de complemento será ocupada por *ha-‘ir* ‘DEF-cidade’. Por sua vez, com a entrada de D° na estrutura, temos a formação de um CS. D° contém um traço de Caso [+K] que será checado com o traço do nominal, o qual, por sua vez, contém um traço de definitude [+def] e que checará o traço interpretável presente em D°. A MO ‘*et*’ é o atribuidor de Caso para o DP, na posição de complemento. Dessa forma, a MO funciona como uma preposição que atribui Caso para o DP. Por isso, propomos que o complemento seja, na verdade, um PP.

Por fim, temos um movimento do nome *hafgaza* para a posição de D°. Tal movimento é apenas porque o morfema *-t* é um sufixo, ou seja, o movimento ocorre por razões meramente morfológicas.

A estrutura em (269) consegue refletir as propriedades que vimos acima, por exemplo, a impossibilidade de modificação por advérbios verdadeiros, uma vez que não há uma projeção verbal licenciando esse tipo de modificação. Desse modo, os PPs que funcionam como modificadores adverbiais devem vir na última posição, como adjuntos de todo o DP.

Entretanto, se um adjetivo é inserido entre o nome e o sujeito agentivo da nominalização, por exemplo, teremos uma estrutura como em (270). Em (270), temos a estrutura para nominalizações como *ha-hafgaza ha-tedira šel ha-cava ‘et ha-‘ir* ‘o bombardeio frequente da cidade pelo exército’.

(270)

A principal diferença entre a estrutura em (269) e (270) é que, em (270), não há a formação de um CS e isso se deve à presença de um modificador adjetival como *ha-tedira* ‘frequente’ interferindo entre o D° e o nome agentivo *hafgaza* ‘bombardeio’. D° pode vir especificado, ou não, para definitude, o que não ocorre quando um CS é formado e ele precisa valorar seu traço de definitude interpretável. D° também não contém um traço de Caso para atribuir, forçando que o agente *ha-cava* ‘DEF-exército’ seja introduzido por uma preposição *šel* ‘de’ que atribui Caso para o DP agentivo. O resto da configuração é a mesma que encontramos em (269). O padrão haCCaCa licencia duas posições: uma para o especificador, que será interpretado como agente, e outra para o complemento, que novamente virá introduzido por uma preposição, a MO ‘et.

Ainda podemos ressaltar que o nome *hafgaza* ‘bombardeio’ deverá alçar para a posição de D° apenas por um requerimento fonológico, após a inserção de material fonológico para o traço [+def]. Como já vimos em uma seção anterior, o traço [+def] é realizado como *ha-*, o qual tem uma natureza prefixal. Desse modo, o nome se alça para D° porque *ha-* é um morfema preso, ou seja, a razão desse movimento é meramente morfológica.

Para resumir esta seção, podemos dizer que vimos que os nominais formados a partir do padrão haCCaCa são causativos e obrigam que haja a interpretação de um agente (ainda que implícito), o que os diferencia dos verbos relacionados a esses nomes, pois não possuem, necessariamente, um argumento que seja agentivo. Essa diferença nos levou a propor que esses nominais não possuem uma camada verbal, além de não poderem ser modificados por advérbios verdadeiros, nem apresentarem resquícios da morfologia verbal do padrão ao qual estão relacionados.

No próximo capítulo, apresentamos algumas consequências para toda a tese defendida até este ponto.

7. CONCLUSÃO: A AQUISIÇÃO DOS PADRÕES VOCÁLICOS E AS CATEGORIAS NOMINAIS COMO UM CONTÍNUO

Para concluirmos o presente trabalho, queremos refletir sobre dois aspectos relacionados à tese de que há núcleos funcionais nominais de diversos sabores. O primeiro aspecto a ser ressaltado diz respeito a uma questão que permeia todos os trabalhos inseridos dentro do programa de pesquisa da Teoria da Gramática Gerativa: como é adquirido o conhecimento linguístico? (cf. CHOMSKY, 1957). Essa questão faz parte de uma tríade de questões lançadas por Chomsky, juntamente com: (i) o que constitui o conhecimento da língua? e (ii) como esse conhecimento é posto em uso?

O segundo ponto a ser discutido diz respeito às consequências para a teoria ao se propor a existência de núcleos funcionais com diversos sabores, que dão categoria aos elementos aos quais se conectam em uma língua como o hebraico. Dessa forma, pretendemos mostrar que: (i) as categorias “lexicais” não são estáticas, ou fixas (cf. Ross, 1972) e (ii) o modelo sugerido para o hebraico pode ser expandido para outras línguas não semíticas, como o PB.

Na próxima subseção, portanto, veremos como as nominalizações da língua hebraica são adquiridas, de modo a observar se a existência de estruturas mais complexas para alguns nominais, isto é, se a existência de nominais com uma estrutura interna mais complexa, com uma camada verbal, tem algum impacto no processo de aquisição.

7.1. *A aquisição dos nominais derivados*

Esta subseção tem como maior objetivo discutir as análises que fizemos nos capítulos anteriores à luz da aquisição da linguagem por falantes do hebraico. Pontualmente, queremos verificar se nossas hipóteses de análise, observações e previsões se concretizam no processo de aquisição. A preocupação sobre a aquisição da linguagem, como já ressaltamos, tem origem no próprio programa de pesquisa gerativista (cf. CHOMSKY, 1957), o qual deixa claro que essa teoria possui como um de seus pontos de investigação a questão sobre como adquirimos uma língua. Essa preocupação, ao nos depararmos com uma língua como hebraico, que possui um sistema de formação de palavras totalmente diferente daquele que encontramos nas línguas indo-europeias, seja por causa da morfologia não-concatenativa, seja por conta do sistema de raízes tri-consonantais, torna-se também uma curiosidade.

Dois outros estudos, anteriores a Ravid; Avidor (1998), sobre a aquisição dos nominais hebraicos já foram realizados: Roeper (1982) e Mayrose (1988).

Mayrose (1988⁶⁹ apud RAVID; AVIDOR (1998)) tem como foco a aquisição dos nominais do hebraico em um estudo que utiliza 48 crianças de 5,7, 9, 11 anos e adultos de 12 anos. Esse estudo serve de base para o trabalho de Ravid; Avidor (1998), pois, segundo Mayrose (1988 apud RAVID; AVIDOR (1998)), a compreensão dos nominais de ação precede a sua produção, de modo que as nominalizações são tardias no processo de aquisição da linguagem, começando a se consolidar em torno dos nove anos de idade, e também porque o trabalho desse autor mostra que existe uma diferença na aquisição dos nominais de ação dos *binyanim* intransitivos (P2 e P7), que são os mais difíceis de serem dominados, e os demais padrões.

⁶⁹ Mayrose, O. **Acquisition of action nominals in Hebrew**. MA thesis. Tel Aviv University [in Hebrew], 1988.

Uma pergunta que podemos fazer, sabendo que a aquisição dos nominais de ação, e certamente uma grande gama de nominais derivados, se dá tardiamente é: quais as razões que levam os nominais de ação emergirem tão tarde na aquisição do hebraico?

A primeira razão deve-se ao fato de que os nominais derivados são nomes que se referem a entidades verbais. Além disso, eles denotam entidades abstratas que podem ser apenas conceitualizadas e são, assim, difíceis de compreender. Há também um fator sintático: esses nominais aparecem em construções complexas que refletem seu ancestral preposicional.

A morfologia do hebraico, por sua vez, adiciona uma dimensão extra de complexidade à série de fatores pragmáticos, gramaticais e semânticos relacionada aos nominais. Em primeiro lugar, os nominais derivados são estruturas não-lineares, cujos componentes são menos salientes que as formas lineares. Os nominais derivados caracterizam um registro mais refinado no discurso, especialmente na escrita. Uma vez que são construções subordinadas complexas que constituem um dispositivo de um alto-registro, isto é, eles raramente ocorrem na fala do dia-a-dia, e seu número aumenta marcadamente em textos formais.

No estudo realizado por Ravid; Avidor (1998) foram utilizados 100 sujeitos divididos igualmente em 5 grupos etários, todos falantes eram monolíngues nativos de hebraico. Os indivíduos foram determinados segundo uma pesquisa piloto prévia e possuíam a idade de 5, 8, 11, 15 e adultos estudantes universitários entre 21 e 32 anos de idade.

O experimento foi dividido em duas partes: um teste de compreensão e três testes de produção.

O alvo do teste de compreensão era verificar se os sujeitos podiam entender os nominais derivados relacionando-os com seus verbos correspondentes, mas em padrões diferentes. Já nos testes de produção, foi requerida a produção dos nominais derivados pelos sujeitos em três testes, em que o ambiente sintático de um determinado nominal era trocado. Dessa forma, verificou-se o quão obrigatório o nominal é naquele contexto (isso porque em

alguns contextos tanto um nominal derivado quanto um infinitivo são possíveis). Os três subtestes eram: testes da ‘máquina’, teste do agente e teste de sensação.

Passemos às análises dos testes. Para o teste de compreensão dos nominais, vale ressaltar como resultado que os autores encontraram um *ranking* da compreensão dos padrões nominais: P1>P3>P5>P7>P2, como podemos observar pela tabela reproduzida abaixo⁷⁰.

Idade	Binyanim	P1	P2	P3	P5	P7
5	média	93.33	8.33	53.33	46.67	63.33
Adultos	média	96.67	91.67	68.33	88.33	76.67
Total geral	média	83.67	46.67	69.33	59.00	53.33

Tabela 16 Porcentagem média das respostas dos sujeitos sobre o teste de compreensão

Nesta tabela, podemos observar que o P2 de nominais, que corresponde ao *nif'al*, padrão verbal responsável por formar verbos inacusativos e passiva do P1, foi o mais difícil para o falante fazer uma correspondência dos nominais com os verbos que pertencem ao P2, enquanto os nominais do P1, que correspondem ao padrão *Qal*, foram facilmente interpretados como correspondentes.

O alvo do teste de produção era um nominal derivado correto, ou seja, um nominal derivado usado por adultos, que correspondesse ao verbo de origem. Vejamos a tabela abaixo:

Idade	Binyan	P1	P2	P3	P5	P7
5	média	30.42	12.50	29.58	17.92	22.08
Adultos	média	89.58	64.17	86.67	65.83	74.58
Total Geral	média	64.17	36.33	55.50	43.50	45.17

Tabela 17 respostas do teste de produção dos cinco binyanim por idade

⁷⁰ Nesta tabela não foram reproduzidas as médias dos demais grupos etários como: 8 anos, 12 anos e 15 anos.

Os autores ressaltam que os testes revelam uma ordem de produção dos padrões: P1 > P3 > P5 > P7 > P2, a mesma ordem encontrada no teste de compreensão na Tabela 16. Como resultado para os testes de produção, Ravid; Avidor (1998) mostram que, embora todos os testes se iniciem com uma porcentagem baixa aos cinco anos de idade, o teste que tomou o “agente”⁷¹, restringindo esse gramaticalmente, foi o mais difícil para as três faixas etárias mais jovens, enquanto o teste de “máquina”⁷², que possui uma ligação com o ambiente sintático, tem os menores números de produção nos demais grupos.

Essas primeiras observações sobre uma ordem possível para a compreensão e produção dos padrões chamados derivados nos trazem algumas reflexões acerca das análises que apresentamos anteriormente nesta tese.

A primeira observação é que: os padrões que são mais facilmente compreendidos e mais bem produzidos são o P1 e P3 que em nossa análise não possuem prefixos ou sufixos fazendo parte do padrão. O P1 tem o padrão CCiCa e o P3 tem o padrão CiCuC. Em nossa análise, propomos que o P1 não possui nenhuma camada verbal, portanto, ele categoriza diretamente a raiz. Por sua vez, o P3 possui uma camada verbal, realizada por meio da vogal *i*. Desse modo, nossa proposta está de acordo com a ordem proposta por Ravid; Avidor (1998), em uma primeira observação.

A segunda observação preliminar diz respeito aos dois padrões que ficaram em último lugar na produção e compreensão: o P7 e o P2. Nossa análise ressaltou que esses dois padrões possuem semelhanças e não encontramos uma diferença tão forte em ambos, para separá-los em duas análises. A semelhança mais saliente diz respeito à própria constituição superficial

⁷¹ Esse teste foi realizado por meio de duas sentenças de instrução que tomavam a seguinte forma: “a pessoa que *talks* (*medaber* P3) está ocupada em *talking* (*dibur* P3), certo?”, então o sujeito entendia o requerimento para um nominal derivado.

⁷² O teste chamado “máquina” consistia em testar nominais que poderiam aparecer em compostos ou *construct state*. Eram dadas duas sentenças de instrução com nominais de ação canônicos, que não ocorrem em compostos lexicalizados do seguinte modo: “como você chamaria uma máquina que fecha/enquadra coisas? – *mexonat sgira* ‘máquina de enquadrar/cercar’? “Agora, me diga como você chamaria essas máquinas: uma máquina que V-s todo o tempo é uma máquina V-ing”.

do padrão. O P7 possui como padrão um prefixo *hit-*, e o P2 *hi-*. Ambos possuem como núcleo do padrão CCaC e um sufixo *-ut*, considerado um sufixo nominalizador. Desse modo, a decomposição do padrão que fizemos, a qual leva em conta a formação do nominal em duas fases na sintaxe (uma verbal e uma nominal) e, conseqüentemente, com uma estrutura interna mais complexa em relação aos demais padrões nominais, parece estar de acordo com o fato de que esses padrões são produzidos e interpretados com maior dificuldade pelos falantes no geral.

Os autores também levaram em consideração, no estudo realizado, as estratégias que os sujeitos submetidos aos testes utilizaram, quando eles erravam o uso do padrão nominal, ou seja, não produziam o nominal com o padrão esperado.

Os autores notaram que, juntamente com as respostas corretas, os sujeitos testados na pesquisa produziram formas que não encontravam critérios para a “correção”, por exemplo, em *hitxartut* para *xarata* ‘lamento/arrependimento’. Para Ravid; Avidor (1998), essas respostas refletem estratégias na tentativa de criar ou recuperar um nominal abstrato com base em um conhecimento morfológico e lexical do próprio falante. Na análise dessas estratégias, os autores encontraram a ocorrência de seis categorias: supleção, nomes de agente, infinitivos, nominais abstratos com o sufixo *-ut*, o uso do padrão 3 CiCuC e padrões canônicos de nominais de ação. Vejamos abaixo a tabela que mostra as porcentagens de cada uma dessas categorias utilizadas como resposta não esperada aos testes.

Idade	Supleção	Nome de agente	Infinitivos	Sufixo <i>-ut</i>	CiCuC	Nominal de ação canônico
5	3.92	3.25	10.25	13.58	14.92	18.00
8	4.42	5.25	14.08	6.92	3.41	15.50
11	0.75	1.66	3.25	4.83	4.00	20.00
Adultos	0.83		0.17	0.50	1.33	15.42

Tabela 18 Porcentagem média das categorias com respostas incorretas

A partir da tabela acima, primeiramente, podemos observar que a estratégia mais utilizada pelas crianças em fase de aquisição foi a do nominal canônico, em vez de outro nominal pedido. Vejamos mais detalhes de cada uma das estratégias.

A estratégia de supleção ocorreu principalmente nos dois grupos mais jovens – o de cinco e oito anos – e, no caso do P2 hiCCaCut, a frequência de uso dessa estratégia foi de 36%. Podemos ilustrar essa supleção pelo seguinte exemplo: em vez de se usar *mexonat cilum* ‘máquina fotográfica’, usou-se *mexonat tmunot* ‘máquina de quadro’, em que há uma mudança total da forma esperada.

A utilização dos nomes de agente, no lugar de outros nominais, ocorreu, principalmente, nos dois grupos mais jovens também. Um caso típico dessa troca foi o emprego para uma dada raiz verbal, por exemplo, *rakdanit* ‘dançarino’, em vez de *rikud* ‘dança’. Respostas como essa foram raras nos três grupos mais velhos.

Os infinitivos, por sua vez, foram mais frequentes nas faixas etárias de cinco e oito anos, e se estenderam até os onze anos. Nesse caso, houve a produção de um infinitivo a partir de um *input* verbal, como em: ‘uma pessoa que explica o tempo todo (P5, fonte verbal *masbir* ‘explicar’) *asuk be-le-hasbir* ‘está ocupada em-explicar’, em vez de *hesber(im)* ‘explicação(ções)’, uma forma coloquial comum no hebraico moderno.

Os sujeitos do teste também utilizaram o sufixo nominal abstrato *-ut*, como em *mafsidanut* ‘losership’, em vez de *hefsed* ‘perda’. Essa troca foi característica dos três grupos mais jovens e foi utilizada principalmente para casos de nominais em que se esperava o uso do padrão 2 hiCCaCut.

O padrão 3 nominal CiCuC também foi utilizado como estratégia em resposta ao *input* verbal. De modo especial, esse padrão foi utilizado nas respostas de verbos do P7, que é considerado por alguns autores como voz média. Podemos ilustrar o uso incorreto do P3 em exemplos como: *riguz* para a forma esperada *rogez* ‘aborrecimento’.

Por fim, a estratégia de utilização do padrão canônico para os nominais exigidos foi encontrada em todos os grupos etários. Podemos ilustrar esse uso com a troca entre *hitxatnut* ‘casar’, em vez de *xatuna* ‘casamento’.

Podemos citar algumas conclusões sobre os testes que investigavam a aquisição dos nominais derivados do hebraico e os nomes abstratos com uma variedade de graus de afinidade morfológica com os verbos. Os autores destacaram:

- (271) a) Os nominais derivados são adquiridos tardiamente. Sob as condições de experimento, as crianças de cinco anos atribuíram a metade dos nominais derivados aos verbos apresentados a elas, mas puderam fornecer nominais derivados, a partir de um *input* verbal, em apenas 20% das vezes.
- b) Idade, tipo de teste, *binyan* e regularidade do item interagem na explicação para o conhecimento produtivo das regras de formação dos nominais derivados.
- c) As crianças passam por uma rota longa e complexa, a partir de expressões gerais abstratas, até chegar aos nominais derivados corretos e específicos, que são sistematicamente relacionados a verbos. Esta rota é expressa por estratégias, prévia e concomitantemente, adotadas com a produção correta dos nominais derivados.

Assim, a guisa de conclusão, podemos observar que o caminho tomado pelos falantes de hebraico, em aquisição da língua, envolve vários passos que são o reflexo das estratégias utilizadas pelos sujeitos da pesquisa realizada por Ravid; Avidor (1998): (a) o conhecimento de referentes concretos precede o conhecimento sobre coisas abstratas; (b) estados abstratos gerais são expressos morfológicamente antes que nominalizações específicas; (c) nominais de ação neutros transitivamente são mais facilmente processados que aqueles marcados transitivamente (veja o caso entre C*CiCa* e C*iCuC*); (d) padrões produtivos, regulares são mais fáceis de adquirir que os semi-produtivos; (e) inovações criativas precedem formas corretas e (f) nominais derivados plurais são mais ‘reais’ que nominais derivados singulares ou não-contáveis. Não pormenorizamos muitos desses pontos, pois não era nosso objetivo

reproduzir toda a pesquisa já realizada, porém, por meio desse resumo, podemos perceber a seriedade com que o trabalho foi realizado e a quantidade de questões que o estudo dos nominais pode levantar.

De modo geral, a nossa proposta de que padrões nominais como P7 hitCaCCut e P2 hiCaCCut possuem uma estrutura mais complexa que padrões como P1 CCIca e P3 CiCuC, de maneira que os primeiros são adquiridos mais tardiamente que os últimos, está de acordo com as previsões dos autores que realizaram os testes sobre a aquisição dos nominais derivados. Contudo, fica claro que esse não é o fator principal para que todos os nominais derivados sejam adquiridos tardiamente pelos falantes de hebraico em sua fase de aquisição. Uma gama de fatores, como estrutura frasal das nominalizações, uso e até mesmo o significado mais abstrato desses nominais, está em jogo.

7.2. *As categorias “lexicais” como um contínuo*

Muitos autores, entre eles Lees (1963), Abney (1987), Hazout (1995), Shlonsky (2004) etc., ressaltam o caráter misto das nominalizações, pois elas apresentam tanto propriedades verbais, quanto nominais. Tal caráter misto é explicado, por esses autores, como uma consequência da estrutura de formação nominal: há uma camada verbal nas nominalizações, antes que elas se tornem um nome.

Esse problema se encontra, em Lees (1963), através da discussão de como as nominalizações combinam uma sintaxe “externa” nominal com uma sintaxe “interna” verbal. A solução de Lees foi postular um núcleo nominal (potencialmente não pronunciado) na construção com um constituinte frasal. A ideia básica de Lees (1963), que é postular um

núcleo nominal selecionando uma projeção verbal, permanece um ponto central nas análises das nominalizações, incluindo a análise de algumas nominalizações derivadas que encontramos nesta tese.

Um segundo problema enfrentado por Lees (1963) diz respeito a identificar o papel da derivação sintática na construção das nominalizações. Para Lees (1963), todas as nominalizações são derivadas via regras sintáticas a partir de um correspondente frasal, ou seja, a partir de uma forma verbal correspondente. Como já vimos, anteriormente, essa proposta permaneceu dominante até Chomsky (1970).

Em trabalhos posteriores a Chomsky (1970), principalmente, em trabalhos mais recentes, a teoria de categorias funcionais tem fornecido um avanço importante para a análise das estruturas das nominalizações. Essas análises se utilizam de projeções estendidas que são mistas, como podemos ver na estrutura de Abney (1987) para *John's singing the Marseillaise*, em (272):

Nessas análises com projeções mistas, temos uma projeção verbal, até certo ponto da estrutura, e depois a estrutura se torna nominal, ao se introduzir uma categoria funcional nominal, nucleada por núcleo nominal, como na proposta de Lees. As propriedades mistas das

nominalizações são, portanto, derivadas pelo fato de haver propriedades verbais e nominais na sua estrutura de formação.

Nossa proposta, nesta tese, diferecia-se das análises tradicionais para as nominalizações ao propor que existam núcleos funcionais *n* que possuam, eles mesmos, características sobre o aspecto, causatividade, licenciamento de argumentos, sem recorrer a outro tipo de categoria, como, por exemplo, à existência de uma categoria verbal no interior de uma nominalização. Esses foram os casos vistos para os padrões C*i*Ca e haCCaC

As nominalizações formadas por esses núcleos não possuem uma fase, ou camada verbal; o que há são núcleos funcionais com sabores diferentes categorizando as raízes acategoriais e formando nomes de diferentes tipos, que impõem restrições de diversos tipos.

A partir da proposta de que existam núcleos nominais, com diferentes sabores, podemos pensar em duas questões: (i) essa proposta pode ser estendida para outras línguas, que não as línguas semíticas?; (ii) como esses sabores se encaixam no quadro das categorias lexicais existentes?

Para responder a primeira questão, tomemos como base alguns dados do PB em (273):

- (273) a) Os agricultores plantaram os legumes.
b) A plantação dos legumes pelos agricultores.
c) O plantio dos legumes pelos agricultores.

Os dados em (273) nos mostram que, em PB, há dois nominais derivados *plantação* e *plantio*, que possuem uma relação com o verbo *plantar* e possuem uma mesma raiz $\sqrt{\text{PLANT}}$. Ambos os nominais são eventivos, como podemos observar, em (274), por meio da modificação com o adjetivo *frequente*, utilizado por Grimshaw (1990) como um dos diagnósticos de nominais eventivos.

- (274) a) A plantação frequente de legumes pelos agricultores.
 b) O plantio frequente de legumes pelos agricultores.

Entretanto, se aplicarmos alguns testes quanto a modificação por advérbios, que no PB, assim como no hebraico, diferem de sintagmas preposicionais por apresentarem uma morfologia especial (são terminados em *-mente*), notaremos que os dois nominais se comportam de modo diferente.

- (275) a) A plantação manual de legumes pelos agricultores.
 b) *A plantação de legumes manual pelos agricultores.
 c) A plantação de legumes manualmente pelos agricultores.
 d) *A plantação manualmente de legumes pelos agricultores.
- (276) a) O plantio manual de legumes pelos agricultores.
 b) O plantio de legumes manual pelos agricultores.
 c) *O plantio de legumes manualmente pelos agricultores.
 d) *O plantio manualmente de legumes pelos agricultores.

Como podemos observar pelos dados, tanto *plantação* quanto *plantio* podem ser modificados diretamente por adjetivos, como em (275)a) e (276)a), mas não podem ser modificados diretamente por advérbios, como em (275)d) e (276)d), respectivamente. Contudo, o adjetivo *manual* não pode vir posposto à nominalização mais o seu argumento em (275)b), mas pode vir depois do nominal mais seu argumento em (276)b). Ainda podemos verificar que o advérbio *manualmente* é gramatical com a nominalização em (275)c), mas não é gramatical com o nominal em (276)c).

Esses fatos nos sugerem que *plantação* contenha uma fase verbal, como vemos em (277)a), o que explica a possibilidade de modificação por advérbios, enquanto *plantio* não contenha uma fase verbal e o morfema *-io*, também encontrado em palavras como *bombardeio*, *semeio*, *custeio*, *sorteio* etc., categorize diretamente a raiz abstrata, como ilustra (277)b). Vejamos as estruturas propostas para esses nominais.

A morfologia dos nominais também sugere que *plantação* possua uma fase verbal, caracterizada pela presença da vogal temática verbal *-a-* (plant-a-ção). Tal vogal temática não está presente em *plantio* (plant-io).

Os nomes *plantação* e *plantio* ainda apresentam uma diferença quanto a possibilidades se denotarem um resultado. Enquanto *plantação* parece ser ambígua entre denotar um evento/processo ou resultado, *plantio* parece denotar apenas um evento/processo, como podemos ver nas sentenças abaixo:

- (278) a) A plantação ficou verdejante com a chegada da estação chuvosa.
 b) *O plantio ficou verdejante com a chegada da estação chuvosa.

Em resumo, o PB, assim como o hebraico, parece apresentar núcleos nominais com sabores diversos. O morfema *-io* realiza um núcleo nominal *n*, que é inerente eventivo, enquanto *-ção* não tem essa propriedade, uma vez que também pode denotar um resultado, o que nos leva a concluir que a eventividade presente em *plantação* se deve à fase verbal no interior do nominal.

Tendo visto que é possível estender a análise de diversos núcleos nominais para outras línguas, retomemos a questão sobre como essas diferentes categorias podem ser tratadas pelas teorias.

Ross (1972) propõe que as categorias “lexicais”, a saber, nomes, verbos e adjetivos não são fixas, ou estanques, e podem ser entendidas dentro de uma escala que vai de +verbo até +nome, como se fossem colocadas em um contínuo. Esse autor dá exemplos de diversos tipos de participios, em sua análise, que são distribuídos nessa escala, como vemos abaixo:

(279) Verb> Present> Perfect> Passive> Adjective> Preposition (?)> “adjetival> Noun
participle participle participle noun⁷³”

Ross (1972) sugere que a distinção entre as categorias de nome, verbo e adjetivo e outras categorias não é discreta, mas *squishy*, possivelmente, até mesmo quantificáveis. O autor, contudo, vai mais longe em sua hipótese e diz que as categorias, na verdade, não deveriam ser arranjadas linearmente, mas em um sistema circular, tal como está sugerido diagramaticamente em (280). Desse modo, temos as possibilidades descritas em (281).

⁷³ Por exemplo: *fun*, *snap* etc.

- (281) a) $V > A > N$
 b) $A > N > V$
 c) $N > V > A$

Segundo Ross (1972), o esquema em (280) ilustraria corretamente uma visão das possibilidades categoriais, se alguém encontrasse fenômenos que não apenas sugerissem a estrutura como em (281)a), onde as propriedades de A estão “entre” aquelas de V e N, mas também fenômenos como (281)b), onde N está “entre” V e A, e (281)c), onde V está “entre” N e A. O autor diz não ter objeções a tal sistema, mas as únicas evidências que ele possui são de estruturas para (281)a). Desse modo, ele irá discutir os casos em que adjetivos estão “entre” verbos e nomes, mas onde o “funil” aponta para outras maneiras - onde nomes exibem a propriedade em um grau mais alto que adjetivos e verbos e ainda acrescenta que é um mistério entender o porquê de tais diferenças se configurarem como em “direção de funil”⁷⁴.

Vejamos alguns argumentos, no caso, um argumento que está mais próximo das nominalizações por envolver o morfema *-ing*. Vejamos a distribuição desse morfema em (282):

- (282) a) Ocorre no final de todos os V (em POSS+ing complementos).
 b) Ocorre no final de muitos A (a classe de *surprising, shocking, breath-taking, awe-inspiring, disgusting* etc.).

⁷⁴ Infelizmente, Ross (1972) é demasiadamente sucinto ao explicar o que seria “*funnel direction*”, mas podemos pensar que ele está falando que, de acordo com o avanço em direção a uma determinada categoria, seja V ou N, as propriedades são mais específicas e menos gerais, ou seja, que há um afunilamento das propriedades que compõem as categorias.

- c) Ocorre no final de relativamente poucos N (V_{support} [*sailing, skiing, fishing* etc.] e *banking, housing, ranking, drinking* etc.).

Esse morfema pode aparecer: (i) no final de essencialmente todos os verbos em um contexto como [POSS+ing complementos] (como em *His resembling Banquo's niece threw me*); (ii) no final de grande parte da classe de adjetivos e (iii) no final de poucos nomes. Esse fato morfológico está, segundo Ross, de acordo com o *squish* em (279), uma vez que mostra um afunilamento da distribuição desse morfema a partir de verbos (todos) até nomes (poucos).

Outro argumento utilizado a favor da escala de categoria é o alçamento. Alçamento, neste caso, é entendido como a regra que faz o sujeito do complemento de certos verbo um membro da oração (ou sujeito, ou objeto) ao lado. Assim, temos que (283)a) derivaria de (283)b), e (283)c) derivaria de (283)d):

- (283) a) *Oliver seems/turns out/happens/ etc. to like walnuts.*
b) *It seems/ turns out/happens that Oliver likes walnuts.*
c) *We knew/showed/ proved/ believed/ etc. Oliver to like walnuts.*
d) *We knew/showed/proved/ believed/ etc. that Oliver liked walnuts.*

O fato de o alçamento se aplicar mais a V que A pode ser notado ao compararmos (283) a (284).

- (284) a) *Oliver is sure/certain/likely/ etc. to eat walnuts.*
b) *It is sure/certain/likely/ etc. that Oliver will eat walnuts.*
c) **I am afraid;ready/willing/etc. (of) Oliver to eat walnuts.*
d) *I am afraid/ready/willing/ etc, for Oliver to eat walnuts.*

Enquanto o sujeito encaixado, *Oliver*, pode ser alçado para tornar-se o sujeito superficial de adjetivos, como em (284)b), não há adjetivo que permita alçamento para produzir um objeto derivado, como teria sido o caso se (284)d) pudesse ser convertido em

(284)c), como explica Ross (1972). Para o autor, isso é surpreendente, em vista do fato de que os adjetivos em (284)d) pertencem a classes de significado cujo membro verbal frequentemente permite que o alçamento seja aplicado.

Refletindo sobre esses dados e a hipótese de as categorias serem *squish*, temos que: verbos são mais altos que adjetivos na escala (*squish*), então os ambientes em que os alçamentos se aplicam com verbos são um superconjunto dos ambientes em que os alçamentos se aplicam com os adjetivos. Porém, essa relação superconjunto-subconjunto não é acidental: Ross (1972) defende que essa relação não deve servir apenas para uma dada língua, de modo que nenhuma língua deverá permitir alçamento em direção a objetos derivados de membros da categoria sem também permitir alçamento dentro de seus sujeitos derivados, mas, além disso, ele afirma também que nenhuma língua tem “mais” alçamentos (no sentido já comentado acima) para A do que para V, ou para N do que para A ou V.

Outros autores também já refletiram e deram exemplos para a escalaridade dentro das categorias lexicais. Veremos mais duas escalas propostas: uma por Haspelmath (1994) e outra por Menuzzi (2011).

Haspelmath (1994) propõe uma escala para as nominalizações que vai de verbo finito até nome de participante, como podemos ver em (285). Além disso, podemos observar cinco parâmetros com: [+verbal] a [+nominal]; [+flexional] a [+derivacional]; [+relacional] a [+absoluto]; [-orientação inerente] a [+orientação inerente] e [-tempo estável] a [+tempo estável].

(285)	Verbos finitos	Particípios relativos	Particípio orientados	Adjetivos verbais	Nomes de Participantes
(A)	+verbal	←-----	-----→		+nominal
(B)	+flexional	←-----	-----→		+derivacional
(C)	+relacional	←-----	-----→		+absoluto
(D)	- orientação inerente	←-----	-----→		+orientação inerente
(E)	- tempo estável	←-----	-----→		+ tempo estável

Haspelmath (1994) explica cada um dos parâmetros em seu artigo. Para esta conclusão, basta sabermos que o parâmetro (A) é baseado em Ross (1972) e que, assim como Ross (1994), esse autor também compartilha da ideia de categorias lexicais como um contínuo.

Menuzzi (2011) irá basear suas hipóteses nos autores que vimos anteriormente. Contudo, sua análise visa a discutir os graus de nominalidade de quatro tipos de participípios do PB. Ao final de sua análise, o autor propõe a escala que podemos ver abaixo:

(286) +relacional ←-----I-----I-----→ - relacional
 (+verbal) Part. passado Part. absoluto Part. passivo e adjetival (+nominal)

A análise de Menuzzi (2011) se baseia na ideia de que quanto maior o número de restrições à estrutura de argumentos, “menos relacional” e, portanto, menos verbal, de acordo com Haspelmath (1994).

Voltando, neste ponto, para a análise que fizemos dos quatro padrões nominais, a saber: CCiCa, CiCuC, HitCCaCut, HaCCaCa, podemos hipotetizar a seguinte escala de nominalidade:

(287) +relacional ←-----I-----I-----I-----→ - relacional
 (+verbal) HitCCaCut CiCuC CCiCa HaCCaCa (+nominal)

Em primeiro lugar, nossa distribuição dos nominais na escala se baseia na formação do nominal, isto é, separamos aqueles nominais formados por uma fase verbal daqueles puramente nominais. Tendo realizado essa primeira separação, entre os verbais acreditamos que o nominal hitCCaCut, por estar diretamente ao verbo, selecionando a mesma preposição e possuindo apenas a leitura reflexiva relacionada ao verbo de origem, deve ser considerado

mais verbal que o padrão CiCuC, que, embora também possua uma fase verbal, não seleciona uma preposição específica e sua semântica pode ou não ser causativa.

Por sua vez, entre os padrões puramente nominais, isto é, sem fase verbal, o padrão HaCCaCa parece possuir mais restrições que o padrão CCIaCa. Um exemplo desse tipo de restrição é a restrição que faz com que um agente seja sempre interpretado, ainda que esse esteja implícito. Dessa forma, baseando-nos na ideia já mencionada anteriormente de que quanto maior o número de restrições impostas, menos relacional, ou seja, [+nominal], acreditamos que o padrão HaCCaCa deve estar mais à direita na escala.

Em resumo, os nominais do hebraico podem ser alocados dentro de uma escala de nominalidade, como vimos acima. Contudo, a questão lançada por Ross (1972) permanece: há outras possibilidades, como aquelas descritas em (281)b) e c)? Podemos hipotetizar que a escala deve, ainda, ter a capacidade de ilustrar uma distinção entre nomes concretos e abstratos, massivos e contáveis, etc.

Esperamos, com esta tese, ter suscitado questões sobre a estrutura argumental que possam ser relevantes para o estudo das nominalizações e dos morfemas nominais, de modo geral, seja propondo uma investigação maior das propriedades semânticas desses morfemas através das línguas, ou uma averiguação de como esses morfemas interagem com as raízes abstratas. A tese de que as raízes abstratas não possuem um quadro de subcategorização, se correta, motivará uma pesquisa mais aprofundada dos morfemas que as categorizam, de modo a buscar respostas para algumas perguntas como: (i) quais as propriedades que compõem um núcleo funcional categorizador?; (ii) quantos são os morfemas categorizadores em uma determinada língua?; (iii) como se dá a combinação desses morfemas com as raízes abstratas?, entre outras. Há muita pesquisa pela frente.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNEY, S. **The English Noun Phrase in its Sentential Aspect**. Ph.D. thesis, MIT, 1987.

ALEXIADOU, Artemis. **Fuctional Structure in Nominals: nominalization and ergativity**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

_____. On the role of syntactic locality in morphological processes: the case of (Greek) derived nominals. In A. Giannakidou & M. Rathert, eds. **Quantification, Definiteness and Nominalization**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita Stavrou. **Noun phrase in the generative perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

ALEXIADOU, Artemis; SCHÄFER, Florian. **On the realization of external arguments in nominalizations**. GGS 07, Konstanz, 2007. Disponível em: <http://ifla.uni-stuttgart.de/institut/mitarbeiter/artemis/handouts/GGS07.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2008.

ARAD, Maya. A minimalist view of the syntax-lexical semantics interface. In: **UCL Working Papers in Linguistics 8**, 1996.

_____. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. In: **Natural Language & Linguistic Theory**. Vol 21, p. 737-778, 2003.

_____. **Roots and Patterns: Hebrew morpho-syntax**. Springer, 2005.

ARONOFF, Mark. **Morphology by itself**. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1994.

BERENT, Iris; SHIMRON, Joseph. What is a root? In: SHIMRON, Joseph (eds). **Language Processing and Acquisition in Languages of Semitic, Root-based, Morphology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 201-222, 2003.

BERMAN, Ruth A. Markings of verb transitivity by Hebrew-speaking children. *Journal of Child Language* 20, p. 641-649, 1993.

BORER, Hagit. **Parallel Morphology**. University of Massachusetts, Amherst (manuscrito), 1993.

_____. Deconstructing the construct. In: Johnson, K., Roberts, I.G. (Eds.), **Beyond Principles and Parameters**, Kluwer, Dordrecht, p.43-89, 1999.

_____. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal Explanations: Syntactic Projections and the Lexicon. In: M. Polinsky and J. Moore (eds.) **The Nature of Explanation**. Chicago: Chicago University Press (distributed by CSLI), 2003.

_____. **The Normal Course of Events**. Structuring Sense, Volume II. New York: Oxford University Press, 2005

CHIERCHIA, Gennaro. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. In: **The unaccusativity puzzle: Studies on the Syntax-Lexicon interface**. Artemis Alexiadou, Elena Anagnostopoulou, Martin Everaert (eds). Oxford: Oxford University Press, p. 22-59, 2004

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1957/2002.

_____. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Mass.:MIT Press, 1965.

_____. Remarks on Nominalization. In R. Jacobs and P. Rosenbaum, eds. **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham, Mass.: Ginn & Company, 1970.

_____. **The Minimalist Program**. Cambridge Mass: MIT Press, 1995.

_____. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52, 2001.

DANON, Gabi. Syntactic definiteness in the grammar of Modern Hebrew. **Linguistics** 39(6), p. 1071–1116, 2001.

_____. **Case and Formal Definiteness: the Licensing of Definite and Indefinite Noun Phrases in Hebrew**. Dissertation, Tel Aviv University, 2002.

DORON, Edit. Derived nominals in Hebrew. In: PAYNE, John (ed). **The Structure of Noun Phrases**, Mouton, The Hague, 1989.

_____. Agency and Voice: The Semantics of the Semitic Templates. **Natural Language Semantics** 11, p.1-67, 2003.

DORON, Edit; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. Towards a Uniform Theory of Valence-changing Operations. In: **Proceedings of IATL**, 2007.

EMBICK, David. On the Structure of Resultative Predicates in English. **Linguistic Inquiry**, vol. 35, p. 355-92, 2004.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Movement Operations after Syntax. **Linguistic Inquiry**, Vol. 32, p. 555-595, 2001.

_____. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND G.; REISS C. eds. **The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**, Oxford University Press, 2004.

ENÇ, M. The Semantics of Specifity. In: **Linguistic Inquiry**, n.22, p. 1-25, 1991.

ENGELHARDT, Miriam. **The Syntax of Nominalized Properties**. Doctoral dissertation, The Hebrew University of Jerusalem, 1998.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Lingüística I: Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, p. 55-74, 2002.

FALK, Yehuda N. Constituent Structure and Grammatical Functional in the Hebrew Action Nominal. In: BUTT, Miriam; KING, Tracy H. (Eds) **Proceedings of LFG01**, CSLI Publications, p. 83-103, 2001.

FOLTRAN, Maria José. Relações de predicação. In: Muller, A; Negrão, E. V.; Foltran, M. J. **Semântica formal**. Contexto: São Paulo, p. 47-59, 2003.

FRAMPTON, John; GUTMANN, Sam. **Agreement is feature sharing**, 2000. Disponível em: <<http://www.math.neu.edu/ling/pdf/files/agrisfs.pdf>>. Acesso em: 07 Maio 2008.

GLINERT, Lewis. **The Grammar of Modern Hebrew**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, s.d.

GRIMSHAW, Jane. **Argument structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: K. Hale and S.J. Keyser (eds.). **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger**. Cambridge: MIT Press, p. 53-109, 1993.

HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: **MIT Working Papers in Linguistics 30**, p. 425-439, 1997.

HALLE, Moris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). **The View from Building 20**. MIT Press, Cambridge, MA, p. 111-176, 1993.

HASPELMATH, Martin. Passive Participles across Languages. In: FOX, B; HOPPER, P.J. (eds) **Voice: Form and Function**, p.151-177, 1994.

HARLEY, Heidi. The importance of Impoverishment. University of Arizona. In: **the Proceedings of the Phi Workshop**. Adger, David; Bejar, Susana; Harbour, Daniel (eds) Manuscrito, 2004.

_____ How do verbs get their names? Denominal verbs, Manner Incorporation and the ontology of verb roots in English. In: Nomi Erteschik-Shir and Tova Rapoport (eds). **The Syntax of Aspect**. Oxford: Oxford University Press, p. 42-64, 2005.

_____ Compounding in Distributed Morphology. In **The Oxford Handbook of Compounding**, ed. by Rochelle Lieber and Pavol Stekauer, 2008.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Formal vs. Encyclopedic Knowledge: Evidence from nominalization. In: PETERS, B (ed.). **The Lexicon - Encyclopedia Interface**. Elsevier Press, 2000.

HAZOUT, I. Action nominalization and the Lexicalist Hypothesis. **Natural Language and Linguistic Theory**. Vol: 13.3, 1995.

HELLER, Daphna. On the construct state, uniqueness and genitive relations. Manuscrito apresentado no **IATL 18**, 2002.

Disponível em: <<http://atar.mscc.huji.ac.il/~english/IATL/18/Heller.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2007.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

HORNSTEIN, Norbert. Movement and Control. **Linguistic Inquiry**, 30, p. 69-96, 1999.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. **Understanding Minimalism**. Cambridge University Press, 2005.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Structures**. Cambridge, Mass.: MIT Press, pp. 322, 1990.

KATAMBA, Francis. **Morphology**. The Macmillian Press LTD, 1993.

KIHM, Alain. Agreement in noun phrase in Semitic: Its nature and some consequences for morphosyntactic representations, 2001.

Disponível em: <<http://www.usc.edu/schools/college/semitic/private/pdf/agreement.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2007.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J. and ZARING, L. (eds). **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996.

KREMERS, J. **Genitives: a recursive linearization approach**, 2000. Disponível em: <<http://user.uni-frankfurt.de/~kremers/papers/kremers-genitives.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2007.

LEBEN, William. **Suprasegmental phonology**. Tese de doutorado. MIT, 1973.

LEES, Robert B. **The grammar of English Nominalizations**. Bloomington, Indiana and The Hague: Indiana University and Mouton, 1963.

LEVIN, Beth; RAPPOPORT HOVAV, Malka. **Unaccusativity**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2005.

LEVINSON, Lisa. **The roots of verbs**. Dissertation (PhD). New York University, 2007.

LOBATO, Lucia M. P. **A semântica na lingüística moderna: o léxico**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

MARANTZ, Alec. Phases and words. In S. H. Choe et al, **Phases in the theory of grammar**. Seoul: Dong In Publisher, 2007. Disponível em: https://files.nyu.edu/ma988/public/Phase_in_Words_Final.pdf. Acesso em 19/03/2012.

_____. 'Words' artigo apresentado em **West Coast Conference on Formal Linguistics**, University of Southern California Los Angeles, 24 february, 2001. Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/WordsWCCFL.pdf>. Acesso em: 18/04/2009

_____. 'Roots: The Universality of Root and Pattern Morphology', paper presented at **the conference on Afro-Asiatic languages**, University of Paris VII, 2000.

_____. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-Clark & A. Williams, **Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium**. In: **Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, p. 201-225, 1997.

McCARTHY, J.J. OCP Effects: Geminata and Antigeminata. **Linguistic Inquiry**, vol 17, n. 2. 1986, p. 207-263.

MCFADDEN, Thomas. **The position of morphological case in the derivation: a study on the syntax-morphology interface**. Phd dissertation, University of Pennsylvania, 2004.
MEDEIROS, Alessandro Boechat. A molecada se empanaturrou de banana! -Considerações sobre as nominalizações em –ada não-eventiva. **REVEL**, vol 7, n. 12, 2009.

MENUZZI, Sergio. Participípios em Português (Brasileiro): Verbais ou nominais? Ou um pouco de cada?. Handout apresentado no I Colóquio Brasileiro de Morfologia, UFRGS, 2011.

MINUSSI, Rafael Dias. Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 259-271 jan.-abr, 2009a.

_____. A Marcação Diferencial de Objeto no hebraico. In: BASSANI, I., LUNGUINHO, Marcus Vinícius S. e SILVA, Lucia Helena R. (Orgs.). **Anais do XI ENAPOL**, São Paulo: Editora Paulistana, 2009b.

_____. **A relação entre Caso e definitude no hebraico: o Construct State e a marcação diferencial de objeto**. Dissertação de mestrado, USP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-30092008-152504/>

PERELTSVAIG, Asya. Compounding in Semitic, and Why English **mice** are not like Arabic **'Roofs'**, s.d.

Disponível em: <<http://www.usc.edu/schools/college/semitic/private/pdf/hebrcomp.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2004.

_____. Head movement in Hebrew nominals: A reply to Shlonsky. In: **Lingua**, Volume 116, Issue 8, pag.A1-A40, 2006.

PESETSKY, David. **Zero Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1995.

PFAU, Roland. **Grammar as processo: A Distributed Morphology account of spontaneous speech errors**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

PRUNET, Jean-Fraçois; BÉLAND, Renée; IDRISSE, Ali. The mental representation of Semitic Words. In: **Linguistic Inquiry**. Publisher: MIT Press, vol.31, n.4, p. 609-648, 2000.

RAMCHAND, Gillian Catriona. **Verb meaning and the lexicon: a first-phase syntax**. Cambridge University Press, 2008.

RAPOSO, Eduardo P. **Teoria da Gramática**. A Faculdade da Linguagem. Caminho: Lisboa, 1992.

RAVID, Dorit; AVIDOR, Avraham. Acquisition of derived nominals in Hebrew: development and linguistic principles. **Child Lang** 25. Cambridge University Press, p. 229-266, 1998.

REINHART, Tanya. Syntactic effects of lexical operations: reflexives and unaccusatives. **Occasional papers**. University of Utrecht, 1996.

_____. The theta system: An overview. **Theoretical Linguistics** 28, p. 229-290, 2002.

ROCHA, Sonia R. **A ocorrência de “coisar” em Língua Portuguesa como contribuição para a hipótese das raízes abstratas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

ROSS, John Robert. The category squish: Endstation Hauptwort. **CLS 8** (Papers From the Eight Regional Meeting Chicago Linguistic Society), p.316-328, 1972.

ROTHSTEIN, Susan. **The syntactic forms of predication**. Cambridge (MA). Doctoral dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 1983.

SCHER, Ana Paula. Nominalizações em –ada em construções com o verbo leve dar em português brasileiro. **Revista Letras de Hoje**, v. 41, n. 1, Porto Alegre, 2006.

_____. **As construções com o verbo leve dar e nominalizações em –ada no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Linguística, UNICAMP. Campinas, 2004.

SHLONSKY, Ur. The form of Semitic noun phrases. **Lingua**, Volume 114, p. 1465-1526, 2004.

SICHEL, Ivy. Sichel, I. Raising in DP Revisited. In S. Dubinsky & W. Davies (eds.) **New Horizons in the Analysis of Control and Raising**. Springer, p. 15-34, 2007.

_____. Event Structure Constraints in Nominalization. In A. Alexiadou and M. Rathert (eds.) **The Syntax of Nominalizations across Languages and Frameworks**. Interface Explorations 23, 151-190. Berlin: Mouton de Gruyter, (no prelo).

SIDDIQI, Daniel. **Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology**. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009

SILONI, Tal. **Noun Phrases and Nominalizations: The syntax of DPs**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

_____. Adjectival Constructs and Inalienable Constructions. In: OUHALLA, J. & SHLONSKY, U (eds.). In: **Themes in Arabic and Hebrew Syntax**. Kluwer: Dordrecht, p.161-188, 2002.

_____. Prosodic Case Checking Domain: The Case of Constructs. In: J. Lecarme (ed.) **Research in Afroasiatic Grammar II**. Amsterdam: John Benjamins, p. 481-510, 2003.

_____. **Prosodic Case Checking Domain**: The case of Constructs. Ms. Tel-Aviv University, 2000. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~siloni/Constructs2001.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2007.

SILONI, Tal; PREMINGER, Omer. Nominal voices. **Quantification, Definiteness, and Nominalization**, ed. Anastasia Giannakidou, Monika Rathert. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SPENCER, Andrew. **Morphological Theory**. Blackwell, 1991.

STOWELL, Tim . **Origins of Phrase Structure**. Tese de Doutorado, MIT, 1981

VAN BEKKUM, Wout; HAMBURGER, Hans. A contrastive Study of verbal gender in modern Hebrew and modern Russian. **PSiCL**, vol 28, p. 201-222, 1993. Disponível em: <http://ifa.amu.edu.pl/psicl/files/28/13vanBekkum&Hamburger.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

WILLIAMS, Edwin. Predication. **Linguistic Inquiry**. Cambridge, v 11, p. 203-238, 1980.

WINTNER, Shuly. Nouns Phrases as NPs - the case of Hebrew. In: BOUMA, Gosse; KRUIJFF, Geert-Jan; OEHRLE, Richard (editor) **Proceedings of FHCG**, 1998.